

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

PHELIPE CALDAS PONTES CARVALHO

COLADO COM NÓS, COLADO COM A MAIORAL: UMA ETNOGRAFIA SOBRE
ALIANÇAS E RIVALIDADES DA TORCIDA JOVEM DO BOTAFOGO-PB

SÃO CARLOS

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

PHELIPE CALDAS PONTES CARVALHO

COLADO COM NÓS, COLADO COM A MAIORAL: UMA ETNOGRAFIA SOBRE
ALIANÇAS E RIVALIDADES DA TORCIDA JOVEM DO BOTAFOGO-PB

Tese de doutorado submetida à banca examinadora como requisito parcial para obtenção do título de doutor em antropologia social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo

SÃO CARLOS

2024

Caldas Pontes Carvalho, Phelipe

Colado com nós, colado com a Maioral: uma etnografia sobre alianças e rivalidades da Torcida Jovem do Botafogo-PB / Phelipe Caldas Pontes Carvalho -- 2024. 329f.

Tese de Doutorado - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Luiz Henrique de Toledo

Banca Examinadora: Flávio de Campos, Rosana da Câmara Teixeira, Marco Aurélio Paz Tella, Enrico Spaggiari

Bibliografia

1. Antropologia das práticas esportivas. 2. Torcida organizada. 3. Periferia. I. Caldas Pontes Carvalho, Phelipe. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

Folha de Aprovação

Defesa de Tese de Doutorado do candidato Phelipe Caldas Pontes Carvalho, realizada em 18/01/2024.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo (UFSCar)

Prof. Dr. Flávio de Campos (USP)

Profa. Dra. Rosana da Câmara Teixeira (UFF)

Prof. Dr. Marco Aurélio Paz Tella (UFPB)

Prof. Dr. Enrico Spaggiari (Instituto Ludopédio)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

Ao querido presidente Netinho, que virou bandeira, camisa e memória pouco tempo depois do término desta pesquisa.

A todos os torcedores de periferia que, em nome do amor a um clube e a um estilo de vida, enfrentam o ódio e o preconceito das instituições.

Agradecimentos

Tantos anos depois de toda esta pesquisa, iniciada ainda no mestrado, em 2017, eu preciso dizer que foi uma jornada incrível, impressionante, impactante também. Um período de descobertas e redescobertas sobre as diferentes formas de torcer que me proporcionou uma incrível reconexão com a minha própria cidade. Finalizado este doutorado, eu conheço João Pessoa e suas periferias muito mais do que jamais imaginei conhecer um dia.

Obviamente que não foi um processo fácil. E logo de cara eu sinto a necessidade de agradecer profundamente à minha esposa Pollyana Saraiva, a graciosa Pollyzinha, que desde o início me fez um único pedido: “Não me esconda nada, por favor”. Então, para quem sofreu ao meu lado, chorou, impactou-se, temeu, lamentou, sorriu, sentiu as consequências desse período absolutamente difícil, sonhou, festejou, minha mais profunda admiração, minhas mais sinceras desculpas pelas renúncias pelas quais passamos, meu mais devotado amor. Obrigado, querida, seria impossível sem você ao meu lado.

Rapidamente, lembro-me também de meu orientador, referência em minha trajetória acadêmica, nome reconhecido como um dos pioneiros na antropologia das práticas esportivas no Brasil. No começo de tudo, conhecer o professor Luiz Henrique de Toledo era para mim uma meta, um projeto, um objetivo distante de um pesquisador iniciante. E, ao relembrar tudo o que vivi ao longo desses últimos anos, é mais do que uma honra ter sido orientado por ele, ter vivido todo o processo de construção de intimidade que me fez passar a chamá-lo de Kike, ter experimentado por todos esses anos o prazer de um papo que, acima de tudo, é cordial, horizontal, academicamente transformador.

Claro que, quando falo de Kike, estendo todo esse meu agradecimento aos demais integrantes do Laboratório de Estudos das Práticas Lúdicas e de Sociabilidade da Universidade Federal de São Carlos (LELuS-UFSCar), meu grupo de pesquisa, que foi tão importante nos debates que cercaram a construção desta tese.

Inclusive, gostaria de destacar também o Grupo de Estudos e Pesquisas em Etnografias Urbanas da Universidade Federal da Paraíba (Guetu-UFPB), origem de minha inserção na antropologia a partir do professor Marco Aurélio Paz Tella, meu orientador na época de mestrado. Foi Marco o primeiro a me incentivar a bater asas, sair das divisas da Paraíba e migrar em busca de novos voos – e sonhos – em São Carlos.

Dito isso, queria, obviamente, falar um pouco da Torcida Jovem do Botafogo-PB, a principal organizada do Belo e que é central na pesquisa que se segue. Mas não queria necessariamente falar da Jovem de forma institucional. Muito pelo contrário, queria me concentrar em todas aquelas pessoas essenciais para que o presente trabalho fosse finalizado com êxito.

A princípio, falar da menor das unidades da torcida. Falar do bonde. Do “meu” bonde. Especificamente de Alex, Allam, Yara, Vandal, Rodrigo, Beatriz, Bia, Nai, Lalinha, Rick, Nicholas, Boladão, Glauber, Gefferson, tantas outras pessoas maravilhosas do Bonde dos Faixas que me acolheram, que me fizeram sentir-me em casa, que me protegeram nos momentos de perigo, que me ofereceram um trago e um brinde mais quando o instante era de festa. Vocês são para sempre. Vocês fazem parte de minha vida e seguirão fazendo mesmo depois de finalizado todo esse rito.

Jamais esquecerei tudo o que eu vivi na Praça Nova e na Praça Bela, todas as experimentações que me deslocaram de minha própria casa e me fizeram pertencente de uma nova comunidade, de uma nova sociabilidade, de uma turma espetacular que viveu ao meu lado tantos momentos limítrofes e intensos.

Ora, insisto, eu sou um privilegiado por ter conhecido vocês. Por ter encontrado pessoas que, de interlocutores, se transformaram em amigos, em companheiros de arquibancada, de caravana, de luta por um futebol mais democrático, mais popular, menos preconceituoso contra as periferias.

Valorizo e valorizarei sempre esses encontros. Essas relações que são fundamentais não só para a pesquisa, mas para o próprio entendimento das dinâmicas envolvendo torcidas organizadas.

Em meio a essa consciência sobre a importância de meus pares de torcida, aliás, quero reverenciar todos aqueles que aceitaram dialogar comigo para contar um pouco de suas histórias. E aqui já me refiro à torcida em uma perspectiva mais ampla, citando o presidente Netinho (de saudosíssima memória), o puxador Felipe, nomes como Yure, Juan, Kemilly, Mandrake, Rudson.

Muitos, muitos outros nomes mais que desde o início me acolheram, permitiram que uma pessoa estranha a eles se aproximasse e paulatinamente fosse encontrando as brechas para ficar, observar, viver, refletir, sentir, dialogar, sofrer, temer, comemorar, tentar entender, descrever, analisar.

Desde o início, houve negociações, definições sobre os papéis de cada um dos lados, acordos sobre aquilo o que eu poderia oferecer de contrapartida à torcida,

compreensões ao mesmo tempo sobre até onde eu poderia avançar em certas questões, sem jamais me ser permitido ultrapassar alguns limites éticos que a pesquisa me impunha.

Obrigado, obrigado de verdade, a todos os integrantes da “tropa”, por entenderem essas questões. E por me receberem e me acolherem de uma forma que eu jamais poderia imaginar na primeira vez em que eu saí em campo com os torcedores. Com aqueles que “vestem preto”. Na incapacidade de nominar todo mundo, sintam-se todos igualmente abraçados.

Bem, tendo destacado a Jovem e seus integrantes, quero estender meus agradecimentos também a todos os membros de torcidas aliadas à TJB que eu conheci ao longo desses quase quatro anos. Muitos de quem eu nem mesmo cheguei a saber o nome, cujas interações foram fortuitas e isoladas, mas que, ao mesmo tempo, foram da mais alta importância para aqueles instantes específicos de pesquisa.

Ocasões, inclusive, que apenas serviram para me fazer entender de uma forma ainda mais impactante a potência dessas alianças. Porque foram pessoas que, sem me conhecer, mas por reconhecer na beca um amigo, um aliado, tornaram-se fundamentais para o meu bem-estar e para a minha segurança em viagens para fora de João Pessoa e da Paraíba.

Torno agora, ademais, a falar da academia, e da importância que a professora Rosana da Câmara Teixeira (UFF) e o professor Flávio de Campos (USP) desempenharam em minha qualificação de doutorado, colaborando com importantes sugestões de leituras e com fundamentais correções de rumo quando o presente texto ainda começava a ser gestado.

Assim como eu reverencio todas as pesquisadoras e todos os pesquisadores com quem dialoguei nesta jornada, em encontros acadêmicos pelo Brasil, por meio de conferências virtuais, a partir das leituras de seus textos. Vocês foram fundamentais, tornaram o processo de escrita menos solitário e angustiante por eu ter com quem dividir aflições, dúvidas, medos, questionamentos.

Faço questão também de citar nomes como os de Hévilla Wanderley, André Resende, Gabriel Botto, Agda Aquino (uma das pessoas mais importantes no meu processo de retorno à academia), Laerte Cerqueira, Marina Magalhães, Maurício Melo, Giselle Ponciano, Bosco Caminha, Taty Valéria, Felipe Gesteira, Mayara Medeiros, Márcia Marques. Ademais, a turma toda que forma a Rede Nordestina de Estudos em Mídia e Esporte (ReNEme). Jornalistas, pesquisadoras e pesquisadores, escritoras e escritores, que foram igualmente fundamentais para a conclusão desta tese. Da mesma

forma como foram simplesmente imprescindíveis o amado casal Diego Gomes e Letícia Araújo e a pequenina Gal, que abriram as suas portas em São Paulo e transformaram o escritório do apartamento deles em quarto de hóspede e em embaixada paraibana em terras paulistanas.

Observando o meu entorno, chego também a mais alguns amigos e familiares. Dentre os amigos, registro Lídia Vilarim e Breno Feire, que me receberam em Sousa num dia de pesquisa causticante. Cito ainda Leonardo Guedes, Ayrton Omena, Maria Eduarda, Diego Rolim, Mairana Medeiros (a mais paraibana das gaúchas, a mais botafoguense das gremistas, que nos deixou precocemente), Marçal Júnior, Jessyca Marins, tantos outros companheiros de estádio, de vida, de festa. Da família, gostaria de mencionar minha querida irmã Amanda (outra que se despediu apressadamente de mim), minha cunhada Yluska, meu sogro Eudes, minhas amadas tias Nevita e Nara, meus queridos primos Davi, Alessandra, Nevita Luna (que também atuou como minha advogada na pesquisa, deixada de sobreaviso, e que por sorte ou mero acaso nunca precisou ser acionada), Marcílio Franca Filho. Este último, um notável pesquisador e estudioso que une temas tão diversos, como arte e direito, como música, guerra e paz. Com tamanha sensibilidade, ele foi fundamental em muitos papos, em muitas sugestões de leituras que me embalaram em temas riquíssimos ao longo do processo de pesquisa.

Gostaria ainda de agradecer aos meus compadres, Jhonathan e Gleysciane, minha afilhada Bia, minha sobrinha Alice. Pelo amor, pelo carinho, pelos estímulos, pelos incentivos para que eu seguisse em frente. Pela forma amorosa e compreensiva com que entenderam as minhas ausências em momentos importantes de suas vidas nos últimos tempos, justamente por estar imerso em pesquisas de campo infundáveis.

Obrigado, igualmente, a colegas de trabalho que foram sempre tão compreensíveis comigo. Diante do difícil e desgastante processo de fazer um doutorado sem bolsa, ajustes de horário e negociações sobre ausências esporádicas foram fundamentais. E, aí, destaco o próprio Jhonathan (que, além de compadre, era colega de redação na época da pesquisa) e também pessoas queridas como Taiguara Rangel, Krys Carneiro, Diogo Almeida e Luana Silva. Da mesma forma que, ainda do jornalismo, destaco Cadu Vieira, responsável pelas correções ortográficas desta tese.

Ao fim de tudo, quero destacar também, com ainda mais ênfase, impacto e emoção, os 60.346.999 brasileiras e brasileiros que puseram fim ao período mais terrível do Brasil desde a redemocratização. Que enterraram a possibilidade de um neofascista

permanecer na Presidência da República e seguir por mais quatro anos em seus sistemáticos ataques às ciências deste país.

Muito convictamente, eu incluo esse debate nos agradecimentos porque não foi apenas a vitória do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores, dos movimentos de esquerda, de uma frente ampla em defesa da democracia.

Acima de tudo, foi a vitória de uma ideia, de um entendimento muito claro em defesa dos direitos humanos e da vida, da dignidade, da própria sobrevivência da pesquisa no Brasil, do respeito às instituições e da proteção à universidade pública, gratuita e de qualidade. O resultado das urnas em 2022, falo com muita segurança, foi uma espécie de retomada, foi a energia necessária para que eu não desistisse, não esmorecesse jamais.

Importante frisar, inclusive, que esta tese é fruto de um profícuo e profundo diálogo com as periferias, com uma população majoritariamente negra e pobre, com um perfil de pessoas que era preferencialmente atacado pelo discurso do ex-presidente, único desde o início do instituto da reeleição que não foi reconduzido ao cargo.

Os capítulos e páginas que se seguirão, de todo modo, vão mostrar que isso não significou o fim do racismo estrutural no Brasil, nem aplacou um preconceito institucional tão violento existente em nossa sociedade. Mesmo assim, as eleições de 2022 e a vitória de um homem de origem popular, vindo do mesmo Nordeste em que nasci, em que vivo e milito, representaram uma bonita resposta da população brasileira, em especial a nordestina, que tão bravamente escolheu o caminho do diálogo, do respeito, do afeto.

Repito, de toda forma, que muitos dos meus interlocutores nesta pesquisa eram os alvos preferenciais da gestão armamentista que se encerrou em 31 de dezembro de 2022, o que simplesmente me impedia de me omitir num momento como aquele. Lutei, fui às ruas, chorei, sonhei ao longo daquela campanha. Ao lado de companheiras e companheiros de militância, a quem igualmente agradeço aqui.

Amigas, amigos, não me arrependo de nada do que vivi até aqui. Não me arrependo da opção consciente e política de lutar por um futebol popular, democrático, plural, diverso. Que não criminalize previamente as torcidas organizadas de futebol. Muito obrigado, então, a todo mundo que esteve ao meu lado em todo esse tempo. No mais, encerro com um lema que muito norteia as páginas que se seguem:

Liberdade para torcer. Liberdade para viver. Liberdade para sonhar.

“Não se é triste indo para o Almeidão. Às vezes, se é triste voltando. Indo nunca”.

(Phelipe Caldas)

Resumo

A Torcida Jovem do Botafogo-PB é a maior e mais antiga torcida organizada do Botafogo Futebol Clube, o principal clube de João Pessoa. E, por dois anos ininterruptos, a presente pesquisa se propôs a uma imersão etnográfica junto à TJB, numa observação participante de longa duração em que se viveu ao lado dos torcedores muitas das experiências e vivências dessas coletividades. A festa, a pista, o baile, a performance torcedora, a caravana, o ataque, a emboscada, o diálogo com os bairros, a ideologia, o procedimento, o encontro cotidiano, a relação com a periferia, a caminhada, a atividade, o arrastão. Acima de tudo, as negociações, as segmentaridades e as fissões, as pacificações e os antagonismos que produzem uma intrincada rede de alianças e rivalidades entre torcidas organizadas Brasil afora. Para além disso, refletiu-se sobre violência, códigos de conduta, regras que definem a ideia do que é “ser torcida”, sem esquecer em meio a tudo isso a relação sempre tensionada que existe entre torcidas organizadas e forças estatais de segurança. É sobre tudo isso que esta tese se debruça.

Palavras-chave: torcida jovem do botafogo-pb; torcida organizada; futebol; periferia; antropologia das práticas esportivas

Abstract

The *Torcida Jovem* (Young Fan Club in English) of Botafogo-PB is the largest and oldest organized fan group of Botafogo Futebol Clube, the main club in João Pessoa. For two uninterrupted years, this research engaged in an ethnographic immersion with the *Torcida Jovem*, involving long-term participant observation that experienced many of the fans' collective experiences and interactions. The festivities, the *pista* (clash between soccer fan clubs in free translation), the dance, the fan performance, the caravan, the attack, the ambush, the dialogue with the neighborhoods, the ideology, the procedure, the daily encounters, the relationship with the impoverished city periphery, the march, the activity, and the procession. Above all, negotiations, segmentations, fissures, pacifications, and antagonisms that produce an intricate network of alliances and rivalries among organized fan groups throughout Brazil. Furthermore, the study reflects on violence, codes of conduct, and rules defining "being a fan" without forgetting the always tense relationship between organized fan groups and state security forces. This thesis delves into all these aspects.

Keywords: *torcida jovem* of botafogo-pb; organized fan group; football; periphery; anthropology of sports practices

Lista de Figuras

Figura 01.....	44
Figura 02.....	52
Figura 03.....	65
Figura 04.....	70
Figura 05.....	72
Figura 06.....	75
Figura 07.....	76
Figura 08.....	88
Figura 09.....	92
Figura 10.....	99
Figura 11.....	103
Figura 12.....	105
Figura 13.....	111
Figura 14.....	120
Figura 15.....	123
Figura 16.....	126
Figura 17.....	136
Figura 18.....	139
Figura 19.....	139
Figura 20.....	147
Figura 21.....	153
Figura 22.....	155
Figura 23.....	164
Figura 24.....	170
Figura 25.....	178
Figura 26.....	181
Figura 27.....	188
Figura 28.....	202
Figura 29.....	206
Figura 30.....	208
Figura 31.....	212
Figura 32.....	224

Figura 33.....	224
Figura 34.....	228
Figura 35.....	251
Figura 36.....	252
Figura 37.....	262
Figura 38.....	270
Figura 39.....	272
Figura 40.....	287
Figura 41.....	287
Figura 42.....	301
Figura 43.....	303

Lista de Mapas

Mapa 01.....	40
--------------	----

Lista de Tabelas

Tabela 01.....	148
----------------	-----

Sumário

Introdução	20
Entrando em campo: glossário analítico sobre um dialeto torcedor	32
Capítulo 1. Andanças pela cidade	41
1.1 O tempo do torcer	41
1.1.1 A Praça Nova como centralidade torcedora.....	49
1.2 “Oxe, o professor é BDF, porra”: reflexões de um neotorcedor organizado adentrando o campo.....	54
1.2.1 Desbravando o bonde, entendendo o bairro	65
1.3 As interferências do “crime” nas experiências torcedoras	78
1.3.1 Entre o medo e o torcer no Bairro São José	87
1.4 Múltiplos bondes, uma torcida	94
1.4.1 O limiar entre segmentaridade e fissão	98
1.4.2 A alteridade com a Fúria e outras segmentações	106
Capítulo 2. A festa em vários planos.....	113
2.1 O Bonde Feminino se prepara para o baile	113
2.1.1 A caminho do baile	127
2.1.2 O Baile de 17 anos do Bonde Feminino.....	134
2.2 “Uh, é Lado B!” – e DPA.....	143
2.2.1 Respeito, amizade, aliança: a dádiva no contexto das torcidas organizadas aliadas.....	151
2.3 Beber, comer, torcer: o encontro político e festivo das torcidas organizadas de pista.....	163
Capítulo 3. A pista e a esportificação do conflito	182
3.1 Noite de futebol, noite de pista.....	182
3.1.1 A pista transformada em jogo	193

3.1.2 Um rápido aparte para a noção eliseana de regra.....	198
3.1.3 Declaração de “guerra” entre TJB e Fúria	200
3.2 “Vem na mão, porra”: negociações para uma pista limpa entre paus, pedras e bombas.....	211
3.2.1 TJB x Fação: vitória fora de casa por 2 a 0	219
3.3 Caravanas, ataques, emboscadas entre torcidas organizadas	229
3.3.1 “E o carro preto aloprado lá na frente?”	237
3.3.2 “Olha a atividade, parceiro”: etnografia de uma emboscada de dentro do ônibus atacado.....	243
Capítulo 4. A violência institucional contra torcidas organizadas.....	254
4.1 A violência, os sinais diacríticos, a camisa da TJB.....	254
4.1.1 A problemática ideia de “direito penal do inimigo” aplicada às torcidas organizadas	266
4.2 Fato isolado na Sombra, fato corriqueiro no Sol.....	272
4.2.1 Uma tentativa de padronizar as formas de torcer.....	282
4.3 Caravanas, revistas policiais, supressão de direitos	291
4.3.1 “É a pior PM do Brasil”	293
4.4 “Os ‘hômi’ chegaram arregaçando”: uma noite por um triz	304
4.4.1 “Corre, carai! É tiro de verdade”.....	307
Considerações finais	313
Referências	317

Introdução

Era uma tarde de sol quente em 27 de agosto de 2018. Eu estava dentro de um ônibus com mais 38 torcedores organizados (32 homens e seis mulheres) e o veículo trafegava por algum local ermo do interior da Bahia. Havia cansaço, abatimento extremo, um clima de dor profunda no ambiente depois que o Botafogo da Paraíba¹ perdera na noite anterior o acesso para a Série B do Campeonato Brasileiro.

Não havia sido uma derrota qualquer. O Belo² havia vencido a partida de ida do mata-mata decisivo no Estádio Almeidão³ por 1 a 0 e jogava pelo empate contra o seu xará paulista, o Botafogo de Ribeirão Preto-SP, para conquistar a sonhada vaga na segunda divisão do ano seguinte. O jogo derradeiro era no Estádio Santa Cruz, em Ribeirão Preto, e o time de João Pessoa segurava o empate até os 47 minutos do segundo tempo quando sofreu um gol. Daquela forma, a soma dos placares das duas partidas deixava o confronto empatado, e a definição do classificado foi para os pênaltis. Nas cobranças, 4 a 3 para os paulistas, pesadelo para os paraibanos em seu retorno para casa.

A caravana havia partido do interior paulista pouco tempo depois do apito final e só chegaria à capital paraibana dois dias depois. Ao todo, contando do momento em que saíra de João Pessoa para Ribeirão Preto, seriam cinco dias vivendo, viajando, dormindo dentro de um ônibus.

Aquela era também a minha última imersão na pesquisa de campo que eu realizava durante o mestrado, em que eu investigava as múltiplas identidades torcedoras e as múltiplas formas de torcer que existiam em torno de um mesmo clube de futebol – no caso ali, óbvio, o Botafogo-PB (Carvalho, 2019)⁴.

Pois, justo naquele dia da viagem, nos estertores da pesquisa que estava em curso, eu conversei longamente com uma série de torcedores e tive acesso a muitos dados sobre

¹ Nome oficial, Botafogo Futebol Clube, fundado em 28 de setembro de 1931 e com sede em João Pessoa, capital da Paraíba. Será muito chamado aqui também de Belo e, mais raramente, de alvinegro da estrela vermelha, dois de seus principais apelidos.

² A principal alcunha do Botafogo-PB remete ao fim da década de 1950. Após um bonito gol botafoguense, um conselheiro do clube, Antônio de Abreu e Lima, comemorou o lance de forma tão emocionada, que começou a dar gritos de “belo” que irradiaram pela arquibancada do antigo Estádio Olímpico de João Pessoa, onde à época o clube mandava os seus jogos. Os demais torcedores se empolgaram, iniciaram um coro de “belo” e, não tardou, o adjetivo se transformou em substantivo e em apelido para a posteridade. Disponível em: <<https://tinyurl.com/45jfspvn>>. Acesso em: 13 fev. 2023.

³ Nome oficial, Estádio José Américo de Almeida Filho. É de propriedade do Governo da Paraíba, mas é onde o Botafogo-PB joga quando a partida é em João Pessoa.

⁴ Ao longo do trabalho, eu realizei uma série de outras interlocuções com aquela pesquisa de mestrado, sem, no entanto, achar necessário repetir a referência que aqui está posta.

um outro aspecto das torcidas organizadas, que é a rede de alianças e de rivalidades que elas possuem entre si. E esse interesse foi iniciado no dia anterior, poucas horas antes daquela partida doída, quando fomos recepcionados em Ribeirão Preto pela Mancha Verde⁵, torcida organizada do Palmeiras-SP que é aliada das organizadas do Botafogo da Paraíba. Um mundo riquíssimo, com códigos e comportamentos próprios, que eu ainda não havia explorado o suficiente, já que minha investigação era mais comparativa entre as diferentes identidades torcedoras do Belo. Um mundo sobre o qual, para completar, eu já não tinha mais tempo para me aprofundar naquele momento.

Esta tese de doutorado, portanto, ou ao menos o seu projeto, nasceu ali, naquele instante de desespero em que eu e mais alguns torcedores retornávamos para casa, depois do mais impactante episódio que, enquanto torcedor e pesquisador, eu vivi com o futebol.

A propósito, essa espécie de confissão sobre dores torcedoras vividas no contexto da pesquisa já é uma indicação de como as identidades podem ser fluidas. E como invariavelmente elas serão ao longo deste trabalho. Trata-se de múltiplas identidades que podem ser acionadas por um mesmo sujeito, sem que para isso elas precisem ser unificadas em torno de um “eu” coerente (Hall, 2006).

Para além disso, pode parecer curioso, para muitos, o fato de eu indicar como o momento mais impactante de minha vida com o futebol um instante de dor extrema que, ainda por cima, foi vivido numa desvalorizada terceira divisão nacional. Mas, a bem da verdade, é Simas (2021) quem atesta o caráter subjetivo dos significados que jogos de futebol ganham a partir do olhar do torcedor de futebol. “Os fatores são diversos e, em muitos casos, inapreensíveis pelas redes da razão” (Simas, 2021, p. 109).

De toda forma, o que importa aqui, ao menos por ora, é registrar que a presente pesquisa pode ser considerada uma continuação daquele trabalho de mestrado. Mas, se antes eu flutuei por diferentes torcidas botafoguenses, desta vez eu optei por me inserir exclusivamente na Torcida Jovem do Botafogo-PB⁶ (TJB) e assim ter acesso a experiências e relações ainda mais aprofundadas no contexto das torcidas organizadas, das alianças e das rivalidades que as cercam.

⁵ Atualmente, a torcida se chama oficialmente Mancha Alviverde. Mas a mudança de nome serve apenas para burlar uma decisão da Justiça que vetava a presença da Mancha Verde nos estádios paulistas. A rigor, todos continuam chamando-a pelo nome tradicional. É o que farei nesse e em outros casos de torcidas que serão citadas. Vou sempre respeitar a forma como os seus próprios integrantes se definem.

⁶ No rigor da informação, o nome oficial e completo da torcida organizada é Grupo Recreativo Sócio Cultural Torcida Jovem do Botafogo-PB. Na prática, contudo, ninguém a chama assim, ainda que se costume incluir a sigla G.R.S.C. nas notas oficiais publicadas pela agremiação.

Proponho, assim, uma aparente inversão de abrangência etnográfica, que parte do macro para o micro, das muitas torcidas botafoguenses no mestrado para apenas uma delas no doutorado, ainda que a escolhida agora seja a maior e a mais antiga delas. De toda forma, dentro de uma tradição de Tarde (2007) de defender uma abordagem a partir daquilo o que é infinitesimal, a experiência de pesquisa mostrará que a análise do elementar, do infinitamente pequeno, permite descortinar uma miríade de conjuntos menores que são extremamente ricos para a observação antropológica e que, a despeito disso, podem se tornar imperceptíveis do ponto de vista de quem está de fora e de longe.

A saber, a TJB foi fundada em 23 de março de 1997 e ostenta o título de primeira torcida organizada da Paraíba. Ela se considera e é reconhecida pelas demais como uma torcida de pista, termo usado para se referir àquelas que gostam do embate e do conflito com outras organizadas, e está presente majoritariamente nas periferias⁷ da Grande João Pessoa⁸. É conhecida também por apelidos sempre intimidadores, como “Caveira”, “Maioral”, “Terror da Capital”. Entre seus lemas, estão “caveira veste preto”, fazendo menção à padronização que ela exige de seus membros nas dinâmicas torcedoras; e “atitude, disposição e vibração”, que está em consonância com a postura e com as formas de torcer que são esperadas de seus integrantes.

O título do trabalho, inclusive, vai dialogar justamente com essa dimensão “de pista” que a TJB possui. Porque, numa dinâmica em que rivalidades são estimuladas, alianças serão igualmente necessárias, estrategicamente trabalhadas. São dois lados opostos, mas intrinsecamente ligados. Afinal, alteridades impõem relações. Relações levarão a alteridades. Faz parte do jogo. E o “colado com nós”, no fim das contas, é uma expressão torcedora que remete a quem está junto, a quem está “fechado”, quem firma aliança com a TJB.

Sobre a pesquisa em si, tal como vou explicar melhor ainda no Capítulo 1, o trabalho de campo deveria ter-se iniciado em 2021, mas esse foi profundamente afetado pelo período pandêmico que vivemos. Assim, a pesquisa teve um primeiro ano de observações precárias no distanciamento das redes sociais, mas o marco inicial dos

⁷ A ideia de periferias e bairros periféricos de João Pessoa ao longo desta pesquisa tem um sentido simbólico e não geográfico. Não se trata necessariamente de bairros que estão localizados às margens da cidade, mas espaços urbanos que são estigmatizados por parte considerável da população e das forças de segurança e que são vistos como áreas de risco que devem ser evitadas por quem não é morador dessas localidades. Ao mesmo tempo, como ação de resistência, as periferias e os bairros periféricos são ressignificados pela população periférica, que passa a entendê-los a partir da ótica do afeto e do pertencimento.

⁸ Território que corresponde à própria João Pessoa e também aos municípios contíguos de Cabedelo, Santa Rita e Bayeux.

trabalhos eu considero como janeiro de 2022, quando iniciei de forma mais intensa o exercício etnográfico presencial.

Foi uma experiência profunda. E, por mais que eu seja instigado a citar Velho (2003) e seu clássico trabalho sobre a necessidade de “estranhar o familiar”, visto que o Estádio Almeidão e o próprio contexto do futebol em sentido mais amplo são territórios habitados por mim desde a infância e até tema de pesquisas e escritos recentes, o fato é que pouco do que vivi ali era de fato familiar. E isso, penso, foi um ganho importante para a pesquisa e para mim mesmo enquanto torcedor e pesquisador.

É óbvio que eu já conhecia a TJB, já percebia as suas formas de torcer nas arquibancadas, já havia embarcado em caravanas ao lado dela, mas o fato é que a experiência torcedora daquela organizada abrangia uma série de outros contextos que eu ainda não conhecia adequadamente.

Aqui, por sinal, é interessante citar o conceito de futebóis, que contrasta com um senso comum e genérico e que autoriza “a possibilidade de o futebol ser tratado como um fenômeno plural, efetivamente polifônico ou politécnico, em que muitos e discrepantes pontos de vista possam ser reconhecidos como legítimos” (Damo, 2018, p. 61).

No caso de minha relação com a TJB, portanto, em meio ao futebol masculino e de espetáculo, ela se inicia, ainda no mestrado, mais focada nas experiências vividas nos estádios e em seus entornos. A pesquisa atual, contudo, me mostra que, não raro, a torcida extrapola esses limites e dialoga de forma muito íntima com as periferias, os bairros e as cidades, com diversas outras identidades.

Uma expansão da sociabilidade torcedora que, tal como já apontada por nomes como Toledo (1996), Damo (1998) e Teixeira (1998), ganha uma fruição e um comprometimento político bem diferentes daqueles exercidos pelo dito “torcedor comum”⁹.

Para ser mais direto, conhecer todas essas possibilidades da TJB foi conhecer uma João Pessoa na qual eu não costumava circular até então. Bairros, comunidades, favelas, periferias, quebradas onde eu nunca havia estado antes e que me apresentaram a

⁹ Uma figura que Toledo (2019, p. 90) vai passar a chamar de “torcedor genérico”, a ser descrito como alguém “sem rosto e sem ritualizações”. O autor, contudo, enfatiza que se trata de um “recurso de síntese e não sujeito empiricamente observável” (Toledo, 2019, p. 250). A expressão, portanto, é usada pelos torcedores organizados para classificar um “outro”, para se diferenciar daqueles demais torcedores que não desempenham uma forma de torcer mais festiva e mais performática nas arquibancadas.

experiências completamente diferentes. Por vezes, muito mais alegres, vivas, solidárias, em contato com a urbe.

Ao longo da pesquisa, inclusive, eu cheguei a refletir muito sobre algumas “verdades” que são disseminadas por aí e que as pessoas passam adiante sem questionamentos, sem apurações devidas, acreditando que o seu contexto representa todos os contextos possíveis de uma suposta cidade indivisível. Porque, nos últimos anos, eu sempre escuto alguém dizendo em tom de veredito que “as crianças não brincam mais na rua”, que “as pessoas mais velhas não interagem mais com a vizinhança”, mas o questionamento que eu faço, principalmente depois de toda esta imersão, é sobre a quais crianças e a quais pessoas mais velhas estão se referindo.

Certamente, falam de seus próprios mundos. Das pessoas que integram frações das classes média e alta, comumente enclausuradas em condomínios fechados e prédios com complexos sistemas de segurança, habitantes de verdadeiros enclaves fortificados (Caldeira, 1997) que são ensinados a sentir medo do exterior que os cerca.

Ao mesmo tempo, ignoram, por vezes, as comunidades periféricas, comumente apartadas e segregadas. Nesses espaços urbanos, contudo, pude constatar em mais de uma oportunidade que a festa, enquanto manifestação de sociabilidade, costuma ganhar a rua e envolver a comunidade com muito mais frequência. Trata-se daquilo que Lefebvre (2001, p. 117 e 118, grifo do autor) define como sendo direito à cidade, ou seja, um “*direito à vida urbana*, transformada, renovada”. E que Harvey (2014, p. 28) trata como um

“direito de mudar e reinventar a cidade mais de acordo com nossos mais profundos desejos. [...] Um direito mais coletivo do que individual, uma vez que reinventar a cidade depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo sobre o processo de urbanização”.

Harvey (2014, p. 28) destaca ainda que esse “é um dos nossos direitos humanos mais preciosos, ainda que um dos mais menosprezados”. Eu diria mais. Não são apenas menosprezados; são domesticados pelos padrões de sociabilidade dominantes que coíbem – muitas vezes com o uso da violência institucionalizada – expressões de coletividades que se afastam das expectativas da segurança pública estatal.

Pois, para mim, torcidas organizadas como a TJB têm um importante papel nesse processo de produção de sociabilidade periférica por um direito à cidade. E, nesse ponto,

ao falar de direito à cidade, é inevitável fazer um paralelo e falar também de um direito à arquibancada que é reivindicado por elas.

Mas, retornando ao ponto em que eu dizia que muito do que vivi era novidade, posso destacar que o primeiro desses estranhamentos se deu já no entendimento das expressões torcedoras. Uma série de termos e categorias que fazem sentido apenas aos próprios torcedores organizados e que precisei, pouco a pouco, conhecer para poder estabelecer diálogo, entender melhor o que se passava. E, se essa era uma dificuldade minha no início da pesquisa, poderá ser também a dos leitores que forem embarcar nesta caminhada ao meu lado.

Para resolver isso, eu inicio esta tese com a seção “Entrando em campo”, uma espécie de glossário analítico em que enumero e tento explicar em poucas linhas o significado de dezenas de termos que compõem uma linguagem torcedora periférica. São mais de 60 expressões que foram recolhidas no campo de pesquisa, ao longo das conversas com meus interlocutores, e que formam uma seção que poderá ser revisitada sempre que o leitor sentir necessidade. Assim, não haverá indicações outras sobre a presença ou não de certo termo no glossário. Se o leitor conhecer certa expressão torcedora, seguirá a leitura sem dificuldades. Se não conhecer e sentir algum estranhamento, é só dar uma olhada na seção, entender melhor o contexto de que se trata e seguir adiante.

Ademais, a tese é dividida em quatro capítulos em que diferentes aspectos das dinâmicas das torcidas organizadas – e mais especificamente da TJB – são analisadas. E, como será possível perceber nas páginas que se seguirão, a maioria das reflexões etnográficas é de situações e experiências que se dão fora do estádio e de suas arquibancadas, ainda que eu tenha frequentado dezenas de jogos ao lado da TJB ao longo de duas temporadas inteiras.

No primeiro capítulo, por exemplo, o movimento é todo fora do estádio de futebol justamente para mostrar uma série de aspectos relacionais da Jovem¹⁰ com a cidade de João Pessoa. Inicio a discussão dialogando sobre a ideia de “tempo de torcer” e sobre como essa questão é subvertida pelas torcidas organizadas. Como essas experiências são

¹⁰ São muitas as torcidas brasileiras que têm “Jovem” no nome. Então, para efeito de entendimento, sempre que eu me referir apenas à Jovem, estarei necessariamente falando da TJB. Nas vezes em que eu precisar falar de outras torcidas jovens Brasil afora, junto ao nome aparecerá sempre o clube ao qual ela está associada.

alargadas no espaço e no tempo e podem acontecer bem longe do estádio, e até mesmo fora do período da temporada regular do futebol.

Reflito também sobre como se dá a relação da torcida com a periferia de João Pessoa e como as torcidas organizadas dialogam com suas comunidades e com os outros atores sociais que habitam esses espaços urbanos. Mais ainda, sobre como se dão as dinâmicas de sociabilidade nos chamados bondes da TJB.

A propósito, retomando rapidamente a questão do glossário, “bonde” é uma das expressões que estão relacionadas por lá, e sentir a necessidade ou não de entender melhor o que a expressão significa dependerá das vivências e entendimentos que cada um possui com o contexto das torcidas organizadas. Essa decisão organizativa, penso, permitirá um texto mais fluido, sem negligenciar quem eventualmente precise de mais explicações sobre dada expressão. Ao mesmo tempo, sempre que alguma explicação for necessária no próprio texto, ela será feita sem prejuízo ao que já está posto no glossário.

Mas, voltando, é no segundo capítulo que eu começo a apresentar e a analisar as relações que os integrantes da Torcida Jovem do Botafogo-PB têm com o entorno e com a Arquibancada Sol do Estádio Almeidão, o setor mais barato da praça esportiva e, justamente por isso, aquele que é recorrentemente ocupado pela parte mais pobre da população pessoense. E a TJB, composta majoritariamente por torcedores negros, pobres, moradores de bairros periféricos, trabalhadores precarizados (a maioria atua como motoboy, por exemplo), certamente está entre as torcidas frequentadoras do Sol¹¹.

Buscarei analisar ainda como é a relação de gênero que existe na TJB e abordarei o protagonismo crescente e inédito que o Bonde Feminino da torcida começou a conquistar nos últimos anos dentro da agremiação (em que pesem algumas resistências). Para além disso, analisarei como se dão as relações de alianças e de rivalidades existentes entre as torcidas organizadas e como esses torcedores imprimem outras dinâmicas de sociabilidade ao(s) tempo(s) do torcer, já que esse não coincide com o(s) tempo(s) do jogar. A intenção é demonstrar que as propriedades definidoras das formas competitivas e institucionalizadas pelo futebol valem em termos relativos quando se está sob o domínio do tempo do torcer.

¹¹ Tecnicamente, deveria ser escrito “na Sol”, visto que se refere à “arquibancada”. Mas nenhum torcedor da TJB se refere ao setor dessa forma. Adotam “Sombra” e “Sol” como substantivos próprios que nomeiam as arquibancadas. E, por isso, o seu uso no masculino no segundo caso. É o que faremos, também, respeitando o costume êmico.

Nesse sentido, pode-se questionar por que tantas torcidas como a TJB nutrem relações de alianças com coletivos torcedores organizados de outros clubes brasileiros, mantendo relações amistosas mesmo quando os clubes dessas torcidas se enfrentam em campo. De toda forma, como já registrado um pouco antes, o instante em que se firma uma aliança entre essas organizações é exatamente o mesmo em que se decreta uma outra dinâmica de rivalidades e inimizades. Mas, digamos, isso acontece numa outra temporalidade, a do torcer, que adquire características próprias, por onde se inventam espacialidades e temporalidades distintas das do jogo tomado como espetáculo esportivo.

Ademais, tento discutir conceitos como “ideologia” na perspectiva torcedora. Algo que, pude perceber ao longo das muitas conversas, está sempre presente naquele discurso, ainda que essa seja uma expressão polissêmica e de difícil enquadramento por parte dos próprios torcedores/interlocutores. Ainda assim, ela define um estilo de vida torcedor que pode ser resumido com a frase que um dos associados à Jovem me disse certa vez: “Torcida é coisa séria. Não é brincadeira, não”.

Ainda no Capítulo 2, vou analisar o caráter político da festa. A comida e a bebida como elementos centrais das sociabilidades torcedoras e ligadas a uma “contemporaneidade simbólica de um cerimonial sagrado” (Câmara Cascudo, 2011, p. 30). Ainda nos termos de Câmara Cascudo (2011, p. 348), não se trata apenas de “elementos indispensáveis à nutrição”, mas sobretudo de “substâncias imponderáveis e decisivas para o espírito, alegria, disposição criadora, bom humor”. Que vão proporcionar, por sinal, o prolongamento dos instantes de conversas e debates entre atores sociais.

A festa, assim, pensada como um momento de reafirmação de alianças e de compromisso mútuo entre coletividades. Pensada, ademais, como um evento que é culturalmente determinado e que “não apaga as diferenças, mas antes une os diferentes” (Guarinello, 2001, p. 973). Que, ainda por cima, tem a capacidade de traçar fronteiras “entre os aptos a dela participar e os que são estranhos a ela” (Guarinello, 2001, p. 973).

Ao pensar em alianças, pois, deve-se ter em mente que elas não são, jamais, imutáveis, e a qualquer momento poderão ser enfraquecidas ou mesmo rompidas. Logo, em sentido contrário, precisam sempre ser reafirmadas, retroalimentadas por ambos os lados. E é na festa e na recepção que muitas vezes isso acontece, numa analogia para lá de curiosa sobre como a alimentação e a bebida são de fato vetores indispensáveis para uma sociabilidade torcedora.

Afinal, as alianças precisam estar sempre sendo saciadas de sua fome e de sua sede pelo encontro, pela disposição das partes para com o outro lado, pelas vivências conjuntas que reforçam a pertença. Não se trata de um contrato formal, trata-se de relações que se mantêm fortes justamente por causa de sua recorrência.

No terceiro capítulo, adentro a um outro lado da festa. Ou, se preferir, a um outro tipo de festa. A saber, falo do embate físico e simbólico entre torcidas organizadas rivais. Mais uma vez, relações sociais (ainda que antagônicas) que precisam ser alimentadas e estimuladas no cotidiano torcedor. Em termos êmicos das torcidas organizadas, falo da pista. E trato da questão numa perspectiva da esportificação (Elias, 1992) do conflito, em algo que é reivindicado por ambas as partes e que, muito por isso, ganha um princípio de regramento que haverá de ser respeitado pelos dois lados em contenda.

Aqui, volta a aparecer a ideia de “ideologia”. Afinal, segundo os torcedores pesquisados, ter ideologia é sobretudo saber se portar numa pista. Saber bater, saber apanhar, saber os limites definidos, saber igualmente como se comportar antes e depois de a pista acontecer. É neste capítulo, inclusive, que vou discutir uma série de categorias definidas pelos torcedores organizados, tal como as ideias de pista limpa e pista suja, troféus e espólios, emboscadas ou ataques, caravanas, jogo quente e jogo frio, entre outros. Todos esses termos, aliás, constam da seção “Entrando em campo” que eu já mencionei, mas nesse capítulo vamos aprofundar o debate e descrever de forma pormenorizada algumas dessas pistas que testemunhei como observador.

Finalmente, no Capítulo 4, eu vou discutir o que eu chamo de “violência institucional” contra torcidas organizadas. Uma ação deliberada e violenta que é patrocinada pelo Ministério Público da Paraíba e executada principalmente pela Polícia Militar da Paraíba, que tende a dar um tratamento diferente a distintos perfis de torcedores.

Esse foi um debate que eu já tratei de passagem na dissertação, ao falar, por exemplo, sobre como a revista policial é realizada de forma muito mais violenta e ostensiva no setor do estádio ocupado pelos torcedores mais pobres, mas, nesta nova imersão etnográfica, consegui reunir uma série de novos dados, de novas experiências, que sugeririam um preconceito e até mesmo um comportamento racista por parte dessas instituições.

Vou refletir sobre ações como o “baculejo”, que é a revista policial aleatória e sem motivações aparentes, comumente realizada contra a população negra e contra torcedores

organizados, e também sobre uma série de decisões, comportamentos, reações que são impingidos contra esses torcedores e que simplesmente não encontram previsão legal.

Bem, para realizar toda essa empreitada etnográfica, foram três anos de pesquisa. O primeiro, como já dito, realizado a distância e de forma precária, justamente por causa da pandemia de Covid-19, que paralisou o futebol, impôs uma série de restrições sociais, deixou-me inseguro de voltar ao convívio coletivo antes de tomar a terceira dose de vacina.

O trabalho de campo, assim, foi iniciado apenas em 2022. E, para compensar esse primeiro ano de dificuldades, de distanciamento e de diálogos precarizados pela ausência de encontros, eu me propus a um ritmo frenético de pesquisa, participando do maior número possível de eventos da torcida organizada. Assim, uma vez dentro, eu não saí mais por duas temporadas inteiras.

Em janeiro, portanto, os diálogos e as negociações se tornaram mais intensos com integrantes da TJB, mas foi em 6 de fevereiro de 2022 que eu parti para a minha primeira imersão de campo propriamente dita. Justo uma caravana para Ceará-Mirim, no Rio Grande do Norte, para um jogo do Botafogo-PB contra o Globo FC-RN pela Copa do Nordeste daquele ano.

Nos dois anos seguintes, foram 36 jogos assistidos ao lado de torcedores da TJB, em sete competições diferentes¹². A maioria deles assistida dentro de estádios, mas muito também em bares, áreas de lazer diversas, sedes da torcida, casas de integrantes da Jovem. Não importava. Onde eles estivessem, eu estava junto, buscando dialogar, entender as dinâmicas e as nuances, as sociabilidades e as performances torcedoras.

Fui a muitas outras atividades aparentemente alheias ao futebol, mas que, a bem da verdade, eram imprescindíveis para as vivências torcedoras. Testemunhei, participei, vivi ou apenas observei, a depender do caso, de cinco caravanas para fora de João Pessoa, viajando ao lado da TJB, dois bailes da torcida, ao menos três festas menores da agremiação, uma ação social de Dia das Crianças, um treino de *kickboxing*, cinco reuniões do bonde ao qual me associei, cinco treinos do Belo em que a torcida esteve presente, um jantar de fim de ano oferecido a uma comunidade periférica de João Pessoa, três ataques realizados contra torcidas rivais, um ataque sofrido de uma rival contra a TJB, duas grandes pistas, quatro pistas menores, pelo menos três encontros boêmios com torcedores

¹² Copa do Nordeste (2022), Pré-Copa do Nordeste (2023), Campeonato Paraibano (2022 e 2023), Série C do Campeonato Brasileiro (2022 e 2023) e Copa do Brasil (2023).

em dias absolutamente alheios ao futebol ou a qualquer programação oficial da torcida organizada.

Em pelo menos três outras oportunidades, assisti a jogos do Belo no Estádio Almeidão longe da TJB apenas para poder observá-la a partir de novos ângulos. Sem contar o fato de que, em quatro outros jogos, eu fiquei do lado de fora do estádio para dialogar com torcedores que, por diferentes motivos, optavam por não adentrar à praça esportiva.

Para além disso, foram horas e mais horas de conversas pelo WhatsApp, em diferentes grupos ligados à Jovem, ora apenas observando o que se dialogava, ora interagindo com os torcedores sobre os mais diversos assuntos envolvendo a torcida organizada e a própria pesquisa. Foram realizadas ainda entrevistas com interlocutores, ainda que eu privilegiasse mesmo os papos que eram travados no curso dos acontecimentos.

Enfim, foi um trabalho dos mais desgastantes, que se encerrou oficialmente em 23 de setembro de 2023, no jogo em que o Botafogo-PB perdeu por 3 a 2 para o Paysandu-PA, pelo quadrangular de acesso da Série C do Campeonato Brasileiro daquele ano.

Haveria mais um jogo do Belo em casa, mas as torcidas organizadas botafoguenses resolveram à época promover o protesto “público zero” contra o clube e nenhum torcedor da TJB foi autorizado a ir ao estádio naquele 30 de setembro de 2023, quando o Belo jogaria e perderia para o Volta Redonda-RJ por 2 a 1, o que antecipou em uma semana o término de minha pesquisa de campo.

De toda forma, já após a derrota para o Paysandu-PA e antes mesmo do protesto ser anunciado, eu percebia que o acesso à Série B daquele ano não se concretizaria, frustrando todos os botafoguenses que ansiavam por tal feito¹³. Ao término daquele jogo, pois, eu agradei a muitos de meus interlocutores por toda a parceria firmada no curso de dois anos e dei como encerrado o trabalho etnográfico. Por sinal, apenas para constar, era pretensão minha escrever nesta tese um “capítulo extra sobre o acesso”, o que obviamente não foi possível de ser feito.

Por fim, eu gostaria de registrar que tentei firmar ao longo deste trabalho um profundo diálogo com uma série de autores e autoras das mais diversas áreas do

¹³ Sobre o assunto, penso ser importante registrar que, tendo sido campeão da Série D em 2013, o Botafogo-PB joga a Série C nacional de forma ininterrupta desde 2014. Em quatro oportunidades desde então (2016, 2018, 2021 e finalmente 2023), chegou à fase em que se disputa o acesso para a Série B do Campeonato Brasileiro, tendo fracassado em todas elas. Nos últimos dez anos, o tal acesso é de forma disparada o principal sonho do torcedor do Belo.

conhecimento, fundamentais para o resultado final que ora apresento. Ainda assim, mesmo que se trate de uma pesquisa acadêmica que não fuja dos pretensos rigores de uma tese de doutoramento, trata-se ao mesmo tempo de um texto que, como será possível perceber ao longo das páginas que se seguirão, não esconde suas emoções. As paixões, os sonhos, as alegrias, os êxtases, as catarses, mas também as dores, os medos, as frustrações, os pavores, os sufocamentos que o futebol e o torcer podem proporcionar.

Entrando em campo: glossário analítico sobre um dialeto torcedor

Alemão: forma genérica de chamar qualquer integrante de torcidas rivais.

Aliança: é a mais forte relação entre torcidas organizadas.

Amizade: uma relação fraterna entre torcidas organizadas, que, no entanto, é mais fraca do que a aliança. Trata-se de um termo que foi debatido na antropologia em outros contextos etnográficos. Como, por exemplo, no caso da pesquisa de Rezende (2010), que discute como se dão as relações pessoais no mundo contemporâneo a partir de cidades como Rio de Janeiro e Londres.

Arquibancada Sol e Arquibancada Sombra: são os dois maiores setores do Estádio Almeidão, de João Pessoa. Possuem esses nomes autoexplicativos justamente porque a praça esportiva pessoense é posicionada de tal forma que, em jogos à tarde, o sol se põe por detrás da Arquibancada Sombra e de frente para a Arquibancada Sol, fazendo com que o torcedor tenha uma experiência muito mais confortável no lado da Sombra. Justo por causa disso, a Arquibancada Sol é o setor com ingressos mais baratos e, conseqüentemente, território da TJB, que é composta em geral por torcedores pobres e moradores de periferia.

Arrastão: é a forma como os próprios torcedores organizados se referem à mobilização torcedora pelas ruas de uma cidade e que dialoga também com um comportamento da periferia de ocupar espaços urbanos em que ela é indesejada sob a ótica estatal. É o caminhar coeso dos torcedores organizados pelo meio da rua, abandonando a calçada, e que em geral vai de uma concentração previamente definida até o estádio de futebol. É mais comum em caravanas ou em dias de “jogos quentes”, em que embates com torcedores rivais são mais esperados. Serve para mostrar força própria e também para evitar que torcedores cheguem ao estádio sozinhos ou em pequenos grupos, o que os tornam mais vulneráveis a emboscadas.

Atividade: é a (possível) movimentação de uma torcida organizada rival em sua tentativa de dar um ataque. Em geral, é uma expressão usada como alerta, para advertir os torcedores de uma torcida sobre eventuais movimentações suspeitas de um rival. Numa caravana, por exemplo, sempre que um carro suspeito é avistado ou uma movimentação atípica na beira de uma estrada é percebida, grita-se algo como “olha a atividade, parceiro”, para que o resto do ônibus fique em alerta e se prepare para um ataque eventual ou para a possibilidade de uma pista. Às vezes, o alerta não passa de um alarme falso. Às vezes, o ataque ou a pista é iniciado pouco depois do grito.

Atraso: remete à derrota numa pista entre torcidas organizadas. “Dá um atraso” quem vence a pista. “Leva um atraso” quem perde. São expressões muito usadas no cotidiano das torcidas e, em regra, quem leva um atraso se organiza e tenta se preparar melhor para dar o troco numa oportunidade futura.

A tropa: o termo é usado (apenas pelos próprios integrantes da torcida) como uma espécie de coletivo para “torcedores de pista da TJB” (*ex.:* “*a tropa vai em peso para o jogo hoje*”). Eventualmente outras torcidas podem usar a mesma expressão, mas sempre se referindo a si mesmas.

A Tropa do Netinho: usada assim mesmo, como nome próprio, a expressão tem significado parecido ao do termo anterior. Essa variação, contudo, é mais específica. Refere-se obrigatoriamente aos torcedores de pista que são da formação atual da TJB, numa referência ao nome do presidente da torcida, famoso entre seus pares pelo desempenho em pistas contra torcidas rivais.

Baculejo: revista policial aleatória, feita no meio da rua e sem motivos aparentes, em geral em pessoas negras e em torcedores organizados.

Bancada, cimento, concreto: nomes alternativos para se referir à arquibancada. Não são expressões necessariamente exclusivas dos torcedores organizados, mas esses usos são mais frequentes entre eles.

Bandeirão: bandeira de grandes proporções, que pode chegar a 100 metros de largura e que fica em geral guardada na base das arquibancadas. É aberta apenas em momentos apoteóticos, como a entrada do time em campo ou na hora de um gol. É sinônimo de *status* entre as torcidas organizadas, inclusive por causa do alto valor de confecção.

Bateria: como o nome indica, é a percussão de uma torcida organizada. É o coração, o pulsar, o ritmo, a cadência da agremiação. Tem grande protagonismo, grande valor simbólico, mesmo em casos como o da TJB e das demais torcidas organizadas da Paraíba, inclusas numa categoria que poderia ser denominada de “torcida que não samba”. Essa distinção é necessária porque, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, existe uma cismogênese (Bateson, 2006) em agremiações do tipo que são, ao mesmo tempo, torcidas organizadas e escolas de samba. Esse é um assunto, a propósito, já amplamente pesquisado em áreas como a história (Hollanda; Medeiros, 2018), a antropologia das práticas esportivas (Souza Junior, 2022), entre outras. No mais, apenas para efeito de registro, a TJB possui o que ela batiza de Bateria Maioral.

Batismo: ritual pelo qual todo torcedor organizado passa em sua primeira atividade na Jovem e também na primeira caravana de que participa. Consiste em passar (ida e volta)

por um “corredor polonês”, em que os demais integrantes em fila dupla podem bater como quiserem naquele que está sendo batizado. A pessoa passa em geral correndo enquanto leva os murros. Quem bate pode usar a força que quiser e só precisa respeitar duas regras: não pode bater no rosto, não pode obstruir a passagem.

Beca: uniforme das torcidas organizadas.

Becado ou andar becado: torcedor usar e/ou circular com uniforme completo da torcida organizada.

Bonde: subdivisão da TJB, espécie de subsedes, separadas por bairros da Grande João Pessoa. É uma nomenclatura usada por outras torcidas organizadas do país, mas não por todas. Em todo caso, vai provocar um importante debate sobre a ideia de segmentação defendida por Goldman (2006) ao discutir os níveis de autonomia com relação à torcida organizada que essas subdivisões passam a adquirir com o tempo.

Bonde Feminino: é a ala feminina da torcida organizada, que reúne todas as mulheres da agremiação. É o único bonde que não respeita uma questão geográfica. Em geral, as mulheres da TJB integram a própria torcida, o bonde de seu bairro e o Bonde Feminino (ou BF).

Boyzinha: gíria que os homens costumam usar para se referir às mulheres da torcida. Na Paraíba, não é uma gíria exclusiva ao futebol, mas muito usada no contexto das torcidas organizadas.

Brecar: proibir uma pessoa de frequentar algum espaço ou de participar de alguma atividade de determinada torcida organizada. Interromper uma atividade torcedora por causa de algum ato que vá de encontro à ideologia torcedora.

Caminhada: refere-se ao tempo de torcida organizada, à bagagem que cada torcedor carrega na agremiação, sendo valorizado aqueles mais antigos e que têm um histórico de respeito às ideologias torcedoras. Ter uma caminhada na torcida organizada significa ter história para contar, ter experiência, ser respeitado pelos seus pares.

Caravana: nome dado às viagens que as torcidas organizadas realizam para assistir a jogos fora de sua cidade de origem.

Caveira: símbolo da TJB, o termo pode ser usado como substantivo próprio para se referir à própria torcida.

Colar (ou estar colado): é a expressão que talvez mais se aproxime da ideia de “ser torcida”. É fazer parte da torcida organizada, se fazer presente, ser um componente assíduo e participativo no cotidiano torcedor e nos vários eventos da agremiação. Remete

também a um sentido de aliança entre torcidas organizadas (*ex.*: “*A Gang Alvinegra cola com nós da TJB*”).

Colocar para dormir: nocautear um torcedor rival.

Comédia: vacilão. Aquele torcedor que faz alguma besteira, que vacila contra um colega de torcida ou contra a própria coletividade torcedora (*ex.*: *Fulano é um comédia*).

Comer mosca ou moscar: vacilar. Muito usado quando algum torcedor sai sozinho becado, em dia de jogo de risco, dando margens a sofrer um ataque.

Covardia: é o ato deliberado de uma torcida organizada desrespeitar as regras previstas na ideologia da pista.

Dar o papo: dar a ordem. Definir como certa atividade torcedora vai acontecer. Isso porque, nas torcidas organizadas, existe um aguçado senso de hierarquia, em que as decisões tomadas pelo presidente e pela diretoria precisam ser respeitadas (*ex.*: “*O presidente já deu o papo. É para viajar todo mundo becado*”).

Disciplina: é a mesma dinâmica do “batismo” (ver verbete correspondente), com a diferença de que não é usada para torcedores novatos, mas para aqueles que desrespeitem regras importantes da torcida organizada e que por isso precisem ser punidos. Trata-se de uma categoria recorrente no campo etnográfico da antropologia urbana e que percorre as periferias das cidades, sendo ressignificada por diferentes atores sociais que circulam por essas áreas periféricas. Por exemplo, Biondi (2018) analisa essa mesma categoria no contexto do crime organizado em São Paulo. Em paralelo a isso, outros sentidos são construídos para a mesma expressão na Gaviões da Fiel, torcida organizada ligada ao Corinthians-SP.

Disposição: é viver o cotidiano da torcida em sua totalidade e em sentido amplo. Estar pronto para as pistas, mas também se fazer presente nos eventos e nas caravanas, fortalecer e colaborar com os projetos sociais, apoiar os companheiros de arquibancada, defender o patrimônio, os materiais, a própria história da torcida organizada da qual se faz parte. Em termos caros aos próprios integrantes, é “ser torcida” e não apenas fazer parte da torcida.

Emboscada ou ataque: estratégias adotadas por uma torcida organizada (sozinha ou com a ajuda de aliadas) para enfrentar uma rival que esteja em menor número no momento ou para pegá-la de surpresa, em geral com o objetivo de conquistar troféus da adversária.

Emocionado (ou se emocionar): numa pista, é o torcedor afoito, que quer ir para cima de todo jeito. É mais comum entre os novatos, sem tanta experiência, que acabam quebrando a linha de frente de sua torcida, desrespeitando regras da pista ou dando

margens para a torcida rival dar um contra-ataque. É usado também para quem, na ânsia de contar vantagens nas redes sociais, acaba por revelar informações sigilosas da própria torcida. Emoção também é temática de uma antropologia das emoções. A respeito disso, ver VÍCTORA e COELHO (2019).

Esticar a linha: falar com quem manda. No contexto da pesquisa, recorrer ao “crime” para resolver problemas ocorridos numa pista. Prática altamente condenada pelas torcidas organizadas, mas que eventualmente acontece por parte de algum torcedor.

Faixa: é o principal item de uma torcida organizada e, muito por isso, o mais visado pelas torcidas rivais nos momentos de embates. A faixa fica sempre afixada no alambrado da arquibancada, exatamente onde a torcida organizada está posicionada. Representa tanto a prova da presença da torcida no estádio como a sua localização na arquibancada.

Fortalecer as ideias: a expressão tem sentido amplo. Significa fazer o que está ao alcance de cada um para que a torcida organizada funcione e seja fortalecida enquanto entidade. É colar nos eventos, trabalhar para que uma mobilização da torcida organizada saia do papel e vire realidade, abraçar os projetos em curso.

Guerra: termo usado normalmente para descrever um estado de conflito deliberado entre duas torcidas organizadas de um mesmo clube. Essas agremiações em regra mantêm uma relação de tolerância mútua, mesmo que nem sempre se gostem, mas, de tempos em tempos, pode haver uma escalada da animosidade que leva ambas para a pista. O termo também foi vulgarizado no jargão jornalístico a partir dos anos 1990, com o aumento dos conflitos torcedores na Região Sudeste, sobretudo no Rio de Janeiro e em São Paulo. Por sinal, “guerra” é outro conceito amplamente discutido no campo da antropologia, a partir de autores como LEINER (2001) e CLASTRES (2004).

Ideologia: um amplo conjunto de regramentos definidos tanto pela própria torcida como nas relações entre torcidas, que vai nortear a expectativa de comportamento que cada torcedor organizado deve obedecer. E, justo por causa dessa expectativa de comportamento que permeia inclusive o que torcidas rivais esperam umas das outras, existe, na ideia de ideologia, uma dimensão política sobre o torcer. Fala-se em ideologia, por exemplo, para a pista, para o baile, para a caravana, para a arquibancada etc. “Você tem que entender da caminhada para poder ser torcida”, explicou-me certa vez um dos diretores da TJB ao tentar explicar o conceito. Ideologia pode remeter ainda à noção de “hierarquia”, o que mobiliza autores como LOUIS DUMONT (2008). O autor, no entanto, deixa claro que não trata do termo no sentido que acabou sendo consagrado pela época moderna, que o vê como sinônimo de estratificação social, como algo envergonhado, não

consciente, reprimido. Ao contrário, Dumont (2008, p. 118, grifo do autor) vai defender um conceito mais valorativo, que “ordena uma classificação dos seres segundo seu grau de dignidade” e funcionando assim como “*princípio de gradação dos elementos de um conjunto com relação ao conjunto*”. Logo, voltando ao contexto das torcidas organizadas, pessoas que recorrentemente agem sob as diretrizes das ideologias torcedoras vão, com o tempo, sendo valorizadas pelos seus pares e galgando posições mais hierarquizadas dentro dessa estrutura.

Jogo frio: partida contra clubes sem rivalidades, sem memória de inimizade entre os dois lados torcedores.

Jogo quente: partida com a presença de torcidas rivais.

Lado A e Lado B: são espécies de identidades coletivas existentes entre torcidas organizadas nordestinas e que são antagônicas entre si. Logo, vai servir para identificar uma série de agremiações aliadas e rivais. Não representam, contudo, uma divisão perfeita, já que torcedores de um mesmo lado poderão eventualmente ser rivais (e vice-versa). Ainda assim, mesmo na imperfeição da divisão, essas são identidades acionadas a todo o momento. Por exemplo, a TJB e as demais torcidas organizadas do Belo estão no Lado B e essa expressão está comumente presente em músicas e em gritos de guerra. E as principais rivais das torcidas do Belo estão no Lado A, o que confirmaria o antagonismo entre os lados. Ainda assim, há exceções, o que obriga a sempre ponderar essas possibilidades ao analisar mais de perto esses lados.

Linha de frente: num arrastão ou numa pista, é a primeira fileira de torcedores. São os torcedores mais fortes, mais experientes, mais “bons de briga” que ficam na linha de frente. Eles delimitam o início da torcida e vão dar o primeiro combate em caso de pista com outra torcida organizada.

Maioral: apelido dado à Torcida Jovem do Botafogo-PB.

Malícia: pensar (ou agir com) maldade contra um torcedor organizado (*ex.: Fulano está de malícia conosco*).

Material: forma genérica de se referir aos itens das torcidas organizadas.

Mola: expressão polissêmica usada para definir compromissos alheios à torcida, como trabalho, soluções de problemas, ocupações outras que justifiquem ausência ou atraso nas atividades da torcida. Em sentido figurado, pode ser utilizado como desafios a serem enfrentados (*ex.: “Estamos todos na mesma mola”*).

O crime: forma genérica de se referir ao crime organizado.

Os homens (ou “os hõmi”): policiais militares.

Pano: camisa de torcida organizada.

Parceiro: forma usual de os torcedores organizados se chamarem.

Passar a visão: falar o que é certo, registrar sem meias palavras a forma correta de como proceder, fazer uma leitura cirúrgica sobre uma situação específica envolvendo as dinâmicas torcedoras. Tudo isso dentro dos preceitos previstos pela ideologia das torcidas organizadas.

Peça: revólver, arma de fogo em geral (*estar peçado: estar armado*).

Pista: embate físico entre torcidas rivais.

Pista limpa: embate entre torcidas rivais sem o uso de artefatos que façam um dos lados levar vantagem. É a “briga na mão”, segundo termo êmico.

Pista quente: embate mais intenso entre torcidas organizadas rivais (*a pista vai ferver ou o bagulho vai ser doído: expectativa gerada por uma pista quente, previsão de que a pista vai pegar fogo, vai ser ainda mais intensa ou mais violenta do que a média, independentemente de ser limpa ou suja*).

Pista suja: embate entre torcidas rivais com o uso de artefatos como bombas caseiras, rojões, barras de ferro etc., e que fazem um dos lados levar vantagem.

Playboy ou playboyzada: torcedor de classe média ou alta. É como a TJB se refere de forma crítica aos torcedores da Arquibancada Sombra e do Setor de Cadeiras do Estádio Almeidão, que, em geral, têm uma melhor condição financeira. É usado também, num certo sentido figurado, aos torcedores da Arquibancada Sol que permanecem todo o jogo sentado, que não seguem a forma de torcer mais vibrante e festiva das organizadas.

Povão: é o dito torcedor “comum”. Forma como os torcedores organizados se referem aos torcedores que não integram nenhuma torcida organizada.

Primeiro escalão e segundo escalão: como a grande maioria dos clubes de futebol tem mais de uma torcida organizada de pista, convencionou-se dividi-las em primeiro escalão e em segundo escalão. A torcida de primeiro escalão é vista como a maior e mais antiga. A torcida de segundo escalão é menor, mais recente, em regra uma dissidência da primeira. No contexto do Botafogo-PB, pois, a TJB é primeiro escalão, a Fúria Independente é segundo escalão.

Procedimento: é uma expressão com sentido fluido, que pode ser usada em vários contextos distintos, mas que remete sempre a uma dimensão moral da conduta torcedora. Se preferir, é a definição de uma ética torcedora que deve ser levada em consideração pelos integrantes de organizadas.

Puxador: espécie de maestro da torcida organizada. Função que em geral é exercida por alguém de respeito na torcida, que costuma ficar de costas para o jogo e de frente para os torcedores, indicando as músicas, as coreografias, as performances torcedoras.

Rival: torcida adversária.

Rodar: ser preso.

Treva: é usado como adjetivo para designar o torcedor organizado corajoso, destemido, que tem disposição para a pista, para os embates e para as caravanas mais arriscadas. Para pegar um sinônimo usado pelas próprias torcidas organizadas, é o “torcedor doideira”. Pode ser usado também para se referir a um evento torcedor que igualmente foi “doideira” (*ex.: Aquele dia lá foi treva*).

Trocação (ou trocação aberta): troca de murros com as mãos limpas, com os dois lados em igualdade de condições e sem usar nenhum outro tipo de artifício para levar vantagem a não ser as próprias mãos – e os próprios murros.

Troféu: espólio conquistado por uma torcida em meio a uma pista ou emboscada. Qualquer material de uma torcida que é conquistada por uma rival.

Velha guarda: integrantes mais velhos da torcida organizada, que ainda frequentam o estádio, são respeitados pelos integrantes mais jovens, mas que em geral já não participam das atividades cotidianas da agremiação.

Virar bandeira: morrer. Nas torcidas organizadas, sempre que morre algum torcedor, principalmente se essa morte acontece durante algum compromisso da entidade, é comum homenageá-lo confeccionando uma bandeira da torcida com o seu rosto e o seu nome, daí a origem da expressão (*ex.: “Fulano virou bandeira”; “Cuidado, que eu não quero virar bandeira*).

Zona: divisão espacial da Grande João Pessoa e reconhecida por diferentes torcidas organizadas da cidade. São quatro as zonas: Norte, Sul, Leste e Oeste. Em cada zona, existem vários bondes, o que faz delas, no caso da Jovem, uma subdivisão intermediária maior do que os bondes e menor do que a própria TJB.



Mapa 01 / Mapa de João Pessoa / Diogo Almeida / 10 de outubro de 2024¹⁴

¹⁴ Wikimedia (2020), alterada pelo autor, por meio da licença CC-BY-SA-4.0. Disponível em: <<https://tinyurl.com/ysd4394y>>. Acesso em: 10 out. 2024.

Capítulo 1. Andanças pela cidade

As dinâmicas torcedoras não estão resumidas ao estádio ou ao seu entorno. Nem mesmo às andanças do bairro até o estádio. Claro que isso faz parte do torcer e significa instante importante para a vivência torcedora, mas nem de longe representa a totalidade de possibilidades que cercam uma torcida organizada como a TJB. Na verdade, os torcedores organizados modificam em algumas circunstâncias uma aparente lógica vigente e ampliam as suas experiências pelas cidades, pelos bairros, principalmente pelas periferias.

Da mesma forma, o tempo esportivo também não define o torcer. Afinal, esse não se resume ao dia da partida ou à semana que antecede um jogo importante. Não se resume nem mesmo ao período que dura uma temporada de futebol.

É a torcida organizada vista como algo que está em constante relação com sua comunidade e com sua vizinhança independentemente de quão distante estará a data do próximo compromisso futebolístico.

Pois, neste primeiro capítulo, convido o leitor a permanecer longe do estádio de futebol. Tentando entender a relação da torcida em seus contextos. As complexas relações que existem internamente, no interior da TJB, mas também com outros atores que coexistem nas mesmas periferias.

1.1 O tempo do torcer

Felipe Puxador¹⁵ está diante de um grupo grande de torcedores. É algo em torno de 500 pessoas postadas de frente para ele, esperando os seus comandos. Estão todos becados e atendem sempre aos chamados daquela figura central. Felipe, ao contrário dos demais, está sem camisa, usa uma bermuda e um boné para trás, ambos da TJB, grita e gesticula freneticamente. O esforço não é pequeno. E isso pode ser percebido na forma como o suor escorre em abundância pela sua pele.

¹⁵ Todos os nomes citados na tese são reais e publicados mediante autorização. Privilegiei sempre usar a forma como os torcedores são (re)conhecidos pelos seus pares, companheiros de torcida organizada. Não me preocupei, portanto, em necessariamente identificá-los também pelos seus sobrenomes, ainda que isso possa acontecer em alguns casos. E, sempre que o apelido era mais famoso do que o nome, o primeiro prevaleceu. Os leitores em geral não precisam saber exatamente de quem eu falo para entender as histórias que serão contadas aqui, mas acho fundamental que os torcedores se reconheçam nelas. Afinal, são, acima de tudo, as histórias deles que serão analisadas.

Ele se comporta como uma espécie de maestro. Define a música, o grito de guerra, o coro que será entoado a seguir. Grita forte. Espera a resposta. Reclama se essa não vem na intensidade esperada. Coloca as mãos abertas por trás das orelhas, num sugestivo sinal de que quer ouvir toda a música que aquelas cinco centenas de vozes são capazes de produzir. É obedecido na intensidade que julga ideal e se instiga na mesma proporção em que consegue instigar os presentes. Todos cantam juntos a plenos pulmões. Um som que reverbera e se propaga cada vez mais.

Quando se empolga com o resultado, abre os braços em júbilo, em posição tal que mais parece comemorar um gol. Vai, a partir daí, iniciar um movimento contínuo, sempre com os braços abertos, regendo as palmas fortes e ritmadas por cima das cabeças. Em meio a tudo isso, segue-se cantando empolgadamente músicas alusivas ao futebol, ao Botafogo da Paraíba, principalmente sobre TJB e sobre temas que remetem ao seu universo contendor, tais como Caveira, A Mais Temida, aquela que veste preto. Dirige-se também aos rivais, sempre de forma jocosa, irônica, depreciativa, agressiva, recursiva.

Enquanto toda essa cena se passa, a Bateria Maioral segue o seu compasso. O ritmo é forte, empolgante, alto. Ajuda a incendiar a mobilização. A tornar tudo mais festivo e contagiante. Cria um clima que contribui para a performance coletiva. E que colabora, talvez, para que todos os gestos e cânticos sejam seguidos de um jeito ainda mais vigoroso pelos demais torcedores arrebatados.

Inflamados pelo puxador, pela bateria, pela música, centenas de torcedores transformam-se numa aparente e provisória unidade. Até que, enfim, Felipe começa a pular de forma exagerada e provocativa. Instantaneamente, a multidão o acompanha mais uma vez. Pulam juntos e fazem vibrar ainda mais, como se isso fosse possível, o ambiente.

É o instante máximo da catarse coletiva, do êxtase que dá vazão a várias formas de emoções. Iniciam algo semelhante a uma roda de pogo¹⁶, acendem sinalizadores pretos, que representam a torcida¹⁷, e vermelhos, que remetem à cor da estrela no escudo do clube. Embalados pelos sinalizadores, talvez, tomam completamente o ambiente, empunham e embalam as suas bandeiras da TJB sustentadas por longos mastros de cano ou bambu. Depois, puxam o bandeirão para encobrir todo o espaço. Por trinta segundos, talvez um minuto, é possível observar toda aquela área tomada por um gigante manto

¹⁶ A expressão eu peguei de *punk* e do *rock*. São aquelas danças em que as pessoas buscam se chocar umas nas outras para um combate simulado em meio à música e à festa.

¹⁷ Na dissertação eu defendo que torcedores de futebol de um mesmo clube nunca formam uma unidade, e, por isso, é preferível se usar o termo “torcidas”, no plural. Essa regra vai ser respeitada aqui, salvo quando a referência, como neste caso, for de fato a uma torcida organizada específica.

listrado em preto e branco que é tremulado por todos os que estão por baixo. Quando finalmente é recolhido, percebe-se que ele teve a função de prolongar o estado de transe torcedor. Todos seguem pulando, cantando, sendo embalados e regidos por um puxador cada vez mais ensandecido.

Ele grita, entoa, canta alto e com vigor:

– Terror da capital, eu sou Lado B. Sou a Maioral, sou da TJB.

A resposta segue rápida, quase imediata, e todos passam a cantar juntos aquele que é considerado pelos seus integrantes o hino da Torcida Jovem do Botafogo-PB. Num alargamento de torpor que vai durar algo em torno de quinze minutos ininterruptos e que tem um poder cada vez mais mobilizador. Aquelas pessoas que estavam mais à margem vão buscando o centro, já ocupado, e isso torna a cena mais difícil de explicar, tamanha a sensação de apoteose que se forma. Principalmente porque uma única performance catártica como aquela se torna uma experiência muito mais duradoura do que acontece em regra num dia de jogo do Belo.

Pois é, o que eu não registrei de início, mas faço agora, é que toda a cena presenciada não se passou na Arquibancada Sol do Estádio Almeidão nem em nenhum outro estádio de futebol em que o Botafogo-PB eventualmente possa jogar. Não era nem mesmo dia de jogo do Belo naquele 26 de novembro de 2022.

Aliás, a última partida botafoguense havia acontecido em 13 de agosto, válida pela última rodada da primeira fase da Série C do Campeonato Brasileiro daquele ano e vencida pela Aparecidense-GO por 1 a 0. O clube de João Pessoa, portanto, havia sido precocemente eliminado da competição nacional e encerrado a sua temporada mais de três meses antes daquele dia. Mas nem aquela dura realidade futebolística fora capaz de desmobilizar os torcedores organizados da TJB.

A saber, toda a cena descrita aconteceu durante um baile *funk* da torcida organizada, festa essa que costuma acontecer em todos os fins de anos. Mas aquela tinha um significado especial. Tratava-se do Baile de 25 Anos da TJB e tudo nele foi pensado para ser o mais grandioso possível. A festa foi organizada na casa de show Nova Querência, em Cruz das Armas¹⁸, com início às 17h e término já perto do amanhecer do dia seguinte (Figura 01).

¹⁸ Bairro periférico de João Pessoa e cujo nome batiza um dos bondes mais tradicionais da TJB. A saber, a grande maioria dos bairros citados aqui serão periféricos, de forma que, a partir de agora, eu indicarei apenas quando algum citado não for considerado parte de uma periferia.

Aquele instante, inclusive, eu acompanhei bem de perto do puxador e da bateria, que juntos formavam uma das treze atrações que se apresentariam naquela noite. Eles estavam em um palco de concreto localizado no fundo de um grande salão retangular (considerando a perspectiva de quem entra no local, o lado oposto) e ficavam mais ou menos três metros acima dos demais torcedores. Com a pretensão de tirar fotos da apresentação, também subi ao palco. Mas, de repente, estava apenas observando tudo de uma forma completamente atônita.



Figura 01 / Baile de 25 Anos da TJB, realizado na casa de Show Nova Querência, em João Pessoa / Phelipe Caldas / 26 de novembro de 2022

É óbvio que, depois de tantos meses acompanhando aqueles torcedores, eu já havia visto arrebatamentos como aquele dentro do Almeidão. Mas, no estádio, a performance torcedora em geral é mais cadenciada, reservando-se esses momentos de ápices para a hora do gol, para a entrada do time em campo, para o momento derradeiro em que o árbitro apita o fim do jogo e quando se percebe que algo realmente importante foi conquistado ali.

No baile, contudo, como eu já disse, o prolongamento da performance chamava-me ainda mais atenção. E fazia-me refletir ali mesmo sobre algo que há muito eu já vinha divagando: o “tempo do torcer”. Digo isso porque existe uma certa prevalência nas

pesquisas acadêmicas sobre torcidas de futebol de se enxergar o estádio e as arquibancadas como questões centrais do debate. Torcidas que existem fundamentalmente em sua relação com o time do coração e com o ritual periódico de migrar a um estádio para vivenciar o futebol. De forma que tudo o mais seria consequência desse destino prioritário.

As festas, as caravanas, os arrastões, os encontros, mesmo as pistas, todas essas categorias seriam formas de se convergir para a praça esportiva onde o torcer chegaria ao seu patamar máximo. E, por certo, esse jeito de pensar é privilegiado porque a arquibancada é mesmo onde as formas de torcer se tornam mais visíveis, e também porque assim foi estruturado desde os seus primórdios. Malaia (2011, p. 52), por exemplo, destaca que, desde os anos 1910, o torcer já era concebido como o “ato de apoiar uma equipe de futebol de maneira efusiva, com cânticos e gritos”. Aliás, o autor, nesse mesmo artigo, utiliza-se da bonita expressão “ir ao futebol” (Malaia, 2011, p. 57) ao debater a noção de torcedor. Um ator social que “gritava, gesticulava, apoiava seu time e ofendia os adversários” (Malaia, 2011, p. 57).

De toda forma, a ideia de “ir ao futebol” concebe um local próprio para se torcer e conseqüentemente vai criar um tempo do torcer. Que eventualmente poderá e será alargado, mas que ainda assim manterá uma certa centralidade no estádio e nos 90 minutos que cercam uma partida de futebol.

Não é uma perspectiva errada, apresso-me em registrar. Nem nego aqui a potência que as praças esportivas têm na existência e na força coletiva das torcidas organizadas. Toledo (2022) e Hollanda (2011), por exemplo, são autores que atestam que as primeiras torcidas organizadas brasileiras nasceram em São Paulo e no Rio de Janeiro a partir dos estádios do Pacaembu e do Maracanã respectivamente. E só depois essas sociabilidades torcedoras vão se alargando para as outras partes das cidades. Aliás, essa mesma dinâmica aconteceu com a própria TJB, que nasceu na Arquibancada Sol do Estádio Almeidão e só posteriormente foi se ramificando pelos bairros periféricos da capital paraibana.

Eu mesmo, por sinal, durante a pesquisa de mestrado, adotei essa metodologia de iniciar os debates dentro do estádio de futebol e só pouco a pouco alargar a atenção para outros espaços nos quais as torcidas invariavelmente se encontravam. Primeiro o estádio, depois o entorno do estádio, os bairros próximos, as outras partes da cidade e, por último, outras cidades para onde as torcidas viajavam para assistir a jogos fora de casa¹⁹.

¹⁹ A expressão “jogo fora de casa” se refere a partidas cujo mandante é o clube adversário, de preferência em casos em que a sede desse clube fica numa outra cidade.

Nesta tese, no entanto, eu pretendo fazer o caminho inverso, numa reflexão que se inicia nos bairros da capital paraibana, distante do estádio e, por vezes, dos dias de jogos, para só depois adentrar o Almeidão e o seu entorno. E adoto essa estratégia principalmente porque, ao centralizar tanto os debates em torno do estádio, corre-se o risco de fazer crer que o tempo do futebol é necessariamente o mesmo tempo do torcer. E que este só existe naquele. Pois é justamente essa ideia que eu pretendo debater.

Quero aqui, talvez, propor o mesmo movimento feito por Guedes (1997, p. 55), que defende uma problematização da ideia de centralidade nos espaços urbanos e, conseqüentemente, questiona “uma percepção rígida de onde estejam o centro e a periferia”. Uma perspectiva que privilegia “uma cidade que não pode ser fotografada e não está nos mapas geofísicos porque se compõe, justamente, de experiências e vivências comuns que são evocadas pelas formas urbanas” (Guedes, 1997, pp. 77 e 78).

Assim, tanto as diferentes periferias urbanas em que estão inseridas a TJB como uma série de outros espaços para além do estádio poderão, em algum momento, ser alçados à condição de centralidade privilegiada da vivência torcedora, negligenciando aquilo o que antes era visto como central e pondo-o assim à margem. Ainda que essas definições sejam em regra modificáveis e negociadas.

De toda forma, é o que Vogel, Mello e Mollica (1980, p. 13) chamam de “vida comunitária”, que, ainda de acordo com os autores, tem a rua como lugar ideal e pode ser “jogos, reuniões, festas, encontros, cerimônias, e atividades assemelhadas que se oponham às ideias de privacidade e de intimidade”.

E se não existe uma centralidade definível nos espaços urbanos, isso também não deve ocorrer nas divisões do tempo. Afinal, como nos mostra Halbwachs (1990), embora sejam fixadas a partir de convenções e costumes definidos coletivamente, não são imutáveis nem se sujeitam à disciplina social. E, muito por isso, essas tais divisões do tempo não são necessariamente harmônicas, podendo diferir e adotar sentidos distintos a depender de quem as confronta.

Ademais, é Elias (1998) quem vai falar criticamente de um tempo que, não raro, se apresenta como coercitivo e como algo que se sugere “inato” à consciência humana, que precisa ser respeitado, que exige pontualidade para início e fim de certas ações e tarefas, que são vistas como seqüências observáveis de acontecimentos. Curiosamente, é o mesmo Elias (1992, p. 40) que relega para um “tempo de lazer” o torcer, ou, nas palavras dele, a “assistência a [...] confrontos não violentos de habilidades corporais a que chamamos ‘desporto’”.

Pois a minha sugestão é simplesmente que, dentre tantas formas de torcer que se concentram mais detidamente no estádio e no momento do jogo, aquelas produzidas por torcidas organizadas como a TJB quebram essa coerção do tempo do torcer previsto pelo futebol masculino e de espetáculo e deixa-o bem mais espreado. Não se resumindo, como já dito, aos dias de jogos. Não se resumindo muito menos ao chamado “tempo de lazer”. E isso pode ser notado também quando os associados a essas agremiações usam a expressão “ser torcida” para definir um certo estilo de vida enquanto torcedor organizado.

É um torcer, portanto, mais prolongado. Que ganha a cidade, a periferia, o além-estádio e o além-temporada. Isso é tão forte, a propósito, que vale citar trabalhos como o de Bonez e Zanini (2022), que analisam a Torcida Organizada do Riograndense (TOR), do Riograndense Futebol Clube-RS. Uma identidade torcedora coletiva que ainda sobrevive e que é acionada pelos seus componentes através da memória, mesmo num clube que já não disputa o futebol profissional desde 2017.

No mais, é claro que é bom quando tem jogo. Quando a coletividade torcedora sai pelas ruas da cidade rumo ao estádio e ao próximo duelo. Eles anseiam por esses momentos, a bem da verdade, e esse é um discurso facilmente perceptível empiricamente entre integrantes da Jovem. Mas, ainda assim, as experiências torcedoras das organizadas não se encerram com o jogo. Existem à revelia do futebol.

É por isso que os integrantes da TJB continuaram a se encontrar de forma periódica independentemente dos quatro meses de hiato em que o Botafogo-PB permaneceu sem entrar em campo²⁰. Realizaram festas e reuniões, promoveram rifas para arrecadar dinheiro, venderam produtos oficiais, seguiram a cantar juntos, a andar becados pelos bairros da capital paraibana, a se encontrar na periferia, a realizar ações sociais nessa mesma periferia da qual eles fazem parte, a reforçar alianças e rivalidades com outras torcidas organizadas. E, se o intervalo entre o último jogo oficial do Belo em 2022 para o primeiro de 2023 foi de 145 dias, integrantes da TJB não passaram mais do que seis dias sem se encontrar entre o fim de 2022 e o início de 2023.

– Torcida não tira férias – resumiria Netinho²¹, o presidente da TJB desde 2019, ao conversar comigo certa vez.

²⁰ Como tema lateral a esse debate, pode-se refletir também sobre a questão do calendário do futebol brasileiro, que cada vez mais privilegia uma pretensa elite em detrimento dos demais clubes. Afinal, é bastante problemático se pensar em um clube de Série C de Campeonato Brasileiro que chega a ficar quatro meses sem futebol a cada temporada. Um problema, aliás, que se torna ainda mais grave nos casos de clubes que estão fora das quatro divisões nacionais e que atuam exclusivamente nos campeonatos estaduais.

²¹ Interlocutor fundamental no curso da pesquisa, Netinho foi assassinado a tiros em 10 de julho de 2024, depois da defesa da tese e antes dela ser submetida ao repositório da UFSCar. A fim de evitar

E eu não falo aqui de “simples” encontros entre amigos. De uma despreziosa ida a um barzinho ou a uma praça para bater papo. É claro que isso existe também entre os torcedores organizados, visto que relações de amizade são formadas e fortalecidas no cotidiano torcedor. Mas, aqui, eu falo de algo além. Falo de encontros que podem-se definir como oficiais e institucionais da TJB.

Pois a última ação social da Jovem em 2022 aconteceu no dia 30 de dezembro e consistiu na distribuição de quentinhas a moradores da comunidade do Jacaré, em Cabedelo, município da Grande João Pessoa. Seis dias depois, no dia 5 de janeiro, já estavam todos em arrastão no primeiro jogo da temporada de 2023, para acompanhar o Botafogo-PB enfrentar, no Estádio Almeidão, o Retrô-PE, pela Pré-Copa do Nordeste da nova temporada²².

E sim, a meu ver, esses encontros podem ser tratados como experiências de torcer independentemente da presença do futebol porque é justo esse “torcer” que impulsiona os integrantes da TJB, dá a eles a capacidade de se mobilizarem, de se perceberem como coletividades, de prosseguirem com uma performance torcedora que, se nasce nas arquibancadas, passa a ser reproduzida em espaços outros da cidade, dos bairros, das periferias.

Por sinal, torna-se importante o diálogo com Schechner (2003) e seus debates sobre performances. Para o autor, as performances “afirmam identidades, curvam o tempo, remodelam e adornam corpos, contam histórias” (Schechner, 2003, p. 27). Ritualizam o que parece ordinário e ajudam a tornar visíveis coletividades como a TJB.

A beca, os cânticos, a caminhada coesa, os símbolos gestuais que identificam a torcida em meio a tantas outras, as bandeiras e faixas, presentes mesmo em dias sem jogos, em ações sociais ou festas em bairros longe do estádio. Tudo performance. Ações performáticas autoafirmativas, interativas também, que, acima de tudo, visam o outro. Performar para ser visto, para ser notado e respeitado. Não só por outras torcidas organizadas, mas também pelos moradores de suas próprias comunidades.

criminalizações antecipadas, acho importante registrar que a sua morte não está relacionada a nenhuma atividade de torcida organizada e até outubro do mesmo ano o caso seguia em investigação pela Polícia Civil da Paraíba, com um suspeito preso preventivamente. Em respeito à sua memória e à centralidade que ele ocupava na TJB na época das incursões etnográficas, o texto não foi alterado ou atualizado. Sempre que ele for citado nas páginas que se seguem, continuará sendo apresentado como o presidente da TJB, tal qual ele era no momento em que o presente trabalho foi finalizado.

²² O jogo terminou empatado em 0 a 0 no tempo normal, mas nos pênaltis o Belo se classificou ao vencer por 3 a 1.

A propósito, é curioso ver que o autor aborda a capacidade das performances de curvar o tempo. Por extensão, resignificá-lo, subvertê-lo, redimensioná-lo. É justo isso o que debato aqui. O tempo do torcer ampliado e reinventado pelas torcidas organizadas por meio das performances. Mais uma vez nas palavras de Schechner (2003), isso se dá por motivos múltiplos, como entreter, fazer algo que é belo, marcar uma identidade, estimular a comunidade, entre outros. E isso é potencializado sempre que há “o deslocamento de um comportamento do lugar onde ele é aceitável ou esperado, para um espaço ou situação em que este seja inaceitável ou inesperado” (Schechner, 2003, p. 32 e 33). Performances, afinal, mais uma vez segundo o autor, “são comportamentos marcados, emoldurados ou acentuados, separados do simples viver” (Schechner, 2003, p. 34).

Pois é. Definitivamente, penso, o torcer não está restrito ao estádio e ao momento do jogo. E eu comecei a perceber isso de uma forma ainda mais intensa ao observar a relação umbilical que o Bonde dos Faixas (BDF) tem hoje com a chamada Praça Nova, no bairro dos Funcionários 2²³.

Bem, ainda vou falar muito sobre o conceito de bonde (espécie de subsede ou subdivisão da TJB) e sobre o BDF daqui a pouco. E explicar também por que esse bonde em específico, pouco a pouco, se tornou tão importante no curso de minha pesquisa. Por ora, queria me fixar mais nesta relação do bonde com a praça.

1.1.1 A Praça Nova como centralidade torcedora

O que venho chamando de Praça Nova, por sinal, é oficialmente chamado de Praça Rivaldo Correia de Oliveira, que foi inaugurada em 2019. Antes, era uma espécie de terreno baldio transformado em campo de futebol de várzea, mas o local acabaria ganhando outros usos e sentidos depois de virar uma praça. Inicialmente, ela tinha apenas uma academia de ginástica de calçada, mas meses depois passou por uma nova reforma e ganhou também um parquinho para crianças, uma quadra de areia, uma quadra

²³ Em diversos momentos desta tese, voltarei a falar e a apresentar dados sobre o bairro dos Funcionários. Por ora, é importante registrar que ele fica a aproximadamente quatro quilômetros do Estádio Almeidão, tem uma área de 173,35 hectares e uma população de 15.848 habitantes segundo o Censo de 2010. O bairro tem características predominantemente residenciais de classe popular e tem esse nome porque se origina da compra de uma área de terra por parte do Instituto de Previdência do Estado da Paraíba (Ipep) para atender às necessidades de servidores públicos estaduais que não possuíam moradia. É dividido em quatro partes (Funcionários 1, 2, 3 e 4) e possui, ainda dentro de seus limites, duas comunidades consideradas mais pobres (Maria de Nazaré e Ernani Sátiro). Disponível em: <<https://tinyurl.com/3yarhvm>>. Acesso em: 21 fev. 2023.

poliesportiva com uma pequena arquibancada em um dos lados, com duas fileiras de batentes.

É um local grande, bem cuidado, iluminado, multiuso. Diariamente, pela manhã e à noite, é ocupado por pessoas de todas as idades fazendo exercícios físicos. Muitas crianças aparecem também para usar a quadra e o parque. Não raro, os bancos de cimento são ocupados à noite por casais de namorados e por jovens que vão lá para conversas e paqueras.

A praça tem pouco tempo de uso e, justo por essa perceptível e recente mudança no cotidiano dos moradores do bairro, ganhou o nome que a consagraria: Praça Nova. E, a partir daí, não importa mais que nome o poder público vai usar para nomeá-la. A população já a batizou, e o nome popular é aquele que, no fim de tudo, costuma prevalecer. Inclusive, a minha suspeita é a de que ela continuará sendo chamada de “Nova” mesmo daqui a muitos anos, quando ela efetivamente não for mais nova.

Fiz um teste rápido. Perguntei aos próprios torcedores, a moradores outros, pessoas que passavam pelo local. Ninguém dentre aqueles que questionei sabia como o equipamento público se chamava oficialmente e todo mundo o tratava mesmo por Praça Nova, como se fosse o nome óbvio e único possível a se dar para aquele local. Para descobrir o nome oficial, inclusive, eu precisei recorrer à própria Prefeitura Municipal de João Pessoa. Mas, no fim das contas, vou chamá-la a partir de então como, afinal, a população do bairro decidiu.

Pois a Praça Nova tem um formato retangular e, mesmo sendo grande, não chega a ocupar um quarteirão inteiro. Nas suas laterais menores, ela fica entre a Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental Tinoco Cunha Lima e uma igreja evangélica. As suas laterais maiores ficam entre as ruas Sérgio Jardelino de Azevedo (de calçamento e mão dupla) e Antônio Corrêa da Costa (asfaltada e de mão única).

A praça ganha também usos não previstos pelo poder público. E dois bem distintos prevalecem em lados opostos e me chamaram especial atenção. Como a praça fica perto de uma igreja, às vezes os cultos chegam a um lado do local, com os louvores sendo realizados no local mesmo e reverberando por caixas de som. No lado oposto, mais perto da escola e já distante dos sons neopentecostais, torcedores da TJB, mais precisamente do já citado BDF, realizam todo tipo de atividade. Às vezes, ambos os lados vivem suas experiências de forma simultâneas.

Atenho-me aqui, por motivos óbvios, ao lado torcedor. E, antes, é necessário citar a ideia que Agier (2011) tem de “lugar”, visto que serve bem para as reflexões ora

propostas. A praça não é, afinal, um endereço qualquer do bairro que é ocupado aleatoriamente pelos torcedores em questão.

Bem, vamos avançar com parcimônia. Na verdade, qualquer outro local do bairro poderia em tese ter sido ocupado pelos torcedores. Mas, sendo a Praça Nova – e não outra – a escolhida e sendo esta ocupada sistematicamente, dia após dia, encontro após encontro, evento após evento, ela passa a ganhar uma dimensão completamente diferente. Passa a ser ressignificada e, com o tempo, ganha sentido, valor simbólico, sentimento de orgulho e pertencimento. A ponto de precisar ser defendida e valorizada sempre que necessário, aonde “alemão” não pode ir sem riscos de ser confrontado. Em outras palavras, passa a ser entendida como lugar. Ou “lugar antropológico”, como prefere Augê (1994). Um lugar caro, que aciona identidades, que a partir das vivências cotidianas, e por mais novo que seja, produz uma memória coletiva (Halbwachs, 1990) que é compartilhada por toda a comunidade torcedora que a frequenta.

Sobre a afirmação de que outros locais do bairro poderiam em tese ter sido os escolhidos para serem ocupados, inclusive, é imperativo destacar que essas ressignificações não são imutáveis e podem, sim, ser alteradas. Antes da inauguração da Praça Nova, por exemplo, os encontros do BDF aconteciam na Praça Bela²⁴, que fica no mesmo bairro, mas distante alguns quilômetros. O início de minhas pesquisas de campo com o BDF não abarcou o período em que ela era o destino preferencial dos torcedores e, ao longo de minhas incursões, em apenas alguns poucos eventos do bonde ela foi a escolhida. A primeira vez que isso aconteceu foi no dia 24 de julho de 2022, na prévia do jogo do Botafogo-PB contra o Remo, pela Série C do Brasileirão, que terminaria empatado em 0 a 0. Em 2023, quatro ou cinco outros encontros aconteceriam ali também.

Foi naquele dia de julho de 2022, aliás, que fiquei sabendo mais sobre a história das duas praças e que decisões estratégicas provocaram a mudança de endereço. A Praça Nova, pois, ocupa uma área mais central do bairro de Funcionários 2, mais movimentada também, o que tornaria a torcida mais visível e abriria a possibilidade de outros jovens se interessarem em ingressar no BDF. Ideia essa, inclusive, que surtiu efeito, e novos integrantes foram sendo assimilados pelo bonde e conseqüentemente pela TJB depois da mudança.

Ademais, posso destacar com segurança que foi desde o início da pesquisa, ainda nas minhas primeiras inserções de campo, que eu pude perceber a força que a praça tinha

²⁴ Nome oficial, Praça Manoel Pereira Júnior. É mais um caso em que o nome popular e comumente mais bonito e significativo prevalece.

naqueles torcedores. E o primeiro contato mais próximo com ela aconteceu em 6 de março de 2022, em dia de jogo entre o Botafogo-PB e o Campinense-PB pela primeira fase da Copa do Nordeste daquele ano.

A partida estava marcada para 16h e terminaria empatada em 1 a 1. Cinco horas antes, por volta de 11h, a festa já começava na praça, com os torcedores se reunindo para tomar cerveja, interagir, preparar-se para o jogo de pista que se avizinhava. Alguns se sentavam nos bancos de cimento, outros ficavam em pé mesmo, todos próximos ao que eles batizaram de Quadra de Areia (o nome é autoexplicativo). Sempre que estão lá, fixam no alambrado dessa quadra a bandeira ou a faixa da própria torcida e alguns dos troféus conquistados de torcidas organizadas rivais (em geral camisas, que estão sempre rasgadas, pichadas, presas de cabeça para baixo).

É, afinal, um tempo para exibir os troféus num espaço da cidade tomado como sendo deles. O tempo ampliado do torcer subverte a praça e dialoga com o espaço. Dialoga também com performances vividas em instantes presentes, reatualizadas enquanto celebração de conflitos já vividos e ainda por viver. Em rituais que se repetiriam muitas outras vezes ao longo da pesquisa (Figura 02).



Figura 02 / Sociabilidade torcedora do BDF na Praça Nova, antes de jogo contra o Confiança-SE pela Série C de 2022 / Phelipe Caldas / 23 de abril de 2022

Isso está presente também nos diálogos entre os torcedores. Conversa-se principalmente de experiências passadas e de planejamentos futuros sobre o torcer dentro da organizada. Caravanas famosas, pistas históricas, casos de coragem extrema ou mesmo de dias em que os torcedores levaram a pior. Tudo é lembrado, recontado aos risos, orgulhosos dos feitos heroicos e resignados com as derrotas eventuais. Elas também fazem parte do cotidiano torcedor e servem para ressaltar um sentimento de companheirismo. Passado o tempo dolorido e doloroso das eventuais derrotas, essas acabam virando causos a serem narrados para quem não vivenciou ainda tais experiências.

Um desses papos que me marcou foi entre Boladão e Vandal, dois dos torcedores mais antigos e experientes do BDF. Como tais, têm mais lembranças, mais histórias para contar, mais vivências.

Toledo (1996), por exemplo, ressalta a importância que os torcedores organizados dão ao “estar lá”. De se fazerem presentes e serem vistos nos momentos realmente “grandes” da torcida organizada. E ambos colecionam muito desses momentos. Entre cervejadas e risos, contavam aos mais novos algumas vivências. Do dia em que conquistaram uma faixa da rival Torcida Uniformizada do Fortaleza-CE (TUF) ao lado de aliados da Cearamor. Ou do dia em que venceram uma pista em Campina Grande²⁵, contra a Facção Jovem do Campinense-PB, mas depois acabaram – só os dois – encurralados por acaso por homens da Polícia Militar da Paraíba:

– Os homens bateram na gente até umas horas – lembrava Boladão aos risos, sendo ouvido atentamente por todos os presentes e recebendo apartes esporádicos de Vandal para explicar um ou outro detalhe do dia em questão.

São histórias que funcionam também como provas orais de que já estiveram lá, já participaram ativamente de pistas e caravanas importantes e que entendem a “ideologia” das torcidas organizadas. Não são novatos. Não sabem apenas de ouvir falar. Já foram, bateram, apanharam, viveram a torcida, a pista, a festa.

Enfim, esses são apenas alguns exemplos importantes sobre o cotidiano torcedor longe do estádio. E que me fazem lembrar que algumas das mobilizações que mais me impressionaram foram reuniões e treinos de *kickboxing* realizados na praça, eventos sociais organizados no bairro, lançamentos de camisetas feitos no entorno do Almeidão às escuras, justo por não ser dia de jogo.

²⁵ Segunda maior cidade da Paraíba, terra do Campinense-PB e do Treze-PB.

É isso o que pretendo abordar de forma mais detalhada em breve. Antes, porém, é preciso seguir um ritmo narrativo mais maleável, flexível, driblador até, permitindo-se certa liberdade temporal, idas e vindas na cronologia dos fatos, para explicar melhor contextos, preocupações metodológicas, dificuldades e possibilidades de pesquisa. Permitir o que Simas (2021) chama de cultura de sínopes, uma ocupação do vazio que rompe com a constância e quebra a sequência previsível dos acontecimentos.

Esse é um exercício, penso, que vai me posicionar melhor em meio a tantas possibilidades de perspectivas. E que vai ajudar a entender o conceito de bonde para a TJB e, mais do que isso, explicar o porquê de o BDF ter-se tornado fundamental em meu processo de pesquisa. Vamos em frente, sem pressa.

1.2 “Oxe, o professor é BDF, porra”: reflexões de um neotorcedor organizado adentrando o campo

Minha pesquisa de campo estava programada para ser iniciada ainda em 2021, mas os planos foram frustrados por causa da pandemia de Covid-19²⁶, o que obrigou o adiamento dos trabalhos por um ano inteiro. E, apenas para registrar o que foi “perdido” de ser pesquisado *in loco* um ano antes, naquela temporada o Belo e suas torcidas tiveram momentos de pura esperança, seguidas de decepções acachapantes dentro de campo. Acho importante, pois, fazer uma breve retrospectiva sobre 2021 antes de prosseguir com o diálogo que estava sendo travado.

Para começar, o clube nem mesmo conquistou a classificação para a Copa do Brasil, o que já afetou as finanças do primeiro semestre, visto que essa é a competição que atualmente mais paga em premiação no país. Depois, foi muito mal na Copa do Nordeste. Não passou da primeira fase da competição regional e, em oito jogos, venceu apenas um, acumulando ainda duas derrotas e cinco empates. De oito clubes do Grupo B, terminou em sétimo, ficando à frente apenas do Sport-PE.

No Campeonato Paraibano, o mau desempenho se seguiu. Até se classificou para a semifinal, que seria jogada em partida única na casa do Belo (que tinha melhor campanha que o rival), mas ainda assim decepcionou. O jogo contra o Campinense-PB, um de seus principais rivais, foi realizado no dia 2 de junho e terminou empatado sem

²⁶ Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), trata-se do SARS-CoV-2, vírus da família do Coronavírus que provoca a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS, na sigla em inglês).

gols no tempo normal. Nos pênaltis, contudo, a Raposa²⁷ venceu por 5 a 4 e avançou para a final²⁸.

O clube de João Pessoa, afinal, só teve melhor sorte na Série C do Brasileirão daquele ano. Ainda assim, uma sorte apenas relativa, já que o tão sonhado acesso para a Série B escapou no último instante. Acesso esse que, ao menos desde 2014, quando o clube passou a jogar a Série C de forma regular, é o desejo mais intenso das torcidas botafoguenses.

Pois, em 2021, o Belo conquistou 27 pontos em 18 jogos na primeira fase da Série C²⁹. Terminando essa primeira fase em terceiro lugar, classificou-se para o quadrangular que definiria dois dos quatro clubes que conquistariam o acesso. O Botafogo-PB ainda conseguiu chegar à última rodada com chances de classificação e de consequente ida para a Série B, mas a derrota por 3 a 1 sofrida diante do Ituano-SP, no dia 6 de novembro e na casa do adversário, eliminou o clube pessoense. Terminou o quadrangular em terceiro lugar, à frente do Paysandu-PA, mas quem subiu em seu grupo foi o próprio Ituano-SP e o Criciúma-SC³⁰. Pela terceira vez em seis temporadas, o acesso escapava no último ato (antes de 2021, isso já havia acontecido em 2016³¹ e no já citado ano de 2018).

Feito todo esse resumo futebolístico de 2021 sobre o Belo, atendo-me agora a analisar um pouco como a Torcida Jovem do Botafogo-PB viveu aquele segundo ano pandêmico. Foi uma análise a distância, é bem verdade, acompanhando as redes sociais da torcida ciente de que aquela não era a forma ideal, visto que não respeitava a já clássica aproximação de “um olhar de perto e de dentro” proposta por Magnani (2002, p. 18).

Ainda assim, algumas ações de 2021 nos ajudam a refletir as dinâmicas torcedoras e a invocar uma vez mais aquele debate sobre o tempo do torcer. Porque, como é sabido, a temporada de 2021 foi praticamente toda realizada sem a presença de torcedores nos estádios de futebol, mas isso não impediu que torcidas organizadas como a TJB realizassem as suas mobilizações. De início, de forma mais cuidadosa, com máscaras e

²⁷ Um dos apelidos possíveis para o Campinense-PB, esse em alusão ao mascote do clube.

²⁸ Na final disputada em dois jogos, a Raposa venceu em casa o Sousa-PB por 1 a 0 e empatou fora de casa por 0 a 0, sagrando-se campeão paraibano de 2021.

²⁹ Nesses 18 jogos do Botafogo-PB, foram seis vitórias, nove empates e três derrotas. Dezesete gols marcados e onze sofridos.

³⁰ Na segunda fase da Série C de 2021, foram mais seis jogos para o Belo. Duas vitórias, dois empates e duas derrotas, ambas para o Ituano-SP. Três gols a favor, quatro contra, sonho do acesso para a Série B mais uma vez adiado. Além de Ituano-SP e Criciúma-SC, no outro quadrangular subiram também para a segunda divisão nacional Tombense-MG e Novorizontino-SP.

³¹ Em 2016, num confronto de mata-mata, o Belo enfrentou o Boa Esporte-MG por uma vaga na Série B. Empatou em casa por 0 a 0 e repetia o placar fora de casa quando levou um gol aos 50 minutos do 2º tempo, perdendo a vaga.

outros itens de segurança e com mensagens nas redes sociais (bem ao estilo peculiar da torcida) de “fica em casa, mizera”³². À medida que os meses iam-se passando, de forma mais flexibilizada, mesmo que os índices de propagação de casos positivos e de mortes ainda estivessem altos³³.

Registro três práticas torcedoras, em especial, que me chamaram a atenção no período de pandemia. A primeira é que as faixas da TJB continuaram a ser fixadas no alambrado do Estádio Almeidão, como forma de visibilizar a presença – ainda que simbólica – da torcida, mesmo em jogos com arquibancadas vazias. Isso aconteceu em praticamente todos os jogos do Belo no Estádio Almeidão que, em 2021, foram realizados sem público. Um pequeno grupo da Diretoria de Patrimônio da TJB adentrava o estádio mediante autorização do clube mandante, fixava as faixas e depois saía, para só recolher o material após o término da partida.

Além disso, no dia 5 de setembro de 2021, a TJB montou na Arquibancada Sol vazia um grande mosaico no qual apareciam o escudo do Belo e a frase “O Maior da PB”. Tudo isso, claro, sempre registrado por meio de fotos e vídeos nas redes sociais da torcida, em especial o Instagram.

A segunda das práticas é que ações sociais em bairros pobres e periféricos da Grande João Pessoa, mesmo com a pandemia e com a recomendação de se ficar em casa, foram realizadas. Em 17 de abril de 2021 houve uma ação social de Páscoa no Bairro São José (falarei mais sobre tal bairro ainda neste capítulo), com distribuição de alimentos para a população mais velha e de chocolate para as crianças. A própria legenda da publicação feita no perfil oficial da TJB no Instagram, aliás, justifica o feito e ajuda uma vez mais a pensar as torcidas longe das arquibancadas: “[...] compreendemos que a função social de uma torcida organizada não se restringe a estar presente nas arquibancadas, vai muito além disso”³⁴.

Uma ação social semelhante também foi realizada em 23 de julho, na comunidade Cachoeira, em Bayeux, município da Grande João Pessoa. Trata-se de uma favela com

³² TJB. “SALVE CAVEIRADA! Na luta contra a COVID-19 a prevenção é a nossa forte aliada. [...]”. João Pessoa, 22 fev. 2021. Instagram: @tjbmaioral. Disponível em: <<https://tinyurl.com/2p977fuf>>. Acesso em: 04 jan. 2023.

³³ De acordo com dados da Secretaria de Estado da Saúde (SES) do Governo da Paraíba, o ano de 2021 foi, apesar do avanço lento da vacinação, o mais mortal da pandemia de Covid-19 na Paraíba. O estado registrou uma média de 493,5 mortes por mês ao longo do ano, com os picos sendo registrados entre os meses de março e junho, quando a média foi superior a mil mortes por mês. Disponível em: <<https://tinyurl.com/yv9y4yfy>>. Acesso em: 04 jan. 2023.

³⁴ TJB. “Na tarde de ontem (17) realizamos nossa ação social de páscoa no bairro São José [...]”. João Pessoa, 18 abr. 2021. Instagram: @tjbmaioral. Disponível em: <<https://tinyurl.com/2vazas99>>. Acesso em: 04 jan. 2023.

população bastante pobre e que sofria ameaças constantes de desapropriação por parte da Prefeitura Municipal de Bayeux, mesmo durante a pandemia. Pois a TJB entrou na comunidade naquele dia e levou comida para alimentar os moradores em situação de quase abandono.

Segundo Toledo e Souza Junior (2020, p. 6), que discutiram os papéis das torcidas organizadas no contexto da pandemia, o que a TJB fez em meio a um momento de crise de saúde pública foi fortalecer um “espaço político” e uma “sociabilidade popular” que lhe permitiu se reposicionar diante de sua própria comunidade. É a periferia dialogando com a própria periferia. Um diálogo que sempre existiu na Jovem, mas que foi potencializado em meio à pandemia, ao levar cuidado e assistência social aonde o poder público nem sempre chega.

Finalmente, a terceira prática torcedora que gostaria de citar é típica da época extraordinária que se vivia naquele momento. Isso porque, a partir de certo momento da temporada, o fechamento total dos portões das arquibancadas para os torcedores deixou de ser empecilho para eles. Porque esses simplesmente iam ao estádio, independentemente de poderem entrar ou não. E, como não podiam mesmo entrar, ficavam do lado de fora exercendo o torcer onde era possível. Empurrando a delegação botafoguense quando essa chegava ao estádio, acendendo foguetões no entorno do Almeidão quando o time entrava em campo, comemorando nas vitórias e lamentando nas derrotas após os fins das partidas. Uma demonstração quase irrefutável, por certo, de que a emoção torcedora é, acima de tudo, um ritual essencialmente coletivo, uma ação simbólica que dá um caráter social aos sentimentos (Mauss, 1979). Para as torcidas organizadas, era quase impossível permanecer em casa à medida que o ano ia se passando.

Como último ato dessa breve retrospectiva sobre 2021, registre-se ainda que o retorno das torcidas aos estádios paraibanos foi autorizado por meio de decreto publicado em 15 de setembro de 2021 pelo Governo da Paraíba³⁵. Havia restrições, claro. O número de torcedores não podia ser maior do que 20% da capacidade do estádio e, para adentrar às arquibancadas, era necessário apresentar comprovante de vacinação.

No caso do Belo, o primeiro jogo com público aconteceria duas semanas depois, em 2 de outubro de 2021, com a presença de 1.609 torcedores³⁶ que viram o Ituano-SP

³⁵ G1 PB. “Novo decreto de João Pessoa autoriza público em estádios e reduz distanciamento mínimo”. g1, João Pessoa, 15 set. 2021. Disponível em: <<https://tinyurl.com/3xm5b3ky>>. Acesso em: 05 jan. 2023.

³⁶ FEDERAÇÃO PARAIBANA DE FUTEBOL. “Boletim Financeiro”. FPF, João Pessoa, 02 out. 2021. Disponível em: <<https://tinyurl.com/bddccwu3>>. Acesso em: 05 jan. 2023.

vencer no Almeidão por 1 a 0. Era justo aquela primeira partida do quadrangular do acesso da Série C daquele ano.

Cito esse detalhe do retorno do público aos estádios paraibanos ainda em 2021 (para um total de três jogos em casa) para admitir o quanto a pandemia de Covid-19 me afetou. Independentemente da autorização estatal, eu não me sentia seguro de retornar ao convívio dos torcedores naquele momento, de forma que continuei a acompanhar tudo de casa, a distância, no chamado isolamento social³⁷. Inclusive, perdi a oportunidade de viajar em caravana com a TJB para o jogo decisivo contra o mesmo Ituano-SP, fora de casa, naquele duelo já citado aqui em que o acesso não foi conquistado.

Dessa forma, apenas em 2022 e com três doses de vacina contra a Covid-19 já tomadas, foi que me senti minimamente confiante e seguro para finalmente voltar ao estádio e ao convívio dos demais torcedores. Em suma, só mesmo em 2022, com um ano de atraso e com um cronograma já mais apertado, foi que eu me senti pronto para finalmente iniciar a pesquisa de campo.

Essa minha confiança, inclusive, era reforçada pelo crescimento dos índices de vacinação da população e principalmente porque a própria Jovem vinha realizando uma campanha sistemática nesse sentido, chegando a impor a vacinação contra a Covid-19 como pré-requisito para quem quisesse viajar em caravanas com a torcida.

Ainda assim, foi só em 2023, no segundo ano de incursões etnográficas, que eu reuni a coragem necessária para ir aos jogos sem o uso de máscara, quando eu já estava com a quarta dose de vacina tomada³⁸. Ao longo de toda a temporada de 2022, portanto, não teve jeito. Eu fui sempre de máscara aos jogos, mesmo que, cada vez mais, eu fosse me tornando uma exceção e, eventualmente, alvo de piadas e de estranhamentos por parte de alguns dos meus interlocutores.

Mas, como eu dizia, era chegada a hora de iniciar a minha pesquisa de campo. Só que havia um problema. Minha última inserção de campo com a TJB havia acontecido em agosto de 2018, ainda no mestrado, três anos e seis meses antes. E, embora eu mantivera contato com um ou outro torcedor nesse meio-tempo, toda a aproximação e laços de confiança haviam sido ou perdidos ou fragilizados.

³⁷ Um isolamento sanitário pretensamente universal que, é preciso admitir, foi, antes de tudo, um isolamento de classe, sempre em benefício de um todo genérico. Isso porque, como ficou demonstrado, a população periférica (em grande medida aquela que abarcava a TJB) não teve direito a esse mesmo isolamento preventivo durante a pandemia.

³⁸ Ainda em 2023, a propósito, eu tomaria a vacina bivalente contra a Covid-19, o que representaria a quinta dose para mim. E foi esse tipo de reforço que foi me dando mais segurança para realizar a pesquisa.

Não é difícil explicar isso. A Jovem havia mudado de presidente em 2019, os outros cargos de diretoria também estavam ocupados por novos torcedores, eu já não sabia quais integrantes daquela época ainda permaneciam na ativa, sabe-se lá quantos novos haviam surgido desde então.

A única saída era começar tudo de novo. E a estratégia que adotei para tanto foi recorrer aos gêmeos idênticos Allam e Alex. Curiosamente, dois torcedores com quem eu não tive contato na época da pesquisa anterior e que eu conhecia pouco até então. Eram da leva de torcedores que haviam ingressado na TJB no início de 2019, vindos de outra torcida organizada³⁹, mas Alex, por exemplo, já ocupava o cargo de vice-presidente da torcida no início de 2022⁴⁰.

Os dois tinham 23 anos naquela época. Moradores do bairro de Funcionários 2, eram dois raros torcedores da TJB que seguiram nos estudos até chegar à faculdade. Ambos, a propósito, eram recém-formados. Alex terminara o curso de direito e Allam o de odontologia.

O meu primeiro contato com os gêmeos foi na casa de uma amiga em comum, Hévilla Wanderley. Era o segundo semestre de 2019. Alex comentou que tinha lido minha dissertação e que havia se sentido representado com a forma como eu consegui, nas palavras dele, “capturar a essência do que é ser torcida”. Ato contínuo, comentei em resposta que ainda havia muita pesquisa que eu desejava realizar no futuro com a TJB.

Começava ali uma interlocução periódica, mas esparsa, e totalmente virtual, sempre pelas redes sociais e pelo WhatsApp. Ainda assim, com elos e interesses comuns. De forma que, em janeiro de 2022, os dois irmãos foram os primeiros em quem pensei – e a quem recorri – para serem meus interlocutores iniciais.

A resposta foi a melhor possível. Alex, na condição de vice-presidente da Jovem, disse que eu era muito bem-vindo para realizar a pesquisa como eu quisesse. Ao mesmo tempo, advertiu-me que alguns espaços da torcida organizada eram restritos aos seus sócios adimplentes.

Era o caso, por exemplo, do grupo oficial da TJB no WhatsApp, uma espécie de sede virtual da qual, para mim, era fundamental fazer parte. Não havia muito o que

³⁹ Antes eles eram da Império Alvinegro, uma torcida localizada na Arquibancada Sombra do Estádio Almeidão que se declara pacífica, sem ser de pista. Foi justo esse caráter “de pista” da TJB que atraiu os irmãos.

⁴⁰ Alex assumiria a presidência da TJB em 2024, após a morte de Netinho. Mas, também aqui, o texto que se segue nas próximas páginas continuará se referindo a ele como vice-presidente, respeitando a composição da diretoria à época da pesquisa e da defesa.

discutir ou negociar. Ainda em janeiro de 2022, paguei R\$ 120, referentes às doze parcelas de R\$ 10 mensais, e quitei meu plano de sócio anual da TJB (plano de sócio esse que, a propósito, renovei no início de 2023). Era a primeira vez na vida que eu fazia parte oficialmente de uma torcida organizada. E, de repente, estava ali, “dentro” da Jovem. Tendo acesso às conversas internas e sem filtros, às formas como as interações aconteciam nos bastidores.

De início, aliás, vale citar as regras da torcida para aquele ambiente virtual, fixadas na descrição do grupo. Mostra a preocupação que existe para manter a harmonia torcedora, ao tempo em que se tem um cuidado vigilante para evitar que a torcida possa ser ainda mais criminalizada do que normalmente já é.

São seis as regras principais: (1) o respeito entre os associados é obrigatório; (2) é proibido postar fotos ou vídeos de armas e drogas; (3) o diálogo deve ser preferencialmente sobre o Botafogo-PB e sobre a própria TJB; (4) é proibido vazarem conteúdo ou informações do grupo; (5) a “zoeira” é liberada, desde que não haja ofensas ou desrespeitos; (6) é proibido qualquer conversa ou referência sobre “facções criminosas”.

De alguma forma, todas as regras da torcida serão abordadas – direta ou indiretamente – ao longo deste trabalho. Por ora, vale registrar como de fato existem, nos grupos sociais em geral, uma “lei do segredo” que é alardeada por Maffesoli (1998) e que serve como proteção e como solidariedade mútua aos seus integrantes.

No caso específico analisado, essa imposição do segredo está resumida na “regra 4”. Um acordo expresso de que aquele espaço é seguro, protegido, livre de vazamentos que coloquem em risco as pessoas que estão ali e a própria coletividade. Uma solidariedade grupal que autoriza a todo mundo falar, opinar, propor ações diversas com a segurança de que as pautas ali discutidas não serão repassadas para rivais, para aqueles de quem eventualmente se fala. Uma garantia de que estratégias visando o outro poderão ser apresentadas sem que dados sigilosos sejam vazados.

Isso é fundamental numa torcida organizada. Informações sobre planos de emboscadas, roteiros, datas e horários de caravanas, pontos de encontro para arrastão, planejamentos de pista, etc., são extremamente delicadas. Nas mãos “erradas”, podem colocar em risco não só a execução do plano, mas a segurança dos próprios envolvidos.

Ao longo da pesquisa de campo, eu vi poucas vezes a “lei do segredo” ser quebrada. Mas, sempre que isso acontecia, a reação era dura, enérgica, imediata. Numa delas, naquela que provavelmente teve as maiores consequências, o ônibus da TJB foi

parcialmente incendiado. Num prejuízo de aproximadamente R\$ 30 mil⁴¹ e que, durante vários meses, a Jovem precisou se mobilizar para pagar os custos do estrago.

Foi em 19 de março de 2022. A TJB realizou uma caravana a Campina Grande para dar apoio à Cearamor⁴², que estaria na cidade para o jogo do Ceará-CE contra o Campinense-PB (falarei mais sobre essa prática no Capítulo 2) pela Copa do Nordeste daquele ano. Um torcedor da Jovem, novato e “emocionado”, que, segundo termos da própria torcida, ainda não conhecia de forma adequada o “procedimento” e a “ideologia” das torcidas organizadas (embora tenha sido previamente avisado das regras), publicou em suas redes sociais, ao longo da viagem, em tempo real, uma série de fotos que entregavam a localização da torcida durante a caravana, a placa, a cor, a inscrição do ônibus. Ficou fácil identificar por onde e como os botafoguenses viajavam. E isso deu elementos para a torcida organizada do Campinense-PB, a Facção Jovem, se preparar para o “bote” que seria bem-sucedido.

Em situações como essa, diga-se, a punição é exemplar. O torcedor foi identificado e o caso analisado com rigor. Por ser novato, haveria atenuantes. Ainda assim, ele pegaria três meses de suspensão, sem poder participar de nenhuma atividade da Jovem e nem usar símbolos da torcida. A pena, em todo caso, poderia ser revertida. Passar três vezes pela chamada “disciplina”, sendo uma passagem para cada mês de suspensão. Para reverter a pena, então, ele precisaria passar (três vezes) por um “corredor polonês”, ida e volta, momento em que os demais integrantes da torcida poderiam bater nele como quisessem, com a força que quisessem. Só precisavam respeitar as regras de não bater no rosto e não obstruir a passagem.

A saber, o torcedor declinou da pena alternativa. Acabou deixando a torcida no mesmo dia. Um dos integrantes mais antigos foi firme, indiferente à decisão drástica do colega:

– Torcida organizada não é brincadeira. Não será tolerado qualquer situação que fuja da ideologia. Se ele não se sentir pronto para seguir a ideologia, pode se retirar. Porque cada um sabe onde o calo aperta.

Tudo isso, no entanto, servia de dados importantes para mim enquanto pesquisador que, de repente, era aceito como parte da Jovem. Todos ali haviam sido informados sobre minha condição de pesquisador que almejava escrever sobre eles e

⁴¹ A torcida, segundo a diretoria me informou, se comprometeu em pagar a metade desse valor, o que teria sido aceito pela empresa de ônibus.

⁴² Principal torcida organizada do Ceará-CE.

sobre a torcida. Ao mesmo tempo, ao ser aceito pelo grupo em seus espaços interditos, havia uma expectativa de que também eu deveria me submeter a certas regras internas dessa coletividade.

Registre-se, portanto, que é óbvio que decidi respeitar essa regra. Nenhuma das discussões mais delicadas travadas no grupo de WhatsApp ou fora dele serão expostas nas páginas que se seguem, principalmente aquelas que possam comprometer a própria torcida ou alguém específico. Na condição de pesquisador, de etnógrafo, de novo componente da TJB em que acabei me transformando, consciente de que eu não sou um “sujeito unificado” (Weber, 2009, p. 168), eu bem sabia que as fronteiras eram fluidas, mas, ao mesmo tempo, sempre passíveis de serem negociadas. De forma que deu para ir traçando os limites de cada um dos papéis exercidos simultaneamente.

Faço isso, aliás, em consonância com a responsabilidade e com o compromisso ético que se deve ter com os sujeitos da pesquisa, que passa por respeitar aquilo o que é consentido por esses atores sociais e pela consciência constante de que o trabalho antropológico exige “sempre uma relação de interlocução” (Cardoso de Oliveira, p. 30, 2010). Ou, como lembra Fonseca (2010), a dimensão ética está presente em todas as etapas da pesquisa, incluindo aí o próprio texto final que se produzirá a partir dos dados coletados. Na mesma toada, Debert (2004, p. 45) faz questão de nos lembrar que “nossas conclusões não podem constranger, humilhar ou trazer prejuízos para as populações estudadas”.

Na verdade, essa regra específica me deixou tão em alerta, preocupado que estava em não desrespeitá-la, que, pouco a pouco, eu adotei uma estratégia que acabou tendo consequências bem interessantes. Funcionava assim: sempre que eu me deparava com algum dado que para mim era delicado, eu questionava em voz alta a alguém da torcida se eu poderia utilizar aquele tipo de informação.

Em geral, eu conversava sobre essas questões com Alex e Allam. Com o presidente da torcida, Netinho. Ou com alguém mais da diretoria. Eu pedia autorização também a quem me passasse certo dado. Mas nesses casos, se o tal torcedor não tivesse poder decisório na torcida, essa autorização passava por uma espécie de dupla checagem.

Tal preocupação, contudo, demonstrou-se quase sempre apenas protocolar. Porque, em praticamente todas as vezes que isso foi conversado, a autorização foi dada (salvo duas ou três exceções). Sendo-me repetido várias vezes que eu estava livre para descrever e analisar a torcida tal como ela fosse e como eu a percebesse. As minhas

perguntas, no entanto, continuariam a ser feitas até o fim de todo o processo, porque isso me ajudava a ficar tranquilo quanto aos limites que eu deveria me impor.

De toda forma, como eu já disse, essa estratégia teve ao menos uma consequência interessante. Aconteceu no dia 15 de fevereiro de 2022, ainda nas minhas primeiras incursões de campo. Até então, o único espaço virtual que eu integrava era o grupo oficial da TJB, aquele que eu considerava ser o único da torcida (não tardaria, eu perceberia o quanto eu estava errado nessa minha suposição). E, justo por isso, eu saberia depois, as informações que eu recebia sobre os encontros torcedores eram apenas parciais.

Isso porque, naquele dia de fevereiro, de jogo entre Botafogo-PB e Fortaleza-CE pela Copa do Nordeste⁴³, eu ainda estava meio perdido sobre como se daria o encontro. Era jogo de pista à noite e a concentração da TJB estava marcada para as 16h, mas eu não estava bem informado ainda sobre o local de tal concentração.

Foi quando mandei uma mensagem para Alex por volta de 12h30 e rapidamente ele me convidou para uma feijoada nos Funcionários 2, que estava se iniciando naquele momento, na calçada da casa de Naially, a Nai. Ele me passou o endereço e fui logo em seguida, ainda acreditando se tratar de algum encontro da torcida em sentido amplo.

Como eu sabia que haveria arrastão, deixei o meu carro no estádio e usei os serviços de um motorista por aplicativo para chegar ao endereço informado. E só quando eu cheguei lá é que percebi que ali o encontro era apenas do pessoal do bairro, ou do BDF, o bonde que até então eu ainda julgava ser o dos “Funcionários” (em breve falarei sobre as complexidades que existem em torno do bairro).

Pois, de repente, eu estava numa espécie de vila. Um beco que ligava duas ruas do bairro e que reunia as entradas de algumas casas germinadas independentes umas das outras. Uma delas era a de Nai, de forma que a concentração acontecia ali mesmo no beco, com cerveja, feijoada e música da TJB e do BDF sendo consumidas festivamente.

Era a primeira vez que eu ia ao bairro, a primeira vez que eu via muitos dali. Ainda estava deslocado, não sabia os nomes da maioria das pessoas presentes, não sabia ainda quem era a dona da casa, quem era novato e quem era veterano da torcida e do bonde. Não sabia nem mesmo que caminho pegar se eu eventualmente quisesse deixar o local sozinho rumo ao estádio, por exemplo. Mas, pouco a pouco, as interações foram acontecendo e eu ia me sentindo mais acolhido. Havia uma clara preocupação de me fazer ficar à vontade e isso me deixava cada vez mais despreocupado.

⁴³ A partida aconteceu no Estádio Almeidão e terminou empatada em 1 a 1.

Descobri que aquela era a “primeira concentração” de um total de três antes de se chegar ao Almeidão, ainda que toda essa preocupação de mobilização pré-jogo fosse restrita a partidas consideradas grandes, principalmente contra torcidas rivais. O primeiro encontro é o do bonde, o segundo é o da zona, o terceiro é o da TJB em si. Ainda vou falar muito mais sobre essas divisões neste Capítulo 1, mas por ora eu quero me ater àquele primeiro contato com o bonde e com os seus integrantes.

Fiquei com eles naquele beco por algo em torno de duas horas antes de os torcedores decidirem iniciar o arrastão para o segundo ponto de encontro. Antes, contudo, iniciaram-se as preparações. Os quatro novatos que eu pude identificar passaram pelo “batismo”, os materiais de torcida foram armazenados cuidadosamente em mochilas, os torcedores começaram a se preparar para a foto oficial a ser postada mais tarde nas redes sociais do bonde (sim, eles também têm as suas próprias redes de comunicação e interação, para além dos grupos da TJB, eu sabia naquele dia).

Por motivos óbvios, ofereci-me para tirar as fotos. Os torcedores do bonde presentes naquele momento fizeram pose, todos muito sérios reproduzindo o sinal da torcida (braços cruzados por frente do peito, dedos médios estirados), enquanto eu batia algo em torno de dez fotos (Figura 03).

Mal terminei de bater as fotos, alguém gritou:

– Manda as fotos para a gente, professor.

Eu assenti com a cabeça e, no automatismo que eu já me impunha, perguntei a Alex se poderia enviá-las no grupo oficial da TJB. Ele, aparentemente, foi pego de surpresa com aquela pergunta e respondeu instintivamente:

– Não, no grupo da TJB não. Manda no do BDF.

Em que eu retruquei:

– Ah, vou mandar no privado para você, então. Porque eu não faço parte do BDF.

No que, para minha surpresa, um terceiro torcedor que ouvia a conversa gritou decididamente:

– Oxe, o professor é BDF, porra! Coloca ele aí no grupo!

E foi assim, de forma absolutamente despreziosa e por acaso, que eu fui acolhido pelo BDF, num bairro cujo ponto de encontro e de concentração torcedora fica a 19 km de minha própria casa. Foi assim também que eu descobri que o grupo oficial da TJB é apenas parte de uma estrutura muito mais complexa. Afinal, a torcida conta com dezenas de outros grupos e o “grupão da TJB” (passei a chamá-lo assim depois que eu

entendi a quantidade de outros menores que existiam) serve mais para informar numa perspectiva mais ampla aquilo o que já foi deliberado em outras instâncias.

O certo é que, ao me tornar BDF, tornei-me uma série de outras identidades também. E deixei de ser muitas outras, claro. Paulatinamente, a complexa rede identitária que forma uma torcida organizada foi sendo descortinada para mim.



Figura 03 / Integrantes do BDF fazem o sinal da Jovem antes de iniciar arrastão por João Pessoa, no dia de jogo contra o Fortaleza / Phelipe Caldas / 15 de fevereiro de 2022

1.2.1 Desbravando o bonde, entendendo o bairro

Já comentei aqui neste trabalho que em 2021 a pesquisa se deu apenas de forma distanciada, no isolamento provocado pela pandemia de Covid-19 e via redes sociais. Pois, a partir de janeiro de 2022, essa perspectiva mudou e o trabalho etnográfico se deu num ritmo bem mais intenso, tentando acompanhar o maior número possível de eventos e encontros da torcida. E, após um início meio titubeante, em busca de me encaixar nos espaços que eu ainda nem mesmo sabia existir na TJB⁴⁴, a adesão ao BDF me impôs a

⁴⁴ Fato é que, em minha pesquisa de mestrado, a análise sobre a TJB foi realizada numa perspectiva mais comparativa com outras formas de torcer existentes entre torcedores do Botafogo-PB. Desta vez, bem diferente, e em que pesasse o objetivo principal ser entender as relações de alianças e rivalidades com outras torcidas organizadas, a imersão foi muito mais profunda, o que justifica esses estranhamentos iniciais.

uma rotina que era esperada por parte do bonde aos seus integrantes. Isso, de certa forma, tornou mais fácil para mim sistematizar a ida periódica ao campo de pesquisa etnográfica.

Campo esse, gostaria de registrar antes de prosseguir, que aqui é pensado da forma como defendida por Guber (2005, p. 47, tradução nossa), que vai descrevê-lo poeticamente como “a porção do real que se deseja conhecer”. Não é, portanto, ainda dialogando com a autora, um mero espaço geográfico. Quer seja a cidade, o bairro, a praça, a calçada, o estádio de futebol. É isso também, por óbvio, mas é, acima de tudo, uma investigação sobre relações entre atores sociais. Que, alçados à condição de interlocutores, transformam-se em mediadores do pesquisador justo nesses espaços de encontros e de interações.

É pensado também dentro do que Agier (2015) defende, de que não é possível pensar antropologia sem etnografia. Afinal, ainda de acordo com o autor, “a descoberta do outro que funda o saber dos antropólogos só pode ser uma aventura pessoal, marcante e sempre renovada” (Agier, 2015, p. 11). Um saber, pois, que nasce justo na pesquisa de campo e que só existe nas relações com os outros, sejam elas harmoniosas ou conflitivas.

A propósito, ao adentrar mais fundo neste debate, não posso ignorar as reflexões de Peirano (2008, p. 3), que trata a etnografia como “a própria teoria vivida. [...] Uma forma de ver e ouvir, uma maneira de interpretar, uma perspectiva analítica, a própria teoria em ação”. Nem posso deixar de revisitar as bases metodológicas de Malinowski (2018, p. 67), que vai defender, até para evitar um problemático processo de exotização do “outro”, uma pesquisa de campo de longo prazo que tenha como objetivo “analisar com moderação todos os fenômenos que caracterizam cada aspecto da cultura [...] sem privilegiar aqueles que lhe causam admiração ou estranheza em detrimento dos fatos comuns e rotineiros”.

Pois tudo o que eu posso dizer de início é que sim, foi uma pesquisa de cuidadosa reflexão, longas durações. Sobre esse segundo ponto, refiro-me não só a uma perspectiva de tempo decorrido ao longo de semanas, meses, anos, mas principalmente ao tempo de duração de cada inserção de campo.

Se no mestrado minhas idas a campo duravam um tempo médio entre cinco e seis horas (já contadas as duas horas de jogo dentro do estádio), as experiências com a TJB e com o BDF chegavam a durar dez horas, doze horas, às vezes quinze horas ininterruptas. Em muitas oportunidades, como já registrado, em dias nos quais nem mesmo havia jogos para se assistir.

Isso gerou um evidente problema geracional. Dialogando com interlocutores que, em sua maioria, tinham entre 18 e 30 anos, eu, na casa dos 40 anos de idade na época da pesquisa, nem sempre conseguia acompanhar o ritmo desses torcedores. Principalmente em semanas nas quais havia três ou quatro inserções de campo previstas em sequência. Ao término de um dia inteiro de pesquisa, eu percebia boa parte dos torcedores, nas palavras deles, “prontos para outra”, enquanto eu não pedia mais do que a oportunidade de chegar em casa e descansar um pouco.

Essas diferenças de realidade me fizeram rever algumas questões com relação às rotinas que adotei na época de mestrado. Se, por um lado, eu segui com a mesma estratégia de antes, de manter um grupo de WhatsApp só comigo mesmo, chamado “Eu e o Campo”, que me permitia tomar notas rápidas no calor do momento e dos acontecimentos, sem provocar tanto estranhamento em meus interlocutores, em pouco tempo eu abandonei a ideia de manter meu caderno de campo em papel, numa produção quase artesanal de reencontro com o vivido.

Essa foi uma experiência que gostei de vivenciar no curso da dissertação, mas impossível de seguir no curso da tese, já que a escrita à mão é mais lenta e, de repente, eu me vi completamente assoberbado de novos dados que se acumulavam a cada dia, tamanha a velocidade com que eles chegavam até mim. Isso, a propósito, foi mais uma comprovação de que o tempo do torcer das torcidas organizadas é bem diferente daquele de outras identidades torcedoras. As atividades e, conseqüentemente, aquilo tudo o que precisa ser analisado são muito mais numerosos com as organizadas do que em meio a outras identidades torcedoras.

Ainda assim, o trabalho metódico permaneceu praticamente inalterado. Eu ia a campo, tentava compartilhar ao lado dos torcedores as mesmas experiências que eles viviam, conversava muito com todo mundo e prestava atenção nos detalhes, nas conversas, nos comentários soltos proferidos aqui e ali. Quando tinha dúvidas, perguntava sem nenhum tipo de receio. Fazia com que meus interlocutores de TJB me explicassem melhor dinâmicas usuais da torcida que eventualmente eu ainda não conseguia entender. Em paralelo a isso, tomava nota pelo celular de tudo aquilo o que eu conseguia observar.

Era uma imersão repleta de emoções. E a expressão aqui pensada em seu sentido amplo, reunindo alegrias, êxtases, arrepios, impactos, paixões, mas igualmente medos, tensões, dores, sofrimentos. São sensações, inclusive, que estarão presentes e poderão ser sentidas ao longo do texto. Até porque este foi um trabalho gestado dentro de uma perspectiva pensada por Coelho (2019, p. 294), que defende uma etnografia em que

“afetos e razão se encontram a meio caminho”. Uma antropologia que passa a reconhecer a importância dos afetos nas produções intelectuais e que enxerga nas emoções um papel cada vez mais proeminente no trabalho de pesquisa.

E, justo por defender e concordar com a ideia de que “esse tipo de etnografia exige uma separação entre o tempo da experiência e o tempo da análise” (Coelho, 2019, 283), eu me demorava um pouco até finalmente começar a escrever os meus relatos no caderno de campo.

Ao chegar em casa, portanto, eu tomava banho e dormia sem me preocupar em querer entender de imediato tudo o que eu anotara de dados. Não raro, e cito este detalhe apenas para evidenciar as diferenças geracionais entre pesquisador e interlocutores, eu era acordado no meio da madrugada por fortíssimas câimbras nas pernas, motivadas pelos esforços físicos desgastantes do dia anterior. De toda forma, só no dia seguinte, já mais descansado, eu escrevia o relato correspondente. Desta vez, contudo, direto no computador, separando um arquivo diferente para cada inserção em campo, todos com título descritivo e datas do evento em questão. Um relato minucioso sobre o que fora vivido, com descrições de locais e de pessoas, transcrições de diálogos, reflexões sobre dinâmicas. Às vezes, crônicas mais literárias mesmo, sobre algum ponto em especial que me chamara a atenção.

Uma experiência cotidiana e de longo prazo que, nas palavras de Florence Weber (2009, p. 158, grifo da autora), é onde “se exerce plenamente a ‘disciplina’ etnográfica”. É o momento em que os dados são primeiro reunidos e catalogados para depois serem interpretados. E, pouco a pouco, serem realinhados em algo que passa a fazer sentido sobre aquilo o que se pretende estudar, analisar, entender.

Mas, após essa reflexão sobre como se deu o cotidiano da pesquisa, gostaria de retomar o debate sobre uma expectativa de rotina que o bonde tinha sobre seus membros. Porque, não tardou, o BDF já me via como um integrante regular de tal coletividade.

Eu era instado a debater questões internas, a opinar sobre ações sociais, a participar de cotas, comprar rifas que ajudariam o bonde e, principalmente, eu era sempre convocado a fazer parte das atividades do BDF. No grupo de WhatsApp, fazia-se sempre uma lista em que era preciso ou confirmar presença ou justificar ausência. Como todos os demais integrantes precisavam fazer, enfim, eu era convocado a viver o cotidiano do bonde ao lado dos demais.

Em outras palavras, os torcedores tentavam definir que, como chegaram a me dizer expressamente, a partir dali eu passava a ser “um deles”. Realizaram inclusive uma

espécie de ato simbólico de minha entrada no BDF e na TJB, quando, em 2 de março de 2022, presentearam-me com uma camisa da Torcida Jovem do Botafogo-PB, que eu passei a usar⁴⁵. Diziam-se felizes pela oportunidade de a torcida organizada ser tema de uma pesquisa acadêmica e disseram-me que aquele era um gesto de acolhimento.

É, eu sei, esse debate sobre ser “um deles” é bastante problemático numa perspectiva antropológica e etnográfica, como bem lembram Firth (1998), Strathern (2014) e uma série de outros autores. Não estou sugerindo aqui que existisse uma horizontalidade total ou que eu houvesse virado um “nativo”. Por exemplo, os torcedores da Jovem, desde o mestrado, me deram o apelido de “professor”, e isso seguiu na presente pesquisa, o que já demonstrava um certo distanciamento entre eles e eu. Ademais, muitos dos integrantes do bonde, todos mais jovens, tratavam-me de “senhor” (apesar de meus protestos), exacerbando ainda mais a questão geracional que já abordei. E a própria camisa presenteada, num contexto em que todos os demais precisavam comprá-la, também acionava algum grau de diferenciação.

Se nada disso fosse suficiente para problematizar a questão, ainda lançavam mão de algumas expressões que se tornariam frequentes, como “até o professor foi” ou “o professor está se garantindo mais do que muita gente aqui”. Elas apenas ajudavam a sugerir enfaticamente que as fronteiras seguiam presentes. Afinal, se eu servia de referência, de marco para criticar os ausentes, eu era visto como alguém “de fora” que, apesar disso, supostamente se dedicava mais do que alguns dos “de dentro”.

Ao mesmo tempo, independentemente de tudo isso, não foram poucas as vezes em que eu precisei relembrar, ora de forma sorridente e cordial, ora de forma incisiva, uma condição de pesquisador que me impedia de ultrapassar “certos limites”. Impedia-me, por exemplo, de compor uma linha de frente, de participar ativamente de qualquer embate físico, de segurar as mochilas de quem se preparava para ir para a pista, de guardar qualquer tipo de artefato em meu carro, entre outros. E tudo isso, em algum momento, me foi sugerido. Fosse em forma de brincadeira, em situações mais descontraídas em que algum torcedor mencionava o meu tamanho e dizia que eu seria um bom reforço para a “tropa”, fosse em momentos mais tensos em que, no calor da ação, algo desse tipo me era solicitado.

Em meio a toda essa fluidez sobre estar dentro ou fora do grupo pesquisado, de toda forma, eu era tratado como um deles porque, uma vez sendo parte do bonde, eu

⁴⁵ O uso da camisa da TJB, inclusive, provocaria uma série de outros desdobramentos, mas esse é um assunto que eu vou deixar para abordar a seu tempo, nos capítulos seguintes.

precisava me adequar a um “ser torcida” que eles tanto alardeavam. E que me impulsionava a ir às mais diversas programações do BDF independentemente de ser ou não dia de jogo. Foi justo esse movimento que me apresentou a muitos dos dados importantes sobre a relação do bonde com o bairro.

O primeiro compromisso que eu tive com o BDF nos Funcionários 2, sem ser em dia de jogo, foi um treino de *kickboxing* realizado em 30 de abril de 2022 (Figura 04). Apesar da insistência dos dez torcedores presentes, eu não participei do treino, porque eu queria mesmo era observar os detalhes, as nuances daquela manhã de sábado.



Figura 04 / Treino de kickboxing na Quadra de Areia da Praça Nova / Felipe Caldas / 30 de abril de 2022

O treino estava marcado para seis da manhã e às 5h30 eu já estava na Praça Nova, nas proximidades da Quadra de Areia. Para mim, inclusive, o primeiro dado relevante era perceber a disciplina do pessoal de acordar tão cedo para treinar e para se reunir com os parceiros de bonde. Na verdade, ainda que nem sempre os treinos acontecessem, por causa de imprevistos diversos ou por causa de jogos do Belo, o planejamento inicial era o de que eles acontecessem duas vezes por semana, nas quartas-feiras à noite e nos sábados pela manhã.

O objetivo, como não é difícil induzir, era preparar o bonde para as pistas contra torcidas rivais:

– A gente tem que aprender a bater e a apanhar numa pista – comentava Davyson, integrante da Jovem e instrutor de artes marciais que ministrava as aulas.

Era ele quem comandava o treino e o dividia em três partes distintas. Tudo se deu dentro da própria Quadra de Areia. Primeiro um trabalho de alongamento e de aquecimento, que incluía corridas em volta da quadra e tiros de dez metros para dar resistência e explosão. O momento seguinte já era com o uso de luvas e realizado em duplas. Consistia na repetição de movimentos de ataque e de defesa para aprendê-los e automatizá-los. De tempos em tempos, Davyson observava uma das duplas, corrigia alguma posição errada, mostrava como fazer para potencializar o golpe ou tornar mais eficiente a defesa.

Por último, simulação de combate (Figura 05). Vale lembrar que, nessa tal simulação, os murros eram para valer. Ou, nos termos dos torcedores, “na vera”. Ninguém era obrigado a participar, mas sabia-se de antemão que havia o acordo tácito de que quem participasse não iria segurar a mão, não iria aliviar. Ninguém era obrigado a participar, eu insisto, mas o fato é que todos queriam participar. Era o grande momento do treino. Aliviar a tensão, dar uns murros, se sentir mais preparado para as pistas que estariam por vir.

– Os murros são bons para absorver os golpes e não cair na pista – ensinava o instrutor.

De fato, aprender a apanhar parecia importante. E era isso o que invariavelmente acontecia. Lembra de Boladão? Já falei dele aqui. Pois, nesse dia de treino, ele saiu com o nariz sagrando, após um direto de direita ser mal esquivado e acertá-lo em cheio no rosto. O curioso é que ele, com um estilo meio impulsivo, tentou de toda forma descontar o golpe, sem sucesso.

Depois, provocava o parceiro de luta, buscando nova oportunidade:

– Se garante não, é, mizera? Vamos sem luvas!

Para delírio dos amigos presentes, ninguém foi sem luva. Como se diz no popular, “saiu apanhado”. E, como que percebendo esse traço orgulhoso do colega, ninguém o perdoou. Riam e faziam troça do desempenho dele, supostamente abaixo da expectativa. Levando a piada para depois do treino, quando o papo sobre como cada um tinha se saído, corria a manhã entre amigos de bairro – e de bonde.

A propósito, o que me interessava naquele dia não era só o treino, mas a reprodução de um estilo torcedor presente ali, como aliás é praxe nas ações do bonde ou da torcida. Bandeira, beca, conversas sobre a torcida, piadas que faziam referência a rivais, respeito a aliados, estavam todos os elementos reunidos.

E se esses elementos estavam presentes numa mobilização agitada e de grande esforço físico como um treino de *kickboxing*, estavam igualmente presentes numa reunião de quarta-feira à noite na mesma praça, para desta vez combinar como seria a ação social do Dia das Crianças do BDF.



Figura 05 / Torcedores do BDF realizam simulação de combate “na vera” / Phelipe Caldas / 30 de abril de 2022

É interessante registrar as datas. A reunião aconteceu em 8 de junho de 2022 e o Dia das Crianças do BDF só aconteceria em 22 de outubro do mesmo ano, mais de quatro meses depois. Isso porque, formado por torcedores que, em sua quase totalidade, eram de baixa renda econômica, o bonde precisava mesmo de tempo para organizar tudo e para garantir o sucesso da empreitada. Era um planejamento de longo prazo que começava a ser posto em prática e que ajudava a demonstrar também toda uma organização interna existente – e que parecia regra em eventos maiores.

Aquela reunião contou com 21 integrantes do bonde (incluindo-me na contagem). Eu estava entre eles sentado em meio à reunião quando, de repente, comecei a divagar uma vez mais sobre os múltiplos usos da praça. Na quadra de cimento, nove crianças jogavam bola animadamente e a cena me chamou a atenção. A maioria vestia camisas de clubes de futebol. Identifiquei Grêmio-RS, Flamengo-RJ, Barcelona-ESP, Borussia Dortmund-ALE, nenhuma do Belo. Entre a meninada, um deles me surpreendia em especial pela qualidade do drible e de seu futebol, bem mais apurados que os dos demais.

O relógio marcava sete da noite. Era o ápice do movimento na praça. Todas aquelas outras sociabilidades estavam presentes. Os praticantes de exercício físico, as crianças ainda mais novas se divertindo no parquinho, os casais de namorados, os grupos de amigas conversando alto e dando risadas prolongadas. Indiferente a tudo, integrado ao bairro e à praça, como mais uma das sociabilidades possíveis, o bonde. Na pequena arquibancada da quadra, os 21 torcedores becados, entre mulheres e homens, traçavam as divisões de cada um para a ação social de Dia das Crianças. E, ao que parece, eu era o único ali que observava o entorno, visto que, para todos os demais, aquelas múltiplas atividades simultâneas já faziam parte do cotidiano de cada um.

Ficou definido, então, que, a partir daquele dia e até outubro, cada integrante do bonde daria R\$ 15 e dois quilos de alimentos não perecíveis por mês para ajudar na ação social, o que totalizaria R\$ 60 e oito quilos de alimentos doados por cada torcedor. Apenas pelo rateio dos presentes na reunião, portanto, seriam arrecadados R\$ 1.260 e 168 kg de alimentos. O que não era suficiente para tudo o que eles queriam, mas já era o início.

Dessa forma, ficou conversado também que cada um ali ficaria responsável por buscar ajuda no próprio bairro. Conseguir doação de alimentos ou fechar patrocínios com comerciantes das redondezas. Por R\$ 30, tinha-se a marca associada ao evento por meio de uma publicação no Instagram oficial do bonde.

Tudo isso era discutido ali mesmo, na praça, em meio a propostas, debates, argumentos contrários ou a favor, votação. Depois, utilizando-se de um discurso muito forte de “compromisso”, de que fazer parte do bonde incluía colaborar de todas as formas possíveis com o sucesso das ações coletivas e de demonstrar “disposição”, definiu-se aquilo o que o evento precisava ter: pula-pula, lanches para a criançada, cestas básicas para as famílias, etc.

Ao longo dos meses seguintes, as cobranças no grupo de WhatsApp por aquilo o que havia sido votado seria uma constante, lembrando-se a todos aqueles que estavam atrasados com as suas parcelas sobre a necessidade de ficarem em dia e questionando

reiteradas vezes se podiam contar com todos. Alguns, de fato, atrasaram os prazos, mas no fim todo mundo cumpriu o que havia sido acordado.

De forma que, quando o 22 de outubro chegou, a ação social foi considerada um sucesso. Ao todo, 18 patrocinadores aderiram ao evento, entre comerciantes do bairro (pequenas lanchonetes, barbearias, lojas de material de construção, entre outros), torcidas aliadas de outros estados, como a Gang Alvinegra (do ABC-RN) e a Movimento Oficial Força Independente (do Ceará-CE), e até mesmo um integrante da Torcida Jovem, conhecido por Índio TJB, que se apresentou como pessoa física para ser patrocinador.

Eu fui à ação social, que aconteceu num sábado, iniciando-se por volta das dez horas da manhã e se prolongando até pouco depois das quatro da tarde. Foi nessa época, inclusive, que eu cheguei a registrar em meu caderno de campo minhas primeiras reflexões sobre aquele debate que apresentei aqui sobre o tempo do torcer: “O que me chama a atenção em eventos como esse é o circular torcedor pela cidade num tempo distinto ao do futebol. Já faz bastante tempo que o Belo se despediu da temporada de 2022 e ainda assim a torcida permanece coesa” (Caderno de Campo, 22 de outubro de 2022)⁴⁶.

Para além disso, questões bem interessantes puderam ser observadas. O evento foi realizado no ginásio da Escola Estadual de Ensino Fundamental Governador Antônio Mariz e, quando questionei sobre como eles conseguiram autorização para o uso da escola, a resposta foi para lá de inusitada:

– A pessoa que guarda as chaves mora ali em cima – apontou-me com naturalidade um dos torcedores que morava nas proximidades.

Era a comunidade ajudando a comunidade. A escola permanecia toda fechada, mas, como forma de colaborar com uma ação que se voltava em favor do próprio bairro, dava-se um jeito, ainda que apenas informalmente, para permitir o acesso e o uso do ginásio poliesportivo da unidade escolar por parte de um bonde da TJB e de dezenas de crianças entre 8 e 14 anos, beneficiadas por aquela coletividade.

Além de dois pula-pulas, houve, mais para o fim do dia, uma brincadeira de quebra-panela⁴⁷ para as crianças. Havia também um carrinho de pipoca e de algodão doce, que eram preparados na hora pelos próprios torcedores, além de refrigerante, cachorro-

⁴⁶ As transcrições do caderno de campo ao longo deste trabalho seguem com fidelidade a versão original, passando apenas por eventuais ajustes para efeito de correção ortográfica ou coesão textual. As indicações de datas, a saber, serão relacionadas ao dia do fato descrito e não ao dia em que foi escrito.

⁴⁷ Pendura-se uma espécie de panela de barro cheia de bombons. Uma criança de cada vez, então, com os olhos vendados e com um pedaço de pau na mão, tenta acertar e quebrar a panela. Quando essa é enfim quebrada, os doces caem no chão e a criançada avança para pegar o máximo que conseguir.

quente e “lancheirinhas” com guloseimas diversas. Já para as famílias mais pobres do bairro, foram preparadas uma dúzia de cestas básicas. Tudo de graça. Proporcionado pelo BDF, pelos torcedores dos Funcionários, para as pessoas da própria comunidade (Figura 06).

Outro detalhe que demonstrava o caráter comunitário do evento era a presença de quatro barbeiros contratados pelo bonde e que atendiam os presentes de forma totalmente gratuita ao longo de todo o dia. Eram profissionais especializados em cortes mais jovens, com “desenhos” e traços feitos com a ajuda de uma máquina de raspar cabelos e que atraíam principalmente os mais próximos da adolescência. Mesmo assim, muitas mães levariam os filhos pequenos para cortar o cabelo naquele dia, aproveitando a proximidade e a gratuidade do serviço e permitindo ainda mais a interação da ação social com os moradores dos Funcionários.



Figura 06 / BDF realiza ação social de Dia das Crianças para a própria comunidade, sem esquecer becas e bandeiras da torcida e do bonde / Phelipe Caldas / 22 de outubro de 2022

É importante ressaltar uma vez mais, penso, que não se trata de torcedores fazendo um favor a uma comunidade distante, fazendo “caridade”. São os moradores do próprio

bairro sendo cordiais com os seus vizinhos. Mas tendo que respeitar para isso toda a complexidade que essa vizinhança pode apresentar.

Por exemplo, em certo momento, um grupo de três torcedores foi à casa de Rodrigo Maia, à época coordenador do BDF e que morava ali bem perto, para pegar mais panelas com carne moída e com salsichas para seguir servindo cachorro-quente para as crianças. Como eu achei que poderiam precisar de ajuda, ofereci-me para ir junto, o que foi aceito. E, enquanto caminhava, eu tirava algumas fotos da vizinhança (Figura 07).



Figura 07 / Foto tirada ainda no bairro, pouco antes de adentrar na comunidade e ser orientado a guardar o celular / Phelipe Caldas / 22 de outubro de 2022

A questão é que a região é dividida na prática em duas partes, ainda que oficialmente seja tudo apenas um mesmo bairro. É que, dentro do bairro, existe a Comunidade Maria de Nazaré, uma favela com vielas estreitas, pequenas ladeiras curvilíneas perpendiculares à rua principal, becos em que carros não passam. Um espaço urbano em que pequenas casas de alvenaria e barracos improvisados coexistem numa distância de poucos metros.

Era naquela rua principal de calçamentos irregulares que Rodrigo morava e era por ali que a gente começava a adentrar. E, se nada me foi falado ou advertido enquanto estávamos caminhando na outra parte do bairro, foi só adentrarmos na comunidade que,

de repente, Rodrigo me abordou. Fala absolutamente serena, despretensiosa, mas ao mesmo tempo firme:

– É melhor evitar as fotos, professor. Como o senhor não é conhecido por aqui, *eles* podem achar que você está fuçando, registrando as coisas daqui. Você com essa barba, podem até achar que é policial.

Obedeci de imediato. Pedi desculpas, guardei o celular no bolso, segui caminhando com os meus colegas de bonde, fingindo tranquilidade, até onde estavam as panelas a serem carregadas. Depois, escreveria em tom autocrítico sobre “uma certa irresponsabilidade de quem caminha de forma desatenta por um local que não conhece” (Caderno de Campo, 22 de outubro de 2022). Lembrei também de Fleischer e Bonetti (2010, p. 13) e de suas reflexões sobre etnografia arriscada, quando as autoras debatem sobre os riscos que cercam “a possibilidade de identificação errônea do antropólogo como uma forte ameaça”.

Finalmente, percebi que poderia travar diálogo também com Toledo e Costa (2022), que fazem uma interessante reflexão sobre como mal-entendidos fazem parte do cotidiano da pesquisa de campo e como esses ruídos podem provocar afastamentos ou mesmo riscos para o pesquisador. Afinal, para mim, regido pela imprecisão das divisões oficiais da Prefeitura, via tudo ali como sendo um mesmo bairro; enquanto os meus interlocutores, muito mais acostumados a viver as fronteiras da diferença na prática cotidiana, sabiam bem o que era bairro e o que era comunidade e quais as dinâmicas possíveis em cada um daqueles espaços.

Ademais, não perguntei nada sobre quem eram “eles”. Não precisava. Eu já havia ouvido falar sobre eles em vários papos anteriores com meus interlocutores, já sabia quem eram, ainda que apenas como ideia, como espécie de onipresença nas periferias de João Pessoa, mesmo que eu não conhecesse os seus rostos nem fosse capaz de reconhecê-los no meio da rua. Tratava-se de uma dupla relação de distanciamentos e aproximações que, inclusive, era vivida pela própria TJB. Porque a torcida e seus bondes sempre faziam questão de se dissociar deles, manter um distanciamento simbólico preventivo, ainda que não fosse possível evitar o convívio cotidiano e uma proximidade geográfica.

Naquele mesmo dia, sendo que um pouco mais cedo, outro papo já me chamara a atenção para essa questão. Para esse personagem amorfo (ao menos para mim) que, no linguajar das torcidas organizadas, é tratado pelo coletivo “crime”, como referência indistinta ao crime organizado e a grupos criminosos com atuação na cidade. Bem, é sobre isso o que falarei agora.

1.3 As interferências do “crime” nas experiências torcedoras

No parágrafo anterior, quando eu mencionei um outro episódio daquele mesmo Dia das Crianças do BDF, de 22 de outubro de 2022, eu me referia a um momento em que um torcedor conversava comigo, mostrando toda a estrutura montada no colégio, explicando nuances da organização do evento. Justo nesse instante, um menino bem pequeno, cabelos lisos e alourados, correu alegremente pelo ginásio querendo brincar num pula-pula. A cena chamou a atenção de meu interlocutor, que apontou:

– É o filho do chefe da área. O pai está preso, mas é quem manda nas questões do bairro.

Era um comentário prosaico, desprezioso até, sobre uma cena igualmente singela, visto ser uma criança que, a despeito de todo o suposto contexto de violência que a cercava, buscava simplesmente brincar e se divertir numa manhã de sábado qualquer. Ao mesmo tempo, trazia à tona consigo uma série de questionamentos que eram pertinentes de serem analisados criticamente e que valem ser abordados neste momento.

Em meio aos torcedores não organizados⁴⁸, é quase consensual a ideia de que existe o envolvimento formal das torcidas organizadas com o “crime”, mesmo que para isso não apresentem nenhum dado empírico. Certa vez, a propósito, um desses torcedores, que nem mesmo convivia com os atores postos no debate, chegou a me dizer taxativamente, em tom irônico e convicto, que, se eu ainda não havia encontrado essas relações entre TJB e crime organizado, é porque eu não havia procurado direito.

Antes de prosseguir, pois, é importante deixar registrado que, ao longo da pesquisa de campo, eu não encontrei evidências que comprovem de forma taxativa e irrefutável essa tal relação institucional entre a Torcida Jovem do Botafogo-PB e o crime organizado, ainda que eventualmente uma mesma pessoa possa circular entre os dois ambientes. Por outro lado, é perceptível que certas dinâmicas cotidianas provocadas pelo “crime” vão interferir noutros contextos urbanos, sendo a TJB um desses atores sociais que, em muitos momentos, precisará se adaptar ao que estará posto – ou mesmo imposto.

Na verdade, é justamente por causa dessa consciência de que o “crime” poderá interferir nas dinâmicas torcedoras que as organizadas tentam evitá-lo ao máximo. E, para ilustrar o que estou querendo defender, vou narrar a seguir um caso vivido durante a pesquisa de campo.

⁴⁸ O termo “torcedores não organizados” é usado aqui apenas como alteridade aos integrantes de torcidas organizadas e não como sinônimo de desorganização.

Após uma pista realizada em 26 de janeiro de 2023 envolvendo torcedores da TJB, em Campina Grande, um suposto torcedor da Facção Jovem do Campinense-PB se machucou de uma forma mais séria e, ao que escutei de interlocutores, quebrou a perna. No dia seguinte, esse torcedor resolveu “esticar a linha”, que é recorrer ao “crime” para tratar do assunto. O “crime”, a partir daí, quis saber das diretorias das duas torcidas organizadas envolvidas o que teria acontecido para então definir que decisões tomar.

Ora, já aí é possível inferir que “crime” e torcidas organizadas são instituições distintas, ainda que eventualmente, justo nessas interseções, seja necessário entrar em cena a figura dos mediadores. Indivíduos que, tal como estabelecido por Velho (2001), transitam por dois mundos, por diferentes domínios sociais. Atores que não têm a pretensão de apagar as diferenças entre os lados, mas que são fundamentais para mediá-las, para cruzar as fronteiras e, de certa forma, flexibilizá-las, evitando assim a exacerbação do conflito e as interferências indesejadas.

Destacado isso, eu preciso dizer ainda que, ao menos por ora, não pretendo discutir a questão da violência da pista em si e dos casos – mais raros – em que alguns torcedores ficam feridos de forma mais grave (isso é assunto para o Capítulo 3). Por enquanto, o mais importante é indicar que, embora as mediações sejam necessárias e aconteçam dentro de limites negociados por ambos os lados (Velho, 2001), a Jovem do Botafogo-PB não tem – nem deseja ter – uma relação direta, formal e institucional com o “crime”. Penso, inclusive, que posso sugerir isso a partir de diálogos que travei com três interlocutores após esse episódio.

Um deles foi bem enfático, ainda que adotando um tom melancólico e entristecido:

– O “crime” não quer saber não, meu irmão. Tem isso não de torcida organizada. O negócio é o “crime” mesmo e acabou, na visão deles. Nós temos uma ideologia, a deles é outra. A deles passa por cima da nossa e de qualquer outra.

Outro interlocutor foi no mesmo sentido:

– E quem é doido de ir ao encontro do “crime”? Existe isso não, parceiro.

Um terceiro interlocutor foi mais explicativo, demonstrando as nuances dessas realidades que se inter cruzam. Ele disse, por exemplo, que “esticar a linha” não é algo bem-visto por nenhuma das torcidas organizadas paraibanas. E que a diretoria da Facção Jovem do Campinense-PB teria ficado indignada com o seu suposto integrante. Foi esse detalhe, inclusive, que levantou dúvidas sobre o fato de a pessoa ferida ser mesmo de torcida organizada ou apenas um curioso “sem ideologia”.

– Pista se resolve na pista. O que aconteceu aí é que parece que o bixo⁴⁹ não era de torcida organizada. Se fosse de TO⁵⁰, não iria esticar a linha não. Porque fica vergonhoso para quem estica – explicou.

Ele disse ainda que torcida organizada não estica a linha porque não quer se envolver com o “crime”, até por não ter como medir forças ou concorrer com quem simplesmente dita as regras. E também porque o “crime” tem problemas maiores para resolver e odeia ter que intervir nessas “questões menores”:

– Os caras odeiam ser acionados no presídio para resolverem problemas de torcidas. Mas sempre tem um que estica a linha e fode tudo.

Isso, definitivamente, é ruim na visão desses torcedores. Porque esticar a linha é correr o risco de sofrer interferências não planejadas e não desejadas:

– Torcida está se acabando por causa do “crime”. Porque eles se metem e querem ditar as regras deles, as ideologias deles. E as regras deles se sobressaem às nossas. Infelizmente, são eles que mandam, né? – questionou, apontando o risco, por exemplo, de o “crime” simplesmente proibir que novas pistas sejam realizadas em território paraibano⁵¹.

Ora, convenhamos, os diálogos citados sugerem, a meu ver, que as torcidas organizadas paraibanas possuem uma genuína necessidade de afastamento e delimitação entre os dois contextos, até para poderem viver as suas ideologias torcedoras sem uma possível intervenção do “crime”. De forma que, retomando o assunto da ação social, a presença do filho do chefe da área num evento da TJB não indica peremptoriamente que ambos fazem parte da mesma coletividade, mas apenas que tanto a torcida como o “crime” ocupam, habitam e integram as mesmas periferias de João Pessoa. Coexistem e interagem num mesmo espaço urbano e, cada qual a seus modos e com suas próprias alteridades, vivem em meio a relações de conflitos que podem provocar apaziguamentos e tensões ocasionais.

Conflito, diga-se, não como algo danoso que precisa a todo momento ser evitado, pacificado de imediato ou invisibilizado, mas quase como sinônimo de “interação social”,

⁴⁹ Ao contrário do que defende a norma culta da língua portuguesa, em que “bicho” se refere a algum animal, na Paraíba existe o hábito linguístico de se utilizar “bixo”, com “x”, como sinônimo de “cara” enquanto substantivo.

⁵⁰ Abreviação êmica para “torcida organizada”.

⁵¹ Ordem semelhante que, por sinal, foi dada em São Paulo pelo Primeiro Comando da Capital (PCC), que proibiu conflitos entre torcidas organizadas paulistas após um ataque da Mancha Verde contra a Gaviões da Fiel, registrado em 16 de fevereiro de 2023. Disponível em: <<https://tinyurl.com/mr36c3yz>>. Acesso em: 25 set. 2023.

como algo inevitável e até mesmo sociologicamente positivo, inerente a qualquer sociedade por si só complexa e heterogênea (Simmel, 2011).

Assim, defender uma associação automática e intrínseca entre torcidas organizadas e crime organizado é a manifestação de uma “sujeição criminal” (Misse, 2010) que, no caso debatido, passa a tratar todo morador de periferia como sendo parte da categoria “bandido”. Uma “sujeição criminal”, Misse (2010, p. 21) explica, que é territorializada e se configura num “processo de criminalização de sujeitos, e não de cursos de ação”. Uma relação, acima de tudo, preconceituosa e estigmatizada, que, por extensão, vai tratar todos os torcedores organizados das periferias como sendo sujeitos perigosos e criminosos, irrecuperáveis. Em outras palavras, a ideia de crime é definida num “plano das moralidades” (Misse, 2010, p. 21), que tenta definir, de forma precária e arbitrária, à revelia do que diz o Código Penal, o que pode ser entendido como conduta “normal” e como conduta “desviante”.

Ao mesmo tempo, o debate aqui pode ser pensado a partir da ideia que Feltran (2008) apresenta sobre as fronteiras existentes entre periferias e mundo público. A propósito, esse diálogo será ainda mais necessário no Capítulo 4, quando vou voltar a esse tema para mostrar o quão tensionadas e violentas são as práticas de instituições como a Polícia Militar da Paraíba e o Ministério Público da Paraíba na relação com as torcidas organizadas paraibanas.

Por ora, vale registrar que o autor aciona a categoria “fronteira” porque, se por um lado ela possui um sentido de divisão e de demarcação, por outro tem justamente o poder de conectar aquilo que se divide. Logo, por mais que a ideia de fronteira possa remeter a separação, Feltran (2008, p. 27) pondera que ela se refere também a algum grau de “comunicação”, “fluxos”, “conflito”. E, no caso das relações entre as periferias e o público, “fronteiras são territórios em que coexistem soluções políticas e saídas violentas” (Feltran, 2008, p. 28).

Em meio a todo esse debate, enfim, quero contextualizar melhor aquilo o que já disse sobre como o “crime” pode interferir nas vivências da TJB, mesmo se tratando, insisto, de duas coletividades distintas. E isso pode ser feito pegando um exemplo emblemático do próprio BDF.

Acontece que João Pessoa é alvo de disputas por parte de duas associações criminosas rivais: a Nova Okaida (cujo nome é uma clara referência à Al-Qaeda) e a Estados Unidos, numa curiosa emulação das disputas que nas últimas décadas tomou conta do debate geopolítico internacional. Mas, ao contrário da realidade macro, ao menos

em João Pessoa é a Nova Okaida quem é majoritária, mais numerosa, força dominante na maioria dos bairros periféricos da capital paraibana. O bairro de Funcionários, entretanto, é uma rara exceção de domínio da Estados Unidos.

A TJB tem algo em torno de 25 bondes consolidados atualmente e espalhados pela Grande João Pessoa. Em geral, esses bondes produzem camisas próprias da TJB, que carregam consigo os nomes de seus bondes e, como parece ser regra, de seus bairros. Uma clara marca identitária que tenta diferenciar e ressaltar cada bonde em meio a um todo representado pela Jovem. Desses, o único bonde que não está localizado em território da Nova Okaida é justamente o BDF⁵².

Antigamente, o bonde se chamava mesmo Bonde dos Funcionários. E camisas mais antigas produzidas pelos seus integrantes traziam estampado o nome do bairro. Isso gerava problemas, ruídos. Porque os torcedores estão sempre a circular pela cidade, em encontros que acontecem em diferentes periferias da capital paraibana. Não raro, nessas andanças, uma camisa com a inscrição “Funcionários” em um bairro dominado pela Nova Okaida poderia ser vista pelas lideranças do grupo criminoso em questão como provocação, espécie de invasão indireta da Estados Unidos em território rival. Uma tensão crescente, permeada por riscos e ameaças, que tornou inevitável a mudança do nome. Bonde dos Funcionários, assim, virou Bonde dos Faixas. Um nome meio aleatório, é bem verdade. Que, no entanto, preservava a sigla BDF pela qual os seus integrantes gostavam de ser identificados.

A questão se mostraria tão séria, aliás, que, em junho de 2023, muitos anos depois da mudança do nome do bonde, consequências graves por causa dessas questões ainda seriam registradas. Isso porque um dos integrantes do BDF, Nicholas⁵³, que, a despeito de sua filiação ao Bonde dos Faixas, morava no Colinas do Sul, foi enquadrado por pessoas do “crime” justamente por andar naquela área da cidade com uma antiga camisa do bonde que tinha a inscrição “Funcionários” na parte de trás.

Pois não só ele foi fisicamente agredido e teve a camisa tomada, como o “crime” o obrigou a deixar o bairro se não quisesse sofrer represálias. Não teve jeito, ele precisou se mudar às pressas com a família, inclusive com a ajuda dos próprios integrantes do bonde, para outro bairro periférico de João Pessoa.

⁵² Apenas para deixar claro, portanto, o pai do menino alourado que brincava na ação social do BDF é da Estados Unidos, mas, em regra, quem interfere nas dinâmicas sociais das torcidas organizadas é a Nova Okaida, majoritária em João Pessoa e no resto da Paraíba.

⁵³ Lê-se “Nícolas”.

Mas, voltando ao Dia das Crianças do BDF, era só mesmo ali, naquela ação social para a população do próprio bairro dos Funcionários, que as inúmeras bandeiras do bonde, que há muito já não eram usadas, foram afixadas no ginásio. Eram justo aquelas que possuíam a inscrição “Funcionários”. Interditadas no resto da cidade, por causa da imposição da associação criminosa majoritária na maioria dos outros bairros pessoenses, elas deixavam de ser um problema num contexto interno em que o diálogo e a diversão eram proporcionados endogenamente por moradores da – e para a – própria comunidade.

Essas interferências do “crime” com o contexto urbano de João Pessoa, como pode ser percebido, não eram uma novidade e, não raro, seriam retomadas ao longo da pesquisa de campo. Para ilustrar o que digo, gostaria de enumerar mais dois exemplos rápidos, que aconteceram num intervalo de pouco mais de um mês um do outro.

Em 20 de dezembro de 2022, o BDF faria um jantar de fim de ano para as crianças da Comunidade Maria de Nazaré. O evento aconteceu à noite, no meio da rua e para tanto era necessário adentrar a comunidade. Eu compareci àquele jantar e inclusive ajudei nos trabalhos de preparar e servir os lanches, os pratos de cuscuz com molho de salsicha, os refrigerantes.

Mas me aconselharam a, para chegar até lá, não ir de carro e a me encontrar com as pessoas da torcida fora da comunidade. Nós marcamos, portanto, na mesma escola onde acontecera o Dia das Crianças e de lá fomos caminhando. Na hora de ir embora, por volta de meia-noite, o mesmo procedimento, visto que nenhum motorista por aplicativo aceitaria chegar até onde estávamos. Então, por questões de segurança, eu fui acompanhado pelos torcedores da área até fora da comunidade e só lá eu consegui chamar o motorista que me levaria de volta para casa.

Já em 21 de janeiro de 2023, torcedores da TJB me pediram uma carona para ir buscar instrumentos de percussão da bateria da torcida, que ficaram na casa de um dos integrantes. O tal torcedor, a propósito, morava na comunidade Cabral Batista, uma favela localizada no Bairro dos Novais⁵⁴ que era visada pela Polícia Militar da Paraíba como um local com altos índices de criminalidade.

Era uma manhã de sábado de sol forte e calor intenso. Era dia de treino do Belo no Centro de Treinamento da Maravilha do Contorno, no bairro do Cristo, e de lá saímos

⁵⁴ Apesar de ser conhecido popularmente e citado por fontes institucionais como bairro, as delimitações do Bairro dos Novais ainda não são definidas em lei municipal. Então, ao menos oficialmente, trata-se de um loteamento da cidade cujo território está inserido naquilo o que é conhecido por Oitizeiro. A propósito, esse não é um caso isolado na capital paraibana. Disponível em: <<https://tinyurl.com/4fp78d54>>. Acesso em: 11 out. 2024.

até o Bairro dos Novais. Percorremos, então, uma série de vias largas, alternando algumas asfaltadas e outras de calçamento, quando, de repente, entramos numa rua estreita, curta, de barro, esburacada e de difícil acesso, em que após vinte metros, mais ou menos, era necessário obrigatoriamente dobrar à esquerda. A rua terminava num boteco com uma mesa de sinuca ao centro em que seis ou sete homens bebiam e conversavam em pé. Era justo o limite que separava o resto do bairro da favela, ainda que tudo ali fosse considerado o mesmíssimo Bairro dos Novais.

Antes de chegar ao bar, um de meus interlocutores deu-me o aviso:

– Professor, avança devagar, dá corta-luz⁵⁵, mantenha as mãos ao volante.

Obedeci de pronto, já meio tenso. Segui lentamente. Ao chegar ao bar, fiz à curva à esquerda e segui impassível, cumprimentando silenciosamente com a cabeça o pessoal que circundava a mesa de sinuca e que nos observava atentamente. Meu interlocutor conhecia a área e se identificou, avisou para onde ia, e isso tornou o ambiente mais leve e despreocupado.

Adentramos na favela, pegamos os instrumentos musicais, saímos. Eu não dizia nada. Só depois questionei o motivo daqueles cuidados. Eu já imaginava as razões daquilo tudo, mas queria transformar suspeitas em dados de pesquisa. O meu interlocutor respondeu de forma tranquila:

– É para evitar mal-entendido, né? Avisar que estamos vindo de boa. Que não estamos armados, que estamos em paz, que não viemos dar tiro em ninguém.

Eu fiz questão de registrar um pouco antes que o tom de voz de meu interlocutor era tranquilo porque, de fato, ele tratava tudo aquilo com naturalidade, como algo esperado a se fazer, como uma espécie de boas maneiras, de etiqueta a ser obedecida ao chegar àquele ponto da cidade. A tensão era exclusiva de minha parte, que não estava acostumado com aquelas dinâmicas e que invariavelmente ficava em estado de alerta.

Havia três outras pessoas dentro de meu carro. Nenhuma delas possuía qualquer relação com atividades criminosas. Eram pessoas da torcida, moradoras da periferia de João Pessoa, que, ao acionar certos espaços da cidade, precisavam respeitar as regras de convivência que eram apresentadas – e exigidas – pelo “crime”. Como forma de autoproteção, como forma de manter uma relação respeitosa e amistosa com quem ditava as regras naqueles espaços urbanos.

⁵⁵ Fazer sinais com o farol do carro, ligando-o e desligando-o seguidamente para chamar a atenção de quem está fora.

Apesar disso, é muito fácil, me parece, para aqueles que estão de fora, criminalizar todas aquelas identidades e colocar tudo dentro da mesma categoria “bandido”, tal como abordado a partir do diálogo com Misse (2010).

Aqui, obviamente, não se está negando a existência de contextos de violência nos bairros pesquisados, nem tentando criar uma dicotomia muito exacerbada entre “torcida” e “crime”. São, afinal, identidades que coexistem nos mesmos espaços urbanos. E que podem ser pensadas tal como discutidas por Zaluar (1994, p 33), que vai alardear a existência de “uma população bastante heterogênea” nas periferias⁵⁶. Além disso, ela vai criticar justamente “uma ideia abstrata e universal de justiça que introduz a oposição entre o justo e o injusto, o moral e o imoral, o honesto e o desonesto” (Zaluar, 1994, p. 132).

Uma simplificação que, segundo ela, vai negar a existência de regras de convivência entre diferentes atores que estão sempre a dialogar em meio a essas periferias. Em sua pesquisa, a autora discute as relações e as alteridades entre “trabalhadores” e “bandidos”, mas penso que, sem prejuízo do que é analisado e proposto, esse mesmo debate pode ser utilizado para discutir a questão sob a ótica dos “torcedores”. Com a diferença de que, no caso das torcidas organizadas, diferentes integrantes poderão se aproximar mais de uma ou de outra categoria. Sem, no entanto, como já tentei demonstrar, fazer isso de forma institucional.

De toda forma, o que Zaluar (1994, p. 138) vai defender de um jeito bastante interessante é que existe uma “simbiose”, um “infeliz mas necessário casamento”, uma relação que não deixa de ser antagônica, mas que, dentro de certos limites, é, acima de tudo, respeitosa. Que passa, por um lado, por uma visão positivada do “bandido” como “defensor da inviolabilidade do território que ocupa” (Zaluar, 1994, p. 138). E, por outro, da percepção do “crime” de que o “bandido ‘formado’⁵⁷ não mexe com o trabalhador de sua área, mas o respeita e o defende nesse vácuo deixado por uma ação policial e judiciária indiferente e perversa” (Zaluar, 1994, p. 138, grifo da autora).

Ainda como parte dessa discussão, e como bem diz Strathern (2014), não é plausível reificar a ideia de “sociedade” e pensá-la como dicotômica a ideia de

⁵⁶ Em seu trabalho, a autora fala da realidade da Cidade de Deus, no Rio de Janeiro, no início da década de 1980. Mas são reflexões que, a meu ver, se encaixam bem no debate aqui proposto sobre as periferias pessoenses.

⁵⁷ “Bandido formado” é uma expressão êmica usada por Zaluar (1994) para se referir ao bandido experiente, que não é afoito e que sabe lidar melhor com os conflitos eventuais sem a necessidade de partir logo para a violência. Curiosamente, num paralelo com a TJB, seria o antônimo da figura do “torcedor emocionado”, tão criticado por torcedores mais experientes justamente por um jeito afoito e intempestivo de lidar com o conflito. Como se vê, apesar das claras distinções entre uma e outra identidade, ambas são regidas, em alguns contextos, por categorias muito próximas umas das outras.

“indivíduo”. Uma unidade holística que, a autora explica, “oculta formações sociais e relações de poder” (Strathern, 2014, p. 238) e subtrai da análise o protagonismo de relações sociais intrínsecas à existência humana.

Um bairro periférico, insisto uma vez mais, não é uma unidade, um todo violento e inacessível, mera alteridade a bairros não periféricos de uma cidade. Essa é uma visão determinista. Que ignora o fato de que distintas sociabilidades são vividas ali em constantes experiências relacionais. Entre os próprios moradores de bairros periféricos, claro, mas também no contato com a população dos bairros que o cercam fora daquilo que é entendido como periferia. Afinal, toda essa multiplicidade, como sugere Zaluar (1994), só existe porque há uma certa mistura entre ordem e desordem, legalismo e ilegalismo, aproximação e distanciamento.

Ainda assim, essa tal visão determinista que muitas vezes se tem com relação aos bairros periféricos reforça uma “cultura coletiva do medo” alardeada pelas forças de segurança e reproduzidas acriticamente pela mídia, num processo que ajuda a disseminar uma “associação espúria entre criminalidade e pobreza” (Melo, 2010, p. 26).

Sobre a questão, Melo (2010) destaca que a mídia brasileira, em sua cobertura policial cotidiana, tem a tendência de tratar eventos raros como se fossem episódios corriqueiros, numa prática que vai servir como fonte para preconceitos de todo o tipo. “A criminalidade forjada na pobreza é focada pelo jornalismo e a reação moral de medo e pânico decorrente da visibilidade midiática recai sobre o crime do pobre” (Melo, 2010, p. 126).

E, se falo tudo isso, é porque eu mesmo, em certo momento da pesquisa de campo, vi-me envolto a essa “cultura coletiva do medo” sobre a qual discuti há pouco. Uma sensação paralisante que eu tratei de combater tão logo me vi diante dela pela primeira vez e cuja reação bem-sucedida me abriu uma série de novas possibilidades de percepções e de visões. Aliás, não confundir a tal expressão com o medo em si. Este, me parece, dialoga com uma certa ideia individual de cuidado, autoproteção, risco calculado (Koury, 2016), enquanto aquela tem como base uma vaga ideação de perigo extremo produzido principalmente no discurso midiático.

Aliás, esse é outro tema que Zaluar (1994, pp. 9 e 10) vai tratar em sua pesquisa, ao propor uma diferenciação entre o medo do desconhecido e o medo produzido artificial e diariamente pelos jornais:

A sensação mais forte que tive naquele momento foi a de medo. Não o medo que qualquer ser humano sente diante do desconhecido, mas um medo construído pela leitura diária dos jornais que apresentavam os habitantes daquele local como definitivamente perdidos para o convívio social, como perigosos criminosos, assassinos em potencial, traficantes de tóxicos, etc.

Trata-se, pois, de uma espécie de trauma coletivo que vai criar um mapa moral da cidade, que vai definir locais que são simplesmente interditados e inacessíveis para o resto da população. Foi justo esse segundo tipo de medo que eu precisei enfrentar e que passo a narrar agora.

1.3.1 Entre o medo e o torcer no Bairro São José

Bem, a experiência à qual me referi aconteceu em 18 de maio de 2022, dia em que o Botafogo-PB jogaria contra o Vitória-BA, fora de casa, pela Série C do Campeonato Brasileiro daquele ano. Era uma noite de quarta-feira e os torcedores da TJB, de diferentes bondes, começavam a se mobilizar para saber onde assistiriam ao jogo juntos. Entre propostas, debates, concordâncias e discordâncias, decidiu-se que ao menos uma parte deles iria assistir à partida pela TV na subsede da Jovem do bairro São José.

Em dado momento, eu recebi um convite nominal:

– Bora, professor, assistir ao jogo com a gente. Apareça lá.

Pois eu fui. E, devo ressaltar, minha ida teve muito de uma decisão política de minha parte para com os meus interlocutores. Uma reafirmação de confiança mútua. Uma necessidade também de não incorrer em contradições entre um discurso público de combate à criminalização prévia das torcidas organizadas e uma possível adesão à já tão mencionada cultura coletiva do medo.

Antes de prosseguir em meu relato, eu gostaria de falar um pouco mais do bairro em questão. O São José é uma favela espremida entre a base de uma falésia e o leito do rio Jaguaribe. Justo por essas características geográficas, é conhecida por muitos também como comunidade Beira Rio. É um bairro bem pobre. Bastante estreito, mas com cerca de dois quilômetros de extensão. Possui uma única rua em que se passa carro (um de cada vez, de forma que não raro é preciso manobrar um veículo para bem perto da calçada para dar passagem a outro que vem em sentido contrário) e diversas vielas estreitas que levam os pedestres para os limites laterais da comunidade⁵⁸.

⁵⁸ A rua principal se chama Edmundo Filho. Ela é de calçamento, percorre toda a extensão do bairro e tem entradas e saídas nas duas extremidades, sendo uma na avenida Ruy Carneiro e a outra na BR-230. Para

No que diz respeito à parte residencial, o São José é majoritariamente formado por algumas casas um pouco maiores, pequenos casebres e barracos de taipa, demonstrando inclusive algum nível de diferença econômica no interior do próprio bairro. Em períodos de muita chuva, ainda se vê ameaçado pelo risco de deslizamento de terra por parte da falésia e de alagamentos por parte do rio. Para além disso, acima da falésia estão os bairros de Brisamar e João Agripino e do outro lado do rio está o de Manaíra, todos considerados “nobres” e ocupados pelas chamadas classes média e alta da capital paraibana (Figura 08).



Figura 08 / Destacado pelas vegetações da falésia do lado direito e pelo rio do lado esquerdo, a fina e longa área que forma o bairro São José / Google Earth / 19 de julho de 2023

É um espaço urbano estigmatizado, “indesejado” pela parte mais rica da população pessoense. Principalmente porque, ao contrário de outras periferias, não está localizado às margens da cidade, mas incrustado no meio de duas áreas altamente valorizadas e próximo à orla, já que Manaíra é um bairro costeiro.

Reportagem de 2013 da TV Cabo Branco (afiliada da Globo na capital paraibana) sobre a violência em João Pessoa, por exemplo, traz a fala de um morador de um bairro próximo. Ao se referir aos moradores do São José, trata-os por “vândalos” e “bandidos”, mas adota o termo “famílias” para se referir a quem mora nas redondezas, mas fora do bairro em questão⁵⁹.

sair ou para entrar do bairro a pé, os moradores podem se valer ainda de pequenas pontes de madeira para atravessar o rio ou de íngremes escadarias de cimento para “escalar” a falésia.

⁵⁹ BOM DIA PARAÍBA. Moradores do bairro João Agripino abandonam as casas com medo da violência em JP. TV Cabo Branco, João Pessoa, 29 nov. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/jj49y2hp>>. Acesso em: 25 jan. 2023.

Noutro exemplo, o jornal estatal A União chegava a classificar em 2017 o bairro São José como “um dos mais violentos” de João Pessoa⁶⁰. Considerando que o jornal é de propriedade do Governo da Paraíba, tratava-se do próprio responsável pela segurança pública estadual disseminando uma fama de violência acima da média para a localidade⁶¹.

Gonçalves *et al.* (2015), no entanto, ao discutirem justo a realidade do São José e de sua população, vão apontar outras variáveis para justificar toda essa estigmatização existente. Não é um reflexo apenas de índices estatísticos sobre violência, mas de um elemento simbólico reproduzido pela classe média dos bairros vizinhos a partir de marcadores sociais da diferença que transforma todos os moradores pobres da área como sendo indistintamente perigosos e, conseqüentemente, suscetíveis a serem separados e evitados.

Apesar da evidente violência simbólica existente nesse cenário, é um discurso que, de certa forma, é eficiente. E que, como já demonstrado, é cotidianamente massificado pela mídia. Pois, durante mais de vinte anos, eu fui “ensinado” a enxergar o São José como um local violento da cidade, dominado pelo tráfico de drogas, em que disputas de grupos criminosos rivais eram comuns e onde apenas moradores do próprio bairro eram bem-vindos. O São José, portanto, sempre foi uma área interdita para mim, em que entrar de carro sozinho e à noite era arriscado demais para se tentar.

Até que, naquele maio de 2022, eu fui convidado a adentrar o bairro. Justo sozinho e à noite, já que eu só conseguiria ir para a subsede da TJB um pouco depois dos demais. Era um espécie de encruzilhada. Eu estava sendo instado a fazer exatamente aquilo o que, durante mais de duas décadas, todos a minha volta me diziam para não fazer jamais.

Seria desonesto de minha parte afirmar que eu não tive medo. Ou negar que, durante um bom tempo, eu titubeei e pesei os possíveis riscos que eu estaria me colocando ao aceitar o convite. Pensei em desistir de minha ida mesmo depois de ter confirmado que iria. E, para além disso tudo, cheguei a telefonar a Alex (que já estava na subsede) para saber se eu precisaria tomar algum cuidado, no que ele me pediu apenas para entrar no bairro com as janelas do carro abertas, com os faróis baixos, com as duas mãos ao volante e em velocidade reduzida.

⁶⁰ NUNES, Alexandre. Política de segurança da Paraíba barra escalada da criminalidade. Jornal A União, João Pessoa, 17 jan. 2017. Disponível em: <<https://tinyurl.com/2epmfemf>>. Acesso em: 24 jan. 2023.

⁶¹ Peguei dois dados antigos de forma proposital. A cobertura midiática sobre o bairro não mudou muito nos anos seguintes, mas achei importante demonstrar que esse processo de estigmatização é antigo e recorrente.

– De resto, é tranquilo. O pessoal das áreas já está informado de que a TJB vai descer para cá – ele me garantiu.

O medo, ainda assim, era tão intenso, a consciência de que isso poderia ser fruto de preconceitos e estereótipos tão presente, que cheguei a me desculpar com Alex por causa de minha indecisão. Ele rebateu, tranquilizando-me uma vez mais:

– Relaxa. Eu também não entro sozinho em nenhuma quebrada que não seja a minha sem antes me certificar de que é seguro.

Interpretei essa resposta como uma legitimação do cuidado, e isso me deixou mais aliviado. Ainda assim, não significava de jeito nenhum uma concordância tácita por parte dele com a concepção de bairros interditados. Principalmente naquele contexto em que eu era um pretense torcedor da TJB adentrando um território da TJB.

Apesar de todas essas longas reflexões, contudo, o que pesou mesmo para mim foi uma inquietante percepção de que minhas práticas como pesquisador não poderiam desmentir o meu discurso. E era isso o que estava prestes a acontecer se eu simplesmente negasse o convite em virtude exclusivo de meus medos. Duas perguntas eu anotei apenas posteriormente em meu caderno de campo, mas foram elas que me serviram de norte para a decisão que tomei:

1. Como eu posso ficar mais de um ano criticando a criminalização prévia das torcidas organizadas, dizer que é errado chamar tudo de “marginal” e de “criminoso” antes mesmo de qualquer ato criminoso ser cometido, condenar estigmas frutos de preconceitos, e depois manter o mesmo tipo de postura quando sou convidado a adentrar um bairro estigmatizado?
2. Quantas vezes eu liguei para uma pessoa para saber como eu deveria entrar num local antes de adentrá-lo de fato? Ao fazer isso diante do São José, eu não estaria sendo preconceituoso? (Caderno de Campo, 18 de maio de 2022).

Estava definido, portanto. Com as orientações que Alex havia me passado, entrei por volta das nove da noite no São José, vindo da avenida Ruy Carneiro. Deparei-me com uma entrada bem iluminada e com muitas pessoas conversando animadamente numa pracinha localizada do lado direito de quem entra, ainda bem perto da entrada principal do bairro. Em seguida, fui avançando lentamente em busca da subsede. À medida que eu entrava mais, a iluminação pública ficava mais precária, o ambiente mais escuro, mas, ainda assim, era possível observar muitas famílias conversando nas calçadas e inúmeras crianças brincando no meio da rua.

A subsede da TJB fica do lado direito, mais ou menos um quilômetro bairro adentro, no lado mais próximo do rio do que da falésia. É uma pequena casa de primeiro

andar, que, no passado, foi uma associação cultural de bairro. Quando essa teve descontinuidade em seu funcionamento, a Jovem conseguiu autorização para ocupar o espaço. Assim ficou.

A propósito, tão logo eu cheguei ao local, ficou claro para mim o quão acertada havia sido a decisão de ir até lá. Havia no ar uma certa incredulidade na minha presença e no meu aceite ao convite. Ainda enquanto estacionava o carro, ouvi alguém comentar em voz alta:

– Eita, o professor veio! O professor chegou!

Logo depois, Felipe Puxador, já mencionado aqui, foi me receber no carro. Ele é do Bonde do São José (BSJ) e não escondia um visível sentimento de orgulho, uma felicidade e um claro ar de satisfação por ser o anfitrião daquela noite. Ele me abraçou, deu o recado:

– Seja bem-vindo à minha quebrada, professor. Você está em casa.

Não tenho dúvidas, numa reflexão retrospectiva, que aquele foi um momento crucial da pesquisa. Um ponto de virada, de relevante aproximação com meus interlocutores, de maior horizontalidade. De respeito também deles para comigo. Porque, naquela noite, ouvi comentários dos mais diversos. Pessoas que, conversando comigo, falavam de mim na terceira pessoa para um outro interlocutor que chegava de repente:

– O professor não tem frescura não. Ele cola com a gente – declaravam animados, misto de orgulho, empolgação e surpresa.

Os torcedores da TJB fizeram questão também de me apresentar à subsede. Em consonância com a padronização da torcida, ela é quase toda pintada de preto. Muro, parte da fachada, paredes externas laterais etc. As exceções estão numa parede que fica sempre preenchida por uma bandeira da Jovem e em escudos do Botafogo-PB e da própria TJB, pintados aqui e a ali e que quebram o estilo monocromático do imóvel (Figura 09)⁶².

O andar de cima foi adaptado para ser o depósito de muitos dos materiais da torcida organizada. No térreo, um pequeno pátio era ocupado naquele dia por algo em torno de 30 torcedores, mas, para caber todos ali, muitos permaneceriam em pé. No local haviam afixado bandeiras da torcida e instalado uma TV para assistir ao jogo. Além disso, uma churrasqueira estava acesa com carnes na brasa, e dois isopores com gelo e cerveja permaneciam repousados no chão de concreto. Na parte de dentro, havia uma sala e uma

⁶² Não tirei foto naquela primeira ida ao São José, mas retornei lá em 13 de agosto de 2022 para assistir a um jogo do Belo contra a Aparecidense-GO. A Figura 10 foi registrada neste segundo dia.

cozinha separadas uma da outra por uma bancada, um banheiro, dois quartos. Os cômodos estavam praticamente vazios, mas havia o suficiente para o que os torcedores precisavam:

– A subsede é completa, professor. Tem até geladeira – destacou-me Netinho, o presidente da torcida, em tom orgulhoso.

Noutro momento, um homem, que eu nem mesmo conhecia e não sabia se ele era apenas morador do bairro ou também integrante da Jovem, chegou para mim com uma evidente demonstração de cuidado. Ele tinha boas intenções, não nego, mas sua atitude, repentina e numa parte da noite em que eu já estava completamente à vontade, só se justificava pela consciência do pessoal do bairro sobre a visão reticente que comumente as pessoas de fora têm sobre o local:

– Você pode ficar tranquilo, viu? Você está em casa. Ninguém vai mexer com você não – disse-me solenemente, enquanto dava tapinhas acolhedoras e fraternais em minhas costas.



Figura 09 / Subsede da TJB no Bairro São José, em João Pessoa / Phelipe Caldas / 13 de agosto de 2022

Ao que me parece, o convite havia sido apenas protocolar. Ou, sei lá, uma espécie de teste. De toda forma, ninguém ali parecia ter acreditado previamente que eu iria mesmo

até o local. E a minha chegada e permanência no São José até o início da madrugada funcionava como uma positiva quebra de expectativa que eles tinham com relação a mim.

Por sinal, o próprio impacto deles com relação à minha presença em bairro tão estigmatizado como violento já é suficiente para relativizar uma vez mais aquele discurso de alguns de que eu passava a ser “um deles” ao longo da pesquisa. Isso simplesmente não era possível de se conceber se apenas a minha presença e a de ninguém mais que estava ali provocava surpresas à coletividade. Além do mais, essa não seria a última vez que quebras de expectativas aconteceriam por parte de meus interlocutores com relação a mim, mas esses outros exemplos eu deixarei para mencionar em momentos mais oportunos.

Por ora, gostaria de retomar o diálogo com Strathern (2014) para reafirmar um movimento político que me propus diante de meus interlocutores. De sair da simples retórica em que, muitas vezes, os contextos dos “outros” são domesticados, para viver e enfrentar o contexto desse “outro” dentro dos próprios termos propostos por eles. “As ideias não podem, afinal, ser divorciadas das relações” (Strathern, 2014, p. 208).

Ademais, eu bem sei que a autora em seus debates se refere muitas vezes a um “outro” distante. Ainda assim, as reflexões delas se coadunam com a minha porque, em que pese sermos – meus interlocutores e eu – todos de uma mesma João Pessoa, não é exagero pensar em múltiplas cidades, contextos urbanos distintos. E eu jamais poderia falar sobre os torcedores da TJB sem conhecer o local onde eles moram, reúnem-se, sociabilizam-se, bebem juntos, comemoram as vitórias do Belo. Como, aliás, foi o caso daquele dia, visto que, jogando em Salvador, na casa do Vitória-BA, o Botafogo-PB venceu por 1 a 0.

Mas, eu dizia – ou melhor, Strathern (2014, p. 184) dizia –, é preciso antes estranhar para só depois entender as configurações e as vivências do “outro”, e isso só é possível de se fazer “na comparação entre contextos”.

Um contexto, inclusive, que muda a depender da hora. Porque, se eu cheguei ao bairro num momento ainda de algazarra, ambiente iluminado e com muitas pessoas nas ruas, fui embora quando o São José aparentemente já “dormia”. E isso modificou a percepção que os moradores tinham de mim. Na saída, pois, ainda que eu tenha respeitado as mesmas regras da entrada, em certo momento um morador fez sinal e me mandou parar. Ele simplesmente falou:

– Vai na paz, amigo. Mas baixa o farol, por favor.

Obedeci, percebendo que, de fato, as regras tinham uma razão de ser e passavam por identificar quem estava dentro do carro, para evitar surpresas indesejáveis por parte dos moradores do bairro. Existia, sim, um contexto de violência no São José, mas ele nem era endêmico nem era exclusivo de bairros pobres da cidade. Para além disso, como o farol do carro naquele momento já estava baixo, continuei apenas com o farolete ligado, quase sem conseguir iluminar a rua estreita em que dirigia, mas incapaz de contrargumentar com o morador e na prudência de não desobedecer a ordem dada.

Ademais, apenas para tornar ainda mais complexo o debate, não é plausível discutir a Torcida Jovem do Botafogo-PB como sendo parte de um único contexto. A torcida organizada não é uma unidade indivisível e homogênea, não é algo inerte e pacificado. Dentro de uma perspectiva de identidade contextual e posta nas fronteiras alardeada por Barth (2000) e já mencionada aqui, a TJB é, antes de tudo, um conjunto de bondes espalhados pela Grande João Pessoa. Com suas características, suas especificidades, suas relações próprias com os bairros que habitam. É isso que gostaria de abordar a seguir.

1.4 Múltiplos bondes, uma torcida

[...] E tem a TJB, a Maioral, 25 anos de protagonismo na Arquibancada Sol.
 É sempre importante lembrar isso.
 Nós somos a TJB e isso não é pouco!
 Somos resistência, união, força, dedicação, procedimento.
 Somos bateria. O compasso cadenciado que arrepia a pele e contagia o espírito coletivo que nos define.
 Somos a principal energia que emana das arquibancadas.
 Somos as vozes da periferia. Que sofrem um constante processo de criminalização, mas que não serão caladas jamais.
 Somos, acima de tudo, torcedoras e torcedores, entregues a uma causa e a uma missão. Movidos pela certeza de que defender as nossas cores é parte importante de nossas vidas.
 Somos arrastão pelas ruas da capital, carregando bandeiras, faixas, cânticos por lugares inimagináveis até se chegar onde a gente é mais feliz.
 Aliás, aí vai um conselho...
 Nunca duvide de quem é capaz de caminhar quilômetros, a pé, para assistir a um jogo de futebol.
 É isso o que nós somos, fazemos, sentimos.
 Somos múltiplos bondes. Uma única torcida organizada.
 Somos a TJB!
 Somos o principal diferencial que faz o Belo ser muito mais rico, relevante, vitorioso do que qualquer clube de empresário que chega por aqui achando que com dinheiro consegue tudo (Caderno de Campo, 5 de janeiro de 2023).

Como eu já relatei mais atrás, naquele momento em que eu explicava o processo de produção de meu caderno de campo, de tempos em tempos eu escrevia crônicas sobre

aquilo o que eu via e sentia ao longo da pesquisa com a Torcida Jovem do Botafogo-PB. Algumas, por se tratar de questões mais caras à própria torcida (como escrever sobre a Bateria Maioral ou sobre o puxador da TJB), eu acabava por compartilhar com interlocutores meus, que, de repente, passaram a se interessar por aqueles textos. Somado a isso, o fato de que a torcida tem uma Diretoria de Comunicação responsável por manter atualizadas as redes sociais da TJB, algumas dessas crônicas chegaram a ser publicadas no perfil oficial da torcida no Instagram.

Noutras oportunidades, Bia, a diretora de comunicação da torcida organizada, perguntava-me se eu não poderia escrever alguma crônica para um assunto específico, com o que eu sempre concordava e escrevia-as até como contrapartida à forma como fui acolhido pela Jovem.

Pois uma dessas crônicas encomendadas por Bia é justo a que foi parcialmente reproduzida no início desta seção⁶³. Foi escrita na noite de 5 de janeiro de 2023, após aquele jogo já citado, contra o Retrô-PE, pela Pré-Copa do Nordeste, e que abriu a nova temporada botafoguense.

O Retrô-PE é um clube-empresa. Ou, como mencionado na crônica, um “clube de empresário”, de apenas um dono. Por sinal, é Simões (2017, p. 104) quem nos ensina que um clube-empresa é “uma instituição esportiva criada com fins lucrativos, a partir da articulação de diversos atores políticos e econômicos em um [...] determinado contexto histórico”. Uma personalidade jurídica que surge no Brasil principalmente depois da década de 1990, embalada muito por causa da figura do “empresário de jogador”, que “se aproveita da modernização das leis trabalhistas proporcionadas pela Lei Pelé e passa a ser um agente econômico que intermedia o interesse do atleta com relação aos clubes” (Simões, 2017, p. 105).

Um ator político e econômico que, igualmente, vê nesses clubes-empresas “uma ‘vitrine’ prática e de rápido acordo, ao contrário dos conflitos de interesses encontrados nos grandes clubes” (Simões, 2017, p. 105, grifo do autor). Mais importante ainda para o debate aqui proposto, essas instituições muitas vezes são marcadas por certa dificuldade de criar raízes nas comunidades em que estão inseridas (Simões, 2017).

Em campo, portanto, estariam frente a frente um Botafogo-PB considerado grande (ao menos no contexto local), com mais de 90 anos de história e com um grande número de torcedores; contra um Retrô-PE pequeno, que nem mesmo tinha completado ainda sete

⁶³ A crônica na íntegra pode ser lida no perfil oficial da TJB no Instagram. Disponível em: <<https://tinyurl.com/h5frxr2d>>. Acesso em: 30 jan. 2023.

anos de fundação no dia da partida⁶⁴ e cujos torcedores se resumem a familiares de atletas e estudantes da faculdade pertencente ao dono do clube, que ainda por cima financia ingresso, transporte e uniforme a quem vai ao estádio⁶⁵.

Ainda assim, havia uma impressão coletiva entre os botafoguenses de que seria uma partida difícil e que, sendo o rival um clube muito mais rico, justo por causa da estrutura montada pelo seu dono, o time visitante chegava ao jogo com certo favoritismo. Pois foi após a vitória do Belo nos pênaltis, ainda na euforia da classificação, no cansaço pós-jogo, que veio a proposta sobre a crônica. Ideia inicialmente ventilada por Netinho, pedido formalizado depois por Bia.

Naquele dia, por ser a primeira partida do Belo no ano, uma grande mobilização havia sido realizada e todos os bondes da TJB haviam promovido uma convocação especial aos seus respectivos integrantes para comparecerem ao estádio. Foi realizado, portanto, um arrastão típico dos grandes jogos, de forma que, no fim das contas, ficou a sensação entre os torcedores de que o diferencial decisivo para o resultado positivo foi justo aquilo o que o clube de João Pessoa tem e que o de Camaragibe (município pernambucano da Região Metropolitana do Recife) não tem: torcidas apaixonadas e orgânicas. No caso da TJB, uma torcida organizada com disposição para percorrer quilômetros a pé para ir ao estádio, mobilizando diferentes bairros e economizando o que era possível para poder comprar o ingresso.

Era esse o mote que sugeriam para a crônica. Que, óbvio, não deixava de ter um evidente tom exagerado, de exaltação à própria torcida, com o objetivo de representar de forma coletiva, apaixonada e romantizada as vozes dos torcedores da Jovem, que, em momentos como aqueles, reforçavam a ideia de protagonismo em que eles acreditam e declaram possuir no cotidiano botafoguense.

No mais, em que pese essa exacerbação no tom da crônica, ainda assim elementos caros à torcida estavam representados: a resistência em meio à criminalização e à tentativa de silenciamento por parte das autoridades públicas e de outros perfis de torcedores, a importância da bateria para a agremiação, a origem na periferia, o valor dado aos símbolos e materiais, a multiplicidade de bondes que formam uma mesma torcida.

⁶⁴ A data de fundação do Retrô-PE é 15 de fevereiro de 2016.

⁶⁵ AGUIAR, Vítor. Milhares de fênix: entenda como o Retrô Brasil conseguiu tanta torcida em um ano. Super Esportes, Recife, 8 nov. 2019. Disponível em: <<https://tinyurl.com/3ujc9t64>>. Acesso em: 30 jan. 2023.

Sobre esse último ponto, vale registrar que, quando a própria Bia, que havia encomendado a crônica, foi comentar sobre o texto, ressaltou justo esse detalhe com relação aos bondes:

– “Somos múltiplos bondes. Uma única torcida organizada”. Pega a visão. Aulas e palestras da Maioral! – destacou ela.

Eu achei esse detalhe interessante porque, ao menos para mim, aquela frase era a mais delicada de toda a crônica, porque evidenciava uma certa cisão no interior da torcida organizada que eu não sabia se os torcedores gostavam de alardear publicamente, ainda que fosse uma relação que, de fato, era vivida internamente no cotidiano da TJB. Mas, ao contrário do que eu imaginara, foi justo aquela pluralidade a parte ressaltada e valorizada pela minha interlocutora.

Por tudo isso, acho que é importante discutir mais demoradamente sobre as dinâmicas dos bondes no contexto da TJB. E, ao fazer isso, eu gostaria primeiro de admitir o quanto eu fiquei surpreso ao investigar melhor as suas nuances, características, formas de se enxergarem e de existirem pelos bairros de João Pessoa.

Digo isso porque, durante o mestrado, eu já tentava refletir sobre como era falaciosa a ideia de uma unidade torcedora em torno de um mesmo clube de futebol. Sobre como era problemático pensar em termos totalizantes como “massa”, “nação”, “bando de loucos”, “mundo de gente”, “festa da multidão” etc., e ignorar todas as muitas identidades que permeiam as mesmas arquibancadas e que torcem pelo mesmo clube, mas que, ainda assim, mantêm entre si relações tensionadas e conflitivas. Em palavras mais diretas, não era plausível falar em “torcida do Botafogo-PB”, no singular, mas haveria de se optar por “torcidas”, sempre no plural⁶⁶. Com diferentes formas de torcer e arvorando cada uma para si uma maior autenticidade com relação às demais.

Mas a questão é que, modificando a direção do olhar e esmiuçando ainda mais o foco das investigações, as torcidas não são as menores identidades coletivas existentes nesse debate. Novas distinções, novas identidades poderão ser percebidas em contextos cada vez mais micros.

Ora, embora naquele trabalho eu já citasse a existência dos bondes da TJB e o caráter geográfico deles, e já indicasse algum grau de alteridade entre eles, eu não alcancei à época a real dimensão que essas coletividades possuem na estrutura da torcida organizada. Mais do que meras “embaixadas” da TJB pelos bairros, os bondes possuem

⁶⁶ Cito nominalmente o Botafogo-PB porque é o contexto pesquisado por mim, mas estou convencido de que essa pluralidade torcedora se reproduz em outros clubes e contextos.

elevado nível de autonomia e representam a sociabilidade primária dos torcedores organizados. Num processo de “enraizamento territorial” (Goldman, 2006) que, ao menos internamente, faz o torcedor se identificar primeiro com o bonde e com o seu respectivo bairro e só depois com a Torcida Jovem.

Isso não significa, contudo, que os bondes sejam totalmente independentes e não precisem se submeter às decisões da diretoria da TJB. Essa seguirá funcionando como mediadora das contendas internas e como valor simbólico central, um “todo” capaz de alardear para si o título de “maior e mais antiga torcida organizada da Paraíba”. Porque, ainda que a sociabilidade principal seja nos bondes, como eu registrei há pouco, a força da torcida está em seu tamanho, no respeito e no temor que ela impõe em aliados e em rivais. E isso os bondes não conseguiriam oferecer isoladamente.

Toledo (1996), por exemplo, já demonstrava lá atrás, no contexto paulista, o quanto é importante para uma torcida organizada se apresentar com uma variada gama de materiais (bandeiras, faixas, bandeirões, camisas) e como isso tem papel determinante para fazê-la grande, prestigiada aos olhos dos demais, visível. Essa ideia, a propósito, é reforçada por estudos vindouros, como o de Souza (2014) e o de Souza Junior (2022), que, nos contextos da Facção Jovem do Campinense-PB e da Gaviões da Fiel do Corinthians-SP respectivamente, chegam a conclusões parecidas. Logo, voltando ao caso da TJB, é apenas com a reunião dos bondes em uma única torcida organizada que isso se tornará possível.

1.4.1 O limiar entre segmentaridade e fissão

Na verdade, eu estou destacando muito as categorias “bonde” e “torcida organizada” como um todo, mas o fato é que, na TJB, existem também quatro zonas (Norte, Sul, Leste e Oeste), numa categoria intermediária que se posiciona entre essas duas anteriormente citadas e que mais uma vez respeita uma lógica territorial⁶⁷.

São diferentes níveis políticos de organização da alteridade. Numa metáfora rasa, a TJB vista como um país, as zonas como estados, os bondes como municípios. Em que a Jovem, ao tempo em que desenvolve relações constantes de alianças e rivalidades com outros grupos externos a si, ainda precisa tratar das questões intergrupais que existem fortemente em seu interior.

⁶⁷ Para efeito de registro, o BDF faz parte da Zona Sul.

É isso o que Goldman (2006) chama de “princípio de segmentaridade”⁶⁸ e que haverá de ser visto sempre como uma “perspectiva”. No contexto da Torcida Jovem do Botafogo-PB, um torcedor organizado é, antes de tudo, o bonde, depois a zona, por último a TJB. Numa festa da própria torcida, prevalecem as duas primeiras; diante da perspectiva de uma pista com uma torcida rival ou mesmo de recepção a uma torcida aliada, prevalece aquela última enquanto identidade mais abrangente a ser acionada.

Volto aqui, rapidamente, à cena que abre esta tese, naquela performance arrebatadora no baile de 2022 da TJB. Naqueles 15 minutos de euforia que eu descrevi, gritava-se o nome da torcida justamente porque aquele era um momento produzido pelo puxador para a exaltação da coletividade torcedora visando outras coletividades aliadas que estavam ali presentes. Na maior parte da festa, contudo, os integrantes dos bondes permaneceram mais coesos entre si, perto de suas bandeiras de bairros, evidenciando a segmentação em um contexto interno da agremiação (Figura 10).



Figura 10 / Passados os momentos de arrebatamento do baile, cada torcedor fica mais perto de seu bonde e de suas bandeiras / Phelipe Caldas / 26 de novembro de 2022

⁶⁸ Numa releitura mais relacional da ideia de segmentação apresentada por Evans-Pritchard (2013).

Sobre o tema da segmentaridade, Goldman (2006) destaca que uma “tendência federalizante” vai ser operada quando o grupo em questão vai se relacionar com instâncias exteriores a ele (por exemplo, quando a relação da Jovem for com outra torcida organizada), mas tenderá à segmentação quando a relação for interna. O autor, entretanto, pondera que “essa separação (ou ‘segmentação’ propriamente dita) corresponde a um processo reversível, e o que é apenas um grupo em determinado nível segmentar se divide em dois em outro nível, sem deixar de ser um no anterior” (Goldman, 2006 p. 144).

A segmentação, ademais, é “sempre relativa, contextual e reversível” (Goldman, 2006 p. 144), visto não se tratar de fissão, esta sim mais duradoura (e que, de fato, pode acontecer, em algum momento de ruptura). Ainda assim, Goldman (2006, p. 145) defende a existência de uma “estrutura propriamente segmentar, no sentido processual do termo”, que vai fazer com que, em casos de fissão, duas entidades com uma origem comum tenham a tendência de se sentir mais próximas entre si do que daquelas com origens completamente diversas.

Sobre esse último ponto, posso ilustrá-lo com o caso da Fúria Independente do Botafogo-PB, uma outra torcida organizada do Belo presente nas periferias de João Pessoa. A Fúria foi fundada em 2008 e, antes disso, ela era o Bonde de Mangabeira da Torcida Jovem do Botafogo-PB. Durante onze anos – que separam a fundação da Jovem e a da Fúria –, portanto, o antigo Bonde de Mangabeira da TJB viveu esse movimento sempre reversível de segmentação até o dia em que houve a fissão definitiva. O que era apenas segmentação, tornou-se dissidência.

Desde então, as relações entre TJB e Fúria são extremamente delicadas, em um constante movimento de apaziguamentos e acirramentos do conflito. Inclusive, ao longo da pesquisa, eu acompanhei os dois lados desse processo, tendo testemunhado festas conjuntas entre ambas e, pouco tempo depois, uma “guerra” ser iniciada após o agravamento de rugas entre integrantes dos dois lados.

Bem, a “guerra” entre as duas torcidas é tema para o Capítulo 3, mas, por ora, retomando a discussão que estava em curso, o que Goldman (2006) defende com a sua teoria sobre uma estrutura segmentar é que, por mais violentas que possam estar as relações entre TJB e Fúria, essas agremiações estarão sempre mais próximas uma da outra do que ambas individualmente com as torcidas de Campina Grande (de clubes rivais, de outras cidades, de um outro lado nas redes de alianças e rivalidades entre torcidas organizadas de pista).

De toda forma, resta-se indicado, até pela baixa frequência de rupturas ao longo de 25 anos de história, as fissões são as exceções e as segmentações parecem mesmo ser a própria estrutura que molda uma torcida organizada. Numa curiosa dinâmica relacional que, no caso pesquisado aqui, pode fazer com que um mesmo grupo de torcedores acione todas as diferentes identidades segmentadas num único dia, no intervalo de pouquíssimas horas até, a depender do momento e do local em que se está. Principalmente, a depender de com quem se está.

Presenciei isso acontecer inúmeras vezes ao longo da pesquisa. Relatarei, como ilustração, os fatos de 15 de fevereiro de 2022, em dia de jogo do Botafogo-PB contra o Fortaleza pela Copa do Nordeste. É aquele mesmo dia já citado aqui em que eu fui acolhido como integrante do BDF.

Entre tantos outros dias possíveis, eu escolhi esse porque, antes de tudo, foi a primeira vez que testemunhei aquelas dinâmicas. E fiz isso ainda vivendo a surpresa das descobertas e sem entrar na automação de quem já consegue antever o que deve acontecer em seguida. Depois, porque trata-se de um campo que reúne muitos dos níveis de segmentação que quero analisar e também porque foi quando conversei mais demoradamente com Bia e Danila justo sobre essas questões sobre bondes, zonas, TJB. Bia eu já havia citado aqui. Danila é uma personagem interessante porque ela era da diretoria da Jovem no início de minha pesquisa e no curso desta migrou para a Fúria, num movimento inclusive que serviu como um dos estopins possíveis para aquela mesma “guerra” que narrarei no Capítulo 3.

Naquele 15 de fevereiro de 2022, no entanto, eram todos ali ainda TJB e a relação dessa com a Fúria estava relativamente pacificada. O jogo era de pista, a presença da TUF com o apoio da Torcida Jovem do Galo (TJG)⁶⁹ era aguardada, não era dia de chegar ao estádio sozinho, “moscando”, correndo o risco de sofrer emboscada e perder material por bobeira. As ordens eram claras: só era para rodar pela cidade em grupo, só era para chegar ao estádio em grupo ainda maior.

Minha pesquisa de campo, naquele dia, como eu informei anteriormente, começou na casa de Nai, no bairro dos Funcionários 2, a quase quatro quilômetros do estádio. Cheguei lá por volta de uma da tarde e fiquei acompanhando mais de perto as dinâmicas do bonde, num momento de pesquisa em que a maioria ainda tinha rostos estranhos e eu

⁶⁹ Principal torcida organizada do Treze, o rival do Belo. O Galo, a propósito, o mascote do clube de Campina Grande, remete ao animal correspondente ao 13 no Jogo do Bicho.

não conhecia quase ninguém pelo nome. Perto de três da tarde, começaríamos um primeiro arrastão.

Deixa eu tentar explicar como se dariam as dinâmicas. O jogo estava marcado para começar às 19h30. Mas às 16h, três horas e meia antes de a bola rolar, estava programado para que a TJB se encontrasse numa calçada ao lado de um posto de combustível na avenida Valdemar Naziazeno, no bairro de José Américo, que fica distante 1,8 km do Estádio Almeidão. Sendo assim, a partir de uma da tarde, três horas antes da concentração da TJB e mais de seis horas antes do início da partida, os bondes começavam a se reunir em suas respectivas periferias.

Eu estava no BDF. Saberá depois, tantas outras coletividades torcedoras estavam simultaneamente em seus próprios bairros e bondes, na prévia da prévia para o jogo que não estava nem perto de ser iniciado. Relembrando meses depois toda aquela mobilização, é bonito de imaginar de forma macro todo o entrelaçamento de coletividades que ocorreu até todas elas convergirem para um ponto comum, de onde marchariam finalmente juntas para o destino final, o Estádio Almeidão.

Ainda assim, a minha vivência foi sob uma perspectiva específica, sobre a qual posso escrever melhor. Desde já, no entanto, eu posso antecipar que a música, os cânticos, os gritos de guerra tiveram um papel fundamental para marcar a segmentação em voga em cada momento das caminhadas realizadas naquele dia. Músicas essas que, no contexto do futebol, podem ser pensadas também como parte de uma experiência torcedora em disputa (Laing; Linehan, 2013) ou como um evento performático sonoro (Marra; Trotta, 2019).

De toda forma, a maior parte dos trabalhos que tratam de música e futebol têm uma tendência de analisar o efeito que os cânticos torcedores exercem no desempenho esportivo. E, muito por isso, privilegiam as performances que acontecem dentro dos estádios de futebol.

Durante as pesquisas, entretanto, percebi um algo a mais, nas músicas produzidas e evocadas pelos torcedores, que não podem ser ignoradas. Elas não objetivam apenas empurrar o time do coração. Antes, servem para ressaltar “um universo acústico próprio” (Le Breton, 2016a, p. 137) que é fundamental para os torcedores se enxergarem como coletividades. Unidas, coesas, prontas para expressarem os seus amores e emoções, para se defender do outro e ir para a pista se assim for necessário.

Músicas que, de acordo com Hintjens e Ubaldo (2019)⁷⁰, têm um caráter profundamente social e possibilitam um forte impacto no coletivo. Mais do que isso, podem ser sentidas como experiências compartilhadas dentro de um senso de comunidade. Como elementos que teriam a capacidade de aumentar a ressonância e a emoção com os outros. Que, insistem os autores, não são nem “inocentes” nem “culpadas”, mas, justo por seu caráter simbólico e comunitário, podem, a depender do contexto, ressaltar tanto a pacificação como a alteridade.

Pois, voltando a minha descrição sobre as experiências vividas naquela tarde que renunciava o jogo contra o Fortaleza, eu e mais uns 25 torcedores do BDF deixamos a nossa concentração por volta das três da tarde. Caminhávamos pelo meio da rua, fechando uma das duas faixas da via, deliberadamente saindo da calçada para se fazer perceber enquanto coletividade (Figura 11).



Figura 11 / Arrastão dos integrantes do BDF pelas ruas de João Pessoa / Felipe Caldas / 15 de fevereiro de 2022

⁷⁰ Recorro aqui a autores que nada tratam de futebol, mas que buscam analisar o papel da música na produção da paz e da violência, justamente para escapar da análise específica sobre desempenhos esportivos através da música e defender um caráter coletivo que essa é capaz de produzir nas comunidades.

Era uma tarde de sol forte, de poucas nuvens no céu, muito calor. Ainda assim, a coesão torcedora já era vista ali, mesmo em número mais reduzido. Havia uma linha de frente formada que definia os limites do arrastão, e todos em uníssono cantavam e evocavam uma certa presença torcedora naquele bairro. Não se falava em Botafogo-PB, não se falava em TJB. Os gritos eram nominalmente sobre o BDF, sobre o bonde que naquele instante iniciava a sua caminhada.

Em dado momento, no entanto, os torcedores do BDF pararam numa esquina e ali esperaram um pouco, até que outros grupos de pessoas se somaram àquele em que eu estava. Saberia depois, eram outros bondes da Zona Sul que também saíram de seus bairros até o encontro naquela parte da cidade. Só então, a caminhada foi retomada. Mas havia uma singela mudança acústica que acompanhava o caminhar:

– Uh, é Zona Sul – gritavam os torcedores, deixando de lado as músicas dos bondes que até há pouco eram invocadas.

O arrastão naquele momento já era maior, por sinal, visto que não se tratava mais de apenas um bonde e sim de toda uma zona reunida. Não saberia precisar quantas pessoas passaram a ter aquela caminhada, mas o registro que importa aqui é que a dinâmica permanecia inalterada: torcedores na rua, abandonando as calçadas, formando uma linha de frente e seguindo rumo ao posto de gasolina da avenida principal do bairro de José Américo.

Não tardou, pois, nova mudança aconteceria. Quando a Zona Sul finalmente chegou ao posto, foi recepcionada pelos outros torcedores da TJB que já estavam no local. A reformulação do comportamento foi imediata. Abandonaram as músicas da Zona Sul e, juntos aos demais que já estavam no local, começaram a cantar as músicas da Jovem.

Naquele meio de calçada, os torcedores haviam levado bebidas e dois caldeirões: um de feijoada e um de marisco. Bebiam e comiam ali mesmo na calçada, cantando e festejando, esperando a hora do avanço coletivo rumo ao Almeidão. Naquele tempo de espera, eu ainda vi a chegada da Zona Leste. Era uma revisita àquilo ao que eu tinha vivido. Antes chegando, agora recepcionando. Com os mesmos pulos, a mesma empolgação no reencontro, a mesma reformulação das músicas a serem cantadas.

Tem mais um detalhe, no entanto. Por volta das cinco da tarde, a Fúria Independente chegou ao mesmo lugar. Dez minutos depois, cerca de quinze torcedores

da Gang Alvinegra do ABC-RN também chegaram de carro, vindos de Natal⁷¹. A partir dali, também as músicas da TJB passavam a estar proibidas.

E essa é uma constatação que me foi dada pelo próprio campo, no exato momento em que, às cinco e vinte da tarde, todas aquelas múltiplas identidades começariam o arrastão final até o Almeidão (Figura 12). Porque, justo nesse instante, um torcedor da TJB, mais desavisado, tentou puxar o hino da torcida, no que foi repellido de forma imediata e até violenta por um colega ao lado.



Figura 12 / À medida que outras identidades se unem à mobilização, aumenta o número de pessoas, modificam-se as músicas a serem cantadas / Phelipe Caldas / 15 de fevereiro de 2022

O desavisado se calou, mas eu não perdi a oportunidade de questionar sobre a atitude daquele que mandou a música ser cessada. No que esse me respondeu de forma seca e direta:

– Simples. Não se canta música de uma torcida em caminhadas com outras torcidas.

Ali, eu e meus colegas que havíamos saído dos Funcionários 2 mais de duas horas atrás, já não éramos BDF. Não éramos Zona Sul. Não éramos nem mesmo TJB.

⁷¹ Essa é uma prática que será melhor explicada no Capítulo 2.

Seguíamos sendo tudo isso, óbvio, já que uma identidade não anula a outra. Mas, a bem da verdade, ali éramos e precisávamos alardear a nossa condição de Lado B, como parte de uma rede de alianças de torcidas organizadas de diferentes estados nordestinos que faziam contraposição ao Lado A, de onde são as torcidas organizadas de Fortaleza-CE e Treze-PB.

É no próximo capítulo que eu vou tentar descrever melhor essa divisão entre Lado A e Lado B, visto que ela não é absoluta e, por vezes, é permeada por questões localizadas que transformam torcidas do mesmo lado em rivais e torcidas de lados diferentes em aliadas. Ainda assim, não tem como negar que essas são identidades frequentemente acionadas, principalmente por torcidas do Nordeste brasileiro. E foi isso o que aconteceu em forma de cânticos naquele último trecho de caminhada até o estádio, sempre ocupando a rua e nunca a calçada.

Por outro lado, ainda na esteira do que diz Goldman (2006), essa escalada federalizante que foi narrada agora só dura o tempo necessário do encontro, e começará a ser desfeita e novamente segmentada tão logo for possível. Tão logo, por exemplo, chegue-se ao estádio e TJB e Fúria passem a ocupar diferentes territórios da Arquibancada Sol do Almeidão. Uma segmentação que, não obstante, dentro do caráter contextual e sob perspectiva da pesquisa antropológica, interfere inclusive em como eu, enquanto pesquisador, passo a ser visto por alguns de meus interlocutores indiretos.

1.4.2 A alteridade com a Fúria e outras segmentações

É fato que a TJB não nasce nem segmentada, nem “federalizada”. Nem possuindo bondes, nem fazendo parte de algum dos lados postos nas dinâmicas das torcidas nordestinas. Essas são identidades que vão sendo construídas com o tempo e se moldando justamente a partir das relações que são criadas.

Por sinal, apenas para indicar que esse tipo de dinâmica é comum em outras experiências torcedoras Brasil afora, os surgimentos da TJB em 1997 e de outras torcidas organizadas paraibanas nos anos seguintes se assemelham em muito com o processo que foi desencadeado no Rio de Janeiro lá atrás, entre 1967 e 1970, e que foi descrito por Teixeira (1998). Tal como lá, as três maiores torcidas organizadas paraibanas têm “jovem” no nome⁷², são consideradas as principais de seus respectivos clubes e, em algum

⁷² Além da Torcida Jovem do Botafogo-PB, refiro-me também à Torcida Jovem do Galo (fundada em 2001 e ligada ao Treze-PB) e à Facção Jovem do Campinense-PB (fundada em 2003).

momento, precisaram lidar com dissidências. No caso da TJB, sobre a qual recai a etnografia, ainda há a semelhança de que tudo começa de forma meio despretensiosa, reunindo amigos de mesmo bairro (pelos relatos de fundadores da torcida, alguns eram da Torre, outros eram do Altiplano⁷³), mas sem uma estrutura formalizada.

Os fundadores da Jovem do Belo com quem eu conversei, inclusive, deixaram absolutamente claro que a torcida tomou uma proporção muito maior do que a prevista inicialmente. E, nas palavras deles, “saiu do controle”. Não num sentido necessariamente negativo, mas no sentido de que, não tardou, ela já estava muito maior do que se supunha e, com tantos membros, o poder decisório centrado na maioria de votos não estava mais necessariamente nas mãos daqueles que tiveram a ideia de fundar a primeira torcida organizada da Paraíba.

Para citar alguns exemplos, nem todos os que fizeram parte da primeira formação desejavam transformar a TJB numa torcida de pista. E alguns provenientes de bairros considerados nobres jamais imaginaram que, de forma tão rápida, ela migraria quase que totalmente para as periferias de João Pessoa.

Em meio a todo esse processo, alguns fundadores gostaram ou ao menos se adaptaram à nova proposta e seguiram; outros migraram para distintas agremiações torcedoras em torno do Botafogo-PB, que foram surgindo com o tempo; um terceiro grupo deixou em definitivo o movimento de torcidas organizadas. Há fundador, inclusive, conforme me disseram alguns de seus contemporâneos, que nem mesmo gosta de ser identificado como tal e prefere permanecer oculto, longe das arquibancadas. Em sentido contrário, muitos torcedores daquela época e de gerações vindouras foram se associando à Jovem ao longo dos anos, num fluxo de entradas e saídas constante e ininterrupto que dura até os dias atuais e que, pouco a pouco, foi criando uma organização mais institucional, com estatuto próprio e previsão de cargos diretivos.

O que quero sugerir com isso é que as segmentações, as alianças, as reformulações relacionais possuem um certo grau de imponderável e são incapazes de ser totalmente previstas. Ao mesmo tempo, elas não são definitivas e poderão sofrer readequações, o que pode levar a mudanças sobre como dada identidade enxerga um “outro”. E, nesse contexto, o pesquisador não estará alheio a essas mudanças.

Sobre o tema, eu gostaria de registrar que o meu primeiro contato mais próximo com a Fúria Independente aconteceu em agosto de 2018, durante aquela viagem para

⁷³ Altiplano, aliás, que é considerado um bairro “nobre” em João Pessoa.

Ribeirão Preto já mencionada na Introdução desta tese, e isso aconteceu porque se tratava de uma caravana conjunta que contou com a presença de 28 integrantes da TJB e 12 da Fúria.

Naquele tempo, como já registrado, eu buscava definir as fronteiras e as alteridades entre as diferentes torcidas e as diferentes formas de torcer em torno do Botafogo-PB. E, como eu pesquisava diferentes coletividades, e flutuava aqui e ali por diversas delas, acabava não sendo identificado como parte de nenhuma especificamente. Algo que seria modificado no doutorado, quando, aí sim, meu foco central e principal se tornaria a TJB.

Mas esse é um movimento lento. E que, a partir de minhas próprias experiências, ajuda a entender como as relações são fluidas e temporais, passíveis de ser rapidamente modificadas. Porque eu tenho a consciência de que, quando essa alteridade entre TJB e Fúria respinga em mim, que sou reconhecido por ambas como pesquisador e não como torcedor de pista, as tensões entre as duas já estão em níveis bem maiores do que eu supunha até então. E, de fato, eu acabo mesmo sendo um dos últimos a saber de toda essa mudança de realidade que transforma pacificação em animosidade. Afinal, eu estou no campo muito mais como observador (ainda que um observador-participante) do que como um agente que vivencia e, de certa forma, provoca essa cisão.

Vejamos, ainda em 6 de março de 2022, naquele mesmo dia de jogo contra o Campinense-PB em que eu estivera pela primeira vez na Praça Nova, no bairro de Funcionários 2, houve uma feijoada no entorno do Estádio Almeidão, para onde o pessoal do BDF migrou por volta das duas da tarde. Lá, dava para ver que torcedores de TJB, Fúria e Império Alvinegro dialogavam juntos, de forma cordial e aparentemente sem tensões.

Em dado momento, eu fui calorosamente cumprimentado por Vinícius, que fez festa ao me ver e demonstrou genuína empolgação com o encontro. Vinícius, no caso, é um respeitado e antigo torcedor da Fúria, que sempre ocupou cargos diretivos na torcida e que havia viajado comigo naquela caravana para Ribeirão Preto.

Nós havíamos-nos conhecido justo naquela viagem e vivenciamos cinco dias intensos de brindes, conversas, partilhas doídas sobre a eliminação com gol no minuto final da partida decisiva. E só voltávamos a nos encontrar ali, mais de três anos depois da caravana.

Ele me deu um abraço, perguntou sobre a pesquisa, chamou-me para brindar com uma lapada de cachaça. Não pareceu se importar nem um pouco com o fato de que, passado o mestrado, no doutorado eu estava pesquisando especificamente a Jovem.

Pouco mais de dois meses depois, em 21 de maio de 2022, eu participei de um outro encontro com a presença de diferentes torcidas organizadas. Curiosamente, em mais um jogo contra o Campinense-PB, mas desta vez pela final do Campeonato Paraibano e realizado fora de casa⁷⁴. Os botafoguenses, proibidos de viajar a Campina Grande por causa da instituição de “torcida única”⁷⁵ na partida (falarei mais sobre o tema no Capítulo 4), se reuniram em um bar no bairro de Cruz das Armas.

Ao chegar ao local, logo encontrei um grupo pequeno de torcedores da Fúria. Vinícius não estava, mas havia outros três entre aqueles que também haviam participado da caravana para Ribeirão Preto. E, de imediato, percebi uma certa mudança no tratamento.

O papo já não era totalmente ameno, já havia um certo tom de provocação, uma “tiração de onda” que servia para, aparentemente brincando, dar o recado. De fato, não era nada grosseiro, todos falavam rindo, mas, como eu estava dizendo, captei um aparente incômodo com o “lado” pelo qual eu havia supostamente me decidido.

Curiosamente, quem puxava toda a brincadeira era um torcedor chamado André Felipe. E eu digo “curiosamente” porque ele era presidente da TJB na época da caravana, e havia sido meu interlocutor durante boa parte do mestrado. Até que, pouco tempo depois da viagem, anunciou sua migração da Jovem para a Fúria.

Ainda assim, naquele dia de reencontros, ele brincou dizendo que eu estava “traíndo” a Fúria, que eu não andava mais com eles, que eu não queria mais saber deles, não ia mais a jogos ao lado deles. E, em meio a isso, apontava rindo para a camisa da Jovem que eu usava.

Os colegas dele riam. Soltavam um “porra, professor”. Mas era André Felipe quem continuava a dar o tom:

– Está tomando partido, o professor. Só quer saber da Jovem agora.

Ele falava e ria. Eu escutava e me constrangia, sorrindo também e soltando um “nada a ver” pouco convincente. O detalhe é que era uma cobrança meio sem sentido.

⁷⁴ O Campinense-PB venceu por 1 a 0 e se sagrou campeão paraibano de 2022.

⁷⁵ A expressão vai sempre aparecer entre aspas ao longo do trabalho porque, tal como defendo na dissertação, nunca haverá uma unidade, mesmo quando apenas torcedores de um mesmo clube estiverem presentes. De toda forma, é essa a expressão que é usada pelo poder público quando se proíbe no estádio a presença dos torcedores do clube visitante.

Porque minhas pesquisas entre torcidas de pista sempre haviam sido com a Jovem, e meus encontros com a Fúria só aconteciam nessas convergências entre torcidas. Ainda assim, não valia a pena qualquer embate discursivo com o meu interlocutor de momento. Limitei-me a ser cordial e, depois, a registrar que “o episódio só demonstra as diferenças existentes entre ambas as torcidas. Certa fissura, rivalidade, conflito, diferença entre ambas as coletividades” (Caderno de Campo, 21 de maio de 2022).

Passados mais dois meses, em agosto, as duas torcidas já estariam em estado de “guerra”, o que tornaria os encontros ainda mais raros, os diálogos quase inexistentes. Principalmente porque, quando os embates aconteciam, e mesmo que eu não participasse diretamente deles, eu os observava sempre posicionado de um dos lados da disputa, quase como uma confirmação da previsão feita por André Felipe.

É uma situação tensa porque, não raro, um mesmo bairro costuma ter integrantes de ambas as torcidas e, nesses casos, esses “vizinhos” costumam manter relações de amizade. Mas, no período de maior animosidade, havia mesmo esse afastamento deliberado, esse discurso de que, “se você está aqui, não pode estar lá”, até mesmo um pedido de que se evitasse “estar de conversinha” com quem integrava o outro lado. E, se os encontros entre as torcidas já não existiam, eu, que sempre estava acompanhando uma delas, já não conseguia ver, senão de muito longe, aqueles antigos companheiros de caravana que eram da outra.

Apenas para ressaltar uma última vez a potência da relatividade na segmentação, essa ruptura que foi vista entre TJB e Fúria, que obriga até mesmo a suspensão do diálogo, simplesmente não é detectável no interior da Jovem, no diálogo entre os bondes. Pois, por mais que, de fato, haja uma “competição” entre esses bondes, numa sociabilidade que leva o conflito para uma perspectiva indireta (Simmel, 1973) em que cada um quer ser maior, mais presente, mais ativo, mais indispensável do que o outro, ainda assim, existe uma consciência coletiva de que tudo é parte da mesma TJB. O que torna o trânsito de um mesmo torcedor entre diferentes bondes não só aceitável como até estimulado em algumas ocasiões.

Destaco isso porque, em alguns momentos de minha pesquisa, de forma deliberada, eu me permiti certo descolamento provisório do BDF justamente para poder circular nesses outros espaços, ainda que houvesse um reconhecimento público, mesmo por esses outros atores, de que eu estava mais diretamente ligado ao Bonde dos Faixas.

Uma dessas ocasiões eu já citei aqui. Foi justo aquela final de Paraibano, em 21 de maio de 2022, em que torcedores se reuniram num bar de Cruz das Armas e eu me

encontrei ocasionalmente com um pequeno grupo da Fúria. O evento havia sido organizado pelos bondes da Zona Oeste da TJB, mas todas as demais zonas e demais torcidas foram convidadas (Figura 13).

O pessoal do BDF, alegando que o local era muito distante, preferiu assistir ao jogo na casa de um de seus integrantes, no próprio bairro dos Funcionários, mas, como eu sabia que a minha pesquisa era muito mais próxima e frequente com eles, naquela vez eu optei por ir ao encontro na Zona Oeste.



Figura 13 / Proibidos de viajar a Campina Grande, torcedores organizados do Belo assistem à final de 2022 em bar de Cruz das Armas / Phelipe Caldas / 21 de maio de 2022

A outra ocasião aconteceu um pouco antes, em 17 de abril de 2022, quando fui assistir a um jogo do Belo contra o Botafogo-SP numa minúscula casa de eventos localizada no bairro do Roger, que se resumia a um espaço com piscina, churrasqueira, mesa de pedra comprida e TV. Era um domingo, e o jogo aconteceria fora de casa, a partir das onze horas da manhã. A saber, o Roger está localizado na Zona Norte e, mais uma vez, eu era o único do BDF presente.

Foram boas oportunidades para ampliar a minha rede de relacionamentos dentro da TJB. Sair um pouco dos limites nos quais a pesquisa se encontrava até aquele momento e dialogar com nomes de outras partes da cidade, com outras formas de pensar, outras visões sobre aquela multiplicidade de bondes.

Serviu também para, mais uma vez, perceber um padrão muito curioso sobre as dinâmicas da torcida organizada e que já foram mencionadas aqui. No fim das contas, não importa muito o local, a distância que se está com relação ao futebol propriamente dito. As regras de comportamento seguem mais ou menos as mesmas. Todo mundo becado, cantando e gritando aos bondes, à TJB e às torcidas aliadas, na mesma intensidade em que se canta e se grita contra os rivais mais diretos, fazendo da festa uma expressão política de aproximações e afastamentos. A festa como instância para o fortalecimento das alianças. E, no momento dramático em que uma aliança é reforçada, automaticamente uma alteridade será, igualmente e na mesma intensidade, apresentada. É isso tudo o que eu pretendo abordar no Capítulo 2.

Capítulo 2. A festa em vários planos

Neste segundo capítulo, eu vou falar da festa. Dos encontros em suas mais variadas dimensões. Falo aqui não só dos grandes eventos, dos bailes de torcidas, realizados após meses de preparação e organização, mas também dos encontros casuais, improvisados na rua, na calçada, no entorno do estádio, nos espaços de passagem que são provisoriamente transformados em espaços de ocupação e de permanência.

A festa em toda a sua dimensão política. Festa visando a coletividade, o fortalecimento das relações sociais e da coesão do próprio grupo, a manutenção das alianças com outras torcidas organizadas.

Uma lógica pensada mesmo a partir da clássica teoria da dádiva (Mauss, 2017), em que há obrigações de dar, de receber, de retribuir. Relações contínuas e sempre renovadas, que são fundamentais para a manutenção das alianças.

Essas não são necessariamente sólidas, inquebrantáveis, imutáveis. São criadas a partir de diálogos e acordos bilaterais entre as torcidas envolvidas, mas permanecem num constante estado de negociação. Porque apenas as práticas cotidianas são capazes de mantê-las ao longo do tempo.

2.1 O Bonde Feminino se prepara para o baile

Eu acordei cedo naquela manhã de domingo, 31 de julho de 2022. A data estava reservada para o Baile de 17 anos do Bonde Feminino da TJB e aquela seria a primeira festa realmente grande da torcida que eu iria acompanhar. O evento estava marcado para se iniciar por volta das onze da manhã numa casa de recepção chamada de Waleskafest, localizada no Bairro das Indústrias, a mais de 25 km de minha casa. E eu queria chegar logo no início, para observar desde o princípio como se davam as dinâmicas torcedoras num dia como aquele.

São muitos os assuntos a serem abordados sobre aquele momento da pesquisa, nem todos passíveis de serem discutidos agora. Por exemplo, eram dias subsequentes à declaração de guerra entre TJB e Fúria, tema esse já mencionado no Capítulo 1 e que, como anteriormente dito, será melhor aprofundado no Capítulo 3. Ainda assim, é fundamental destacar esse contexto porque ele será importante para entender algumas nuances que cercaram a festa.

Ao mesmo tempo, por mais assuntos que precisem ser analisados, é imperativo que antes de tudo o mais se discuta aqui a própria existência e idealização do Bonde Feminino (BF), cuja característica mais marcante é ser o único da TJB que não respeita um caráter geográfico, mas de gênero.

O BF, afinal, nasceu em 2005, quando a torcida entrava em seu oitavo ano de fundação, e, embora tenha precisado de autorização masculina de diretores da época para ser fundado, o bonde foi pouco a pouco conquistando autonomias e se transformou mais recentemente num dos principais focos de resistência da TJB, responsável por alguns dos debates mais progressistas que a torcida passou a pautar.

É curiosa essa história. O Bonde Feminino da TJB nasceu, em muitos aspectos, de forma tardia, numa época em que, segundo Costa (2007), essas coletividades torcedoras femininas já eram uma realidade na maioria das torcidas organizadas de pista Brasil afora. As próprias torcedoras da TJB, aliás, confirmam que o BF foi criado na esteira da criação desses “núcleos femininos” em outras torcidas organizadas. Mas, mesmo que o BF tenha surgido depois de outros núcleos similares, e que suas principais conquistas tenham sido sedimentadas muito recentemente, as mulheres da TJB, com o tempo, conquistariam posições e direitos que mulheres de outras torcidas organizadas têm dificuldade até os dias atuais.

Por exemplo, Andrade (2022, p. 35) destaca que as torcedoras da Gaviões da Fiel, do Corinthians-SP, são, ainda hoje, “proibidas de tremular bandeiras em jogos ou eventos na quadra e de percutirem determinados instrumentos da bateria”, existindo ainda “o impedimento de sequer tocar nas bandeiras ou até mesmo acessar o espaço em que elas ficam guardadas”.

Já Cardoso (2021, p. 20), no contexto da Força Jovem do Vasco-RJ (FGV), refere-se a “áreas masculinizadas” da cidade do Rio de Janeiro ocupadas pelas torcidas organizadas. Depois, ao discorrer sobre um “dia de guerra”⁷⁶ entre a FGV e a Young Flu, do Fluminense-RJ, explica que, entre mais de cem torcedores organizados num trem da Zona Norte, ela, enquanto pesquisadora, “era a única mulher presente” (Cardoso, 2021, p. 47). Ainda no Rio de Janeiro, Teixeira (1998, p. 30) confirma que as sedes das torcidas organizadas na época de sua pesquisa eram “frequentadas basicamente por homens” e

⁷⁶ No contexto paraibano, a expressão a ser usada seria “dia de pista”. “Guerra”, na Paraíba, como visto na seção entrando em campo, tem um sentido diferente daquele usado no Rio de Janeiro e se refere mais a conflitos entre torcidas organizadas de um mesmo clube.

que alguns assuntos da torcida não eram interessantes de ser discutidos na frente dela, justamente pelo fato de ela ser mulher.

Pois, a despeito desses relatos, eu vi tudo isso acontecer na TJB: mulheres compondo a Bateria Maioral, empunhando bandeiras, frequentando assiduamente sedes e subsedes, ajudando a carregar e a afixar faixas da torcida, participando de caravanas e de pistas.

Isso não significa, contudo, que foi sempre assim. Que o caminho tenha sido fácil. Ou que as disputas e conflitos já sejam algo completamente superados. Que aqui e acolá ainda não sofram pressões por parte de alguns dos homens. Tanto é que Leite (2020), numa pesquisa realizada não muito tempo atrás, sugeria que a luta feminista na TJB objetivava justamente combater uma tentativa de privação que alguns homens da torcida buscavam impor contra as mulheres.

A propósito, considerando que todas as mulheres do BF também integram os bondes de seus bairros, me parece que a própria necessidade de ter que existir um Bonde Feminino (sem a necessidade de um Bonde Masculino, por exemplo) remete a algum grau de violência, interdição e censura contra elas e que precisaram e ainda precisam, a todo momento, ser combatidas.

Ora, se a menor unidade coletiva da TJB são os bondes, e esses são, em regra, divididos dentro de uma lógica geográfica do espaço urbano, o fato de as mulheres, em alguma medida, terem deixado de lado essa segmentaridade (Goldman, 2006) para se apresentarem como uma voz coletiva feminina pretensamente unitária (representada pelo BF) já demonstra que elas precisaram lutar bem mais do que eles para serem vistas e reconhecidas como torcedoras organizadas, para desempenharem todas as possibilidades do que representa para a própria TJB a ideia de “ser torcida”.

Uma “luta por legitimidade” (Costa, 2007, p. 12) que vai enfrentar um discurso estereotipado de masculinidade exacerbada, que costuma encontrar expressão no futebol (Connel, 2016). Uma percepção também de que, “para estas mulheres, fazer parte da arquibancada não significa, de imediato, a escolha de participação ou o que acreditam ser a expressão do torcer” (Moraes, 2018, p. 61). Logo, não foi jamais algo dado, mas, acima de tudo, conquistado por elas.

Para contar um pouco dessa história sobre o BF, pois, eu conversei de forma mais demorada com três dessas integrantes do Bonde Feminino. Duas delas eu já citei aqui. Nai, que, durante parte da pesquisa, foi a presidenta do BF, e Bia, diretora de comunicação

da TJB. A terceira foi Lalinha, uma antiga integrante da TJB que também foi presidenta do Bonde Feminino.

As três conversas aconteceram de forma contínua, ao longo de diferentes inserções em campo, mas também contaram com alguns telefonemas e muitas trocas de mensagens realizadas principalmente entre os dias 10 e 15 de março de 2023 para tentar confirmar alguns dados e entender melhor as impressões delas sobre episódios específicos. Principalmente aqueles vividos em períodos anteriores ao início de meus trabalhos etnográficos.

Em comum, as três dizem que, quando o BF foi fundado, os diretores da torcida à época, todos homens, tinham em mente nada mais do que “embelezar as arquibancadas” do Almeidão com a presença das mulheres, sem permitir que elas desempenhassem, na torcida organizada, os mesmos papéis deles. Como argumento, esses diretores sempre alegavam uma suposta fragilidade feminina para vetarem elas da pista, da caravana, do cotidiano torcedor. Havia também, ainda de acordo com elas, um estereótipo de que “mulher só queria ir atrás de macho” e que “mulher não entendia de futebol”. Mas, em um processo que já dura quase duas décadas e que ainda está em curso, isso foi sendo lentamente modificado.

Lalinha, por exemplo, conta que foi uma dessas personagens que lutaram pelos espaços das mulheres na TJB. Ela entrou na torcida com 14 anos, em 2012, e, ao completar 11 anos de jornada, ainda segue na caminhada. Aos 25, é a mais antiga das três na TJB, e a diferença é que agora divide o seu tempo, antes “quase que totalmente exclusivo para a torcida”, com os cuidados com o filho, com o trabalho, com os estudos num curso de enfermagem.

– Antes eu era mais focada na torcida. Cheguei a comemorar o meu aniversário dentro do Almeidão. Bem no dia do tricampeonato paraibano, meu presente foi o título⁷⁷. Mas hoje já existem outras prioridades – ela conta.

E, sendo uma veterana na TJB, não deixa dúvidas:

– Antigamente a gente era mais oprimida.

A torcedora destaca principalmente uma tentativa recorrente que existia no passado de proibir terminantemente a presença das mulheres nas caravanas,

⁷⁷ Ela se refere a Botafogo-PB 2 x 0 Campinense-PB, em 20 de abril de 2019. O Belo venceu o Campeonato Paraibano daquele ano após ter conquistado também os de 2017 e 2018 e se sagrou tricampeão estadual, com três títulos consecutivos.

principalmente em jogos de pista, contra torcidas rivais. Mas Lalinha e as amigas insistiam, resistiam, iam contra as determinações de diretoria.

Ela faz referência a um jogo em Maceió, contra o CSA-AL, cuja torcida organizada, a Mancha Azul, é rival da TJB. Ela não lembra bem em que ano aconteceu isso, mas destaca que os diretores da época proibiram as mulheres de ir para a viagem. Pois elas, para mostrarem que não era assim que as coisas funcionavam, foram em ônibus de linha. Noutras oportunidades, colocaram uma van só de mulheres para burlar a proibição de elas estarem presentes nos ônibus oficiais da torcida.

– A gente foi quebrando as ordens. Foi abrindo as portas. Porque era uma luta nossa, e a gente foi se impondo. Se não fosse a teimosia da gente, não tinha mudado nada – explica.

Lalinha fala também da pista, assunto esse que será melhor abordado no Capítulo 3. De toda forma, ela foi uma das primeiras torcedoras da TJB a quebrar a regra de que mulheres não vão para o embate. O caso aconteceu, segundo suas lembranças e relatos, por volta de 2016, num jogo contra o Fortaleza-CE, e num encontro entre TJB e TUF.

– O jogo já tinha começado quando a TUF chegou de repente, já soltando rojões. Quem ainda estava do lado de fora do estádio foi para cima do ônibus e eu, que estava na fila da bilheteria para comprar meu ingresso, fui para cima também para jogar pedra. Eu estava grávida. No dia seguinte fui parar no hospital por causa do gás de pimenta jogado pela polícia – relembra.

Pois é a mesma Lalinha, disposta a ir para a pista, quem descreve casos que ela considera “ainda mais extremos”, em que houve inclusive ameaças de expulsões. Foi depois de uma pretensa caravana para Sousa. As mulheres foram vetadas, os homens não fecharam o ônibus por falta de quórum, a viagem não saiu. Lalinha, então, foi tomar satisfação com o presidente da época, alegando que as mulheres fechariam as vagas que faltavam e, assim, viabilizariam a caravana.

– A gente batia de frente. E, nesse dia, eu fui ameaçada de ser expulsa da torcida apenas por questionar uma decisão deles.

No fim das contas, Lalinha levou uma suspensão, mas conseguiu se livrar do banimento. Não desistiu. Continuou a resistir. Uma resistência, inclusive, que também faz parte da caminhada de Nai. A saber, Nai está há dez anos em meio a torcidas organizadas. Iniciou na Anjinhos do Belo, hoje já extinta, e depois migrou para a TJB. Não saiu mais. Virou uma militante da presença das mulheres nas arquibancadas e também na Torcida Jovem do Botafogo-PB, nas suas mais diversas atividades.

– Eu acredito que, mesmo na época, quando ainda não existia um movimento feminista tão forte nas arquibancadas paraibanas, o intuito sempre foi este: lutar por um espaço que é nosso por direito – destaca Nai.

Na mesma toada, Bia confirma as pressões que existiam no passado. A propósito, ela é a mais jovem das três, adentrou a TJB no segundo semestre de 2018 e, ainda assim, tem relatos fortes a fazer, numa demonstração de que as disputas internas sobre a participação das mulheres na torcida não são necessariamente uma lembrança distante.

Pois Bia comenta que o BF chegou, algumas vezes, a ter suas atividades suspensas, justamente pelas “subversões” que provocava, e por causa da “pressão da mulesta”⁷⁸ que, em consequência disso, elas sofriam. Bia também relata ameaças de expulsões, dentro de uma lógica machista de que algumas atividades torcedoras eram exclusivas dos homens.

– Ser BF é ser resistência – resume.

Justamente pelas seguidas ameaças de expulsão, as três torcedoras explicam que, num ambiente sabidamente machista, era importante contar com o apoio de homens que fossem mais sensíveis à causa delas. E, nesse aspecto, todas as três concordam ao afirmar que a grande virada se deu na chegada de Netinho à presidência da TJB, substituindo um presidente “linha-dura” que o precedeu.

Esse presidente não teve um mandato muito longo. Mas, no curto período de gestão, chegou a ameaçar de expulsão sumária qualquer torcedora que se unisse em grupos só de mulheres. Isso mudou em 2019, tão logo houve a mudança de direção e Netinho tomou posse. A partir dali, uma nova perspectiva foi sendo negociada e implantada.

Eu conversei também com Netinho sobre a questão, em meio a um papo mais descontraído que tive com ele em sua casa, no dia 12 de março de 2023, quando assisti ao lado dele e de alguns torcedores da TJB à classificação do Belo para as semifinais do Campeonato Paraibano daquele ano, ao vencer fora de casa o Nacional de Patos-PB, por 2 a 0, no Estádio Municipal⁷⁹.

⁷⁸ “Mulesta” é uma expressão regional nordestina e faz referência a intensidade.

⁷⁹ O empate eliminava o time visitante e classificava o da casa, mas o Botafogo-PB venceu com gols aos 52 e aos 54 minutos do 2º tempo e, no último instante, ficou com a vaga que seria do Nacional-PB. A propósito, com relação ao estádio de Patos, no Sertão da Paraíba, a mídia paraibana em geral costuma chamar o local pelo seu nome oficial, José Cavalcanti, mas a população patoense gosta mesmo é de se referir a Estádio Municipal. Vou respeitar, portanto, a forma como os torcedores locais preferem, ainda que seja menos conhecida no resto do estado.

Netinho me explicou, naquele dia, que até hoje sofre pressões por parte de alguns torcedores. E que, embora sejam menos numerosos do que antes, ainda existem aqueles que são contra certas “autorizações” (principalmente a de mulheres participarem de caravanas em dias de jogos de pista). Mas ele é enfático e seco ao definir a questão:

– Eu resolvi bancar.

E bancou mesmo, diga-se. Mesmo com as discordâncias e os protestos de alguns, as mulheres estiveram presentes, sem exceção, em todas as caravanas de que participei ao longo da pesquisa. Incluindo aí as mais perigosas, como, por exemplo, a realizada em 13 de maio de 2023, para acompanhar o jogo do Belo contra o América-RN. Era jogo de alto risco, de “encontro” com a Máfia Vermelha, uma das principais rivais da TJB, e, ainda assim, várias mulheres embarcaram na caravana rumo a Natal (voltarei a falar sobre esse dia, detalhando tudo o que aconteceu, no capítulo seguinte).

Agora, é claro que falar em “autorizações” feitas por homens sobre o que as mulheres podem fazer no contexto das torcidas organizadas é, sim, reflexo de um cenário machista, mas as três demonstram ter consciência da necessidade de alianças que reforcem as suas lutas. E, aí, Netinho é mesmo visto como importante aliado.

Nai e Lalinha se lembram de uma missão confiada a elas que pode ser considerada um marco para a posição das mulheres na TJB e que só foi possível depois da chegada de Netinho: o traslado da faixa da torcida para um jogo em Recife. Na capital pernambucana, inclusive, integrantes da Fanático⁸⁰, que receberam as torcedoras botafoguenses, chegaram a questionar o fato de apenas mulheres terem ido naquela missão.

A saber, a faixa é o símbolo mais valioso de uma torcida organizada e acompanha a agremiação aonde ela vai. E, em meio a um cenário em que conquistar material de uma torcida organizada se transforma em troféu para as rivais, o transporte de uma faixa é algo extremamente cuidadoso, cercado de segredos, estratégias, proteção. Em geral, feito exclusivamente por homens. Até aquele dia relatado pelas torcedoras.

Quem relembra o episódio em Recife é Lalinha:

– Era um jogo contra o Sport-PE, com portões fechados, mas sempre existe o risco de ataques da torcida rival. Não ia ter caravana, mas a nossa missão era ir de carro até a porta da Ilha do Retiro⁸¹, abrir a faixa da TJB, e tirar uma foto no local, demonstrando que estávamos presentes ao jogo. A gente foi com a faixa para lá e o pessoal da Fanático, que ia dar o apoio, fez um auê, porque eram apenas mulheres com

⁸⁰ Torcida organizada do Náutico-PE, que é aliada da TJB na capital pernambucana.

⁸¹ Estádio do Sport-PE e local daquela partida.

o material. Chegaram a ligar para Netinho, mas ele bancou a decisão. A gente foi, tirou a foto com a faixa e voltou em segurança, mas ficou aquele zunzunzum.

Depois, elas destacam o fato de que, em determinado momento da gestão de Netinho na presidência da TJB, as mulheres chegaram a ocupar três cargos na diretoria da torcida, algo jamais imaginado antes.

– De certa forma, Netinho é nosso aliado e cúmplice – prossegue Lalinha.

No curso de minha pesquisa, a propósito, eu identifiquei inúmeras mulheres que atualmente participam da Bateria Maioral (Figura 14), algo que era proibido até algum tempo atrás. E, em muitas oportunidades, eu observei a participação delas no transporte de materiais da torcida para o estádio em dias de jogos.



Figura 14 / Mulheres da TJB integram a Bateria Maioral e ocupam espaços que no passado eram interditados para elas / Phelipe Caldas / 14 de maio de 2022

Ademais, Bia destaca que conquistas ensejam novos objetivos. De forma que o que está em curso atualmente é a formação de uma “tropa feminina” na TJB e que serviria para reforçar ainda mais a presença das mulheres nas caravanas.

– A gente está reunindo na “tropa feminina” as mulheres que gostam da doideira. Aquelas que sustentam a ideologia e que são mais ativas na torcida. São as que têm mais disposição, que gostam das caravanas – pontua.

Apesar dessas disposições, no entanto, nem tudo é liberado ainda. Por exemplo, a ordem é que, nas caravanas, se houver algum ataque que resulte em pista, as mulheres permaneçam sempre dentro do ônibus, de forma que só os homens desçam para ir para o embate.

De toda forma, elas mesmas admitem que o enfrentamento entre mulheres é algo bem esporádico no contexto das torcidas organizadas rivais. E, ainda que seja inegável que algumas delas tenham uma maior disposição do que outras, esse debate sobre a pista não aparece na pauta da maioria das torcedoras da TJB.

Na verdade, o que me parece é que elas lutam mais pelo fim da interdição, da proibição prévia, da possibilidade de punição em caso de uma pista eventual entre mulheres, do que necessariamente pelo direito de participar cotidianamente das pistas que acontecem no contexto das torcidas organizadas. E também para que, em paralelo a isso, o simples risco de pista deixe cada vez mais de ser usado como justificativa para a proibição da presença delas nas caravanas.

Em dois anos de pesquisa, aliás, em apenas uma oportunidade eu vi mulheres participando diretamente da pista (na de 3 de agosto de 2022, em meio à “guerra” contra a Fúria, que será mais detalhadamente contada no Capítulo 3). Uma situação que Lalinha descreve como algo que “é raro, mas existe”.

No mais, para além dessa questão das interdições que ainda persistem, Bia explica que foi só depois de maior protagonismo das mulheres na torcida que a TJB passou a pautar temas mais progressistas em seu cotidiano, realizando campanhas cada vez mais frequentes contra o machismo e contra a xenofobia. Assim, expressões como “respeita as boyzinhas”⁸² passaram a compor o repertório da TJB, e questionamentos e problematizações sobre os cânticos de “matuto” na arquibancada, contra os torcedores de clubes do interior do estado, entraram no radar da torcida.

Uma outra iniciativa das mulheres que merece destaque aconteceu no debate sobre jogos com a chamada “torcida única” no futebol paraibano, que chegou a ser instituída em diversos momentos pelo Ministério Público da Paraíba (tema que vai ser mais bem abordado no Capítulo 4) e cuja reação das torcidas organizadas paraibanas, realizadas em conjunto, foi idealizada e articulada primeiro pelas integrantes do BF.

⁸² TJB. “Hoje, oito de março, é um dia marcado pela luta por igualdade de gênero e nós escolhemos falar disso dentro do futebol. [...]”. João Pessoa, 8 mar. 2023. Instagram: @tjbmaioral. Disponível em: <<https://tinyurl.com/2bfy769e>>. Acesso em: 20 mar. 2023.

Refiro-me a uma mobilização realizada em 3 de fevereiro de 2023, quando todas as principais torcidas organizadas paraibanas⁸³, de forma simultânea e em conjunto, publicaram em suas redes sociais um manifesto intitulado de “torcidas da Paraíba contra o futebol moderno”, em que destacavam que “torcida única é a morte do futebol”⁸⁴.

Foi a primeira ação conjunta na história das torcidas organizadas paraibanas, rivais umas das outras e que, em nome de um interesse coletivo, deixaram de lado suas desavenças para realizarem essa mobilização. Ação essa que, como dito, foi inicialmente pensada pelas mulheres da TJB, tendo Bia, na condição de diretora de comunicação da torcida, uma das principais organizadoras da ação.

Foi um trabalho complexo. Que passou, por exemplo, por pacificar momentaneamente diferentes contextos torcedores, diferentes lados em disputa, realizar seguidos telefonemas para diretores de associações rivais, negociar, dialogar, definir os detalhes para que tudo ocorresse da melhor forma possível. Foram elas, e não eles, quem tornaram essa mediação possível.

Por sinal, foi em meio a toda essa crescente liberdade para as mulheres que a presença de torcedoras do BF com seus filhos pequenos se tornou mais frequente nas arquibancadas, ampliando ainda mais a participação das mulheres torcedoras que já são mães nos jogos e em alguns eventos da Jovem.

Sobre esse último ponto, eu vivi, em dado momento de minha pesquisa de campo, uma situação curiosa e que eu classifico como simplesmente impactante. Aconteceu no dia 26 de abril de 2022, no jogo de volta das semifinais do Campeonato Paraibano daquele ano, disputado contra o Nacional de Patos-PB. Depois de perder por 3 a 1 o jogo de ida disputado no Estádio Municipal, o Belo venceu a partida de volta, no Almeidão, por 3 a 0.

O time de João Pessoa tinha melhor campanha na primeira fase e jogava pelo empate na soma dos dois resultados. O placar de 2 a 0, portanto, já era suficiente para a classificação botafoguense, mas mantinha os seus torcedores naquele limiar entre esperança e tensão, porque um gol do Canário do Sertão⁸⁵ naquele momento modificaria

⁸³ Aderiram ao movimento agremiações tão diversas como Torcida Jovem do Botafogo-PB, Fúria Independente, Setor 31 e Império Alvinegro 1931, do Botafogo-PB; Facção Jovem do Campinense e Torcida Organizada da Raposa, do Campinense-PB; Torcida Jovem do Galo, do Treze-PB; Torcida Força Alviverde, do Sousa-PB; e Comando Alviverde, do Nacional-PB.

⁸⁴ TJB. “MANIFESTO PELO FIM DA TORCIDA ÚNICA. [...]”. João Pessoa, 3 fev. 2023. Instagram: @tjbmaioral. Disponível em: <<https://tinyurl.com/28383zc2>>. Acesso em: 20 mar. 2023.

⁸⁵ Apelido poético e bonito do Nacional de Patos-PB.

o classificado para a final. De forma que foi apenas o terceiro gol do jogo que ganhou ares apoteóticos para os torcedores no estádio, entre eles os integrantes da TJB.

Pois, em meio à festa que se seguiu, à explosão de gritos e pulos que o gol proporcionou, estava Elisa, uma dessas torcedoras da TJB que, nos últimos tempos, iam ao estádio com seus filhos pequenos e que ainda precisavam de colo na maior parte do tempo em que permaneciam na arquibancada.

Foi uma cena bem rápida. Que eu achei bonita. Cúmplice também:

– Ah, professor, segura um pouco ele, por favor – disse-me, de repente, sorridente.

E, diante de um aceno meu que serviu para ela como aceitação silenciosa, entregou-me a criança, que eu segurei em meus braços e a embalei cuidadosamente por entre a desforra coletiva (Figura 15). Eu fazia isso enquanto ela se virava em êxtase, soltava um grito, abria os braços, finalmente pulava e abraçava as suas companheiras de BF, de TJB, de resistência também.



Figura 15 / Crianças são cada vez mais frequentes na Arquibancada Sol, levadas também pelas integrantes da TJB / Phelipe Caldas / 26 de abril de 2022

Eu achei uma cena impactante porque reúne, de um lado, a representação da força da mulher torcedora, que vai ao estádio em busca de conquistar o seu espaço mesmo diante de um cenário em que o resto da sociedade, em que muitos dos homens da torcida,

julgam inadequado. Por outro lado, numa perspectiva mais metodológica, eu achei impactante também porque era mais uma demonstração de certa horizontalidade que, pouco a pouco, eu conquistava com as torcedoras e com os torcedores da Jovem.

Afinal, confiar um filho pequeno para o cuidado de um terceiro exige alguma relação de confiança, de amizade, de reconhecimento do outro como alguém responsável. Como eu disse, foi uma cena rápida, singela, que durou só o tempo da comemoração do terceiro gol. Mas que me deixou extremamente feliz, positivamente reflexivo sobre os meus papéis enquanto neotorcedor organizado e enquanto pesquisador ocupando a mesma arquibancada.

No fim de tudo, como se vê, o BF encampa uma luta ainda em construção. Em que as mulheres já avançaram bastante na conquista de espaços e já contribuíram em muito com a torcida, mas nem mesmo sabem ao certo os efeitos ou os reveses que podem decorrer, por exemplo, da saída de Netinho da presidência da TJB. Sobre isso, a propósito, não há consenso entre as mulheres. Algumas acham que o que foi conquistado não retrocede, outras não têm tanta certeza assim.

De toda forma, um desentendimento entre Bia e um outro torcedor da Jovem, ocorrido durante uma caravana para o município de Sousa, no Sertão da Paraíba, e que foi realizada em 26 de março de 2023⁸⁶, confirma que o caminho ainda é longo a ser percorrido. Ambos discutiram de forma mais áspera durante o retorno da viagem e, no dia seguinte, o tal torcedor foi ao grupo da torcida organizada reclamar de uma suposta quebra de ideologia de Bia, sugerindo, em seguida, que ela deveria ser banida de caravanas futuras, proferindo, inclusive, xingamentos sexistas contra a torcedora.

A proposta de banimento foi sumária e rapidamente descartada. Ainda assim, é preciso ser dito que uma caravana, em regra, é um momento tenso, em que muitas situações de risco podem acontecer. As pessoas estão quase sempre em alerta, de forma que as exaltações, as discussões, as divergências mais duras são relativamente comuns, sem que isso ganhe maiores desdobramentos para além do tempo da viagem.

Ao menos para mim, pois, não restaram muitas dúvidas de que toda aquela repercussão no dia seguinte era motivada por machismo, pelo fato de a “briga” ter sido com uma mulher e não com um homem. Afinal, banimento de caravana é algo sério no código de ética das torcidas organizadas e a pena proposta pelo torcedor contra a

⁸⁶ Para jogo das semifinais do Campeonato Paraibano daquele ano, em que o Sousa-PB acabaria goleando o Botafogo-PB por 5 a 1 e ficando com a vaga na final da competição estadual.

torcedora por causa de uma mera discussão de momento me parecia completamente desproporcional ao que aconteceu.

Também em 2023, numa outra prova de que as ameaças e consequentes lutas continuam em curso, Lalinha voltou a ser suspensa, por maioria de votos da diretoria, por manter uma amizade próxima com um “alemão”, com um conhecido integrante de torcida organizada rival à TJB. Ao mesmo tempo, numa demonstração de que muito já mudou, a suspensão acabou revertida por interferência direta da Velha Guarda da Jovem, que intercedeu em favor da torcedora e conseguiu anular a punição apenas uma semana depois de essa ter sido aplicada.

– Lalinha tem caminhada. É mais torcida do que muito homem por aí – foi o veredito dado, respeitado e acatado pela maioria, em que pesasse as contestações isoladas de alguns dos homens.

Nai, aliás, é quem resume bem essa ideia de que se trata de territórios ainda em disputa, lutas que são propostas e protagonizadas acima de tudo pelas mulheres da Torcida Jovem do Botafogo-PB em uma busca incessante por cada vez mais espaços dentro da agremiação:

– Tem muito ainda o que se fazer. A luta é longa. Talvez, infinita. Mas eu acredito que as próximas gerações de mulheres que vão dar continuidade ao movimento não vão passar por metade do que a gente passou.

O que as três torcedoras falam, no fim das contas, cada uma a seu modo, é que está em curso uma disputa em torno do direito das mulheres ao futebol e à arquibancada (Figura 16). Que, a propósito, é antiga e que não se resume ao contexto das torcidas organizadas. Pois, tal como registrado por Pisani e Kessler (2022, p. 12) ao refletir sobre o futebol brasileiro, “as estruturas androcêntricas, seja na academia ou nos espaços esportivos, tais como os campos de futebol, começaram a ser contestadas a partir dos anos 1970”.

As autoras se referem, claro, a um movimento mais organizado e mais politizado – na academia e fora dela⁸⁷ – que buscava contestar estruturas impostas principalmente a partir de 1941, quando o futebol de mulheres foi proibido por lei no Brasil. E eu acho

⁸⁷ Em 1977, por exemplo, o Congresso Nacional instituiu a chamada CPI da Mulher, que, entre outros pontos, discutiu a participação das mulheres nos desportos. Em seu relatório final, recomendou “revogar as determinações vigentes que limitam, quanto à mulher, as modalidades de esportes que pode praticar”. Uma primeira brecha para a liberação das mulheres de jogar futebol foi aprovada no país em 1979, mas apenas em 1983 a permissão legal para que elas praticassem a modalidade esportiva foi de fato normatizada. Disponível em: <<https://tinyurl.com/3cm2u2e4>>. Acesso em: 10 dez. 2023.

importante registrar isso porque, tal como analisado por Bonfim (2019) em sua pesquisa, há registros de mulheres jogando futebol no país já na década de 1910, em festivais esportivos que aconteciam aos domingos no Rio de Janeiro. E as primeiras equipes regulares só de mulheres jogando futebol no Brasil remontam à década de 1930.

De toda forma, retomando o debate sobre a luta das mulheres da TJB por mais espaço na torcida organizada, é curioso demonstrar que nem mesmo o BF tem sucesso em sua pretensa unidade. Afinal, são mulheres que se unem em busca das mesmas conquistas e dos mesmos espaços de torcer, mas num contexto em que também elas precisam mediar suas diferenças internas e externas. Por exemplo, existem óbvias divergências entre algumas das mais de 30 integrantes do bonde⁸⁸ e nem todas as mulheres da TJB querem integrar o BF.



Figura 16 / As mulheres da TJB em luta constante pelo direito à arquibancada / Phelipe Caldas / 14 de maio de 2022

Apenas para exemplificar, cito o caso de Ester, outra integrante da TJB. Eu sempre a vi nas mobilizações torcedoras da Jovem com a turma do Bonde do Jardim Veneza e da Zona Oeste, mas nunca perto das integrantes do Bonde Feminino. Eu a conhecia apenas

⁸⁸ Muitas torcedoras são mais ativas, mais constantes na torcida, mas, em geral, esse número é bastante fluante, sendo difícil definir uma quantidade exata de integrantes do BF.

de vista, sem nunca ter conversado com ela. Até que, certa vez, em 5 de janeiro de 2023, na prévia daquele jogo já citado aqui contra o Retrô-PE, estávamos mais ou menos próximos um do outro.

Aproveitei a oportunidade e fui puxar papo. E, ao ser questionada sobre o BF, ela me deu uma resposta simples, direta, sem rodeios ou margens para interpretações diferentes:

– Eu não colo com o BF. Prefiro ficar perto dos boys do bairro.

Ester é uma torcedora assídua. Participa ativamente das atividades da Jovem e não foram poucas as vezes que eu a vi nos arrastões, pulando, gritando, cantando, chamando os rivais para a pista. Ainda assim, nunca viajou em caravana, mas garante que é por opção.

– Tenho uma filha. Viajar em caravana significa passar muito tempo longe dela. Não dá para mim – resume.

No decurso de nossa rápida conversa, ela demonstrava não querer muito papo e se resumia a essas respostas mais curtas e diretas. Disse, inclusive, que não participava nem mesmo do “grupão da TJB”, acrescentando que se contentava e ficava feliz com as relações de amizade e companheirismo que definiu a partir de seus pares do Jardim Veneza.

Ela demonstra, assim, por um lado, que o BF não tem o poder de aglutinar em torno de si todas as mulheres da torcida, como almejaria fazer; ao mesmo tempo, reafirma, por outro lado, a força que os bondes de bairros possuem e exercem em muitas das pessoas que integram a TJB. Em ambos os casos, são novos indícios da incrível diversidade, das muitas possibilidades de se viver o cotidiano das torcidas organizadas.

Uma diversidade em constante mediação, que, não raro, encontra na festa a sua dimensão política mais potente. E é muito por isso que os bailes de torcidas são tão valorizados pelos seus integrantes.

2.1.1 A caminho do baile

Bem, depois de toda essa contextualização e reflexão sobre o BF e sobre as mulheres que o compõem, volto àquele 31 de julho de 2022, dia do Baile de 17 anos do Bonde Feminino, para registrar que ali eu queria me propor a uma profunda imersão, participando, ao lado dos torcedores, de todo o processo da festa desde antes mesmo da chegada ao local do evento.

Para tanto, marquei inicialmente com Gefferson, um jovem torcedor do BDF, para irmos juntos ao baile. Utilizei os serviços de um motorista por aplicativo para ir ao apartamento dele, localizado nos Funcionários 2, e lá cheguei por volta das nove da manhã. A partir dali, eu deixaria com ele as decisões sobre como ir até o baile. Era eu quem me adaptaria às formas dele de circular pela cidade e não o contrário.

Gefferson, na verdade, era um dos poucos integrantes do BDF que estava disposto a chegar na festa logo no início⁸⁹ e foi muito por isso que decidi por acompanhá-lo. No fim das contas, foi uma experiência interessante e para lá de proveitosa. Que me ajudou a entender inclusive a atração que a torcida gerava em jovens moradores de bairros periféricos como ele. Com o perfil dele. Um dentre tantos outros perfis que formam a TJB.

Vamos por parte. O primeiro passo era identificar quem mais iria cedo para o baile e rapidamente marcamos com Mel e Nicholas, que, embora fossem do BDF, ainda moravam, à época, no Colinas do Sul. Os dois bairros ficam distantes um do outro, mas as respectivas linhas de ônibus que serviam esses diferentes espaços urbanos possuíam uma mesma parada em comum no bairro de Cruz das Armas, nas proximidades da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Papa Paulo VI. A ideia, então, era que cada dupla pegasse o seu próprio ônibus, que estariam em sentidos contrários, e se encontrassem justo na escola. Para, de lá, num segundo ônibus, rumar todos juntos para a festa.

Sáímos, Gefferson e eu, caminhando em direção ao primeiro ponto de ônibus. E aquela andança pela cidade, em si bastante demorada, principalmente num domingo com menos ônibus em circulação, serviu para um papo mais prolongado entre nós.

Caminhávamos becados. E o primeiro diálogo entre nós remeteu justo à recente declaração de “guerra” entre TJB e Fúria, as duas torcidas organizadas de pista do Belo e que eram rivais entre si. Quem introduziu o assunto foi o próprio Gefferson, que demonstrava certa tensão enquanto caminhava ao meu lado por uma rua enladeirada e esburacada:

– A gente tem que ficar ligado quando sai becado – ele comentou.

E completou:

– A gente tem que se garantir, professor, se vier alguém, porque a gente não pode ceder material.

⁸⁹ As mulheres, quase todas organizadoras da festa, estavam no local desde as primeiras horas da manhã; e a maioria dos demais homens do BDF dizia que só chegaria mais para o fim da tarde.

Esse é outro assunto que deixo para o Capítulo 3. Até porque, embora eu tenha chegado a me arrepender, em certo momento, de ter ido becado, principalmente por ser apenas nós dois caminhando naquele instante, tudo não passou de projeções, já que ninguém nos abordou ao longo de todo o caminho. O que, inclusive, depois me fez pensar se, nas palavras da torcida, ele não estaria emocionado demais, antevendo riscos onde não necessariamente existia.

Dúvidas à parte, o que me ficou evidente é que a ida de ônibus foi uma boa decisão metodológica porque nos permitiu conversar mais, por um período de tempo maior, dialogando sobre questões diversas sem outras preocupações e sem nada mais para nos interromper. E aproveitei esse tempo para conhecer mais a história dele.

Pois, enquanto esperávamos o ônibus e enquanto seguíamos pelo chamado “Circular 1.500”, Gefferson contava um pouco de sua trajetória até ali. Ele me explicou que foi nascido e criado no bairro de Tibiri, em Santa Rita, e sempre teve uma vida bem pobre, embora tenha estudado e nunca passado fome. Ainda assim, aos quatro anos de idade, viveu o primeiro de seus dramas.

Tal como ele me contou, o pai era segurança e homem respeitado em Tibiri. Nas horas vagas, gostava de jogar bola na várzea e ia sempre que podia ao campinho do bairro, incluindo aí todos os domingos de folga. Numa dessas partidas, contudo, apartou uma briga entre dois peladeiros, sem saber – ou sem achar que isso seria um problema – que um deles era filho de um chefe do tráfico de drogas da região.

O tal filho do traficante não teria gostado da forma como foi tratado pelo pai de Gefferson e o jurou de morte. Esse não levou a ameaça muito a sério, considerando que tudo não passava de palavras vazias num momento de raiva, de “cabeça quente”. A família tentou convencê-lo a fugir para o Rio de Janeiro, onde familiares poderiam lhe dar guarida, mas o homem negou a oferta.

– Se tivesse viajado, talvez estivesse vivo até hoje – desabafou-me Gefferson, tom desolado, enquanto seguia em seu relato.

O torcedor lembrou também de um dia, quando ele ainda era um meninote, em que o pai dele suspeitou que estava sendo seguido, enquanto caminhava com a família pelas ruas do bairro. Nada ali aconteceu, mas aconteceria alguns dias depois.

Como sempre fazia, o pai de Gefferson jogara bola numa manhã de domingo. Aquele dia específico, contudo, era de final de campeonato. E de título. Do campo de várzea, então, foi com os companheiros de time a um boteco, comemorar, quando foi

surpreendido por um homem que chegou por trás e atirou nele várias vezes, sem possibilidades de reação.

Ainda de acordo com o relato que se seguia, o pai chegou a se levantar da cadeira em que estava e conseguiu cambalear por alguns metros à procura de ajuda, mas caiu já morto pouco depois. Nunca ninguém foi preso em consequência da morte do homem assassinado e o crime ficou sem solução.

Alguns anos depois, a mãe de Gefferson se casou de novo, mas a relação do jovem com o padrasto nunca foi boa, nunca foi pacífica. Hoje em dia, a propósito, já mais velho, ele reconhece que o padrasto nunca deixou faltar nada em casa e é agradecido por isso, mas diz que, ao mesmo tempo, cresceu num ambiente de muita rebeldia. Certa vez, chegou a trocar murros com o marido de sua mãe.

– Eu não tive uma referência de pai em minha vida – ele me disse.

É uma situação dúbia. De um lado, Gefferson se diz arrependido daquele dia em que chegou ao embate físico com o padrasto, mas, por outro, diz que, a partir dos 16 anos, começou a ter a vida infernizada pelo homem, que costumava chamá-lo de “vagabundo”, “maconheiro”, “criminoso”.

A situação ficava insustentável e, ao completar 18 anos, ele foi morar com uma tia, irmã de seu pai. Ele conta que era o único parente vivo da tia e que, por isso, ela o convidara para morar consigo em seu apartamento. Foi bom para ambos, já que uma passava a ter companhia e o outro deixava a casa em que era hostilizado cotidianamente. Assim, Gefferson foi morar nos Funcionários 2, conheceu Bia (que morava em seu mesmo prédio), foi convidado a entrar no bonde. Foi uma primeira vez, gostou, se integrou também à torcida num sentido mais amplo.

Naquele dia em que conversamos, fazia alguns meses que ele estava na TJB, mas, mesmo com o pouco tempo, já chamava os seus pares de arquibancada de “família”. Dizia que fora muito bem recebido pelos “irmãos da torcida” e que se sentia acolhido como nunca fora antes. Naquela época, estava desempregado, vivia de bicos aqui e ali, e tinha bastante tempo para a vivência torcedora. Adorava a festa, a mobilização, a pista. Sentia-se bem e estava empolgado com o baile para o qual estávamos indo.

Claro que, quando eu conto fragmentos da história de Gefferson, da vivência dele sem a presença do pai desde a infância e do contexto de violência da adolescência, não estou propondo que essa é a regra na TJB, ainda que casos como o dele estejam longe de ser exceção. De toda forma, por mais diversa que seja a Jovem e por mais variáveis que sejam os motivos que atraem novos integrantes a ela, são inegáveis os pontos de

convergência que unem tantos bairros, tantos bondes, tantas periferias em torno de uma mesma coletividade.

Sobre essas aproximações e atrações, Rezende (1993), ao discutir a questão da amizade em suas pesquisas, vai destacar a importância da valorização da sociabilidade e de interesses e gostos em comum para que as pessoas se unam em relações fraternais entre si. Ela pondera que essas associações mútuas costumam levar em consideração fatores econômicos e permitem, ao mesmo tempo, a partir de ideais como lealdade e apoio, que seus integrantes reforcem o pensamento de que podem ser eles mesmos quando ao lado de seus pares.

Em outras palavras, em termos mais próximos à presente pesquisa, os torcedores organizados de periferia acabam por se unir mais entre si, dentro da própria comunidade, porque é justamente na periferia que eles podem manter uma postura e um estilo de vida que, não raro, são interditados em outros espaços públicos e na presença de pessoas alheias ao grupo.

Voltando a Gefferson, ele se adaptara bem em sua chegada à Jovem porque, sem precisar mudar o seu jeito de ser, deixou para trás os estereótipos que tanto lhe incomodavam. E, se na casa de seu padrasto, era recorrentemente taxado de “vagabundo”, “maconheiro” e “criminoso”, na torcida passava a ser tratado como um “irmão” de periferia, de bonde, de torcida, valorizado e respeitado a partir de sua entrega, disposição, dedicação à TJB e aos seus pares.

Uma amizade que, como já sugerido, é fortalecida por uma visão comum sobre a vida e por uma origem de classe compartilhada. Afinal, “a origem de classe molda modos de pensar e se comportar, afetando conseqüentemente interesses, gostos e padrões de consumo” (Rezende, 1993, p. 39, tradução nossa).

É na esteira desse debate, inclusive, que Rezende (2002) indica ser necessário relativizar a autonomia das pessoas na escolha das amizades, porque essas relações costumam ser pautadas por expectativas e valores muito particulares, que, não raro, vão interferir nas aproximações e nos afastamentos que serão estabelecidos ao longo da vida.

A propósito, ao tratar da ideia de amizade, eu penso ser importante ampliar a discussão e refletir também sobre a ideia de afeto e de sentimento a partir da antropologia das emoções. Pois, começando com o clássico texto de Rosaldo (2019), a autora explica que esses não podem ser vistos como “substâncias”, como algo que está em nosso sangue, em nosso interior, uma “coisa” inata presente em cada uma das pessoas de forma tangível e vista a partir de conceitos universais. Ao contrário, ela pondera que afetos e sentimentos

são “práticas sociais organizadas por histórias que nós encenamos e contamos” (Rosaldo, 2019, p. 39).

A autora defende, em outras palavras, que afeto e sentimento não estão exclusivamente na ordem da subjetividade, da irracionalidade, do instinto. Bem diferente disso, podem ser vistos como intrinsecamente ligados à cultura. São “pensamentos incorporados” (Rosaldo, 2019, p. 32), “criações sociais” (Rosaldo, 2019, p. 44). Que surgem dentro de contextos específicos e que muitas vezes são moldados social e coletivamente (Lutz; White, 1986).

Declaradamente inspirada nas ideias de Michele Rosaldo, aliás, Coelho (2010, p. 267) é outra autora com quem vale a pena dialogar aqui, já que ela define as emoções como “construtos culturais de natureza evidentemente variável”. E que, para além disso, podem ser pensadas em sua “dimensão micropolítica dos sentimentos, mostrando como as emoções são tributárias de relações de poder entre grupos sociais, servindo simultaneamente para expressar e reforçar tais relações”.

Essa perspectiva política para o afeto é importante, penso, porque ajuda a enterrar a ideia de que as amizades são desinteressadas. Ou, mais do que isso, são imutáveis, constantes ou permanentes. Que, uma vez firmadas, são para sempre, sem a necessidade de serem retroalimentadas cotidianamente.

Por sinal, essa mesma perspectiva política para o afeto é válida para o torcer. Amizades torcedoras não são jamais desinteressadas ou imutáveis. Não são gratuitas. Ao contrário, precisam ser constantemente negociadas, estrategicamente dialogadas e trabalhadas. Exigem trocas mútuas, apoios constantes, demonstrações públicas de que um lado cola com o outro. O acolhimento obriga entrega, participação, retorno, presença.

Ora, mais uma vez pegando o caso de Gefferson como ilustração, a aceitação dele à Jovem é imediata e sem julgamentos por parte de tal coletividade, mas a permanência desse sentimento dependerá da forma como ele se adapta à ideologia torcedora, da frequência com que comparece aos eventos da torcida, de quão intensamente cola nas ações sociais, nas pistas, nas caravanas. Usando uma expressão coloquial, “entrar é mais fácil do que permanecer”. Porque, uma vez dentro, é fundamental que se tenha compromisso com a ideia já amplamente citada aqui de “ser torcida”.

Tanto isso é verdade, aliás, que, menos de um ano depois do baile, Gefferson acabaria deixando a TJB. Da mesma forma com que entrara cheio de empolgação, de repente, começou a faltar os compromissos, deixou de ir aos jogos, não foi mais às reuniões. Principalmente, e pior de tudo para as dinâmicas torcedoras, não dava

satisfações, não justificava a ausência, permanecia em silêncio quando era instado a se manifestar. Certo dia, cansado da indiferença, algum diretor foi lá e excluiu-o do grupo de WhatsApp da torcida e do bonde. A maioria nem mesmo percebeu que isso aconteceu. Ele simplesmente foi deixado para lá. Justamente porque, na visão dos demais integrantes, deixou de colar com a Jovem.

E assim teria permanecido se nada mais tivesse acontecido com ele dentro da torcida. Só que, em 15 de julho de 2023, num jogo do Belo contra a Aparecidense-GO pela Série C do Brasileirão⁹⁰, ele simplesmente reapareceu. Chegou à praça antes do jogo, disse que estava com saudades, bebeu com o pessoal do bonde, migrou com os irmãos até o estádio, assistiu à partida, foi acolhido, reintegrado, voltou a colar.

Essa regra vale para todos, claro. É preciso se fazer presente, fortalecer as ideias, respeitar regras de conduta, festejar e cantar o nome da torcida, mas também defender e proteger o “irmão” que estiver em risco e jamais abandonar um companheiro de torcida. Se um dia sair de boa, as portas ficam abertas, mas o retorno será condicionado à mesma dinâmica de antigamente.

E, se existe essa dimensão de amizade no interior de cada torcida organizada, na relação entre seus próprios integrantes, uma outra dimensão é igualmente importante. Aquela entre diferentes torcidas organizadas de pista, com a diferença de que, nessa relação entre coletividades, a expressão “amizade”, ao menos num primeiro momento, nem parece ser tão forte assim, sendo privilegiada e potencializada a ideia de “aliança”.

A bem da verdade, no entanto, o que existe é uma espécie de gradação valorativa de relações que são paulatinamente trabalhadas. E isso é fundamental para entender as dinâmicas entre torcidas organizadas. Uma tríade que se inicia com o “respeito”, avança posteriormente para a “amizade” e tem como ápice a “aliança”.

Isso significa que, no linguajar cotidiano das próprias coletividades torcedoras e captadas em diversos momentos da imersão etnográfica, o “respeito” é aquele sentimento básico, que não sugere compromissos maiores entre duas torcidas, mas indica que essas não se enfrentariam numa pista, por exemplo. Já a “amizade” remete a duas associações com um grau maior de interrelação, que, no entanto, ainda precisam de maior diálogo para criar vínculos duradouros. Finalmente, a “aliança” seria aquele ápice só atingido após muitas negociações e demonstrações de entrega, comprometimento, apoio mútuos.

⁹⁰ Vitória botafoguense por 2 a 1.

Note-se, portanto, que, a princípio, resta-se sugestionado que a relação de “respeito” entre duas torcidas organizadas é a mais fraca das formas de aproximação. Ao mesmo tempo, se considerarmos essas expressões sob uma perspectiva mais interligadas entre si, como parte de um mesmo processo que se apresenta como contínuo e gradativo, chega-se à conclusão de que o respeito é, na verdade, a base de tudo, o alicerce que se torna imperativo para qualquer outro tipo de relação interpessoal ou intergrupala no contexto das torcidas organizadas.

Trata-se, pois, de um sentimento e um sentido que, como foi possível perceber em múltiplos momentos da presente pesquisa, são insistentemente acionados pelos torcedores organizados. Porque, afinal, não há de existir “aliança” sem “respeito”. Aliás, não há de existir nem mesmo “rivalidade” (ao menos não naquele sentido valorizado pelas torcidas organizadas) sem que haja antes a ideia de “respeito”.

Mas, voltando a Gefferson, foi depois de todo aquele papo no ônibus que nos encontramos com Mel e Nicholas em Cruz das Armas. A jornada, entretanto, estava apenas começando. Depois de quase uma hora de espera pelo segundo ônibus que pegaríamos (sendo esse da linha 104), e depois de uma longa caminhada do ponto em que descemos até a casa de eventos, debaixo de um sol forte e por dentro de comunidades periféricas da cidade, em que Nicholas tirou a sua beca da Jovem e andou sem camisa justamente porque Mel estava com medo da inscrição “Funcionários”⁹¹, finalmente nós chegávamos ao local do baile do Bonde Feminino da TJB.

Pela primeira vez no curso da pesquisa, eu teria um contato mais demorado e ampliado com diferentes torcidas organizadas aliadas da TJB. E muito daquela complexa relação de alianças – e rivalidades, por conseguinte – começaria naquele dia a ser analisado por mim.

2.1.2 O Baile de 17 anos do Bonde Feminino

Nós chegamos à Waleskafest por volta de meio-dia e praticamente fomos os primeiros a chegar. Além da gente e das torcedoras organizadoras do baile, apenas Juan, um antigo torcedor da Jovem que eu já conhecia do curso da pesquisa, havia chegado também.

⁹¹ Eu confesso que, à época, eu achei exagerado o medo de Mel. Mas, como já vimos no Capítulo 1 sobre os acontecimentos de junho de 2023 com o mesmo Nicholas, ficaria demonstrado posteriormente que seus temores tinham razão de existir.

Muito por causa disso, foi com Juan que conversei por bastante tempo ao longo daquele dia, e foi ele quem me tirou algumas dúvidas iniciais sobre as alianças da Jovem do Botafogo-PB. Antes de prosseguir neste debate, entretanto, queria descrever o local do baile.

A Waleskafest, pois, era, na verdade, uma casa residencial adaptada para receber festas. Tratava-se de um terreno estreito, mas longo. Um portão grande de entrada estava apenas entreaberto e adaptado como bilheteria, parcialmente interditado por uma mesa na qual uma das torcedoras vendia os ingressos (que dava direito a uma pulseira de acesso) e conferia a entrada e a saída do público.

O ingresso custava R\$ 20, e eu havia comprado o meu de forma antecipada. Ao entrar no local, permanecendo de costas para a rua e de frente para a casa que ficava lá no fundo, era possível ver, à direita, perto do muro, uma churrasqueira de alvenaria que estava desativada, seguida de uma área que muitas pessoas acabariam ocupando durante a festa. Mais à frente, ainda pelo lado da direita, dois banheiros externos (um masculino e um feminino) eram avistados. Logo em seguida, uma piscina, que, embora não tenha sido usada ao longo do evento, estava limpa e cheia.

Depois da piscina, ainda havia um pequeno espaço com mesas e cadeiras e finalmente a casa, que servia de apoio para o Bonde Feminino. Por uma das grades que dava para dentro da casa, foi adaptado o bar. As pessoas compravam as fichas com uma torcedora posicionada numa das mesas e, por entre as grades, pegava o que queria. Vendia-se, basicamente, bebidas diversas: cerveja, refrigerante, água, destilados, alguns tipos de drinques etc.

Já do lado esquerdo do terreno, havia um longo caminho de piso de cimento, sem nada mais do que algumas mesas, que terminava com a garagem da casa ao fundo. A tal garagem foi adaptada para se transformar em palco para os MCs e para os demais artistas que se apresentariam ao longo da festa, que inclusive se estenderia até a madrugada do dia seguinte. Já o caminho de piso de cimento virou pista de dança (Figura 17).

Soube por Juan que torcidas organizadas aliadas, principalmente do Nordeste, haviam sido convidadas para o baile e que, nesses casos, a regra entre as torcidas era, em geral, a mesma. A torcida anfitriã disponibiliza cinco cortesias para cada aliada convidada, que, por sua vez, pode viajar com até quinze integrantes para o baile, desde que compre os outros dez ingressos restantes. Além disso, é necessário confirmar com antecedência que a torcida organizada convidada vai, de fato, viajar para participar do baile.

Algumas aderiram. Estavam lá a Torcida Força Alviverde (TFA), do Sousa-PB, única torcida paraibana aliada da TJB⁹²; a Fanático, do Náutico-PE; a Torcida Organizada Comando Alvinegro (Toca), do Central de Caruaru-PE; e a Comando Alvirrubro, do CRB-AL. Estavam presentes também integrantes da Império Alvinegro, do próprio Belo.



Figura 17 / Do fundo da garagem que se transformou em palco, é possível ter uma ideia da Waleskafest / Phelipe Caldas / 31 de julho de 2022

A Fúria, óbvio, diante da recém-declaração de “guerra” com a TJB, foi “desconvidada”, e foi muito sentida também a ausência da Gang Alvinegra, do ABC-RN, não só pela antiguidade da aliança e pela proximidade entre Natal e João Pessoa, mas principalmente porque pairou uma certa suspeita de que a Gang poderia ter se posicionado em favor da Fúria. Ou, ao menos, declarado a sua neutralidade na contenda que ora se agravava.

⁹² Saberá depois, as torcidas de João Pessoa e de Campina Grande têm relações de alianças e de rivalidades com as do Sertão. As do Botafogo-PB são aliadas da TFA e as do Treze-PB são aliadas da Torcida Organizada Mancha Azul, do Atlético de Cajazeiras-PB. Já as torcidas organizadas do Campinense-PB têm amizade com a Comando Alviverde (CAV), do Nacional de Patos-PB, sem, no entanto, atingirem a relação mais íntima de aliança. Obviamente que, principalmente por causa da grande rivalidade existente entre os clubes e entre as torcidas sertanejas, a TJB ser aliada da TFA, por exemplo, significa automática rivalidade com a Mancha Azul e com a CAV.

Com o tempo, a propósito, consolidou-se uma tendência já em curso de certa cisão na Gang Alvinegra ao tratar das torcidas botafoguenses: as zonas Sul e Oeste fecharam mais com a TJB, as zonas Norte e Leste fecharam mais com a Fúria, sugerindo, inclusive, que a questão da segmentaridade (Goldman, 2006) torcedora não é uma exclusividade da Jovem do Belo e se estende a outros contextos Brasil afora. Ainda assim, não foram poucos os relatos de pessoas que me disseram que a aliança da Jovem com a Gang do ABC-RN havia sido afetada nos últimos tempos (falarei mais sobre isso na próxima seção).

Mas, retomando o relato, pude perceber, após tudo o que ouvi durante a festa, que a distância da viagem que uma torcida faz apenas para ir ao baile de uma aliada é algo extremamente valorizado, o que amplia a percepção já citada aqui de que tal agremiação está “fechada com nós”. Assim, a presença da Toca (que viajou 490 km para ir e voltar de Caruaru a João Pessoa) e a da Comando Alvirrubro (que viajou 740 km para ir e voltar de Maceió a João Pessoa) foram vistas com bastante empolgação por integrantes da TJB. Como “uma importante demonstração de respeito” (Caderno de Campo, 31 de julho de 2022), tal como registrado em minhas anotações.

Ademais, ainda sobre a Toca e a Comando Alvirrubro, um outro detalhe é preciso ser registrado. Ambas as torcidas organizadas ficaram frente a frente uma com a outra durante todo o baile, separadas por uma distância de apenas poucos metros, com suas respectivas bandeiras e faixas afixadas em muros paralelos, umas viradas para as outras. Mas tem um detalhe: Toca e Comando Alvirrubro, em que pese ambas se declararem Lado B, são rivais entre si.

Em qualquer outro contexto, um encontro entre as duas torcidas significaria uma pista imediata, mas ali outras regras regiam as relações entre torcidas organizadas. Como ambas são aliadas da TJB e estavam justo num baile da Jovem, o respeito pela anfitriã havia de prevalecer. Dessa forma, por mais perto que ambas ficassem entre si, elas não dialogavam, não cantavam juntas, não participavam simultaneamente das mesmas performances. Por outro lado, também não brigavam, claro, sob pena de terem suas relações com a torcida que as recebia gravemente estremecidas.

Em sentido oposto, a Jovem precisava mediar as relações com as suas aliadas e evitar a todo o custo situações que pudessem desagradar alguma de suas convidadas. Por exemplo, em dado momento, alguns torcedores da Jovem começaram a cantar uma

música que fazia menção irônica à Fúria, ao proferir um “pitbicha, vai tomar no cu” em alusão ao *pitbull* que é mascote da torcida em questão⁹³.

Isso gerou uma movimentação maior na pista de dança que, rapidamente, recebeu a adesão de torcedores da Toca. Ato contínuo, outras músicas começaram a ser puxadas em sequência por membros de ambas as agremiações, culminando em uma que falava sobre “as duas caveiras unidas”, numa referência ao fato de também a Toca ter uma caveira como símbolo (Figura 18).

Nesse momento, aliás, eu pude perceber, os torcedores da Comando Alvirrubro permaneceram totalmente imóveis, expressões sérias e inalteradas, muitos inclusive de braços cruzados, como que deixando claro que não compactuariam com uma dinâmica que envolveria uma de suas rivais (Figura 19).

Pois, não tardou, Nai pegou o microfone e se impôs com firmeza:

– A festa é da TJB! – justificou secamente, após deixar claro que estava proibido tocar músicas de aliadas.

Quase na mesma hora, Juan, que estava ao meu lado, me confidenciou ao pé do ouvido:

– É para evitar que uma outra aliada se sinta desprestigiada. Então as músicas são ou da TJB ou aquelas que mencionam todas as aliadas.

Em que ele completou, pouco depois:

– Todo baile é cercado por alguma medida de tensão, já que as pessoas não são queridas por todas as outras.

Aqui, por sinal, é possível travar debate com Vianna Júnior (1987), a partir de sua pesquisa seminal sobre os bailes *funks* cariocas e de sua ampla análise sobre o conceito de festa, quando ele se debruça sobre inúmeros outros autores para refletir sobre a questão. Vianna Júnior (1987), pois, fala em uma estreita ligação que existe entre divertimento e violência. Uma espécie de fina harmonia entre as duas ideias e que eu pretendo tratar como parte de um mesmo processo, de um mesmo valor que é cultivado pelos torcedores e pelas torcidas organizadas.

⁹³ Referências com teor homofóbico a rivais são um costume comum entre torcidas organizadas. É por isso que, no contexto da TJB, por exemplo, a Fúria vira “pitbicha”, a Facção vira “facusão”, a Jovem do Galo vira “galogay”. Da mesma forma que, para todas essas, a TJB vira “TJBicha”. É óbvio que essas práticas são a expressão de uma masculinidade e de uma misoginia afloradas num contexto ainda muito heteronormativo presente no futebol e, a bem da verdade, já existe uma ampla literatura acadêmica que aborda criticamente essas questões (Bandeira, 2010; De León, 2011; Connel, 2016; Sobreira Filho, 2018; Pisani e Pinto, 2021). Não se pretende negligenciar aqui esses importantes desdobramentos da violência, mas nesta tese não me aprofundarei em tal debate.



Figura 18 / Torcedores da Toca e da TJB cantam juntos uma música que faz alusão às “duas caveiras unidas” / Phelipe Caldas / 31 de julho de 2022



Figura 19 / Torcedores da Comando Alvirrubro cruzam os braços durante performance da Toca e da TJB / Phelipe Caldas / 31 de julho de 2022

Em termos próximos ao comentário de Juan sobre as tensões que sempre cercam os bailes de torcida, por sinal, Vianna Júnior (1987, p. 20) indica que, “mesmo domesticada, a festa continua a correr o risco de voltar a ser violenta”. E ele justifica isso ao ponderar que há uma tentação e um fascínio em torno da violência que a aproxima da festa e transforma ambas como parte de um mesmo jogo.

Há nesses espaços, ainda de acordo com o autor, um ritmo que leva a um transe coletivo, a uma deflagração das pessoas presentes que enfraquece um certo princípio de individuação e que estimula o que ele chama de “imoderação coletiva” (Vianna Júnior, 1987, p. 39). Um tal estado, aliás, que flerta com o poder subversivo da festa e que leva a violência para um estado de iminência.

Tal como acontece na pista, a propósito, conforme será analisado melhor no Capítulo 3, a festa não se propõe a ser apenas festa. Da mesma forma que violência não é apenas violência. Não são nem mesmo dois lados opostos de uma mesma estrutura. Festa é pista, pista é festa.

Ambas estão intrinsecamente relacionadas e interligadas. Ambas são igualmente ritualizadas, desejadas, estimuladas, ansiadas, aguardadas pelas diferentes coletividades. Pistas e festas que se tornam ainda mais complexas numa cidade em que existem múltiplos estilos e visões de mundo. “Essas diferenças podem gerar graves conflitos ou acordos momentâneos, mas nunca uma ‘estabilidade’ ou ‘consenso’” (Vianna Júnior, 1987, p. 33, grifo do autor).

Insistindo no diálogo com o autor, aliás, o que se pretende dizer é que a festa – tal como a pista – não objetiva “escamotear as diferenças que existem dentro da sociedade” (Vianna Júnior, 1987, p. 145). Ao contrário, são duas formas de homenagear as diferenças. Porque é justo nas aproximações e nos antagonismos entre diferentes coletividades que as dinâmicas torcedoras tornam-se possível e, mais do que isso, chegam ao seu ápice.

Essa ideia sobre uma tal homenagem à diferença, por sinal, encontra eco em Guarinello (2001), que costuma alardear justamente as fronteiras que a festa produz e que vão regular as disputas simbólicas existentes em seu interior e que inclusive podem se tornar bastante agudas.

Não se trata, portanto, de uma harmonia, de um consenso em si. Longe disso, na verdade. O autor, a propósito, é outro que vai enxergar a festa como um jogo, que “expressa ativamente [...] seus conflitos, suas tensões, suas censuras, ao mesmo tempo que atua sobre eles” (Guarinello, 2001, p. 972).

Festa, portanto, ainda de acordo com o autor, vista como ato coletivo que possui códigos de conduta e rede de expectativas recíprocas que são muito claras entre seus participantes. E, registre-se, tudo isso podia ser muito bem percebido naquele baile do Bonde Feminino da TJB e em tantos outros eventos torcedores, em mais uma demonstração de que festa e pista andam, de fato, juntas, são produções de sentidos muito mais próximas do que se pode imaginar a princípio.

Bem, retomando o debate, é possível perceber que são muitas as nuances que envolvem as relações torcedoras. Ao mesmo tempo, ao menos internamente, os integrantes de uma mesma torcida organizada costumam alardear uma espécie de horizontalidade que só reafirma o fato de que, mesmo nas complexas diferenças que os cercam, eles estão sempre a invocar a tríade respeito, amizade, aliança. Ou, em outras palavras, um senso coletivo de pertencimento que engloba valores como confiança, reciprocidade e solidariedade mútua.

Valores torcedores esses que, no curso da presente pesquisa, costumavam ser resumidos em uma única frase, mas que, no entanto, era exaustivamente repetida, nos mais diferentes contextos possíveis: “nenhum irmão (ou ‘irmãozinho’, como alguns preferiam) fica para trás”.

O apoio expresso ao “irmão”, por sinal, era, de fato, extensivo a todos os momentos. Da festa à pista, do deslocamento pela cidade à entrada no estádio. Em 13 de maio de 2023, por exemplo, em dia de caravana para jogo contra o América-RN, as 15 “cabeças”⁹⁴ do BDF se reuniram por volta das 13h30 na Praça Bela para, de lá, todos juntos, rumarem ao Centro de Treinamento (CT) da Maravilha do Contorno, a sede do Botafogo-PB, de onde saíam os ônibus para Natal.

Por uma questão de logística, pelo fato de eu morar longe do bairro de Funcionários 2 e porque naquele dia minha esposa, Pollyana, iria precisar do carro mais tarde, a minha primeira ideia era fazer uso dos serviços de um motorista por aplicativo e ir direto para o CT, sem passar antes pela praça. Eu só mudei de ideia quando vi os rumos dos debates que corriam no grupo de WhatsApp do bonde.

Eram 14 pessoas na praça (o 15º do bonde era justamente eu), mas só havia um carro e três motos disponíveis no local, o que só garantia carona para onze dos integrantes.

⁹⁴ A expressão pode ser usada como unidade de medida para se referir ao número de pessoas que certa coletividade consegue mobilizar. Apenas ressaltando o caráter competitivo dos bondes da TJB, existe sempre uma certa disputa para saber qual deles consegue reunir o maior número de “cabeças” para um evento importante da torcida. No caso da caravana para Natal, o BDF foi o segundo maior bonde em número de torcedores mobilizados para a viagem.

Três não teriam transporte para esse deslocamento, e o bonde já estava se organizando para todos rumarem da praça ao CT caminhando (quase quatro quilômetros e mais de uma hora de caminhada de distância), em arrastão, quando eu me ofereci para dar carona aos três torcedores que ainda restavam sem transporte.

Desisti de solicitar a viagem pelo aplicativo e pedi uma carona para Pollyana, que me deixaria no CT logo após fazer o desvio para pegar os três torcedores na Praça Bela. Assim fizemos. E duas frases foram emblemáticas naquele dia tão logo chegamos à Maravilha do Contorno.

A primeira foi de Nicholas, no exato momento em que saía do carro, e que ressaltava uma vez mais a diferença geracional que existia entre mim (nós, nesse caso específico) e os torcedores da Jovem:

– Obrigado, tia, você salvou a nossa vida – disse o torcedor, vinte anos mais novo que a gente, dirigindo-se a Pollyana e provocando nela uma gargalhada alta tão logo se viu sozinha comigo no carro.

A segunda foi de Vandal, que, ao me agradecer, soltou uma espécie de lema que é emblemático e extremamente representativo para o que eu quero demonstrar aqui:

– Ou vai todo mundo, ou não vai ninguém – destacou em tom orgulhoso.

A propósito, nas semanas que antecederam a caravana, vários foram os momentos em que essa máxima de Vandal foi expressa. Isso porque tanto a vaga no ônibus como o ingresso em Natal custavam R\$ 40, de forma que o torcedor precisava desembolsar um mínimo de R\$ 80 para participar da viagem, visto que, por ser jogo de pista com torcida rival, não seria permitido a ninguém da TJB ficar moscando do lado de fora da Arena das Dunas, o local da partida.

Pois bem, como já foi dito no capítulo anterior, a grande maioria da torcida organizada é formada por torcedores pobres, moradores de periferia e trabalhadores autônomos, que vivem sempre no limite ou aquém do orçamento. O valor de R\$ 80, para ser gasto num único dia, não era pequeno para muitos daqueles torcedores, de forma que não foram poucos os que simplesmente não conseguiram fechar a quantia completa.

A despeito disso, contudo, o que se viu foi algo que eu considero realmente bonito. E de uma potência incrível. A tese de que “ou vai todo mundo, ou não vai ninguém” desta vez expressa de forma até mais singela por um dos torcedores:

– A gente se ajeita!

No grupo de WhatsApp criado exclusivamente para a caravana (que, pouco depois da viagem, seria extinto), a dinâmica seguiu intensa ao longo das semanas e dias que

antecederam a viagem, com alguns torcedores dizendo o máximo que haviam conseguido juntar de dinheiro, outros expressando o quanto poderiam dar de extra. Assim, criava-se uma lista, sempre com uma chave Pix⁹⁵ disponível, e todos iam se ajudando. “Quem está mais folgado, paga mais. Quem está apertado, menos. Alguns nem pagam. Faz-se o rateio e cada um ajuda com o que tem” (Caderno de Campo, 13 de maio de 2023).

Netinho, o presidente, repetia sempre o mesmo mantra:

– Se a pessoa quer ir, e tem disponibilidade na data do jogo, a gente dá um jeito.

Aqui, todo mundo ajuda todo mundo, porra.

Claro, nem tudo é tão fácil assim, principalmente porque são muitas as pessoas e tanto o dinheiro como o tempo para arrecadá-lo são curtos. Soube de gente que chegou a viajar ainda sem ingresso. Mas, no fim das contas, todo mundo entrou na praça esportiva.

A propósito, na manhã da viagem, a poucas horas da saída dos ônibus, eu ainda escutei um último questionamento que, de tão aparentemente absurdo, tornava tudo mais poético, principalmente depois de se perceber que, de fato, ninguém ficou para trás:

– Onde é que já se viu, a pessoa deixar de ir para o jogo só porque está sem ingresso?

Enfim, é perceptível que as mediações são absolutamente constantes e incessantes. Regras de convivência são definidas e precisam ser respeitadas. E, em meio a isso, as torcidas organizadas aliadas se relacionam entre si dentro de um modelo que encontra profundas semelhanças com a clássica teoria da dádiva de Marcel Mauss (2017). É esse o próximo ponto a ser abordado, começando com a difícil tentativa de explicar como funcionam as alianças e as rivalidades entre tais associações.

2.2 “Uh, é Lado B!” – e DPA

Talvez, uma das questões mais complexas para mim, no curso da pesquisa que se iniciou ainda no mestrado, era buscar um entendimento sobre o que representavam as ideias de Lado A e Lado B entre as torcidas organizadas do Nordeste do Brasil.

Trata-se, pois, de uma dualidade essencialmente nordestina, mas que inclui também, por exemplo, a Terror Bicolor do Paysandu-PA. Isso porque, como as principais

⁹⁵ Segundo o Banco Central do Brasil, Pix é uma opção de pagamento instantâneo e de transferência de dinheiro entre contas que pode ser feita de forma gratuita e imediata a qualquer hora e dia da semana. Chave Pix, por sua vez, é a identificação individual de cada conta utilizada para esse fim. Disponível em: <<https://tinyurl.com/3bkvx8zu>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

aliadas dessa torcida estão no Nordeste, ela acaba sendo a única exceção fora da região que está inclusa em tais arranjos. E eu acho importante registrar isso porque, a partir de agora, quando eu falar em Nordeste para me referir a toda essa intrincada rede, deve-se ter em mente que falo também de parte da realidade paraense.

Mas, retomando as minhas dificuldades sobre entender a ideia de Lado A e Lado B, é preciso dizer que, desde as minhas primeiras imersões de campo, no já longínquo ano de 2017, sempre ficou muito claro nos discursos de meus interlocutores que as organizadas do Belo, desde os primórdios, fizeram e fazem parte do Lado B. Aliás, Nascimento e Goldfarb (2011) já atestavam bem antes a condição da Jovem como sendo do Lado B, e diziam também que essa dicotomia estaria inspirada nos chamados bailes de corredor, do Rio de Janeiro, em que grupos antagônicos produzem performances conflitivas nas pistas de dança dos bailes *funks* cariocas (falaremos mais sobre isso no Capítulo 3).

A bem da verdade, contudo, em que pese nunca ter havido dúvidas sobre a qual lado a torcida pertence, isso pouco revela, ao menos a princípio, quem são as aliadas e quem são as rivais da TJB. Ainda que esses lados, teoricamente, indiquem redes de alianças e de rivalidades mútuas entre torcidas organizadas.

Se fosse para prevalecer uma lógica dualista sobre ambos os lados, todas as torcidas organizadas de pista do Lado B deveriam ser aliadas entre si e, ao mesmo tempo, rivais de todas as torcidas organizadas de pista do Lado A, que, por sinal, seriam igualmente aliadas entre si. Mas isso simplesmente não acontece.

Por exemplo, a Torcida Esquadrão Colorado (TEC), do Sergipe-SE, que é Lado B e inclusive já foi aliada da TJB, hoje é rival da Jovem (cheguei a testemunhar uma pista entre ambas as torcidas, mas isso eu deixo para o próximo capítulo). Ademais, em sentido contrário, interlocutores meus me informaram, em junho de 2023, sobre conversações que teriam acontecido entre a TJB e uma torcida organizada do Lado A para se firmar a partir daí uma futura aliança. Essa acabou não se concretizando durante o curso de minha pesquisa⁹⁶, mas a simples abertura de um canal de diálogo já mostra como essas questões são sensíveis e para lá de dinâmicas.

Existem outros casos, claro. Como já citado aqui, a Comando Alvirrubro, do CRB-AL, não fecha com a Toca do Central-PE. E não fecha também com a Gang Alvinegra do ABC-RN, ainda que todas essas sejam igualmente Lado B. Em 2021, inclusive, segundo

⁹⁶ Justamente porque nenhuma nova aliança foi firmada e anunciada oficialmente, optei por omitir o nome da torcida organizada.

relatos de meus interlocutores, visto que eu ainda não havia iniciado minhas incursões etnográficas e não testemunhei esse caso específico, Gang e Toca se uniram numa pista contra a Comando Alvirrubro justo num baile da TJB, o que é uma quebra grave das regras de condutas de tais associações.

No Lado A, questões semelhantes também acontecem: TUF e Inferno Coral do Santa Cruz-PE, por exemplo, chegaram a encerrar uma aliança considerada histórica de mais de vinte anos devido a um incidente registrado em 15 de janeiro de 2019.

Naquele dia, a Inferno Coral partiu para a pista contra a Jovem Garra Tricolor do Fortaleza-CE, num dia de jogo em Recife entre Náutico-PE e Fortaleza-CE. A TUF, que naquela oportunidade estava num arrastão ao lado da Garra Tricolor, entrou em defesa da conterrânea, mesmo essa sendo aliada da Jovem do Sport-PE. Foi aí que o rompimento entre TUF e Inferno Coral foi consumado, ainda que, atualmente, haja um esforço mútuo para que a aliança seja retomada⁹⁷. Em sentido contrário, foi igualmente em 2023 que se iniciou uma guerra entre TUF e Garra Tricolor nos mesmos moldes da que se iniciara, um ano antes, entre TJB e Fúria.

De toda forma, aquele foi um episódio isolado em que a filiação clubista entre diferentes torcidas do Fortaleza-CE acabou falando mais alto. Mas, como já amplamente registrado, não é raro acontecerem divergências entre torcidas do mesmo clube. Por exemplo, no caso do Bahia-BA, a Bamor é Lado A, a Terror Tricolor é Lado B. Uma diferença de lado entre torcidas de mesmo clube que, por sinal, não acontece no caso do Botafogo-PB, visto que todas as torcidas organizadas botafoguenses são Lado B, ainda que, como já citado, isso não impeça os conflitos recorrentes entre elas.

Enfim, para alguém de fora, pode parecer tudo uma grande bagunça, de difícil entendimento. Tanto que, em minha dissertação, eu cheguei apressadamente a vaticinar, acerca do tema, que “os dois troncos [...] nem existem mais oficialmente” (Carvalho, 2019, p. 98)⁹⁸, querendo defender a ideia de que, visto que as alianças não se firmam necessariamente dentro dos mesmos lados, esses não poderiam ser pensados como dualidades – ou oposições – de fato constituídas.

⁹⁷ Em 23 de março de 2023, em jogo entre Santa Cruz-PE e Fortaleza-CE pela Copa do Nordeste, integrantes das duas torcidas caminharam juntos em arrastão pelas ruas de Recife, como apenas aliadas fazem. E a TUF posteriormente emitiu nota de agradecimento à Inferno Coral pela recepção. Disponível em: <<https://tinyurl.com/yey3unr4>>. Acesso em: 09 jun. 2023. Ainda assim, em fóruns pela internet, não são poucos os torcedores da TUF que dizem que algumas zonas da torcida ainda resistem à ideia de reatar os laços com a Inferno Coral. Disponível em: <<https://tinyurl.com/28n79kd3>>. Acesso em: 09 jun. 2023.

⁹⁸ Trecho esse que foi modificado na versão em livro da dissertação, publicada pela Editora Ludopédio (Caldas, 2023).

Hoje, minha teoria é absolutamente diferente. Não é possível, afinal, ignorar autopercepções sobre ser Lado A ou Lado B que estão presentes nos cânticos, nos gritos de guerra, nas expressões cotidianas das torcidas organizadas. No entendimento que cada uma dessas coletividades tem sobre si mesma.

Por sinal, esse me parece ser um clássico exemplo daquilo o que Sahlins (1990) chama de “estrutura da conjuntura”, um movimento conceitual do autor que vai aproximar as ideias que se tem sobre “estrutura” e “evento” e que vai deixar de pensá-las como oposições entre si.

De acordo com ele, pois, a “estrutura da conjuntura” pode ser pensada como “um conjunto de relações históricas que, enquanto reproduzem as categorias culturais, lhes dão novos valores retirados do contexto pragmático” (Sahlins, 1990, p. 160). Dito de outra forma pelo próprio autor, “não há base alguma nem razão para a oposição excludente entre estabilidade e mudança” (Sahlins, 1990, p. 190).

Incidentes entre torcidas organizadas, portanto, que modificam contextos e relações, não anulam a estrutura posta, ainda que essa muitas vezes se apresente no plano das idealizações por parte das coletividades torcedoras. Nessa perspectiva, a estrutura continua sendo a dualidade entre Lado A e Lado B. Já os conflitos e rompimentos entre torcidas organizadas de um mesmo lado e os diálogos e aproximações entre torcidas de lados opostos estão na ordem dos eventos históricos a que essas coletividades estão expostas.

Para além de tudo isso, é importante destacar também que as relações entre as torcidas organizadas do Nordeste são ainda mais complexas quando vistas numa perspectiva macro. Em nível nacional, afinal, existem quatro grandes uniões torcedoras em que essas torcidas estão inseridas e que ajudam a embaralhar ainda mais as noções de alianças e de rivalidades. A saber, são uniões cujos nomes fazem menção a gestos identificadores em meio às multidões. Gestos que, segundo Souza (2018), ganham bastante notoriedade entre as torcidas organizadas principalmente a partir da década de 1990.

A principal delas, ao menos para o contexto desta tese, é a União Dedo pro Alto (DPA), identificada pelo cruzamento dos punhos fechados e pelos dedos médios estirados (Figura 20). Quando eu digo que ela é a mais importante para este contexto, é porque trata-se daquela em que estão inseridas a TJB e a Fúria.

As outras três são: União Punho Cruzado (UPC), cujo gesto identificador é o cruzamento dos punhos fechados, mas sem estirar os dedos médios (onde está a Facção

Jovem, do Campinense-PB); União Punho Cerrado (PC), que se configura em fazer um “T”, colocando o punho de um dos braços no cotovelo do outro, ambos de forma perpendiculares (onde está a TJG, do Treze-PB); União Punho Colado, que, como o nome indica, é simbolizado por dois punhos fechados encostados um no outro (e que não tem muitos adeptos no Nordeste).

Pois, pegando a DPA como exemplo, fazem parte dessa união torcidas organizadas como Mancha Verde do Palmeiras-SP, Mancha Azul do Avaí-SC, Galoucura do Atlético-MG, Torcida Jovem do Vasco-RJ, Torcida Jovem do Botafogo-RJ, Geral do Grêmio-RS, Torcida Jovem do Grêmio-RS, Força Jovem do Goiás-GO, Império Alviverde do Coritiba-PR, Dragões Alviverde do Coritiba-PR, entre outras⁹⁹.

A TJB, então, que é DPA, é aliada de todas essas torcidas citadas acima. Mas, quando o debate vai para o Nordeste, a relação da Jovem com as demais torcidas pode mudar a partir de arranjos contextuais locais que acabam por superar as uniões nacionais.



Figura 20 / Integrantes da TJB fazem o símbolo da União Dedo pro Alto pouco antes de iniciar um arrastão até o Estádio Almeidão / Felipe Caldas / 30 de julho de 2023

⁹⁹ Atente-se aqui, aliás, para a questão cromática. Valor simbólico tão caro para as torcidas organizadas, acaba constrangido em contextos específicos em favor das alianças com outras associações torcedoras. Pegue-se como exemplo a Mancha Verde. O fato de ela interditar o preto e o branco em seu cotidiano não impede de firmar alianças com inúmeras torcidas alvinegras Brasil afora. Incluindo nessa relação, óbvio, a TJB, que, como já dito anteriormente, carrega o lema de “caveira veste preto”.

E é possível dizer isso porque, igualmente na DPA, estão as aliadas Cearamor do Ceará-CE, Gang Alvinegra do ABC-RN, Tubarões da Fiel do Sampaio Corrêa-MA, Terror Bicolor do Paysandu-PA, Fanático do Náutico-PE, entre outras; assim como estão as rivais Bamor do Bahia-BA, Trovão Azul do Confiança-SE, Mancha Azul do CSA-AL, Inferno Coral do Santa Cruz-PE, entre outras.

Antes de continuar, e apenas para facilitar o entendimento de tudo o que venho destacando sobre o tema, apresento um breve esquema (Tabela 01) sobre essa intrincada rede entre torcidas organizadas nordestinas, priorizando aquelas cujas alianças e rivalidades são mais acentuadas quando pensadas a partir da TJB. Apesar das uniões nacionais, pois, os arranjos e rearranjos locais são o que dão o tom nessas relações.

	Dedo pro Alto	Punho Cruzado	Punho Cerrado
Lado A	Bamor (Bahia-BA), Trovão Azul (Confiança-SE), Mancha Azul (CSA-AL), Inferno Coral (Santa Cruz-PE).	TUF (Fortaleza-CE).	Jovem do Galo (Treze-PB).
Lado B	TJB (Botafogo-PB), Cearamor (Ceará-CE), Gang Alvinegra (ABC-RN), Tubarões da Fiel (Sampaio Corrêa-MA), Terror Bicolor (Paysandu-PA), Fanático (Náutico-PE), Comando Alvirrubro (CRB-AL).	Torcida Esquadrão Tricolor (Sergipe-SE).	
Sem lado		Facção Jovem (Campinense-PB), Jovem do Sport-PE, Os Imbatíveis (Vitória-BA), Remoçada (Remo-PA).	

Tabela 01 / Esquema sobre algumas das principais aliadas e alguns dos principais rivais da Torcida Jovem do Botafogo-PB considerando as divisões regional e nacional

Em 27 de maio de 2023, em diálogos com alguns integrantes do BDF, esses torcedores me explicavam que foram justamente esses contextos regionais que deram origem ao Lado A e ao Lado B, ainda na década de 1990, numa divisão própria para o Nordeste brasileiro. E que, com o tempo, novas acomodações foram sendo feitas em ambos os lados, sempre respeitando relações locais e episódios ao longo das décadas que foram aproximando antigas rivais ou distanciando antigas aliadas.

– Lado A e Lado B existem, sim, mas não como eram no começo – atestaram-me, quase em uníssono, os gêmeos Alex e Allam.

Ainda sobre toda essa complexidade entre alianças, Netinho, o presidente da TJB, contou-me certa vez, durante um papo em 12 de março de 2023, que, logo nos primórdios, a Jovem do Belo chegou a ensaiar uma aproximação com a Jovem do Sport-PE, algo que acabou não prosperando. A partir daí, foi por meio de cartas trocadas entre dirigentes da época que TJB e Fanático firmaram aliança. Ainda hoje reconhecida como a primeira da torcida botafoguense. E, como Fanático e Gang já eram aliadas, as apresentações foram feitas e, em pouco tempo, a Gang se tornou a segunda aliada da Jovem.

Netinho seguiu em seu relato dizendo que, em paralelo, quase na mesma época, em um jogo entre Botafogo-PB e Fortaleza-CE, a TJB e a TUF se estranharam e, diante disso, houve uma pista inesperada entre ambas. A TJB teria saído vitoriosa da pista e isso a fez conhecida e respeitada no Nordeste. Mais do que isso, despertou o interesse da Cearamor, que buscou firmar aliança com a Jovem. Era a terceira. E aí a Cearamor, bem mais antiga, que já era da União DPA, abriu as portas para a TJB compor com as torcidas organizadas da referida união em outras regiões do Brasil.

Pois são essas intrincadas relações locais que me interessam aqui. Porque, recapitulando brevemente, foi a partir da aliança com a Cearamor que a TJB foi incluída na DPA, mas a aliança anterior com a Fanático impede, por exemplo, qualquer relação dessa mesma TJB com a Inferno Coral (devido a rivalidades locais entre as duas organizadas de Recife). Como se vê, são quatro torcidas de três estados diferentes, todas da União Dedo pro Alto, mas, no fim, são as configurações locais, o contexto micro, que prevalecerá em comparação à conjuntura nacional.

Talvez seja por isso que autores como Souza e Antônio (2014, p. 9), referindo-se às quatro uniões nacionais, cheguem a dizer (erroneamente, na minha opinião) que “as torcidas do Lado A e Lado B aparecem como agregadas nessas alianças, assim como torcidas de clubes menores”. Os autores sugerem uma relação institucionalmente mais

fraca e menos valorizada entre as torcidas do Sul e do Sudeste com as torcidas do Nordeste, o que não me parece empiricamente plausível. E são justamente esses arranjos locais, que são da mais alta importância para as torcidas nordestinas, que os autores parecem ignorar.

Ademais, a questão nem mesmo acaba aí. Porque, na Paraíba mesmo, são três os clubes principais com suas respectivas torcidas. TJB é Lado B, TJG é Lado A, Facção Jovem não tem lado constituído (não existe um Lado C, por exemplo). Ainda assim, a Facção encontra nas brechas as suas aliadas locais. Em Recife, cola com a Jovem do Sport-PE (ambas Punho Cruzado).

Enfim, ainda que eu defenda a ideia de dualidade nos debates sobre torcidas organizadas nordestinas, e ainda que seja possível pensar toda essa rede dentro da mesma perspectiva de segmentaridade de Goldman (2006) – à qual recorri para falar sobre a estrutura interna da TJB –, acho possível ampliar essa análise e invocar Melatti (1976). Porque, mesmo numa temática completamente distinta à minha, já que ele reflete sobre as sociedades indígenas *craôs*, ele pode trazer contribuições importantes ao debate realizado aqui.

Pois, diante da dificuldade de posicionar os *craôs* dentro de duas seções matrimoniais supostamente indivisíveis, o autor sugere uma ampliação no entendimento sobre as chamadas organizações dualistas.

Melatti (1976), a saber, propõe um sentido mais amplo para esse tipo de organização dualista, sem tantas amarras e se concentrando nos diferentes pares de metades existentes. Um modelo diádico que tem sua potência identitária “mesmo que seja apenas um artifício da consciência de seus membros” (Melatti, 1976, p. 140). Ademais, Melatti (1976, p. 141) sugere pensar num cenário em que “cada par de elementos em oposição pode manter analogias com outros pares”.

Alianças e oposições fluidas e nem sempre facilmente identificáveis entre torcidas organizadas nordestinas, numa primeira observação de fora, mas que estarão absolutamente claras no momento dos ritos e das relações cotidianas. Cada identidade, assim, não integra apenas um grupo, mas passa a fazer parte de certas metades que compõem uma vasta rede de relações sociais – e que respeitam as especificidades contextuais.

Ser Lado B para a TJB, pois, é sim visto como uma identidade torcedora a ser acionada nos cânticos e gritos de guerra. Assim como ser DPA é acionado sempre que os

seus integrantes pulam, performatizam, deixam-se fotografar com os punhos cruzados e os dedos médios estirados na altura dos peitos ou acima das cabeças.

Coletividades, entretanto, que não transformam em aliadas automáticas todas as demais torcidas organizadas que também se vêm como Lado B e/ou como DPA, mas apenas aquelas certas metades que possuem ritos e relações cotidianas harmônicas com a TJB. E que, juntas, tal como disse o autor, vão encontrar nessas outras coletividades um artifício de consciência que lhes enxerga como identidade construída. É justamente por isso que a manutenção das alianças é um esforço complexo, coletivo, constante, repleto de nuances e cuidados.

2.2.1 Respeito, amizade, aliança: a dádiva no contexto das torcidas organizadas aliadas

Era um domingo de sol, 6 de fevereiro de 2022, e o Botafogo-PB jogaria contra o Globo FC-RN pela terceira rodada da Copa do Nordeste daquele ano. Era uma partida em que o Belo atuaria fora de casa, no Estádio Barrettão¹⁰⁰, município de Ceará-Mirim, e a Torcida Jovem havia organizado uma caravana para acompanhar o time no estado vizinho.

Eu iria embarcar com eles naquele dia. E, em que pesasse alguns contatos com integrantes da TJB em janeiro, que me fazem colocar o mês anterior como marco inicial de minhas pesquisas etnográficas (tal como já registrei no capítulo anterior), aquele era o primeiro grande campo que eu fazia com a torcida desde 2018.

O jogo estava marcado para quatro da tarde, mas, às sete da manhã, os torcedores já começavam a se reunir nos arredores de um posto de gasolina próximo ao Estádio Almeidão. Era de lá que o ônibus sairia, por volta das oito da manhã, com destino ao interior do Rio Grande do Norte.

Ceará-Mirim é um município que fica a aproximadamente 210 km de João Pessoa e a 37 km de Natal. Para chegar lá saindo da capital paraibana, obrigatoriamente é necessário passar pela capital norte-rio-grandense. Assim foi feito. E, quando o ônibus em que estávamos chegou às proximidades de Natal, já havia um carro com cinco integrantes da Gang à espera da Jovem.

¹⁰⁰ Nome oficial, Estádio Manoel Dantas Barretto.

O ônibus parou, houve os cumprimentos iniciais, um dos torcedores da Gang entrou no ônibus da TJB e passou a viajar conosco. O carro da Gang, agora com quatro pessoas dentro, ia na frente, o veículo da TJB seguia atrás, cuidadosamente com as cortinas fechadas, sem muito estardalhaço. Aquele pequeno comboio migraria direto para a cidade onde aconteceria a partida.

Na entrada de Ceará-Mirim, ainda houve um bloqueio e uma revista policial extremamente problemáticos, mas esse assunto eu deixo para abordar no Capítulo 4. Por ora, pretendo focar exclusivamente nas relações entre as duas torcidas organizadas. Pois, quando a caravana da TJB finalmente chegou ao seu destino, por volta do meio-dia, eu e os demais integrantes da Jovem estávamos defronte a uma casa, a pouco mais de um quilômetro de distância do estádio, que funcionava provisoriamente como sede da Gang naquele município norte-rio-grandense.

Entrei no imóvel com os demais torcedores. Era uma cena curiosa, bonita também. Uma casa que não chegava a ser grande, mas que tinha uma área externa com piscina e com uma grande mesa de cimento revestida com cerâmica. Várias cadeiras à disposição dos torcedores, embora a maioria preferisse permanecer em pé.

Eram muitos os torcedores da Gang Alvinegra que estavam ali (a maioria das zonas Sul e Oeste, como descobriria meses depois). Muitos mesmo. Era difícil quantificar, mas a casa estava apinhada de gente. Na calçada, na pequena área externa defronte à casa, na pequena sala e na pequena cozinha e, principalmente, na ampla área de piscina que ficava ao fundo. A todos esses integrantes da Gang, somaram-se os cerca de 50 torcedores da TJB que haviam embarcado na caravana.

Tão logo a Jovem chegou, a primeira preocupação foi com a faixa e com as bandeiras da torcida, rapidamente afixadas ao lado das similares da Gang para serem devidamente fotografadas e registradas para a posteridade (Figura 21). Elas ocupavam toda a extensão da área da piscina da residência, nos quatro lados de muros e paredes, formando um grande quadrado de grandes faixas e bandeiras sendo orgulhosamente exibidas. Em meio a esse processo, cânticos. Muitos cânticos. Empolgantes, altos, em uníssono, em meio a pulos e muita festa.

– Uh, tem poder, Gang e TJB – dizia a parte mais instigante da música.

Gritos de “Uh! É Lado B” também eram comuns, da mesma forma como, a todo momento, os torcedores das duas agremiações faziam o gesto da DPA, principalmente na hora das fotos e das performances torcedoras.

Muita gente da Jovem e da Gang foi para a piscina, enquanto outros se cotizavam e compravam bebidas diversas para seguir a festa. Com relação às músicas que saíam da caixa de som, eram todas ligadas às duas torcidas, às alianças das quais ambas faziam parte. Havia também muito papo mútuo, muito reencontro entre pessoas das duas torcidas que já nutriam amizades de outras caravanas, outras recepções, outros momentos juntos. Mas havia também novas relações sendo gestadas, entre integrantes novatos das duas torcidas que iam sendo apresentados pelos mais antigos.



Figura 21 / Torcedores de TJB e Gang posam para foto na recepção em Ceará-Mirim, diante das bandeiras das respectivas torcidas / Phelipe Caldas / 6 de fevereiro de 2022

Algum tempo depois, a Gang serviu o almoço. Colocaram numa base de granito um grande caldeirão de feijoada e uma grande panela de arroz branco. Sem muita cerimônia, as pessoas foram pegando suas cumbucas e se servindo. Almoçavam enquanto conversavam, riam alto, lembravam momentos vividos juntos na vida torcedora. Encontro sempre regado a cerveja, cachaça, rum, vodca, outros tipos de bebidas.

Em momentos festivos como esse, a propósito, em mais uma das distinções geracionais existentes entre meus interlocutores e eu, não era raro alguém perguntar se eu era da velha guarda da TJB. Aconteceu naquele dia em Ceará-Mirim, aconteceria também no decorrer do ano nos bailes do Bonde Feminino e dos 25 anos da TJB.

Mas, prosseguindo em meu relato, na festa ficaram todos até umas três da tarde, quando começou o arrastão para o Estádio Barretão. Pois, uma hora antes do jogo, torcedores de TJB e Gang se posicionaram defronte à casa em que acontecia a recepção e começaram a se posicionar coesamente.

Arrastões do tipo sempre respeitam a mesma dinâmica. Uma linha de frente delimita a torcida em sua caminhada e se posiciona pronta para o primeiro combate em caso de pista. As pessoas dessa primeira fila, em geral, caminham com braços entrelaçados, lado a lado, para indicar a ideia de ser intransponível. E, em casos como aquele, com a presença de mais de uma torcida aliada, representantes de todas as agremiações presentes devem compor a linha de frente.

Após a linha, surgem os demais torcedores. De preferência becados e empunhando bandeiras. Quando eventuais punições proibem que isso aconteça, como era o caso naquele dia, ainda assim sobra algo que não é possível ser proibido: os cânticos, as músicas, as performances. Por esse motivo, também nos arrastões a figura do puxador está presente. Porque, também nesses momentos, ele indica os próximos atos sonoros e gestuais a serem executados pelas coletividades torcedoras presentes.

Como já dito anteriormente, naquele momento não se cantavam músicas da TJB ou da Gang. Eram todas referentes ao Lado B. Ou então aquela já citada aqui que ressaltava o poder que existe na união entre as duas torcidas aliadas. É necessário também respeitar os contextos específicos de cada torcida quanto à questão das alianças e rivalidades.

E esse detalhe eu entendi justo no início daquela caminhada conjunta da TJB com a Gang. Isso porque, logo nos primeiros metros, um dos líderes da torcida organizada do ABC-RN, Fofó, percebeu que um colega de Jovem usava um boné da Garra do CRB-AL e rapidamente breçou a caminhada (Figura 22).

A propósito, eu fiz questão de citar o nome do torcedor por mera curiosidade de um momento engraçado da pesquisa. Trata-se de um torcedor largo, bastante forte, alto, daqueles que compõem a linha de frente em dia de pista. Eu tenho 1,86 m de altura e precisava olhá-lo de baixo para cima para falar com ele. De forma que, quando eu o conheci naquele dia e perguntei o seu nome, ele mesmo soltou uma risada gostosa, talvez consciente da aparente disparidade entre compleição física e apelido, e finalmente me respondeu:

– Pode me chamar de Fofó mesmo.

Pois foi justo Fofó quem, com uma voz vigorosa e alta, mandou o arrastão parar de repente. Ele apontou para o boné e disse que a Gang não seguiria a caminhada com aquele item à mostra. E justificou:

– A gente não é aliado da Garra. Não somos rivais, mas também não somos aliados – disse ele de pronto, exigindo que o boné fosse guardado para que, assim, aquela mobilização tivesse sequência.

Não foi nem preciso questionamentos ou negociações. Rapidamente os diretores da Jovem mandaram o torcedor tirar o boné da cabeça e, mais do que isso, guardá-lo numa mochila, deixando-o fora da vista das pessoas em geral. Isso foi feito num intervalo de poucos segundos, enquanto Fofó repetia o ponto principal de seu argumento:

– Não somos rivais, mas também não somos aliados, então não tem sentido.



Figura 22 / Fofó gesticula sobre sua discordância quanto ao uso do boné da Garra, que pode ser visto em primeiro plano / Phelipe Caldas / 6 de fevereiro de 2022

Registre-se, aliás, que tudo foi tratado de forma célere e clara. Não houve nenhum tipo de crise. A brechada não gerou insatisfações para nenhuma das partes. Foi apresentada uma condição por parte da Gang, a Jovem acatou-a quase que instantaneamente, a marcha seguiu pelas ruas de Ceará-Mirim. Retomando os cânticos e toda a coesão de antes até a

porta do estádio, numa postura que conseguia ser, ao mesmo tempo, festiva e intimidatória.

A propósito, um dado curioso é que nem todos os torcedores da Gang ali presentes iam de fato entrar no estádio. Muitos entrariam, mas não todos. Por questões financeiras, por simples opção, por falta de interesse na partida, fosse qual fosse o motivo. Isso tudo foi explicado na frente do Barrettão por Fofó.

Ele, a propósito, tinha optado por assistir ao jogo ao lado dos amigos da Jovem, mas orientava que aqueles que preferissem não adentrar o estádio deveriam voltar para a sede e permanecer lá até quinze minutos antes do fim da partida, quando precisariam retornar para o entorno do estádio para, assim, reforçar a proteção e o apoio à aliada.

Assim foi feito. Dentro do estádio, o jogo correu sem grandes sobressaltos, prevalecendo o clima festivo e os cânticos sempre guiados pelo puxador. Isso porque o Globo FC-RN é um clube de empresário, quase sem torcedores, de forma que os botafoguenses formavam a ampla maioria dos presentes. Não havia o que temer ali dentro.

Mas, após o empate em 1 a 1, que provocou aquela sensação mista de que “dava para ter vencido, ainda que o empate fora de casa não seja de todo ruim”, a saída do estádio se deu tal qual havia sido combinado, cercada de cuidados, com os torcedores da Gang já aguardando a Jovem do lado de fora da praça esportiva para o caminho de volta em direção à sede e onde o ônibus da torcida pessoense estava estacionado. Era o início das despedidas e do retorno para casa.

Quatro meses depois, no entanto, em 4 de junho de 2022, as duas torcidas organizadas voltariam a se encontrar. Era jogo pela Série C do Brasileirão e justamente Botafogo-PB e ABC-RN se enfrentariam naquele dia. Para completar, as duas equipes vinham bem na competição nacional e uma vitória de um dos lados poderia significar assumir a liderança da tabela de classificação.

Era, portanto, um jogo que, para alguém de fora, tinha tudo para ser cercado por rivalidades e disputas em busca de um melhor resultado. Forças antagônicas sendo colocadas frente a frente para saber quem conseguiria subjugar o adversário e, assim, ficar numa posição mais confortável na pretensa luta pela classificação. Mas as dinâmicas das torcidas organizadas, como já se sabe, têm uma lógica própria. E, ao longo de todo aquele dia, ninguém estava ali para incentivar antagonismos entre TJB e Gang. A disputa que ficasse em campo. Porque, ao todo, seriam oito horas de festa ininterrupta e conjunta nos arredores do Estádio Almeidão para só depois a bola rolar. Com torcedores dos dois lados bebendo e brindando conjuntamente.

Antes de prosseguir no relato, torna-se necessário explicar que essas relações são mediadas, como já citado pouco antes, por um sistema de dádivas trocadas que foi alardeado por Mauss (2017) ainda no início do século 20. E que, mesmo sendo formulado a partir de estudos sobre sociedades isoladas, se encaixa na realidade atual e sobretudo no contexto das torcidas organizadas.

O autor francês defende, a saber, que nenhuma dádiva é absolutamente desinteressada ou gratuita e que, ao contrário, ela firma contratos sociais entre duas identidades. “Não são indivíduos, são coletividades que se obrigam mutuamente, trocam e contratam” (Mauss, 2017, p. 196).

No mais, Mauss (2017, p. 197) se apressa em dizer que as dádivas não são necessariamente de ordem econômica ou financeira, “são, antes de tudo, amabilidades, banquetes, ritos, serviços militares, [...] danças, festas”. Tudo isso, a propósito, encontra paralelos no contexto das organizadas, precisando, talvez, abstrair apenas a ideia de serviços militares e substituí-la, por exemplo, pela noção de “respeito”, muitas vezes amparada nas performances de pista, sobretudo por conta das relações de apoio à aliada em uma constante possibilidade de encontro (pista) com torcida rival.

Por sinal, o debate aqui é sobre alianças, mas é importante destacar que, ao menos no contexto das torcidas organizadas, o inverso também é verdadeiro. As rivalidades precisam ser igualmente retroalimentadas. E eu afirmo isso a partir do exemplo do Auto Esporte-PB, também de João Pessoa, que no passado foi o maior rival do Botafogo-PB. Com o clube atualmente em crise, sofrendo com rebaixamentos estaduais recorrentes e com um achatamento de sua torcida e de sua força futebolística, a rivalidade já não é mais a mesma.

Em 12 de março de 2022, por exemplo, num jogo entre as duas equipes, ambas as torcidas fizeram o pré-jogo de forma amistosa, uma ao lado da outra no entorno do Estádio Almeidão. Quando um torcedor da Jovem perguntou incrédulo por que eles não tomavam a faixa da torcida organizada do Auto Esporte-PB, um integrante mais experiente da TJB retrucou em tom melancólico e, ao mesmo tempo, irônico:

– Se a gente fizer isso, aí a torcida deles acaba de vez.

Enfim, voltando a Mauss (2017), o autor explica que esse tal contrato social é gerado a partir de três obrigações – a de dar, a de receber, a de retribuir – que se entrelaçam, numa dinâmica cíclica e constante que será fundamental para que a aliança seja mantida e fortalecida ao longo do tempo. De contrário, caso não seja retroalimentada

mais e mais, a qualquer momento essa aliança pode vir a ser desfeita a partir do enfraquecimento dos laços que a mantinham.

Sobre cada uma das três obrigações, o autor destaca que a obrigação de dar é a essência, o “dom de abertura”, a “oferenda que aferrolha” (Mauss, 2017, p. 231). Enfim, o ato que inicia toda a relação e que implica numa obrigação de receber e, depois, retribuir. “Recusar dar, negligenciar convidar, assim como recusar receber, equivale a declarar guerra; é recusar a aliança e a comunhão” (Mauss, 2017, p. 209).

Em outras palavras, “dar” equivale a um convite, enquanto “receber” é firmar compromisso. Que, no entanto, vai exigir uma “retribuição” em medida similar ou melhor daquilo o que foi recebido. Gerando um ciclo contínuo que se renova a cada oportunidade que se tem para repetir a tríade dar/receber/retribuir. Afinal, “a obrigação de retribuir dignamente é imperativa” (Mauss, 2017, p. 260).

Nesse cenário, pode-se fazer um claro paralelo com a outra tríade que proponho aqui, nominada justamente de respeito/amizade/aliança. Respeito, pois, tal como anteriormente registrado, pensado como a base da relação entre torcidas organizadas. Equivaleria ao “dar” de Mauss (2017), que inicia qualquer relação e que só depois cria o movimento de “receber” e de “retribuir”. O movimento inicial que leva a amizades posteriores e finalmente ao ato político da aliança.

Claro, não é uma substituição total e precisa dos termos de Mauss (2017) pelas torcidas organizadas. Essa transferência de sentido só é possível com um certo grau de abstração, de reinterpretação dos contextos, mas, mesmo assim, ela é possível de ser feita. Principalmente porque essas trocas são cotidianamente percebidas nas dinâmicas entre tais associações.

Ora, quando a Gang Alvinegra recebe a TJB em seu território com o maior cuidado e atenção possíveis, oferecendo almoço, área de lazer com piscina, performances e cânticos, isso não acontece de forma desinteressada. A recepção, ao tempo em que é uma demonstração de respeito que uma torcida organizada tem para com a outra, é também uma declaração expressa de que espera tratamento parecido quando for o momento da retribuição.

É justo nessa perspectiva, por sinal, que eu defendo a ideia de uma dimensão política da festa. De pensar esses encontros festivos e amigáveis entre torcidas organizadas aliadas como atos políticos em que as partes em diálogo mediam eventuais diferenças, renovam laços de compromisso, reforçam o acordo expresso de se protegerem mutuamente sempre que isso se mostrar necessário. E sugiro discutir essa questão a partir

de Kuschnir (2000), que, mesmo tratando da política num contexto de subúrbio do Rio de Janeiro, faz isso em termos muito próximos aos usados aqui para abordar as torcidas organizadas.

A autora, inclusive, realiza esse debate citando a mesma teoria da dádiva de Marcel Mauss (2017) que eu já sumariei aqui, destacando, por exemplo, a importância de provas de lealdade entre aqueles que firmam um compromisso político e reforçando que esse perpassa pela lógica de dar, receber, retribuir.

Mas a maior contribuição de Kuschnir (2000) para o debate que realizo aqui, dentro dessas reflexões sobre torcidas organizadas, é a noção de “acesso” que ela apresenta no curso de sua pesquisa. Acessos esses, a saber, “que não têm preço”, que “não podem ser comprados” (Kuschnir, 2000, p. 88).

Ela ressalta um caráter não linear do sistema de alianças e defende que essas se dão em diferentes níveis. E que, mais importante do que as próprias alianças, são os acessos que elas possibilitam e que podem ser cotidianamente cultivados pelos atores políticos. Kuschnir (2000, p. 105, grifo da autora), assim, defende que “o *acesso* é a categoria-chave para entendermos a natureza das relações dessa rede. [...] O *acesso* define as noções de *política*”.

Firmar aliança com uma torcida organizada, portanto, é ter acesso facilitado a ela. É ter acesso igualmente a tudo o que ela pode oferecer de forma livre, espontânea, solidária e, ao mesmo tempo, obrigatória. De preferência, que isso aconteça a priori, sem que seja necessário um pedido ou mesmo uma cobrança prévia nesse sentido.

Principalmente porque, tal como explicado por vários de meus interlocutores, a importância fundamental das alianças – e dos acessos que elas geram – está justamente nas caravanas e, portanto, também nas pistas. Na necessidade de uma torcida ser bem recebida num território que não é o seu e que eventualmente pode se tornar hostil. De receber apoio diante dos riscos de ser atacado por uma torcida adversária. De ter apoio logístico também, claro, após viagens muito longas.

– Nessas horas é que está a importância das aliadas. Elas colam com a gente, chegam no apoio – disse-me Alex em 6 de fevereiro de 2022, durante a caravana para Ceará-Mirim que descrevi há pouco.

No caso do Rio Grande do Norte, aliás, o risco fundamental está na Máfia Vermelha, do América-RN, aliada da Jovem do Galo e rival tanto da Gang (pela questão local) como da TJB (por ser aliada de sua principal rival). Um risco que a sequência da

pesquisa de campo, ao longo dos meses seguintes, me mostraria não ser exagerado, mas esse é um assunto que abordarei apenas no capítulo seguinte.

Por ora, quero ressaltar apenas que o apoio de aliadas em caravanas é algo tão forte e valorizado que, em duas oportunidades, eu presenciei a TJB sair de João Pessoa apenas para dar suporte a torcidas aliadas cujos clubes jogariam contra o Campinense em Campina Grande. Em 19 de março de 2022, um ônibus da TJB foi se encontrar com uma grande caravana da Cearamor. Em 14 de fevereiro de 2023, ao menos três carros particulares da Jovem foram comboiando uma van da Garra do CRB-AL¹⁰¹.

Em ambos os casos, o objetivo era reforçar o efetivo do Lado B diante da possibilidade de uma pista contra a Facção Jovem do Campinense-PB. Provas de lealdade, de aliança e de acesso dadas pela TJB que, ainda que isso não seja algo cobrado e declarado de forma explícita, deverão ser devidamente retribuídas quando a ocasião colocá-los nos papéis invertidos. Quando, no futuro, for a Jovem que adentrar em ambiente hostil do Ceará ou de Alagoas.

Todos esses dados empíricos, inclusive, estão em consonância com as observações de Silva (2022), que destaca o fato de justo as caravanas terem impulsionado no passado o estabelecimento de alianças entre torcidas organizadas de estados distintos. A autora explica que essas relações de amizade foram estabelecidas a partir da necessidade de fortalecer as torcidas quando essas estivessem em lugares mais distantes, o que acaba sendo mais uma indicação da necessidade de reciprocidade entre os dois lados do contrato social.

Mas, feita toda essa reflexão sobre dádiva e acesso, volto àquele dia de jogo entre Belo e ABC-RN, em João Pessoa, para analisar outros aspectos sobre a recepção das torcidas botafoguenses à Gang Alvinegra.

Primeiro que a recepção se iniciou ainda em Cabo Branco, uma aprazível praia urbana da capital paraibana em que os torcedores de Natal chegaram às nove da manhã. E essa foi a primeira vez que eu tive uma noção mais clara sobre aquela certa divisão da Gang no trato com as torcidas organizadas botafoguenses.

Isso porque, da praia, as zonas Norte e Leste da Gang migraram para uma recepção da Fúria que aconteceria numa casa no Bairro das Indústrias. Já as zonas Sul e Oeste seguiram a Jovem. E, depois de uma parada na subsede da TJB no bairro de São José, para quem quisesse tomar banho, migraram todos direto para o Almeidão.

¹⁰¹ Os dois jogos valiam pela Copa do Nordeste, ainda que cada qual por uma edição diferente da competição.

Por motivos óbvios, visto que minha pesquisa é com a TJB, foi esse segundo grupo que eu acompanhei. E o que eu testemunhei no entorno do Estádio Almeidão, a partir das onze da manhã daquele dia, foi algo realmente potente. Que me fez refletir bastante, mais uma vez, sobre performances, ressignificações do espaço público, valor simbólico da festa.

E festa, aqui, pensada como uma “violação ritual” (Amaral, 1998) que possibilita – e facilita – a fraternidade entre os participantes. Uma festa que, seguindo no diálogo com Amaral (1998), ultrapassa o tempo cotidiano e tem como fundamento comum a mediação entre os anseios individuais e os coletivos. Festa, pois, que é ao mesmo tempo lúdica e transgressora.

Sobre esse ponto, a propósito, a própria festa acontecer onde aconteceu já carrega em si o seu caráter transgressor. Porque, acima de tudo, o Estádio Almeidão é uma praça esportiva antiga, e o seu entorno precário simplesmente não foi pensado ou mesmo projetado para esse tipo de evento festivo.

Registre-se, aliás, que o Almeidão foi fundado em 9 de março de 1975¹⁰². Em quase 50 anos de história, passou por poucas reformas. E o entorno da Arquibancada Sol, que é o território preferencial da Jovem, é todo pensado para ser um mero espaço de passagem e deslocamentos. Trata-se de um descampado, que se resume a um grande estacionamento de calçamento e uma longa área de barro que serve de caminho para as bilheterias e para os portões de entrada.

Nas proximidades da entrada para a torcida da casa, por sinal, ainda se fixam alguns vendedores ambulantes, com isopores de cerveja, pequenas estruturas móveis para venda de cachaça e outras bebidas destiladas, carrinhos com espetinhos diversos e alguns tipos de lanches rápidos. Ainda assim, esses vendedores só começam a comercializar seus produtos mais perto do momento do jogo, por volta de duas horas antes do início da partida, que naquele dia estava marcado para começar às cinco da tarde.

Às onze da manhã, portanto, quando a concentração começou, era tudo uma grande área vazia, aparentemente inanimada e pouco convidativa, em meio a um sol

¹⁰² Na dissertação, eu fiz uma pormenorizada descrição do Estádio Almeidão e de todos os seus setores. Aqui, como o meu interesse é essencialmente a TJB, eu vou me ater mais à Arquibancada Sol, o setor mais popular do estádio e também o território da Jovem. Ocupa todo um lado do estádio, justo aquele que é castigado pelo sol em jogos à tarde. A título de informação, o Almeidão tem ainda, no lado oposto ao do Sol, uma Arquibancada Sombra (ocupada majoritariamente pela população de classe média da cidade) e um Setor de Cadeiras (ocupado por pessoas mais ricas, dirigentes de clubes e familiares de jogadores). Como o próprio nome indica, esse é o único local do estádio em que os torcedores se sentam em cadeiras. Nos demais, ficam todos no concreto, independentemente de ser em pé ou sentados.

escaldante e a um grande e frondoso pé de castanhola que quebrava o cenário inóspito daquele entorno de estádio. E era esse o detalhe que permitia toda a transformação acontecer.

Porque ali, no meio do nada, numa mistura de improvisação e planejamento prévio, toda uma estrutura festiva foi montada bem debaixo da sombra do pé de castanhola. Eram quatro mesas de plástico, onde foram colocados um grande caldeirão de feijoada e outro de tamanho similar de mariscada, uma panela generosa de arroz e cumbucas e talheres descartáveis para quem quisesse se servir.

Havia também alguns pratos de vidro, onde eram servidas as carnes e as linguças, onde eram igualmente servidos os queijos de coalho e os pães de alho assados numa churrasqueira de jante de carro posta ali mesmo ao lado. Para completar o cenário, um isopor com latas de cerveja gelada e uma caixa de som com músicas torcedoras. Pois era dessa forma que o espaço pensado pelo poder público para não ser de paradas ou reuniões era ressignificado para a festa, para o encontro, para o fortalecimento das alianças, para o brinde boêmio que antecederia o jogo.

As dinâmicas não diferiam daquela vivida em Ceará-Mirim. Em certos momentos, o que se via eram pequenos grupos de quatro ou cinco torcedores cada um, aqui e ali, conversando entre si. Em outros momentos, talvez mais apoteóticos, os grupos se fundiam num só e começavam a performar mais, cantando e festejando a aliança entre as duas torcidas organizadas. E de uma forma até mais intensa do que seria naquele dia dentro da Arquibancada Sol.

Isso porque, por causa de interferências – a meu ver indevidas, tal qual analisarei no Capítulo 4 – do Ministério Público da Paraíba, naquele momento estavam proibidas as entradas no estádio das tradicionais bandeiras com mastros de cano ou de bambu das torcidas organizadas¹⁰³. Mas, do lado de fora, naquele entorno ao mesmo tempo precário e festivo, elas continuavam sendo agitadas pelos torcedores da Jovem. Inclusive em mais uma demonstração de que as performances torcedoras não são pensadas com foco exclusivo nas arquibancadas.

E, como naquela época as relações entre Jovem e Fúria ainda estavam mais ou menos pacificadas, à medida que a tarde ia avançando, mais gente ia-se somando àquela festa. As zonas da Gang que haviam ido para a recepção da Fúria e os próprios torcedores

¹⁰³ Após um período de proibições, as bandeiras das diferentes torcidas organizadas só voltariam a ser liberadas na Arquibancada Sol do Estádio Almeidão a partir de agosto de 2023.

dessa organizada começaram a chegar ao pé de castanhola, e a efervescência torcedora seguia em alta, com cada vez mais cânticos e cada vez mais interação.

A festa assim permaneceu, intensa, até quinze minutos antes do início da partida, quando finalmente as torcidas de Botafogo-PB e ABC-RN começaram a entrar no estádio para assistir ao jogo, que terminaria empatado sem gols. Um 0 a 0 que faria pouco jus à intensidade da mobilização que se prolongou ao longo daquele dia.

De toda forma, por ora eu pretendo permanecer fora do estádio. Discutindo outras nuances que envolvem as dinâmicas torcedoras. Como, por exemplo, o valor simbólico que a bebida e a comida têm nas dinâmicas grupais entre torcedores e torcidas organizadas.

2.3 Beber, comer, torcer: o encontro político e festivo das torcidas organizadas de pista

Quando eu digo que a festa da TJB no entorno do Estádio Almeidão é, em si mesma, potente, minha intenção é destacar o quão subversivo é transformar um espaço público, pensado para ser meramente de passagem e de descolamento, num lugar antropológico (Agier, 2011) que é positivamente ressignificado. Um lugar que, como explicam Tuan (1980), num contexto mais geral, e Bale (2003), num contexto essencialmente esportivo, é permeado de topofilia, que é quando um meio ambiente material é tomado por laços afetivos por parte de uma coletividade.

No contexto específico desta tese, portanto, o lugar topofílico por excelência da Torcida Jovem do Botafogo-PB é o Almeidão, mais precisamente o lado mais à esquerda da Arquibancada Sol desse estádio¹⁰⁴, que é territorializado pela Jovem e onde ela fica em absolutamente todos os jogos do Belo.

Mas os sentimentos topofílicos podem ser descentralizados e estar também em muitos outros lugares em que a Jovem se faz presente. Nas praças já citadas aqui, nas calçadas que preferencialmente a torcida ocupa festivamente e permanece por muitas horas, nas subsedes da TJB, em tantas outras partes da cidade. E o entorno do estádio, por óbvio, tem igualmente um profundo impacto nessas dinâmicas torcedoras.

¹⁰⁴ Tendo como referência quem olha das cabines de imprensa do estádio e enxerga aquele setor de frente, que é o ângulo que comumente aparece na TV para o grande público.

Em 23 de junho de 2023, por exemplo, conversando com Allam justo sobre o pé de castanhola que existe no entorno da Arquibancada Sol do Estádio Almeidão (Figura 23), ele não titubeou nem um segundo para dizer o que pensa daquele ambiente:

– É o nosso *point*.

Nai, que acompanhava o papo, fez coro:

– Eu amo aquele lugar.



Figura 23 / Pé de Castanhola localizado perto do portão de entrada da Arquibancada Sol; o “point” da TJB, local de festas e de performances / Phelipe Caldas / 23 de abril de 2022

Por sinal, ainda que o futebol propriamente dito aconteça dentro do campo de jogo e só da arquibancada seja possível assisti-lo presencialmente, não é difícil perceber que, mesmo em dia de futebol, os torcedores invariavelmente passarão muito mais tempo do lado de fora da praça esportiva do que dentro. E, assim, tudo aquilo é ressignificado como a própria extensão da arquibancada. Ali também tem jogo, também tem esportificações, performances. Vivências em torno do clube e da própria torcida organizada.

Uma realidade, aliás, que não é exclusividade botafoguense. E, se cito agora outros exemplos, é justamente para reforçar a ideia de que as dinâmicas torcedoras se estendem para muito além dos locais que o poder público tenta – em vão – definir como

sendo da experiência futebolística. Não raro, portanto, aquilo o que é visto como mero espaço de passagem vai ser transformado, reinventado, ocupado pelos torcedores.

Mariana Mandelli (2018), por exemplo, que pesquisa as experiências torcedoras de palmeirenses em meio à arenização do Palestra Itália (que passaria a ser chamado de Allianz Parque justo em meio a esse processo), explica que as ruas no entorno da praça esportiva paulista foram apropriadas pelas diferentes formas de torcer dos torcedores do Palmeiras-SP.

A autora explica que na rua Palestra Itália, mais precisamente entre as ruas Caraíbas e Diana, vive-se um clubismo que é “permeado por práticas torcedoras de palmeirenses organizados e não organizados” (Mandelli, 2018, p. 114), em que o espaço urbano é apropriado pelo torcedor e onde é permitida uma espécie de permissividade vetada nas arquibancadas da arena. Para Mandelli (2018, p. 115), “a arena palmeirense não se limita a si mesma, mas expande-se simbólica e materialmente para as ruas”.

Ainda em São Paulo, Bocchi (2016) analisa a migração dos corintianos do Estádio do Pacaembu para a Arena Corinthians, quando esta foi inaugurada em 2014 em uma área diferente da capital paulista. O autor explica que havia nos arredores do Pacaembu, ao longo de décadas de utilização do estádio por parte do Corinthians-SP, toda uma lógica de ocupação e uso dos espaços públicos pelos torcedores. E que essas tradições e territorializações precisaram ser reinventadas com a mudança para a nova arena.

Meses de tentativas e erros, de negociações e diálogos, até que enfim fosse possível “construir familiaridades” (Bocchi, 2016, p. 188) entre os torcedores e o entorno da nova praça esportiva, aí incluídas as relações comerciais, afetivas e de confiança que foram sendo firmadas com os vendedores ambulantes das cercanias de Itaquera¹⁰⁵.

Ademais, Souza (2014), ao se referir às dinâmicas torcedoras da Facção Jovem do Campinense-PB nas ruas de Campina Grande, destaca igualmente que, em dias de arrastão realizado pela agremiação, aquilo o que antes era rua e espaço comum do cotidiano das pessoas transforma-se rapidamente em território da torcida organizada.

São muitos os exemplos possíveis. Citei apenas três para que seja um recorte daquilo o que representa a rua, os bairros, o entorno do estádio para as torcidas de futebol, em especial para as torcidas organizadas de tantos quantos forem os clubes possíveis de se imaginar.

¹⁰⁵ Bairro paulistano onde foi construída a Arena Corinthians, a pouco mais de 23 km de onde fica o Pacaembu.

Afinal, foi Toledo (1996, p. 40) quem destacou que, em dias de jogos, “o espaço da rua e dos acessos aos locais dos estádios transmutam-se em possibilidades outras”. O autor pondera ainda que “descrever os usos dos espaços públicos pelos torcedores consiste em revelar também a cidade na sua diversidade e heterogeneidade” (Toledo, 1996, p. 42). Espaços públicos, portanto, que não só são ocupados pelos torcedores, como são ocupados de forma completamente diferente pelas múltiplas identidades torcedoras existentes em dado contexto.

Aqui, pois, atendo-me à TJB e aos seus percursos pela cidade. Interesse-me em como a festa ocupa espaços aparentemente inimagináveis. E, principalmente, como a comida e a bebida têm o poder de potencializar o encontro e as interações, como permite prolongar os afetos e o senso de coletividade, de pertencimento em torno de uma identidade comum.

Para tanto, sugiro dialogar com uma série de autores que vão discutir a dimensão cultural do consumo (Canesqui, 1988) de comidas e bebidas e sobre a necessidade de não tratá-lo como estritamente biológico, mas, acima de tudo, como algo capaz de ser inserido num tempo do descanso e do lazer¹⁰⁶.

Pois, a saber, Le Breton (2016a, p. 393) vai indicar que o paladar proporciona “a ingestão de uma parcela do mundo”, defendendo a partir daí toda uma carga simbólica em torno da alimentação, que, segundo ele, é sempre impregnada de afetividades. O alimento como fonte de memória, de emoções, de senso de coletividade, de interações e de sociabilidades.

Para falar nos termos propostos por esta tese, como algo que fortalece laços e alianças, que prolonga a festa e potencializa a experiência torcedora. “O paladar [...] responde a uma sensibilidade particular marcada pela pertença social e cultural e pela maneira com a qual o indivíduo singular a ela se acomoda, segundo os acontecimentos próprios de sua história” (Le Breton, 2016a, p. 395).

Uma forma de pensar parecida à de Hennion (2011), que vai classificar o gosto como sensibilidade construída por sujeitos que jamais assumem uma postura passiva. São, ao contrário, construções coletivas que demandam vínculos, ligações, mediações.

¹⁰⁶ Diálogo semelhante eu já havia realizado em um outro contexto, quando refleti sobre uma tentativa recorrente no país, por parte de autoridades públicas, de criminalizar o consumo de bebidas alcoólicas nos estádios de futebol (Caldas, 2020). Ainda assim, aqui esse diálogo está ampliado, com a inclusão de novas vozes e de novas formas de enxergar a questão.

“Degustar é uma performance: é algo que age, que engaja, que transforma, que faz sentir” (Hennion, 2011, p. 260).

O autor, ao falar de gosto, a propósito, reflete principalmente sobre a música. Mas, considerando inclusive que os cânticos também estão presentes nesses encontros em que os torcedores bebem, comem e festejam, amplio aqui esse entendimento para falar nessa perspectiva mais geral.

Gosto que, insiste o sociólogo, é produzido coletivamente a partir de experimentações. Que é apreendido ritualmente, que exige o engajamento dos corpos e das almas nas vivências dessas experiências e emoções. Não é dado, não é natural, nem mesmo é simplesmente sentido no primeiro contato. É algo que só é potencializado quando partilhado pelos pares, quando trajetos e memórias são resgatados pela comunidade.

Vê-se, pois, uma nova potência sendo dada a uma sensação que “é cultural tanto quanto é fisiológica” (Herzfeld, 2014, p. 298). Comidas e bebidas que, não restam dúvidas, alimentam, dão a sustância necessária para o prolongamento da permanência torcedora. Mas, igualmente, representam aromas e gostos que reavivam histórias coletivas, forjam identidades, ganham uma carga simbólica e afetiva sem precedentes que redefinam a experiência vivida.

São, portanto, tal como descrito por Câmara Cascudo (2011, p. 348) em passagem já citada na Introdução deste trabalho, “substâncias imponderáveis” absolutamente decisivas para “o espírito, a alegria, a disposição criadora, o bom humor”. Ou, como insiste o autor, fazem parte de uma “cerimônia indispensável do convívio humano” (Câmara Cascudo, 2011, p. 378).

Ademais, penso o consumo de bebidas alcoólicas nesses encontros torcedores em termos muito próximos a Garcia (2008), que possui um importante estudo sobre as maneiras de beber e sobre como a bebida potencializa a construção de sociabilidades, a demonstração de hospitalidade, como se transforma em algo inerente aos espaços festivos.

Uma dimensão simbólica da bebida que, no futebol e em seu entorno, prossegue a autora, transforma a boemia e o brinde em atos quase sagrados que são fundamentais para o fortalecimento de laços de reciprocidade. Um ambiente em que a embriaguez é muitas vezes esperada e desejada (desde que não coloque em risco o consagrado do jogo em si) e em que beber junto corresponde a integrar uma mesma rede de afetos, amizades, alianças.

Foram inumeráveis esses momentos de desforra boêmia que eu testemunhei ao longo da pesquisa. E isso sempre aconteceu independentemente do longo período em que a venda e o consumo de bebidas alcoólicas em estádios de futebol estiveram proibidos na Paraíba¹⁰⁷. Porque, mesmo nessa época, os torcedores davam um jeito. Modificavam suas dinâmicas, bebiam antes e depois do jogo, no entorno do estádio ou nas praças e calçadas da cidade, mas ainda assim mantinham certas práticas boêmias tão importantes para aquelas coletividades.

Quando isso acontecia, até como forma de me integrar cada vez mais àquela rede torcedora, para ser acolhido e, de certa forma, visto como parte da torcida, eu bebia junto, participava dos brindes, das cotas para “uma caixinha mais de cerveja”, das festas e dos cânticos, da própria preparação da feijoada do dia. Em outras palavras, eu me deixava afetar, sem que, para isso, fosse necessário abrir mão de tentar compreender tudo aquilo que se vivia ali (Favret-Saada, 2005).

Em pelo menos duas oportunidades, por exemplo, disponibilizei o meu carro para levar caldeirões cheios e fumegantes até o estádio. Em inúmeras outras, instrumentos musicais e bandeiras da torcida foram levados igualmente em meu carro até o local da aglomeração torcedora pelos espaços públicos de João Pessoa. Numa experiência e numa relação que, apesar das dificuldades e das diferenças tão alardeadas ao longo desta tese, propunham-se as mais horizontais possíveis.

Por sinal, é Leal (2023) quem reflete sobre o que ele chama de trabalho requerido para a festa. O momento antes da festa propriamente dita, de preparação e de organização do evento que, a despeito disso, é caracterizado por ser coletivo, voluntário e, afinal, festivo. São encontros valorizados pela comunidade em questão por causa da possibilidade de se criar sociabilidades e conexões entre as pessoas e viver tal experiência de dentro.

¹⁰⁷ A saber, a maior parte de minha pesquisa (tanto no mestrado como no doutorado) se deu em meio à proibição. O veto à bebida nos estádios paraibanos, instituído inicialmente em 2010, só caiu de fato em 8 de julho de 2023, primeiro dia em que se voltou a vender cerveja dentro dos estádios paraibanos em quase 15 anos. Na verdade, desde 2020 já existia a Lei nº 11.644, de 11 de fevereiro de 2020, que dispõe sobre “a liberação do comércio e do consumo de bebida alcoólica em estádios e arenas no Estado da Paraíba e definem penalidades pelo descumprimento”. A lei, contudo, segundo ela mesma previa, precisava ser regulamentada pelo Governo da Paraíba antes de entrar em vigor, o que demorou mais de três anos para acontecer por causa de pressões do Ministério Público da Paraíba, que era contrário à liberação. Foi o ex-presidente do Belo, o advogado Alexandre Cavalcanti, quem, em 2023, pressionou o Estado a regulamentar a lei e usou justo o artigo já citado na nota anterior (Caldas, 2020) como base argumentativa para demonstrar a ineficácia e os problemas da lei. A propósito, a portaria que regulamentou a tal lei foi publicada no Diário Oficial do Estado da Paraíba de 7 de julho de 2023, um dia antes da partida entre Botafogo-PB e Brusque-SC, pela Série C daquele ano. Disponível em: <<https://tinyurl.com/bde58hdr>>. Acesso em: 12 jul. 2023.

Uma festa nunca é só uma festa: existem pelo menos duas festas. Existe a festa que se vê e a festa que se faz. Existe a festa propriamente dita e existe a festa dentro da festa. Que também ela cria conexões entre pessoas e é formadora de coletivos. [...] Os bastidores de uma festa são eles próprios uma festa (Leal, 2023, p. 14).

Mas, retornando aos eventos boêmios da Jovem, muitas dessas experiências são dignas de nota. Uma delas foi a registrada em 23 de março de 2022, dia de aniversário de 25 anos da TJB. Dia de festa e de comemorações intensas, justo quando o Belo jogaria em casa contra o Náutico-PE, pelas quartas de final da Copa do Nordeste daquele ano.

Era uma quarta-feira, e a partida estava marcada para oito da noite, mas, mesmo sendo um dia útil de semana e de trabalho, muitos dos torcedores da Jovem começaram a chegar ao Almeidão a partir das três da tarde. Como em outras ocasiões, havia um caldeirão de feijoada, muita cerveja, muito papo empolgado entre os torcedores organizados.

E, como eu já mencionei noutras oportunidades, nesses momentos as experiências torcedoras são extremamente valorizadas. Conversa-se sobre tudo o que já se viveu dentro da TJB. As caravanas das quais cada torcedor já participou, privilegiando inclusive aquelas mais longas, mais duras, mais perigosas e conflituosas. As pistas enfrentadas, os jogos inesquecíveis, os causos engraçados, os riscos escapados, as vitórias épicas conquistadas, as derrotas amargas testemunhadas, as festas vividas, as recepções mais bem elaboradas oferecidas por alguma aliada à Jovem.

Questões como antiguidade e assiduidade são valorizadas e exaltadas. Concedem respeito ao torcedor, são vistas com admiração e como exemplo pelos mais jovens. E, justo por isso, essas histórias e memórias são sempre invocadas. Tal como registrei em meu diário, “é interessante demais o orgulho individual e coletivo de ter participado de algo marcante ao longo da história da torcida” (Caderno de Campo, 23 de março de 2022).

Vale registrar ainda que, como o jogo era contra o Náutico-PE, eram muitos os torcedores da Fanático que estavam presentes no entorno do estádio. Mesmo com o veto de presença de torcidas visitantes naquele jogo, eles estavam lá. E entrariam em grande número no estádio, mesmo sem identificações. Mas, do lado de fora, na festa de sua aliada, os integrantes da Fanático comemoravam juntos, bebiam e comiam igualmente juntos, estando inclusive muitos becados.

A festa e a comensalidade, insisto, mais uma vez pensadas como elementos constitutivos para o fortalecimento das alianças, para o estreitamento das relações de uma

aliada importante como aquela, tão simbólica naquele dia justamente por ter sido a primeira de todas a se unir à Torcida Jovem do Botafogo-PB lá no início de tudo.

Pois, nas quase cinco horas que se seguiram, a festa permaneceria intensa. E realizada mais uma vez naquele entorno de estádio, tão precário, tão ressignificado nas proximidades do pé de castanhola, montada da mesma forma célere como seria desmontada quando finalmente chegasse a hora de todos rumarem para dentro do estádio. E, a despeito das recorrentes interdições impostas pelas autoridades públicas e que já foram citadas há pouco, os símbolos da torcida continuavam presentes, ainda que nas brechas, nos locais onde isso era possível.

Tal como no jogo contra o ABC-RN, portanto, naquele dia de aniversário da TJB, eram muitas as bandeiras sendo empunhadas do lado de fora do estádio (Figura 24). E, mesmo que elas não pudessem ir para dentro do Almeidão, e que por isso fosse teoricamente mais simples nem levá-las para o local, havia toda uma valorização daqueles símbolos e que justificava o esforço de exibi-las durante a festa pré-jogo e, depois, nas redes sociais da torcida.



Figura 24 / Mesmo vetadas de entrar no estádio naquele momento, bandeiras da TJB são agitadas no entorno da Arquibancada Sol / Phelipe Caldas / 23 de março de 2022

Foi nesse dia, aliás, que eu vivi a experiência de empunhar uma dessas bandeiras de torcida organizada, que é presa em um grande mastro de bambu para poder ser agitada bem alto por cima de nossas cabeças. Fiz isso estimulado por um dos torcedores da Jovem, é bem verdade, mas sem esconder uma genuína curiosidade sobre aquele tipo de performance e sobre as dificuldades ou facilidades de realizar corretamente tal tarefa.

Preciso confessar, portanto, que o exercício não é simples, e eu mesmo demorei alguns bons minutos até entender toda a dinâmica do movimento. Precisa-se do apoio do tronco para aliviar o peso do bambu e, igualmente, de movimentos de braço longos, contínuos e ritmados para garantir que a bandeira faça os giros sempre com o seu pano o mais esticado possível. São dois os objetivos desse prolongamento: evitar que o pano se enrole (o que acontece com muita facilidade se a pessoa não tiver prática) e permitir que ele seja visto da forma mais aparente possível pelas demais pessoas que observam a cena, independentemente do quão longe estejam.

Consegui acertar o movimento, diga-se, e me mantive no manuseio da bandeira por alguns minutos sem mais errar. De toda forma, chamou-me atenção o esforço físico que a demanda exige, o que me fez refletir sobre o desgaste que deve ocorrer nos torcedores que permanecem agitando as respectivas bandeiras ao longo de todo o tempo de uma partida de futebol.

Ainda assim, essas são sempre posições privilegiadas dentro da torcida organizada, e ocupá-las demonstra algum grau de respeito, de experiência, de força por parte de dado integrante. Não falta quem se apresente para a missão, portanto. Da mesma forma que fazer parte da Bateria Maioral tem um papel de centralidade e de prestígio ainda maior na torcida organizada.

Naquele dia de festa de aniversário, por sinal, em meio a muitos fogos, aplausos e alguns discursos acalorados em defesa da torcida organizada e da tradição que representa a TJB para o Belo e para o futebol paraibano, em meio também a brindes e a toda a farra gastronômica que se seguia, a bateria estava mais uma vez presente, como costuma estar nas principais mobilizações da torcida.

É ela quem dá o tom, permite o esquentar inicial, faz a preparação para a entrada dos torcedores organizados da rua para o estádio e de lá para a parte de cima das arquibancadas. Uma cena sempre muito apoteótica e performada, pensada para ser a mais vistosa e chamativa possível. E que, justo por causa do impacto que costuma provocar nos torcedores, justo por causa do arrepio que essa experiência me provocava sempre que eu a vivia, escrevi sobre ela numa crônica que incluí em meu caderno de campo.

Como se poderá perceber, não é sobre a bateria em si, mas sobre o exato momento em que ela aumenta o tom, invoca as paixões, impacta a pele, tudo isso para levar os torcedores para a parte visível da arquibancada, quando centenas deles, correndo e cantando, subirão em êxtase as escadas finais que dão para a Arquibancada Sol do Estádio Almeidão:

A bateria é ritmada.
Alta.
Forte.
Vibrante.
Entra pelos ouvidos e vai direto à pele. Ao coração.
Arrepia. Contagia. Emociona.
Não é qualquer batida.
É a batida da bateria da TJB.
A Bateria Maioral, como eles se denominam.
Uma verdadeira instituição do Sol do Almeidão.
Apesar de seu lugar sagrado ser a bancada, contudo, falo aqui de outro momento. De outro lugar. De outra experiência.
A batida no instante anterior a tudo o mais que há de se seguir. Já dentro do Almeidão, já no Sol, já no pré-jogo, mas bem ali embaixo, no pé da escada que dá acesso à arquibancada.
São os bastidores, o aquecimento, o esquentar dos tambores, realizados na caixa de ressonância que se transforma a área interna do estádio, longe dos olhos da multidão, testemunhados e vivenciados apenas por quem divide aquela preparação impactante.
É quando a batida ecoa. Reverbera mais. É potencializada.
Convida para o êxtase. Para o pulo. O cântico. A apoteose.
Só quem vive isso sabe o que é sentir o coração bater no mesmo ritmo da bateria da Jovem naquele instante derradeiro antes de, enfim, ver a bola rolar (Caderno de Campo, 15 de fevereiro de 2022).

E, se finalmente fiz o trajeto para dentro do estádio, é porque quero analisar um outro detalhe sobre as relações entre aliadas, que serve também como mais uma importante indicação dos esforços que existem entre torcedores para preservar e para cuidar cotidianamente dessas uniões.

Alianças que, insisto uma vez mais, não são uma realidade em si, não podem jamais ser vistas como inatas e imodificáveis, mas são construções que precisam sempre ser trabalhadas, protegidas, preservadas até mesmo nas questões mais aparentemente banais.

Ali naquela partida, com as duas torcidas organizadas aliadas dividindo a certa distância a mesma Arquibancada Sol do Estádio Almeidão, outras tensões e rivalidades cruzavam o contexto do jogo e das dinâmicas torcedoras. E isso acontecia, pude tomar nota, a despeito dos diretores e dos torcedores mais experientes, que a todo momento tentavam mediar e conter essas expressões torcedoras mais exacerbadas e provocativas.

O fato é que, embora TJB e Fanático sejam aliadas há mais de vinte anos, existe uma recorrente e até mais antiga provocação entre Paraíba e Pernambuco, entre João Pessoa e Recife, que surge a partir de uma rivalidade que não tem origem no futebol, mas que invariavelmente se reflete nele. E o temor declarado era que as provocações entre estados e cidades pudessem refletir negativamente na relação entre torcidas.

Foram sintomáticos, por exemplo, os momentos em que torcedores botafoguenses (incluindo muitos da Jovem) ensaiaram um cântico vigoroso e em uníssono que era um declarado ataque ao estado vizinho:

– Ah, eu tô maluco! É Paraíba pau no cu de Pernambuco!

O cântico se repetia prolongadamente e ia ganhando novos adeptos, e era retomado sempre que a torcida pernambucana tentava cantar, fazer barulho, empurrar o time visitante. No ímpeto de calar e abafar os sons dos adversários, pois, recorria-se uma vez mais àquele expediente sonoro. E isso acontecia para o recorrente desespero dos líderes da Jovem, que ali, no microcosmo, no pedaço de arquibancada da TJB, tentavam conter os gritos direcionados ao outro lado e invocavam a necessidade de se respeitar a aliada.

– Vamos cantar nossas músicas, porra! É jogo de aliadas! – gritavam a todo o momento os puxadores, invocando novos cânticos que fugiam do pretense acirramento entre Belo e Timbu¹⁰⁸, entre Paraíba e Pernambuco.

Nas palavras iradas de Felipe Puxador, por exemplo, que gritava alto tentando ser ouvido em meio aos xingamentos coletivos e em coro, era fundamental ali, em nome de se “preservar a aliança” com a Fanático, “manter a atitude” que se exige de um torcedor organizado e não aderir a cânticos propostos pelo povão. Mais uma vez, a ideia de respeito sendo acionada como valor inegociável que antecede a aliança.

É uma linha tênue, delicada, que exige atenção e cuidados recorrentes. Com o tempo, inclusive, eu entendi que existem músicas que servem exclusivamente para exaltar positivamente a torcida, o clube e as alianças; e músicas que visam o outro, que provocam o adversário e demonstram a força e a superioridade da TJB frente aos rivais.

São músicas que, mesmo que não falem especificamente do outro (algumas falam, mas não todas), ainda assim apresentam a Jovem de uma forma intimidatória, sempre pronta para o embate com quem se apresentar diante dela, destacando os riscos que se enfrenta ao bater de frente com “a mais temida”. Essas do segundo tipo, pois, jamais

¹⁰⁸ Mascote do clube e, por extensão, um dos apelidos possíveis de ser usado com o Náutico-PE.

poderão ser cantadas em jogos que tenham a presença de torcidas organizadas aliadas no outro lado da disputa.

Ao analisar esses diferentes tipos de músicas cantadas pelas torcidas organizadas, por sinal, eu gostaria de destacar que concordo com Marra (2023) quando ele enfatiza o caráter hipersensório que a questão acústica provoca no espetáculo futebolístico e admito que, em muitos dos contextos, o som vai funcionar como articulador de violências e definidor de territorialidades. Ao mesmo tempo, eu faço questão de enfatizar também essa outra perspectiva, não analisada pelo autor, em que a música é acionada para firmar alianças, para fortalecer laços e construir sociabilidades mais duradouras entre as diferentes torcidas organizadas aliadas.

É claro que, como percebido ao longo do trabalho etnográfico, as negociações sobre as diferentes funções da música no contexto do futebol são sempre fluidas. Afinal, são várias as nuances, que invariavelmente vão depender do contexto e das torcidas organizadas envolvidas, em mais uma demonstração de como as mediações precisam constantemente acontecer.

Para explicar melhor a complexidade dessa questão, analiso agora uma dessas situações em que uma música cantada na hora errada provocou um início de crise entre torcidas organizadas aliadas, num episódio que rapidamente precisou ser contornado a partir do diálogo entre as respectivas diretorias.

O caso foi registrado em 13 de agosto de 2023. Era um domingo, e a TJB havia viajado em caravana para Maceió, para jogo do Belo contra o CSA-AL pela 17ª rodada da Série C do Brasileirão daquele ano. Logo, era jogo de possível pista contra a Mancha Azul e, muito por isso, a Jovem e as demais torcidas organizadas botafoguenses foram recepcionadas pela Comando Alvirrubro, que inclusive abriu a sua sede e ofereceu um churrasco para os botafoguenses.

Após toda essa recepção festiva, foram todos para o jogo, com uma forte adesão nas arquibancadas do Estádio Rei Pelé de torcedores da própria Comando Alvirrubro e também da Garra do CRB-AL, que se somavam aos torcedores do Belo na torcida contra o CSA-AL. Ao fim do jogo, a propósito, os dois times empataram em 1 a 1, num resultado que deixava a equipe paraibana praticamente classificada para a fase seguinte. Ademais, aquele havia sido um empate lutado e conquistado com muita entrega, já que o Botafogo-PB passara mais da metade da partida com um jogador a menos, após expulsão de um de seus titulares aos 28 minutos do primeiro tempo.

Definitivamente, mesmo sem a vitória, havia muito a comemorar. E os torcedores da Jovem, ao fim do jogo, cantavam alto, pulavam com energia, negavam-se a deixar o estádio, encarrilhando uma série de músicas em sequência. Cantaram uma sobre a própria Jovem, cantaram uma ofensiva que tratava os rivais como “Mancha Gay”, cantaram uma que ironizava o Estádio Rei Pelé e destacava que o “chiqueiro se calou”, cantaram uma que exaltava a relação da Jovem com a Comando, cantaram igualmente uma que comemorava a aliança da Jovem com a Garra.

Tudo transcorria bem. Mas, no ato seguinte, um torcedor, que nem mesmo era o puxador do dia, propôs um *funk* que homenageava e nominava em sequência todas as torcidas organizadas do Nordeste que eram Lado B e aliadas da TJB. Cantou alto o primeiro refrão, rapidamente foi acompanhado pela maioria, em uníssono, num cântico que reverberava pelo estádio já parcialmente vazio, visto que apenas os botafoguenses e seus aliados seguiam no local.

Era uma música bonita, potente, arrepiante, absolutamente inadequada para aquele momento. Porque, entre as torcidas citadas, estava a Gang Alvinegra, do ABC-RN, que, como já mencionado nesta pesquisa, rompera e brigara feio com a Comando Alvirrubro em 2021. A música, ainda que citasse a própria Comando e tivesse o objetivo original de alardear a festa mais do que a pista, não foi bem recebida pelos anfitriões da TJB naquele domingo de jogo em Maceió.

Ainda dentro do estádio, antes mesmo de qualquer reclamação por parte dos alagoanos, eu já presenciara Alex chateado, reclamando com os colegas de arquibancada, antevendo a crise e censurando os pares de torcida organizada pela escolha errada de música, por não terem deixado com o puxador a definição e a escolha soberana sobre a próxima dinâmica torcedora.

Do lado de fora do estádio, quando os torcedores do Belo finalmente deixavam a arquibancada visitante em direção aos seus respectivos ônibus, um segundo dado me comprovou o problema que aquela música causara. Em frente ao ônibus da TJB, um diretor da Comando Alvirrubro abordava dois diretores da Jovem para registrar o seu descontentamento.

Calmamente, ele lembrava de todo o esforço que a torcida do CRB-AL fizera para receber bem a Jovem e lembrava em sequência os fatos de 2021, quando os alagoanos foram atacados pela Gang. De forma que, dentro de Maceió, sendo recepcionados pela Comando Alvirrubro, numa época em que todo o problema com a Gang ainda era muito recente, jamais aquela música deveria ter sido cantada.

– Foi constrangedor – chegou a alegar o dirigente da Comando Alvirrubro.

Mais tarde, já dentro do ônibus e no caminho de volta para João Pessoa, eu chegaria a conversar com alguns interlocutores sobre aquela queixa que eu testemunhara meio por acaso. Todos admitiam que houvera um erro na música cantada, mas que aquilo acontecera no calor do momento, da festa, após ser chamada por torcedores mais jovens e mais emocionados que ainda não entendiam em sua totalidade as dinâmicas das torcidas organizadas. E que, em casos como esse, a saída é mesmo o diálogo, preferencialmente entre presidentes, de forma, ao mesmo tempo, amigável e institucional.

Mas, deixando um pouco de lado as questões vivenciadas em Maceió, e voltando para aquele jogo de 23 de março de 2022 entre Botafogo-PB e Náutico-PE pelo Nordeste, eu queria registrar ainda que, depois de toda uma festa no entorno do estádio, com céu completamente limpo, caiu um verdadeiro temporal durante o período em que a bola rolou. E esse detalhe é importante porque, como naquela situação ficava difícil para mim usar o meu telefone celular para tirar fotos ou tomar notas, eu optei por viver a experiência torcedora daquela noite de uma forma sensorial, participando das performances mais do que simplesmente observando-as. E isso acabou sendo extremamente positivo para sentir mais as tensões, as divergências que aconteciam ali mesmo, na hora do jogo, para vivenciar e testemunhar os debates e as negociações que eram travadas na própria arquibancada.

Como eu havia dito, existia uma tensão nas músicas e nos cânticos proferidos pelos botafoguenses contra os torcedores do Náutico-PE que preocupava alguns diretores da Jovem. E não seria fácil segurar os ânimos naquele dia. Principalmente porque o Belo saiu vencendo e, só mais para perto do fim da partida, levou o gol de empate, o que provocou uma disputa por pênaltis que culminaria em classificação do Náutico-PE para as semifinais e em eliminação do Botafogo-PB da Copa do Nordeste.

De toda forma, aquele dia, tal como já registrado pouco atrás, serviu-me para sentir e participar de dinâmicas que, antes, eu me preocupava mais em observar, fotografar, tomar nota. Pois eu penso ser esta uma boa oportunidade para falar um pouco delas. Para destacar como torcem os integrantes da Jovem na Arquibancada Sol do Estádio Almeidão.

Volto, uma vez mais, ao início desta pesquisa, ao Baile de 25 Anos da TJB, justo naquela descrição inicial do Capítulo 1 sobre as performances da torcida organizada, no arrebatamento provocado e incentivado pela atmosfera criada pelo puxador. É uma dinâmica semelhante à que é reproduzida nas arquibancadas. Talvez de forma mais

esparsada ao longo de todo o tempo de jogo, mas incluindo até mesmo os instantes mais inusitados e intensos da corporalidade festiva que seriam vistos naquele dia.

E, mesmo que, ao menos a princípio, muitas dessas performances tenham nascido primeiro nas arquibancadas e só depois migrado para os espaços públicos da cidade, já são tantos anos de intercâmbios e trocas, de experimentações e reinvenções, que esse fluxo já não é necessariamente de mão única. Já é possível, em muitas das dinâmicas, perceber o caminho inverso. A música, o movimento, as formas de torcer nascerem nos bailes e festas e só posteriormente serem levados para o concreto do Almeidão.

A própria roda de pogo é um exemplo dessa migração do baile para a arquibancada. Para além disso, um dos movimentos mais emblemáticos da Jovem no Sol, ao que me parece, representa uma interessante fusão entre experiências de baile e de arquibancada.

Refiro-me a uma performance em que os torcedores cantam, pulam, provocam, correm, impõem-se, definem uma forma específica de torcer naquele território da TJB. Determinam limites. Gritam:

– Ei, playboyzada, tira o cu da arquibancada. Quem ficar parado vai levar um “tá ligado”¹⁰⁹.

O cântico é nascido na arquibancada e remete a um torcer dinâmico, essencialmente festivo, intimidatório e sempre em pé, pulando, em que a disposição é essencial para a ação torcedora (Teixeira, 2006). Já o movimento, que consiste em correr de forma coletiva, coesa e ritmada para lá e para cá (algo em torno de trinta metros para cada lado), ainda que busque, ao mesmo tempo, definir e expandir os limites do território da Jovem na arquibancada, tem uma inspiração muito forte nos bailes de corredor (Figura 25). Ainda assim, o que se testemunha, no fim das contas, indiferente às inspirações que forjam a performance, é uma emancipação corpórea da periferia (Toledo, 2011), que oferece valores gestuais como masculinidades, virilidades e sensualidades.

Ademais, todos os torcedores da Jovem são obrigados a respeitar a padronização alardeada pelo lema “Caveira veste preto”. Quando a torcida não está suspensa, a beca é obrigatória e ela, por si só, já coloca todos vestidos com camisas pretas. Quando suspensões estão em vigor, ainda assim é solicitado que os torcedores respeitem a orientação cromática.

¹⁰⁹ Já falei sobre essa dinâmica na dissertação e também num artigo em coautoria com meu orientador de mestrado (Caldas; Paz Tella, 2019).

Na suspensão da TJB que demorou de agosto de 2022 a julho de 2023, por exemplo, por causa de conflitos que serão detalhados no próximo capítulo, a torcida chegou a confeccionar uma camisa com o *slogan* “os de preto”, sem menção ao nome da torcida e de uma cor autoexplicativa, apenas para facilitar a padronização por parte de seus integrantes.

O objetivo é simbólico, mas também é de ordem prática. Porque, acima de tudo, respeita a regra das torcidas organizadas de serem vistas, de se tornarem destacáveis e perceptíveis dentre tantas identidades postas numa mesma arquibancada. A ideia, pois, é que todos consigam perceber onde está a Jovem, possam reconhecê-la mesmo em caso de estádio lotado. Que um espectador vendo a cena de longe saiba exatamente qual é o território da TJB. Respeitando assim dinâmicas das organizadas que, tal como alardeado por Toledo (2022, p. 416), “dão os contornos de uma sociabilidade mais visível”.



Figura 25 / “Ei, playboyzada, tira o cu da arquibancada” / Phelipe Caldas / 6 de março de 2022

Mas, finalizando este tópico sobre festa, comensalidade, respeito, aliança e confronto direto dentro de campo entre clubes cujas torcidas organizadas são aliadas nas arquibancadas, quero destacar ainda a experiência vivida nos dias 18 e 26 de março de

2023, datas dos confrontos das semifinais do Campeonato Paraibano entre Botafogo-PB e Sousa-PB.

O primeiro jogo do mata-mata aconteceu no Estádio Almeidão, em João Pessoa, e foi vencido pelo Belo por 1 a 0. O segundo jogo aconteceu no Estádio Marizão, em Sousa, no Sertão da Paraíba, e aí o Dinossauro¹¹⁰ deu o troco de uma forma até então inimaginável, goleando por 5 a 1 e ficando com a vaga na final.

Eu já disse aqui que a Torcida Força Alviverde, do Sousa-PB, é a única torcida organizada aliada da TJB dentro de território paraibano, mas o fato é que as diretorias de Sousa-PB e Botafogo-PB não necessariamente aderem a essa aliança, e o que se viu nos dias anteriores às duas partidas foi uma série de provocações por parte de ambas as diretorias.

Aldeone Abrantes, presidente do Sousa-PB, levava a disputa a todo momento para o extracampo, dando declarações, na imprensa e por meio de redes sociais, destacando o quanto o clube da capital paraibana seria beneficiado pela arbitragem e como haveria um preconceito da arbitragem local contra os clubes do Sertão. Em dado momento, ele chegou a dizer que estaria disposto a ser preso, se fosse preciso reagir, mas que não iria tolerar o seu clube ser roubado dentro de casa¹¹¹.

É uma óbvia bravata, a meu ver, buscando incendiar a partida, promover o jogo para o seu elenco e para os torcedores de seu clube, provocar aquele sentimento de que vai enfrentar tudo e todos em nome de um objetivo final, que, no caso específico, seria a vaga na grande final da competição estadual. Uma bravata que, diga-se, costuma alcançar os objetivos desejados. Criava um clima de euforia entre os sousenses, de reação jocosa, irônica e também arredia entre os botafoguenses.

Mas, se a tática funciona no objetivo de dar mais ímpeto aos atores envolvidos na partida, criando um clima de rivalidade e até mesmo de certa hostilidade entre os dois lados em disputa, isso só exige um cuidado mais redobrado por parte das duas torcidas organizadas aliadas. Xinga-se os adversários dentro de campo, mas, ao mesmo tempo,

¹¹⁰ Apelido do Sousa-PB, em alusão a cidade homônima ser conhecida como “terra dos Dinossauros”. Na cidade existe um parque municipal chamado Vale dos Dinossauros, onde estão preservadas pegadas desses animais pré-históricos que datam de milhões de anos atrás. Ademais, destaque-se que o clube sertanejo foi fundado em 10 de julho de 1991, no mesmo ano foi campeão do Campeonato Paraibano da 2ª divisão e, uma vez tendo conquistado o acesso para a 1ª divisão, nunca mais foi rebaixado. Apesar de ter um orçamento menor do que os seus adversários de João Pessoa e de Campina Grande, já foi campeão paraibano em 1994, 2009 e 2024. Em outras quatro oportunidades (1995, 2012, 2021 e 2023), foi vice-campeão estadual.

¹¹¹ AQUINO, Matheus. “Aldeone Abrantes diz que pode até ser preso, mas não vai tolerar o Sousa ser roubado no Marizão”. ge, João Pessoa, 25 mar. 2023. Disponível em: <<https://tinyurl.com/5ycvjt3>>. Acesso em: 17 jul. 2023.

evita-se qualquer música ou grito de guerra que tenha o outro lado da arquibancada como alvo.

Tal como acontecera no jogo contra o Náutico-PE, portanto, as mediações eram constantes, os cuidados contínuos, as ações meticulosamente pensadas para evitar contendas que colocassem em risco as relações entre torcidas aliadas. Nesses momentos, a rivalidade futebolística entre os dois clubes não é apagada, e o torcer seguirá intenso no momento da partida, xingando-se e vaiando-se jogadores rivais e árbitros com a mesma potência que existe em qualquer jogo, mas as performances corporais, sempre ritualmente organizadas visando o outro (Le Breton, 2010), ganhavam contornos menos afrontosos e belicistas, poupando torcedores e se voltando quase que totalmente para o gramado do estádio.

As duas torcidas, a propósito, fizeram suas respectivas recepções às aliadas. Em João Pessoa, a TJB recebeu a TFA com uma grade de cerveja e tira-gostos num quiosque da praia de Tambaú. Depois, teve cerveja e feijoada no entorno do Estádio Almeidão, ainda que, no local do jogo, com a guerra entre Jovem e Fúria já declarada, houve uma certa divisão da torcida organizada sousense. Parte da TFA foi para a Sombra e para uma recepção conjunta da Fúria e da Império, parte ficou no lado do Sol com a TJB.

Uma semana depois, na caravana para Sousa em que eu viajei junto com a TJB, o ônibus saiu à meia-noite, chegando ao município sertanejo, 430 km distante da capital paraibana, apenas nas primeiras horas da manhã. E, já naquele momento de chegada, havia integrantes da TFA nos esperando com café da manhã a postos.

Mais tarde, foi servido um grande caldeirão de feijoada (Figura 26) para os torcedores organizados de João Pessoa (a TJB fechou um ônibus, Fúria e Império fecharam outro), incluindo também um generoso isopor repleto de cervejas geladas, amenizando assim o calor de mais de 40 °C que fazia naquele dia de sol na cidade.

Como se pôde perceber, em todas essas ocasiões havia o componente comum da comida e da bebida, mais precisamente da feijoada e da cerveja. Feijoada que, em consonância com as ideias de Câmara Cascudo (2011), possui uma certa indispensabilidade e uma predileção por parte principalmente das camadas populares, que a enxerga como um cerimonial a ser vivido coletivamente. Vista não só como refeição, mas como força promotora da energia humana, a ser comida devagar e em grupo.

Era justo isso o que as torcidas buscavam naquelas ocasiões. Com a feijoada, matava-se a fome, alimentava-se as coletividades torcedoras presentes. Com a feijoada ofertada, mais do que isso, alimentava-se também a aliança, dava-se sustância às relações

mútuas de amizade e de companheirismo, convidava-se para a festa, para a relação construída. O alimento em seu sentido biológico, o mesmo alimento em seu sentido simbólico e social, ambos precisando ser renovados de tempos em tempos.

Até porque relações de aliança antecipam, em mesma medida, relações de rivalidade. Ou vice-versa. Fato é que alianças são valorizadas, acima de tudo, porque todos os lados precisam de proteção adicional quando adentram território hostil. Festa e pista, como já dito, partes de um mesmo processo relacional entre torcidas organizadas. É nesse outro elemento da mesma estrutura que vou adentrar a partir de agora, pois. Afinal, como apregoa Farias (2013, p. 73), “a intensidade das relações é recíproca”. Ela falava das alianças, mas a mesma máxima vale igualmente para as rivalidades.



Figura 26 / Caldeirão de feijoada é servido para os torcedores em Sousa / Phelipe Caldas / 26 de março de 2023

Capítulo 3. A pista e a esportificação do conflito

Como já pontuado anteriormente em mais de uma oportunidade, este terceiro capítulo é reservado para a pista, que traduz expressões de conflito entre torcidas organizadas. Uma recorrente dinâmica entre associações torcedoras rivais que dialogam com aquilo o que também é comumente denominado de “violência torcedora”. E que, justo por isso, muitas vezes estigmatiza o conjunto de práticas que estou descrevendo aqui.

No entanto, toda essa questão será tratada sob uma perspectiva diferente, sem julgamentos ou juízos de valor, respeitando os olhares que as próprias torcidas organizadas têm sobre tal prática torcedora.

Muito por causa disso, aliás, eu sugiro pensar a pista a partir da lógica da “esportificação do conflito”, tal como posto no título deste capítulo, algo que será mais bem explicado e justificado ao longo das páginas que se seguem. É uma categoria que apresento e defendo principalmente porque, ao menos sob a ótica dos próprios torcedores organizados, não se trata de briga pela briga, mas de relação de pista, o que modifica totalmente o entendimento sobre as ações que a integralizam.

A pista, afinal, possui regras, possui ideologia, exige procedimento. Define todo um entendimento sobre o que é permitido e o que não é permitido na hora do encontro. Inclusive, por mais contraditório que possa soar, a pista e a festa estão umbilicalmente ligadas no cotidiano das torcidas organizadas.

3.1 Noite de futebol, noite de pista

Quando eu iniciei a pesquisa de doutorado, eu já sabia, a partir de dados esparsos coletados ainda no mestrado, que a pista entre torcidas organizadas estabelecia uma série de condutas e acontecia em torno de toda uma dinâmica própria. Naquela época, contudo, embora eu já houvesse testemunhado algumas brigas esporádicas e contendas no entorno do estádio, rapidamente debeladas pela Polícia Militar, eu ainda não havia presenciado uma pista tal qual a compreendem os torcedores, com toda a preparação e o tempo de conflito que esse tipo de encontro exige.

Sim, antes de tudo, tal como sugeri pouco atrás, eu preciso registrar que defendo a ideia de que nem toda briga entre torcedores organizados pode ser chamada de pista. Um desentendimento localizado, uma troca de tapas e murros entre alguns integrantes de

torcidas organizadas é uma briga. A pista, ao contrário, não é individual, mas coletiva. Torcedores brigam, torcidas encontram-se numa pista.

Não se trata de meras nomenclaturas, mas de categorias que podem ser facilmente delimitadas. Existe uma diferença de dimensão, de expectativa sobre aquilo o que foi ou será vivido. Brigas, em geral, não são previstas. Acontecem por acaso, por causa de um desentendimento momentâneo e pontual que acaba escalando para a agressão física. A pista, ao contrário, embora quase nunca seja marcada, é quase sempre esperada antes de ela de fato acontecer.

Quando uma torcida organizada viaja para um território hostil, por exemplo, ela não necessariamente marca um encontro com a rival, mas invariavelmente inicia a caravana já sabendo que o encontro é possível e muitas vezes desejado. E é justo a possibilidade prévia – e a preparação coletiva para o que pode acontecer dentro dos limites estabelecidos por ambos os lados – que transfigura briga em pista. Mesmo que, como bem me disse um interlocutor ainda dos tempos de mestrado, “às vezes não acontece nada, mas às vezes o pau canta” (Carvalho, 2019, p. 144).

Bem, saber que existiam regras e dinâmicas próprias para a pista gerava em mim certa expectativa, certa ansiedade em tentar entender da forma mais célere possível como tudo funcionava. E, por causa disso, não foram poucas as vezes em que, meio por acaso, eu acabava por perguntar aos meus interlocutores como era uma pista, como funcionava, como se dava todo o processo, como acontecia, qual era a sensação. Invariavelmente, eu me decepcionava, insatisfeito com respostas que julgava incompletas, vagas, pouco precisas ou pouco detalhadas.

A propósito, hoje eu analiso criticamente que aquela pressa em obter respostas era ocasionada por algum grau de imaturidade. Afinal, pesquisar exige paciência, espera, vivência prolongada para que as experiências surjam ao seu tempo, sem que sejam provocadas artificialmente pelo pesquisador. O momento certo para obter respostas havia de chegar, eu bem sabia. Como, de fato, chegou.

É curioso, isso. Tantos meses de ansiedade, tantas dúvidas, tantas impressões vagas, tantas perguntas feitas sem obter respostas satisfatórias, tudo em vão. Até que, de repente, numa noite qualquer de quarta-feira, 3 de agosto de 2022, numa época em que eu nem mais insistia nos questionamentos sobre esse tema, tudo me foi apresentado, esclarecido, exposto, destacado. Escancarado, até.

Foi uma das noites mais intensas de minha pesquisa de campo, em que eu me sentia com o coração acelerado e com a adrenalina em alta, mas absolutamente certo de

que aquilo precisava ser vivido. O momento de tirar algumas das minhas principais dúvidas finalmente havia chegado e tudo começou ainda na P1.

Essa, a saber, é mais uma situação em que o nome popular não condiz com os registros públicos. O que eu chamo aqui de P1, citando a indicação que me foi recorrentemente dada pelos torcedores da TJB, é uma praça localizada no bairro de Cristo Redentor e que fica a menos de um quilômetro do Estádio Almeidão. Seu nome oficial é Praça Émerson Lucena, mas absolutamente ninguém a conhece assim. É majoritariamente chamada de P1, ou então Praça da Maconha, como alguns mais antigos preferem¹¹².

Uma praça que à época era mal-cuidada, com iluminação deficitária, com paralelepípedos amontoados que prenunciavam uma reforma que nunca chegava. Ela, a saber, ocupa todo um pequeno quarteirão do bairro e possui uma quadra de cimento ao centro. Numa de suas esquinas, justamente naquela que fica geograficamente mais próxima do Estádio Almeidão, a iluminação era ainda mais deficitária, o piso ainda mais irregular e quebradiço. Mas era exatamente ali que os torcedores da Jovem começavam a se aglomerar a partir das 17h30, nos primeiros sinais de fim de tarde e início de noite.

A P1, portanto, seguindo em meu relato, foi o ponto de encontro estabelecido pela TJB para a noite em que o Belo jogaria contra o Mirassol-SP pela Série C do Brasileirão de 2022. A partida era válida pela 12ª rodada da competição nacional¹¹³ e estava marcada para sete da noite, mas o foco principal naquele dia não seria a partida. Antes, o recado já havia sido dado:

– Não é para entrar ninguém, viu?

Esse movimento era atípico. Ao longo de toda a pesquisa, eu sempre escutara que a bancada era a prioridade, a pista consequência. Mas aquele dia era diferente de todos os demais e marcava o primeiro encontro entre TJB e Fúria após a declaração de “guerra” entre as duas torcidas organizadas botafoguenses.

A propósito, antes de prosseguir com todo o meu relato sobre aquele dia, eu gostaria de registrar que, ao meu ver, a “guerra” entre as duas principais torcidas organizadas de pista do Botafogo-PB faz parte de uma longa sequência de eventos que pode ser analisada a partir da ideia de cismogênese, elaborada por Bateson (2006, p. 219)

¹¹² Nos comunicados oficiais da torcida, contudo, é sempre P1, nunca Praça da Maconha, até para evitar ainda mais criminalização do poder público contra a TJB.

¹¹³ Na verdade, ainda que a partida fosse realizada pela 12ª rodada da competição, ela aconteceria entre a 17ª e a 18ª rodadas. Marcada originalmente para 25 de junho, acabaria adiada em mais de um mês por causa das festas de São João que acontecem na Paraíba nesta época do ano. Assim, sendo realizada mais para o fim da primeira fase, a partida tinha importância-chave nas pretensões do Belo de se classificar para o quadrangular do acesso, o que acabaria não acontecendo.

e que seria definida como “o estudo das reações dos indivíduos às reações de outros indivíduos”.

Trata-se, pois, de observar padrões culturais de comportamento entre dois grupos que podem levar a mudanças progressivas de atitude de um lado em relação ao outro. Noutros termos, a cismogênese está posta quando são observáveis “metades rivais competindo uma com a outra” (Bateson, 2006, p. 221). E sempre que os dois lados, para além do mais, “se vejam mantidos juntos por alguma forma de interesse comum, dependência mútua ou status social” (Bateson, 2006, p. 224).

Ora, TJB e Fúria têm o interesse comum em torno das relações de respeito, amizade e aliança que cercam as torcidas organizadas de pista e disputam entre si o *status* social de ser a mais importante das coletividades torcedoras do Belo e de João Pessoa. Há, portanto, uma clara competição entre ambas que se evidencia e ganha forma no discurso ofensivo, nas provocações e ironias, nos cânticos que tentam colocar o outro lado numa posição de inferioridade.

O autor citado, por sinal, destaca que são dois os tipos possíveis de relações cismogênicas. A simétrica, quando ambos os lados disputam de forma equivalente um mesmo capital político; e a complementar, quando existem disposições distintas na relação e um lado se apresenta como assertivo enquanto o outro se mostra submisso.

Mas, considerando que Bateson (2006) não acredita na existência de relações puramente simétricas ou puramente complementares, pode-se dizer que as duas torcidas vivem uma relação majoritariamente simétrica, mas com elementos que podem ser entendidos como complementares.

Eu digo isso porque, se por um lado ambas buscam de fato o reconhecimento coletivo de serem as principais torcidas organizadas do Belo, alguns fatores pesam simbolicamente em favor da TJB: é mais antiga, possui um maior número de integrantes, está presente num maior número de bairros periféricos, é reconhecida por aliadas e rivais como a torcida organizada de pista de primeiro escalão do Botafogo-PB.

Independentemente de que tipo seja a relação, contudo, Bateson (2006, p. 227) vai destacar que essa provoca uma “evolução progressiva do comportamento no sentido de uma diferenciação e oposição mútuas cada vez maiores”.

Algo que, no caso exposto, culminou na declaração de “guerra” entre as duas coletividades. E que só não desbanca para uma perda do controle porque, ainda segundo o autor, vão sempre existir fatores que unem os dois grupos e impõem limites à

cismogênese. Por exemplo, a lealdade ao Belo e a oposição mútua a elementos exteriores, aqui personalizados na figura das mesmas torcidas organizadas rivais.

Ademais, tal como defendido por Turner (2008), a tal “guerra” pode ser pensada sob a ótica dos “dramas sociais”. Quando o conflito recorrente entre duas partes de uma mesma estrutura ganha uma assustadora proeminência e obriga as pessoas a uma inevitável tomada de posição.

É quando “constrangimentos morais profundamente arraigados” (Turner, 2008, p. 31) são aflorados. E isso impede, ao menos no contexto específico, uma certa fluidez de torcedores entre as duas agremiações.

O intercâmbio é suspenso, a presença de um lado na festa do outro fica proibida, cada torcida organizada se fecha mais em si mesma. Relações pessoais entre integrantes das duas associações passam a ser vetadas. Ou, ao menos, passam a ser alvo de questionamento por parte dos demais pares.

Tudo isso dentro de uma estrutura que, segundo o autor, vai prever quatro etapas e que começa justamente com a ruptura. Passa-se em seguida pelo acirramento da crise, por uma tentativa de limitar a difusão da crise e finalmente por uma reintegração das partes ou pelo reconhecimento de um cisma irreparável.

No caso de Jovem e Fúria, por sinal, o tempo demonstraria um limiar entre as duas possibilidades dessa quarta etapa, visto que o cisma se mostraria irreparável, ainda que uma “guerra” nunca dure para sempre, havendo, portanto, momentos de pacificação e de apaziguamento estratégico das diferenças.

Mas, sem querer me antecipar aos fatos, naquele dia ainda se vivia o início da ruptura. E, embora os dois lados não tivessem necessariamente marcado a pista, ambos sabiam que ela ia acontecer, que o encontro do lado de fora do estádio era inevitável. Isso inclusive foi dito mais cedo, ainda na Praça Nova, entre o pessoal do BDF, na concentração do bonde, antes de migrar para a P1:

– A parada vai rolar. Todo mundo sabe que vai rolar. A gente vai se bater – dizia Rodrigo, coordenador do BDF.

Era ele quem dava algumas dicas importantes, direcionando-as principalmente para os mais novos, para aqueles estreantes em pista:

– Pessoal, é um perto do outro hoje. Todo mundo junto. Bonde perto de bonde. Irmão salva irmão. Se um cair, todo mundo ajuda.

E completava, dando dicas sobre os riscos que representavam as eventuais bombas caseiras que poderiam ser arremessadas pelo outro lado. Igualmente, sobre os riscos representados pela Polícia Militar da Paraíba:

– É para se ligar nas caseiras. Viu arremessarem, sai de perto. E se ligar também na PM. Cavalaria não é brincadeira, então não adianta querer enfrentar.

Eu observava esse diálogo e me preocupava. Procurei Alex. Falei com ele em tom sério e pedi para ele ter cuidado. São momentos curiosos, esses. Que mostram que, pouco a pouco, a gente vai criando afetos com nossos interlocutores, com nossos companheiros de pesquisa.

De toda forma, se registro isso é porque tem uma função pragmática para aquilo o que eu analisava naquele dia. Que inclusive pode facilitar o entendimento sobre como os torcedores organizados enxergam suas próprias entidades e dinâmicas. Pois, ao escutar aquele genuíno pedido de cuidado, ele me respondeu serenamente:

– Claro, professor. Eu não quero virar bandeira não.

Em minhas anotações posteriores, registrei a minha reação àquela resposta da seguinte forma: “A frase é, ao mesmo tempo, preocupante e maravilhosa” (Caderno de Campo, 3 de agosto de 2022). Preocupante porque a mínima possibilidade de alguém morrer numa pista, ainda que isso fosse raro de acontecer, me apavorava; maravilhosa porque, de uma certa forma bem-humorada, a expressão remetia a uma tradição das torcidas organizadas de confeccionar bandeiras para homenagear postumamente torcedores ilustres das respectivas associações (Figura 27).

Ainda atordoado com a parte preocupante da expressão, no entanto, perguntei, meio em tom de brincadeira, o que danado ele iria fazer numa pista daquelas. Em que ele, mesmo ciente de meu tom brincalhão, respondeu-me rindo, mas de forma convicta, como quem escancarando a obviedade da questão:

– Tá, professor... defender a torcida, né?

Foi pouco depois desse diálogo que o BDF rumou para a P1. Eu fui junto aos torcedores. Lá, encontramos muitos integrantes de outros bondes da Jovem que já estavam no aguardo do que haveria de acontecer.

Antes de retomar a narrativa, contudo, eu queria apenas registrar que, no momento certo, eu vou voltar um pouco no tempo para explicar todo o processo que levou à “guerra” entre as duas torcidas. Pretendo também falar das regras da pista, sugerir reflexões conceituais sobre tudo isso.

Por ora, quero seguir naqueles instantes imediatamente anteriores ao encontro entre Jovem e Fúria, porque eles foram fundamentais para eu entender, de uma forma para lá de dramática, toda a dinâmica. Como os torcedores se portam, quais são as estratégias, os cuidados, as obrigações que se deve ter com os companheiros de torcida organizada.



Figura 27 / Bandeira da Jovem homenageia Índio TJB, torcedor que morreu atropelado em 26 de fevereiro de 2023 / Phelipe Caldas / 19 de agosto de 2023

Isso porque, logo na chegada, uma cena para lá de curiosa me chamava atenção. Os torcedores se aproximavam sempre em grupos de diferentes tamanhos, cumprimentavam os mais chegados que já estavam no local e começavam a se alongar, a se aquecer, a fazer movimentos que lembravam alguém que se prepara para iniciar um exercício físico. Com a diferença de que, em vez de uma corrida, um jogo de futebol, um exercício em academia de ginástica, por exemplo, a preparação física visava à pista.

Ademais, muitas mulheres estavam presentes. Retomando o debate que fiz no Capítulo 2 sobre o BF, pista entre mulheres era algo bem raro de se testemunhar. Mas, como saberia depois, aquele seria sim um “dia raro” nas relações entre TJB e Fúria, entre dinâmicas de pista. As mulheres, afinal, também se bateriam naquele dia.

Houve demora, entretanto. O relógio bateu sete da noite, aquela importante partida na luta pela classificação já se iniciava ali perto, mas na praça todos permaneciam impassíveis. Eram esperados algo em torno de 200 cabeças para aquele dia, mas os bondes da Zona Leste, principalmente os de Cabedelo e São José, estavam atrasados. Considerando o grande número de torcedores daquela área da cidade, resolveram esperar.

De repente, como se fosse dia de festa e não de pista, como se fosse uma concentração com feijoada e cerveja e não um encontro pré-embate, os torcedores que faltavam puderam ser avistados de longe. De forma coesa, festiva, com cânticos e gritos sobre a Zona Leste, com performances torcedoras tão conhecidas em dias de mobilização, eles chegavam por uma das ruas de acesso à praça.

Era uma cena muito parecida aos dias de arrastão. Quem já estava na praça, começou a cantar também. A pular. A vibrar com os que chegavam. O que era música sobre bonde, virava sobre torcida. Quem chegava e quem recepcionava, pouco a pouco, virava um único grupo, uma única voz:

– Uh, é a Jovem!

Depois, quando o clima começava a se acalmar, ainda assim os cumprimentos remetiam a um ser torcida já tão alardeado aqui:

– A gente é caveira, porra – afirmavam-se mutuamente, em tom de incentivo.

Com todos já na praça, iniciou-se o que parecia a última parte antes de todos marcharem para o estádio. Um torcedor grande, loiro e com sardas no rosto, que justamente pela feição física era apelidado de Alemão¹¹⁴, subiu num banco de cimento da praça, localizado bem debaixo de uma grande árvore que tornava ainda mais escura aquele pedaço de praça já tão mal iluminada.

Era a primeira vez que eu o via em mobilizações da Jovem e foi isso o que me fez suspeitar (algo que me foi confirmado depois) que alguns torcedores da velha guarda, experientes em pista, haviam sido convidados. Justamente para reforçar a linha de frente, para dar mais experiência à torcida naquele momento.

Aquele torcedor grande e extremamente forte, portanto, posicionado em cima do banco de cimento, sendo observado de perto por aproximadamente 200 torcedores da Jovem que faziam uma espécie de meia-lua na parte da frente do tal banco, começou a

¹¹⁴ O apelido era curioso porque, afinal, “alemão” é o nome dado indistintamente ao integrante de torcida organizada rival. Ainda assim, as características físicas dele se sobressaiam a esse “detalhe”. Registre-se, inclusive, que a coincidência do apelido não escapava a algumas piadas de companheiros de Jovem em momentos de descontração.

falar com uma voz grave. Eu, no meio de toda aquela gente, ouvia tudo atentamente, celular em mãos, escrevendo freneticamente e tomando nota daquilo o que eu julgava pertinente. Eu estava prestes a ter a minha primeira aula sobre pistas entre torcidas organizadas.

A primeira regra? Calma, organização, não deixar ninguém ficar emocionado na chegada à pista:

– É para chegar no sapatinho – explicava ele, deixando claro que, a partir do momento em que o outro lado fosse avistado, não era para ninguém correr, não era para ninguém ficar tenso, porque chegar descansado à pista propriamente dita era fundamental para se obter sucesso nela.

Por mais empolgados que todos estivessem para iniciar logo o embate, o avanço deveria ser lento e compacto, respeitando a formação a ser preparada logo mais e sem nenhum tipo de pressa. A respiração, a cadência, a organização eram essenciais para a empreitada, ele continuava explicando.

– A gente não pode chegar cansado – ensinava.

Naquele exato instante, inclusive, um detalhe interessante pôde ser observado. Que demonstra, na prática, a ideia de hierarquia alardeada por Dumont (2008) e já descrita no verbete “ideologia” do glossário desta pesquisa. Uma perspectiva positiva do conceito que valoriza e classifica os membros de dada coletividade a partir de seu “grau de dignidade”. Isso porque, naquele momento em que Alemão falava, ouviu-se um murmurinho vindo da “plateia”, no que o presidente Netinho rapidamente interrompeu. Tom sério, repreendedor, de censura:

– Silêncio, porra! Escuta as ideias. É um cara antigo que está falando.

Achei aquela intervenção emblemática demais. Afinal, era “um cara antigo”, com experiência, vivência, história para contar sobre o que já vivera. Era um torcedor que conquistara o direito de ser respeitado, impunha a hierarquia necessária para ser ouvido quando falava. Pois, restabelecido o silêncio, ele prosseguiu em suas explicações.

E o tema seguinte era a linha de frente. Uma linha que não poderia ser quebrada jamais, que era essencial para manter a unidade da torcida no momento do embate. Os mais fortes e os mais experientes na pista deveriam ir na frente, mas, de forma totalmente compactada, serem acompanhados de perto por quem viesse atrás. Pelos mais novos também, que ainda tinham “muito a aprender”.

– O reforço é fundamental. Quem estiver atrás da linha de frente, dá o apoio no bagulho. Se for para bater, bate todo mundo. Se for para apanhar, apanha todo mundo.

Ele propunha duas linhas de frente com “20 cabeças que se garantam e que não corram” em cada uma. Mas ponderava que, mesmo sendo pensadas como duas linhas, elas deveriam se manter “coladas” uma na outra, e o elo entre ambas deveria permanecer inquebrantável para evitar que elas fossem furadas pelo meio.

– Se um da linha de frente fraquejar, quem vem atrás tem o direito de ocupar o seu lugar. Se cair um, fica todo mundo para dar o apoio e tirar o irmão da confusão. Vai todo mundo junto, volta todo mundo junto. Sem afobação – explicava

Existia a plena consciência do risco, da possibilidade de alguém ser colocado para dormir e cair na área da pista, mas, ao mesmo tempo, havia também a mais clara consciência de que nenhum “irmão” ficava para trás, que a todo custo todo mundo deveria se proteger, porque era essa percepção de coletividade e de apoio mútuo que deixaria os torcedores mais destemidos, mais prontos para viver a pista em todas as suas intensidades e possibilidades.

Repetiu-se, ainda por cima, as mesmas recomendações que já haviam sido feitas por Rodrigo na reunião do BDF. Nada de se bater com a polícia, visto serem forças desiguais, de forma que a regra era mesmo focar nos rivais da Fúria. Por fim, reservou-se uma atenção especial aos artefatos reunidos pelo outro lado. As informações que o pessoal da TJB tinha era a de que a Fúria deveria ter muitas bombas caseiras e rojões, mas o torcedor da Jovem que ainda falava de cima do banco ponderava que, por mais que elas fossem muitas, não eram inesgotáveis. Pois, diante dessa óbvia percepção, ele definiu a estratégia:

– Não adianta ir em direção das bombas. Vamos ter paciência, estratégia, manter certa distância. Deixa eles se empolgarem, soltar o que tem. Quando as caseiras e os rojões deles acabarem, a gente avança.

A essas palavras, como se o discurso se assemelhasse ao de uma preleção pré-jogo, o torcedor elevou a voz e deu início a frases mais acaloradas e empolgadas, de incentivo, ainda que recheadas de novas recomendações:

– Vamos ocupar a rua, caralho. Não quero ver ninguém na calçada. É no meio da rua. Sem correr, sem afobação. É a Jovem, porra!

Os gritos de “Jovem” e de “Caveira” ecoavam das bocas dos demais torcedores. Um deles, voz alta, gritou que era a hora de “pretear a cidade”, transformando “preto” em verbo e fazendo alusão à cor da TJB, numa clara dissociação e oposição à cor branca da Fúria. Enquanto isso, novos alongamentos de última hora eram percebidos aqui e ali.

Era um momento meio apoteótico. Que, refletindo posteriormente, me faz reinvocar Leal (2023), já citado no capítulo anterior. Porque, se para o autor a preparação da festa propriamente dita já é também festa, o mesmo pode ser pensado aqui com relação à pista. Aquele momento de preparação, pois, já era pista, já era embate, já era igualmente caracterizado por ser coletivo, voluntário, festivo.

Portanto, foi em meio à algazarra da pista que vira festa e da festa que vira pista que Netinho, o presidente, foi para frente de todos. Gritou algo como um “vamos lá, tropa” e iniciou a caminhada lenta e gradual em direção ao estádio. Imediatamente, foi seguido pelos demais. Seriam apenas alguns minutos, menos de um quilômetro, até o encontro inevitável.

Nos dias seguintes, a propósito, aquela cena seria lembrada e alardeada com ênfase e empolgação. Não se tratava de um presidente que se escondia em meio à multidão, mas, ao contrário, comandava, dava as coordenadas, o exemplo. Eram atitudes que valorizavam a sua liderança, tornavam-no ainda mais respeitado, faziam com que os demais torcedores gritassem empolgados que aquela era a “Tropa do Netinho”.

Eu, bem ao contrário, tentava me misturar naquele bloco coeso. Evitava a linha de frente, descartava a retaguarda. Era uma busca meticulosa para permanecer nem tão perto o suficiente de ser alcançado pelas caseiras, nem tão longe a ponto de ser impossível observar os detalhes do que estava por acontecer.

Puxei o telefone celular uma última vez do bolso. Olhei as horas. Dei uma brechada no tempo real¹¹⁵ do jogo que acontecia ali perto. No exato momento em que deixamos a P1 pela rua Tenente Mota, o relógio marcava 19h34. A partida já avançava com pouco mais de 30 minutos de primeiro tempo e o placar estava em 1 a 1¹¹⁶. Caminhamos por dois quarteirões até o fim da rua em que estávamos, sempre pelo meio dela, ocupando os espaços previstos para serem dos carros. Dobramos à esquerda e adentramos uma perpendicular, a rua Universitário Rogério Benevides, justo aquela que leva para o entorno da Arquibancada Sol do Estádio Almeidão.

Depois dos gritos iniciais de incentivo ainda na praça, por sinal, já não havia mais barulho. Era um avanço silencioso e inalterado. Sempre para a frente. Destemido. Em que

¹¹⁵ “Tempo real” é a expressão usada para a cobertura jornalística que é feita, pela internet, de um evento importante – esportivo ou não. No caso de um jogo de futebol, os lances são descritos em texto, minuto a minuto, podendo ou não ser acompanhados por fotos ou vídeos eventuais. É ideal para quem não tem condições de acompanhar uma partida de futebol pelo rádio ou pela TV, mas que ainda assim quer ficar por dentro do placar e dos lances mais importantes no momento em que eles estão acontecendo.

¹¹⁶ Inclusive, não haveria mais gols no campo de jogo naquela noite e esse seria o placar final da partida.

eu, acompanhando aquele mar de pessoas vestidas de preto, também vestia preto, apenas para respeitar a padronização exigida pela torcida – ainda que eu não fosse participar efetivamente da pista.

Fato é que, em poucos minutos, chegamos à rua Antônio Teotônio, que é asfaltada e que precisaríamos atravessar. Tão logo a atravessássemos, estaríamos oficialmente dentro dos limites do Almeidão.

Nesse momento, aguicei o olhar. Busquei o máximo possível o que era capaz de enxergar à minha frente. Ainda longe de onde estávamos, conseguia ver o terminal de ônibus de transporte coletivo das linhas que atendem o estádio. Um pouco mais para além, um conjunto de dois banheiros colados a uma estrutura de bar desativado. Era nessa bancada de cimento, colada aos banheiros, que estava um outro mar de pessoas, todas vestidas de branco.

Foi perceptível. Os integrantes da Fúria se agitaram enormemente quando perceberam a aproximação silenciosa da TJB. Organizaram-se. Igualmente, começaram a andar em sentido contrário ao que estávamos indo. A pista, tão aguardada nos últimos dias, finalmente ia começar de fato.

3.1.1 A pista transformada em jogo

Não parece haver muitas dúvidas na literatura acadêmica acerca da ideia de que a ideologia de pista é potencializada por masculinidades afloradas, em vivências viris que são incentivadas pelas diferentes torcidas organizadas. E, claro, essa parece ser uma realidade, ainda que muito eventualmente mulheres possam igualmente participar de uma pista.

Aliás, só o fato de a pista entre mulheres ser uma prática extremamente rara já escancara essa divisão de gênero que é preciso ter em mente ao abordar a questão. Em sete anos de pesquisas entre mestrado e doutorado, por exemplo, tal como já abordei anteriormente, uma única vez – justamente na pista entre TJB e Fúria de 3 de agosto de 2023 – eu testemunhei mulheres participando efetivamente dessa prática.

Em regra, pois, no cotidiano das torcidas organizadas, a pista é praticada por homens que se esperam destemidos, fortes, ousados, bons de briga, que sabem bater e apanhar, que não são colocados para dormir pelo rival ao primeiro murro levado. Em termos da própria TJB, portanto, o torcedor de pista tem que ser “treva”.

Para reforçar tudo isso o que estou dizendo, é possível dialogar com autoras como Assis (2008). Ela destaca que é o próprio futebol em sua origem, a partir do século 19, que vai ser construído sob valores de masculinidade. E isso vai ter repercussão não só no campo de jogo, mas principalmente nas arquibancadas, que passam a ser regidas por “valores exacerbados de virilidade, força e sobrepujança” (Assis, 2008, p. 19).

Na Argentina, a propósito, é Archetti (1998, p. 2) quem vai destacar que naquele país o futebol é igualmente “uma arena eminentemente masculina”. Ademais, Bandeira (2010) fala numa “violência potencial” que cerca o futebol e muitas das formas de torcer existentes nas arquibancadas e que funciona como importante forma de socialização entre torcedores.

É neste ponto, afinal, que quero retornar aos paralelos já citados sobre as dinâmicas de pista entre torcidas organizadas e os bailes de corredor do Rio de Janeiro, desta vez, no entanto, a partir de reflexões de Cymrot (2012) sobre o aspecto lúdico da violência que existia nesses bailes.

Aliás, logo de início o autor destaca que nesses bailes havia um tempo de briga entre galeras que, a propósito, eram divididas em dois territórios, sugestivamente denominados de Lado A e Lado B¹¹⁷. Nesses momentos, as galeras podiam se confrontar abertamente, num contexto em que a violência tinha uma função estimulante e prazerosa entre jovens.

O aspecto que preferencialmente quero destacar, no entanto, e que se assemelha em muito à realidade das pistas, é que, em que pese a valorização da violência, “o baile de corredor não era um território sem lei” (Cymrot, 2021, p. 171). Assemelhava-se, ao contrário, a “um grande jogo”, em que “a violência era ritualizada” e que proporcionava, entre os diferentes lados, “fortes laços de solidariedade e companheirismo” (Cymrot, 2021, p. 172).

O autor explica também que o objetivo não era jamais a eliminação do “inimigo”, até porque ele precisaria continuar existindo para que a competição se repetisse mais e mais, se transformasse em ritual e em encontro festivo. O objetivo, ao contrário, era a proteção, a demarcação e o reconhecimento de um território como seu em detrimento do outro. E isso a partir de uma dinâmica que também tinha um quê de lúdica.

¹¹⁷ Apesar das claras dificuldades em apontar uma origem única para essas expressões, foram muitos os meus interlocutores que me disseram que seria daí que vinham os nomes das identidades torcedoras que dividem as alianças entre torcidas organizadas no Nordeste brasileiro.

Pois todos esses elementos estão presentes na pista. Em mais de uma oportunidade, isso me foi dito ou eu pude perceber em minhas observações etnográficas. Existe sim um gosto pelo embate físico, pelo confronto entre coletividades torcedoras, uma potente emoção que só é sentida na pista. Da mesma forma que existem regras, recorrentes diálogos mútuos para que elas sejam respeitadas, reflexões periódicas sempre que alguém se emociona e extrapola os limites definidos pelas ideologias produzidas e negociadas pelas torcidas organizadas.

A principal diferença entre baile de corredor e pista entre torcidas, no entanto, é que as regras nos bailes são mediadas por seguranças privados, que expulsam do local onde acontece a festa os afoitos que ultrapassam os limites pré-estabelecidos, enquanto na pista o que acontece geralmente é uma autogestão, uma mediação protagonizada pelos próprios torcedores organizados no calor da pista (o que, de certa forma, pode tornar mais difícil o controle das coletividades).

Afora isso, a mesma preocupação sobre os reais objetivos da contenda festiva está presente entre os torcedores de pista. E esse ponto pode ser resumido a partir de uma frase que eu escutei inúmeras vezes ao longo do processo de pesquisa:

– Todo mundo aqui tem família. A gente quer voltar para casa.

Entre as regras mais conhecidas, a proibição do uso de armas brancas e de fogo, a recomendação de que a pista deve ser limpa, “na mão”, o veto de continuar batendo em quem já está no chão e jamais chutar a cabeça de alguém caído, não reunir vários torcedores de um lado para bater em apenas um do outro etc.

Sobre a questão do uso de armas, inclusive, existe sempre um discurso de temor sobre a presença de alguma peça na pista, mas eu mesmo nunca vi uma ser sacada em todos esses anos de observações etnográficas.

É óbvio que, com isso, eu não estou dizendo que não possa eventualmente haver episódios graves. É claro que eles existem e, de tempos em tempos, alguns ganham maior repercussão. O que proponho, todavia, é que há uma constante tentativa dos próprios torcedores organizados, a partir do que eles mesmos definem como “ideologia”, para mediar e controlar a violência. Algo que Lannes-Fernandes (2012, p. 172) vai chamar de “controle social”, que seria “a capacidade da sociedade de se autorregular”.

O que se sabe, ademais, é que o uso de peças numa pista é uma prática condenada por muitos dos torcedores organizados. E meus próprios interlocutores na Paraíba atestam isso. Quando indagados sobre a questão, eles costumam dizer que apenas os emocionados demais, os afoitos, os mais jovens, os novatos, aqueles que não têm ideologia, é que

ultrapassam as regras postas sobre a pista e sobre as relações entre torcidas rivais. Desrespeitar as regras, portanto, como é possível perceber, é sinal de desprestígio, mesmo internamente, entre os próprios pares de torcida organizada, de arquibancada, de pista.

Em resumo, o objetivo esperado e festejado é proporcionar uma pista que se aproxime de algo considerado justo, com condições similares para ambos os lados em disputa, sem covardia, prevalecendo aí a força, a virilidade, a disposição de cada um na hora de definir qual lado vai dar o atraso no outro, qual lado vai se sobrepor e sair como vencedor.

É o que Cardoso (2021, p. 126, grifo da autora) chama de “política da *pista*”, que inclusive dialoga com a dimensão política da festa – e também da pista, claro – que eu proponho para esta tese. Uma certa política do torcer que tenta justamente impor limites à violência para que não haja mortes, para que, ao fim do dia, da noite ou do jogo, todos possam voltar para as suas casas e para junto de seus familiares.

Por sinal, a pista limpa é sempre elogiada, sempre valorizada, reconhecida e parabenizada inclusive na relação entre torcidas rivais. A TJB, como já exposto, é rival de primeira ordem da TUF e da Garra Tricolor, ambas torcidas organizadas do Fortaleza-CE, mas não foram poucas as vezes que vi integrantes da Jovem manifestarem seus respeitos pelos rivais da capital cearense.

A admissão de que são torcidas organizadas que só vão “na mão” impõe respeito a rivais, e não ódio. Eles continuarão se enfrentando sempre que se baterem por aí, mas haverá a valorização desses encontros, a percepção de ser uma pista na qual vale a pena se lançar porque serão jogadas entre pessoas que possuem ideologia.

– Eles são sempre assim. São rivais, mas a gente tem que respeitar. A galera da TUF e da Garra Tricolor só vem na mão, sem covardia – disse-me Boladão em 23 de abril de 2022, numa conversa regada a cerveja na Praça Nova, antes de um jogo do Belo contra o Confiança-SE, vencido pelo time de João Pessoa por 1 a 0 e válido pela Série C.

E, como se pode perceber na fala do torcedor da Jovem, a noção de ideologia passa a dialogar muito fortemente com a própria ideia de regra. Seria igualmente a síntese da ideia de respeito, claro, também ele presente na pista. Em sentido contrário, a antítese do respeito seria a “covardia”. É quando respeito vira desprezo, raiva, ódio, até. A propósito, ao menos na visão da TJB, a Máfia Vermelha, do América-RN, estaria no rol dessas torcidas que fogem às regras da pista.

Em termos de Paraíba, inclusive, apenas para demonstrar que esse debate sobre ideologias também permeia as relações locais, a TJB demonstra valorizar muito mais a

pista com a Facção Jovem do Campinense-PB (que, segundo os botafoguenses, é mais afeita à prática de uma pista limpa) do que com a TJG (que, ainda de acordo com os critérios dos botafoguenses, é mais afeita à prática de uma pista suja).

Isso, insisto, não significa que haja arrefecimentos nas relações de rivalidades. A TJB se apresentará para uma pista com o mesmo ímpeto independentemente de ser contra a Facção ou a Jovem do Galo, como de fato testemunhei ao longo da presente pesquisa. O tal respeito do qual falo está na ordem do discurso, nas reflexões cotidianas pista após pista, na admissão posterior de que se valoriza mais a “ideologia” de uma do que a “covardia” da outra.

– Contra a Facção, a gente pode bater ou apanhar, mas vai ser na mão. É diferente quando é contra os mizera da TJG. Ali é tudo covarde e tudo pode acontecer – comparou um torcedor da Jovem em 26 de janeiro de 2023, durante uma caravana para Campina Grande.

Ainda neste capítulo, falarei mais sobre aquele dia. Por ora, vale dizer que a partida pelo Campeonato Paraibano era contra a Queimadense-PB¹¹⁸ e seria realizada no Estádio Amigão, em Campina Grande. A TJB havia fechado um ônibus, e eu estava nele. Era dia de jogo aparentemente frio, contra um rival sem torcida expressiva, mas era certo, entre as pessoas ali, que nós seríamos abordados por uma das torcidas organizadas de Campinense-PB ou Treze-PB ao longo do percurso. Só não se sabia quando, onde, com qual delas nós nos bateríamos. E era por isso que ele explicava as diferenças de cada uma.

Aliás, é importante dizer que, da mesma forma que a Jovem tem respeitos e desprezos a diferentes torcidas rivais, isso deve acontecer em sentido contrário. A visão que os outros têm sobre a TJB não é jamais uma unidade, não é nunca algo facilmente captado. É simplesmente impossível para mim fazer esse mapeamento, visto que a presente pesquisa acontece sempre sob a perspectiva da própria Jovem.

De toda forma, o que quero propor aqui é que a definição de ideologia, a crítica impiedosa a indivíduos ou coletividades sempre que esses quebram o que foi “combinado”, aproximam pista a jogo. E é justo esse regramento que permite a esportificação do conflito. Não é só briga, é pista. Não é só pista, é esporte.

¹¹⁸ O clube é registrado no município de Queimadas, que fica a 17 km de Campina Grande. Por causa da falta de um estádio no município de origem e da proximidade com Campina Grande, seus jogos em casa são realizados no Estádio Amigão.

3.1.2 Um rápido aparte para a noção eliseana de regra

Até então, ao longo desta tese, a ideia de ideologia estava mais vocacionada a se manter como síntese de troca, com um estreito diálogo na já tão difundida tríade respeito, amizade e aliança. Agora, contudo, peço um rápido aparte para aproximá-la também da noção eliseana de regra. Afinal, as regras são essenciais para o que Elias (1992) vai chamar de “esportificação”. E é justo essa ideia que torna possível aproximar pista a jogo e a esporte.

A propósito, antes é necessário conceituar a própria ideia de esportificação, ou aquilo o que Toledo e Costa (2022, p. 95) vão classificar como “um neologismo de grande impacto na sociologia do esporte, proposta seminal de Nobert Elias”. Pois, para o sociólogo em questão, é a esportificação que vai permitir “a transição dos passatempos a desportos” (Elias, 1992, p. 42)¹¹⁹ e que, ao lado de outros neologismos, como “industrialização” e “parlamentarização”, vai possibilitar o que ele chama de “processo de civilização”.

Bem, eu estou consciente das armadilhas que cercam a expressão “civilização” no curso da disciplina antropológica. De forma que, apresso-me em registrar, o que eu quero discutir aqui é a esportificação menos como uma espécie de marco civilizacional, mais como um conjunto de regras que regulam o desporto – e, de certa forma, a pista – e impõem certos limites à violência autorizada durante a sua prática.

Uma esportificação, a propósito, que define inclusive quem são as pessoas aptas a participar do jogo em questão. E a pista, por exemplo, tal como alardeada pela ideologia torcedora, é para ser vivida exclusivamente pelas torcidas organizadas. Uma violência, portanto, que não pode ultrapassar essas identidades:

– O povão é sagrado. Com o povão não se mexe – disse-me certa vez Yure, um antigo torcedor da Jovem, ainda na ativa dentro da TJB, e que é meu interlocutor desde os tempos de mestrado.

Isso significa que, pela ideologia torcedora, grupos de “torcedores comuns” do Campinense-PB ou do Treze-PB, por exemplo, vestidos inclusive com as respectivas camisas dos clubes adversários, podem passar por integrantes da TJB em dia de jogo e, ainda assim, não serão incomodados, visto que serão rapidamente identificados como

¹¹⁹ O livro usado está escrito de acordo com as normas cultas do português de Portugal. Nessas e em outras citações reproduzidas na presente tese, foram respeitadas fielmente as palavras do livro, mas adaptando-as para o português do Brasil sempre que havia diferenças de grafia.

povão. A pista não é jamais generalizada, sugere uma relação de respeito inclusive com o rival e deverá se manter restrita às torcidas organizadas.

Ademais, seguindo nas comparações entre pista e jogo, a máxima sobre regras e quebras dessas regras são válidas em ambos os contextos. Da mesma forma que a proibição do carrinho por trás não impede que um jogador use esse artifício dentro de campo, a proibição de se bater em quem já está caído não é garantia de que isso vá sempre ser respeitado. Nos dois casos, contudo, a conduta é condenada e sujeita a punições a depender do dano causado ao outro. Um jogador pode levar cartão vermelho, um torcedor organizado pode ser censurado, advertido, suspenso, banido da torcida em casos mais graves.

Logo, o desrespeito eventual ao que está posto não inviabiliza as regras. Muito pelo contrário, reforçam-nas, exigem readequações para que esse tipo de exagero não se repita. Inclusive com diálogos esporádicos entre as próprias diretorias de torcidas rivais, que, quando julgarem necessário, poderão dialogar entre si para que cada lado contenha melhor os seus respectivos emocionados.

Tudo isso, afinal, como eu já disse, reforça a ideia de uma esportificação da pista, numa prática que pode ser pensada a partir de Elias (1992). Porque o autor vai analisar como a adoção de regras no desporto permite um certo controle do comportamento, justamente para reduzir os danos físicos entre seus praticantes e observadores. “As regras existem com a finalidade de manter essas práticas sob controle” (Elias, 1992, p. 40).

Ainda de acordo com Elias (1992), são os conjuntos de regras de cada modalidade que as definem enquanto desporto, que tornam possível o entendimento e o respeito mútuo sobre o que pode e o que não pode ser feito por cada um dos participantes. Em sentido contrário, insiste o autor, a ausência de regramento poderia levar a uma escalada da virulência durante os jogos e lutas que levaria os participantes em disputa a tratar como algo “natural” o uso de armas e a possibilidade de pessoas serem mortas, num processo que poderia provocar o enfraquecimento ou a destruição de ambos os lados. Em palavras mais diretas, Elias (1992, p. 50) defende que uma das características específicas do desporto e de seu conjunto de regras é a “moderação da violência nos passatempos”.

Mais à frente, o mesmo autor destaca que a tensão é algo fundamental para o jogo e para o esporte, para o interesse coletivo que existe em torno desse tipo de evento. Ainda assim, essa tal ordem conquistada a partir da definição de regras é o que garante “o equilíbrio entre a possível obtenção de uma elevada tensão na luta e uma razoável proteção contra os ferimentos físicos” (Elias, 1992, p. 224).

Atente-se que o autor está falando especificamente de esportes, citando nominalmente modalidades como o futebol e o boxe. Este último, por sinal, um enfrentamento físico que, se antes era visto como briga ou duelo, hoje é entendido, reconhecido, reverenciado como desporto, como “nobre arte”, inclusive.

Insista-se, portanto, que é justamente a centralidade em um conjunto de regras e normas – construído pelas pessoas e não pensado como algo simplesmente dado e constituído em si mesmo – que configura o esporte.

O mesmo, me parece, acontece em alguma medida com a pista. E, mesmo que a gente a pense também como festa, como transgressão coletiva que acaba por afastá-la de uma ideia tão normativa e fechada como a proposta por Elias (1992) para os desportos, ainda assim meus dados etnográficos me levam a pensar em algum grau de regras que almejam conter uma certa escalada da violência.

Voltando ao boxe e fazendo um paralelo com ele, existe uma nobreza na pista limpa, uma dignidade em se ir “na mão”, uma valorização à coragem de quem se apresenta para o embate tratando o rival com o devido respeito, de igual para igual, possibilitando, só para citar uma máxima típica dos esportes, que o melhor e mais forte ao fim vença.

O objetivo é demonstrar força, ímpeto, defender e demarcar o próprio território, subjugar o território do outro quando possível, mostrar-se mais temido que os demais. O objetivo, igualmente, é saber a hora em que se deve parar, reconhecer os limites até onde pode avançar, entender, que para vencer uma pista, dar um atraso no outro, afinal, não é necessário que alguém saia gravemente ferido.

Busca-se, portanto, com o passar dos anos, a definição conjunta e mediada de regras que possam definir certos limites para a violência, o que é permitido num encontro entre torcedores organizados e aquilo o que já é reprovável. Inclusive, destacando gradações entre o que são pista limpa e pista suja.

A mão é o ideal, mas paus, pedras, bombas caseiras e rojões acabam sendo usados também e são mais aceitos do que a “peça”, por exemplo. De toda forma, é sempre preciso prevalecer os limites de não bater em quem esteja caído. Muito frequentemente, inclusive, algumas dessas mediações são definidas na própria pista, no calor do momento, nos segundos que antecedem a porrada. É isso o que quero analisar agora.

3.1.3 Declaração de “guerra” entre TJB e Fúria

João Pessoa, 24 de julho de 2022, dez dias antes da pista entre TJB e Fúria. Era dia de jogo do Belo contra o Remo-PA e, mais uma vez, existia no ar ao menos a possibilidade de uma pista contra a Remoçada ou contra outras eventuais torcidas organizadas remistas que viajassem à capital paraibana.

Na verdade, o Ministério Público da Paraíba (MPPB) havia “recomendado”¹²⁰ o instituto da “torcida única” naquela partida, mas rondava nas redes sociais informações de que, mesmo assim, torcedores da equipe rival poderiam viajar à Paraíba, no que seriam recepcionados pela Facção Jovem, a aliada local.

Definitivamente, seria uma preparação para jogo quente, independentemente de haver ou não pista mais para a frente. Isso porque as torcidas organizadas das duas equipes já tinham um longo histórico de rivalidades e, ainda por cima, aquela partida em específico tinha outro elemento que a tornava mais tensa. Pouco mais de um mês antes, o Remo-PA havia contratado o então técnico do Belo, Gerson Gusmão. O treinador vinha fazendo boa campanha na competição pela equipe paraibana, mas aceitou deixar o clube de João Pessoa no meio das disputas e aceitar a proposta que chegava até ele de Belém.

Os torcedores botafoguenses ficaram indignados, prometiam protestar no retorno de Gusmão para o Almeidão, o Ministério Público aproveitou essa movimentação para fazer a tal “recomendação”, logo acatada pela Polícia Militar paraibana. Ainda assim, repito, havia as suspeitas de que poderiam surgir torcedores da Remoçada e da Facção naquele dia de futebol em João Pessoa.

Como costuma acontecer em dias de jogos de pista, portanto, a TJB marcou concentração para aquela mesma calçada que fica ao lado de um posto de combustível da avenida Valdemar Naziazeno, no bairro de José Américo. Era um lugar familiar, de tantos outros encontros, de tantas outras festas e esperas antes de se rumar em arrastão para o Almeidão.

O jogo naquele dia estava marcado para as sete da noite. Era um domingo. Seis horas antes, os torcedores da Jovem começavam a se reunir, naquele mesmo ritual já citado aqui no Capítulo 1, em dia de jogo contra o Fortaleza-CE. Os diferentes bondes se reuniam em seus próprios bairros, de lá saíam em arrastão para a reunião das respectivas

¹²⁰ Apesar do uso do verbo “recomendar”, essas movimentações da instituição costumam ter ares de decisão, porque são quase sempre acatadas pelas forças de segurança. A exceção está nas poucas vezes que a CBF interfere na questão, o que não foi o caso naquela oportunidade. É por isso que, sempre que eu me referir a “recomendações” do MPPB, eu vou escrever entre aspas.

zonas, para só depois rumar ao encontro da torcida como um todo naquela tal calçada tão conhecida por todo mundo.

Acompanhei, uma vez mais, o processo, daquela vez a partir da Praça Bela, onde o Bonde dos Faixas se reuniu por volta de uma da tarde. E, como a Zona Sul foi a primeira a chegar ao ponto de encontro, testemunhei naquele dia a chegada das demais. Lembro que a Zona Oeste me chamou a atenção de forma especial (Figura 28), mais impactante, ao chegar em um número impressionantemente grande de torcedores, “ocupando a rua, cantando alto, pulando festivamente” (Caderno de Campo, 24 de julho de 2022).



Figura 28 / Chegada da Zona Oeste da TJB à concentração do jogo contra o Remo-PA / Phelipe Caldas / 24 de julho de 2022

Parecia uma empolgação diferente, uma postura mais intensa, mais intimidatória do que em outras vezes. Eram definitivamente muitos os torcedores, e esses chegavam completamente prontos para a festa e para a pista. Tudo isso, me parecia, porque surtiam efeito as informações de que torcedores do Remo-PA já estariam há alguns dias em João Pessoa e a recomendação era para que todos ficassem atentos, sem moscar de forma nenhuma.

Era, portanto, uma espécie de “rival invisível”, que não chegava em caravana, mas cuja presença silenciosa e em pequenos grupos era alardeada aqui e ali. Isso gerava

tensão, por certo, independentemente de a informação ser verdadeira ou não. A propósito, houve um dado curioso naquele dia, que me envolveu e que ajuda a compreender o estado de atenção a que todos estavam submetidos naquela tarde.

Por volta das quatro da tarde, eu senti fome e, principalmente, um cansaço acima do normal. Afastei-me um pouco, então, segui até uma lanchonete próxima para comer um misto- quente com refrigerante. Apesar da fome, da possibilidade de aplacá-la um pouco, o que me interessava mesmo era aquele momento na sombra, sentado em uma cadeira, sentindo uma leve brisa, momentaneamente afastado daquele agito desgastante, o que me possibilitaria minimamente recuperar as energias.

Só que eu usava uma camisa da TJB naquele momento. E isso fazia toda a diferença. Alex viu a cena ao longe e foi até mim. Eu mal havia recebido o lanche, não tinha nem mesmo descansado as pernas que doíam por causa das tantas horas em pé, veio o alerta de meu interlocutor:

– Aqui é sujeira, professor. É embaçado. Você pode levar um ataque inesperado – advertiu-me.

A explicação era simples. Embora eu estivesse bem perto da concentração da Jovem, a lanchonete ficava numa esquina. E nada impedia que torcedores remistas chegassem em um carro pela outra rua, me dessem um ataque, conquistassem minha camisa e fugissem antes de a Jovem conseguir reagir à investida.

– É melhor retornarmos ao grupo – ele completou.

Respirei fundo, resignado. Obedeci. Levantei-me com o lanche na mão e fui para perto de onde estava a Jovem, refletindo que tudo o que eu menos queria naquela pesquisa era ser responsável por perder algum material da TJB. Depois, escreveria em meu diário sobre o fato de que, mesmo tendo sido um caso aparentemente sem importância, já que a rigor não aconteceu nada, aquele cuidado adicional “ajudava a demonstrar o nível de alerta máximo que eles ficavam em dia de possível pista” (Caderno de Campo, 24 de julho de 2022).

O tempo passava. A expectativa era visivelmente crescente. Perto das cinco da tarde, a duas horas da partida, a Jovem começou, como tantas outras vezes já fizera, a se organizar para iniciar a ida em arrastão ao Almeidão. Era mais ou menos a hora também em que a Fúria saía de sua própria concentração e parava onde estava a Jovem antes de seguirem juntas para o estádio.

Tal como já descrevi no dia do jogo contra o Fortaleza-CE, em 15 de fevereiro daquele mesmo ano, o movimento até então era exatamente igual, sem nada que sugerisse

um desfecho diferente. De toda forma, o que se viu a partir daí foi absurdamente rápido, absolutamente difícil de explicar.

Eu olhei o relógio no exato momento em que a Fúria chegou ao local em que estava a TJB. Eram 16h57. O início do arrastão havia sido marcado anteriormente para dali a apenas três minutos. E, por mais surpreendente que possa parecer, visto o que aconteceria pouco depois, a Fúria foi recebida com festa pela TJB. As duas torcidas pularam juntas no meio da rua e cantaram igualmente juntas uma música que falava de “união” e que citava as duas entidades:

– União loucura, é a TJB e a Fúria!

Faço aqui uma breve pausa. Eu não sabia ainda de nada do que vou relatar agora sobre os dias anteriores ao domingo e só depois conseguiria investigar os problemas que se seguiram. Danila, que eu já citei aqui e que fora minha interlocutora no início da pesquisa, que era parte da diretoria da TJB, deixara a torcida no meio da semana que passara e migrara direto para a Fúria, levando consigo alguns outros integrantes da Jovem.

Nos dias seguintes a essa transição, classificada como “traição” por muitos, principalmente por se tratar de uma então diretora, houve trocas de ofensas e de acusações entre integrantes das duas agremiações e o clima ficou extremamente conflitante. Mesmo assim, as duas diretorias, tanto da Jovem como da Fúria, haviam negociado conjuntamente e decidiram que o melhor para aquele momento era evitar uma “guerra”, mantendo assim o arrastão conjunto para o domingo, principalmente por causa da possível presença de um rival comum na cidade (no caso a Remoçada e até mesmo a Facção).

E, como se pôde perceber, voltando aos relatos sobre aquele 24 de julho de 2022 conturbado, o início foi festivo, com ambas as torcidas cantando juntas uma mesma música. Uma sequência de microfissuras, no entanto, provocaria a mudança radical do clima naquele dia. E a primeira delas foi a de que, na hora de se iniciar o arrastão, uma parte da Jovem, indignada com alguns comentários de integrantes da outra torcida nos últimos dias, e de piadas provocativas que teriam sido proferidas ali mesmo no encontro, negou-se de início a caminhar ao lado da Fúria.

Um membro da Bateria Maioral chegou a dizer, revoltado:

– A gente não gosta da Fúria. A Jovem é a Jovem!

Lembrou, em seguida, que a Jovem era primeiro escalão. E se a Fúria, enquanto segundo escalão, não fechava de forma minimamente aceitável, não deveria ser papel da

TJB promover a Fúria, dar volume a ela, ligar a imagem de uma à da outra. Ele parecia irreduzível, convenciu muitos outros com seus argumentos, ficou o impasse.

A Fúria, que tinha começado a marchar, parou, esperando a confirmação se iriam ambas juntas ou se ela marcharia sozinha. Nesse momento, contudo, prevaleceu a hierarquia que existe nas torcidas organizadas. O presidente da TJB já havia “dado o papo”, era preciso respeitar. E foi Alex, vice-presidente, quem deu o tom para aqueles que se negavam a seguir no arrastão conjunto:

– Vamos, porra. Já foi decidido. É para ir junto! – gritava ele, acompanhado por outros nomes da diretoria da Jovem.

Os “amotinados”, por assim dizer, cederam, respeitaram a hierarquia, entraram em posição para o arrastão, que enfim foi iniciado. Mas isso se deu com a Fúria totalmente à frente e com a TJB totalmente atrás, justamente por causa daquela demora em fechar a formação. Havia um claro problema naquela composição. Porque ela quebrava a regra de que, em arrastões conjuntos, as torcidas presentes devem compor a linha de frente de forma igual, dando a mesma visibilidade a todas. Não era o que estava acontecendo ali.

Parte da Jovem tentava ir para a frente, mas encontrava dificuldades porque a Fúria não parecia ceder. Não tardou, um integrante da Jovem, que, no calor do momento, não consegui identificar, intercedeu, mais uma vez paralisando o arrastão, apenas poucos metros depois de ser reiniciado:

– Calma, calma! Assim não está certo – gritou, argumentando justamente que aquela configuração era inadequada.

A partir daí, uma nova negociação foi iniciada. E ali mesmo, com todos parados no meio da avenida, os diferentes lados questionavam-se mutuamente, argumentavam sobre o que poderia ser feito para solucionar mais aquele impasse.

Havia um perceptível clima de animosidade e hostilidade entre muitos dos torcedores, visualmente acentuado pela distinção cromática provocada pela TJB de preto e pela Fúria de branco. Ainda assim, era possível perceber um esforço considerável dos diretores das duas torcidas organizadas para manter a pacificação.

Aqui, aliás, é possível mais uma vez citar Velho (2001) e suas ideias sobre mediação, que já foram abordadas no Capítulo 1. Isso porque, de acordo com o autor, o que mediadores fazem é firmar diálogos entre dois mundos para assim estabelecer saídas pacíficas e negociadas para as diferenças. Era exatamente isso o que os diretores das duas torcidas organizadas tentavam a todo custo fazer naquele momento. Mas, tal como explicitado por Velho (2001, p. 25), o fracasso na mediação é praticamente inevitável

quando “não é possível estabelecer pontes e canais de comunicação ou quando estes são frágeis e efêmeros”.

Diretores da Jovem, pois, explicavam aos da Fúria que era necessário misturar mais o arrastão na avenida caso ainda fosse objetivo de ambas marchar juntas. A proposta foi aceita. A partir daí, começou-se, então, ainda parados no meio da avenida, aquela movimentação contínua que visava justamente misturar torcedores que não necessariamente queriam ser misturados. Parte da Jovem começou a migrar para a frente do arrastão, parte da Fúria começou a ceder e a ir para trás.

A situação começou a sair do controle com as encaradas e, logo depois, com as piadas e provocações que eram feitas à medida em que os torcedores se movimentavam entre si para realizar a reorganização dos espaços do arrastão. Não se passaram poucos segundos, os primeiros empurrões. No instante seguinte, a briga (Figura 29)¹²¹. Intensa, agressiva, rápida, violentamente separada por policiais militares, que usaram gás de pimenta, cassetetes, balas de borracha no meio da avenida.



Figura 29 / Torcedores de TJB e Fúria se estranham no bairro de José Américo / Felipe Caldas / 24 de julho de 2022

¹²¹ Atente-se que, como dito pouco antes, naquele momento sim se tratava de uma briga, já que não prevista e sem haver uma expectativa prévia criada pelas coletividades torcedoras em questão.

Sobre a briga em si, todos os torcedores da Jovem com quem eu conversei mais tarde, naquele dia e nos seguintes, me garantiram que foram os integrantes da Fúria quem começaram a provocar e a empurrar, e que um dos ex-membros da Jovem que havia ido para a Fúria naquela semana soltou uma piada agressiva, levando a TJB a reagir.

Mas, tendo só a versão da Jovem, e sem poder garantir que minhas próprias observações foram capazes de dar conta de todas as interações que aconteciam simultaneamente naquele instante caótico, eu simplesmente não tenho como ter certeza da exata sequência de fatos que levaram as duas torcidas da música à briga em meros cinco minutos.

É claro que aqueles cinco minutos foram apenas os instantes derradeiros de um processo de estranhamento que se iniciara dias atrás, mas esse detalhe não tornava menos impressionante a velocidade com que o humor de todo mundo foi-se deteriorando naquele dia. De forma que, na própria Jovem, já não havia consenso sobre o que fazer a partir dali.

Havia quem defendesse partir imediatamente para o enfrentamento, havia quem fosse contra o embate, desde que cada torcida organizada seguisse sua própria caminhada, havia também quem ainda tentasse pacificar as diferenças entre as duas torcidas, mantendo a paz. Eram frases, de toda forma, ditas ao vento, opiniões jogadas desordenadamente no calor das emoções e que eu acabava por captar. Já ali, no entanto, eu antevia que um novo entrevero era questão de tempo.

Até porque, depois de a polícia separar as duas torcidas e escoltar a Fúria para o estádio, contendo a Jovem onde estava para evitar que ambas seguissem juntas no arrastão, os policiais militares simplesmente saíram de cena. Encerraram a escolta da Fúria, que já estava no entorno da Arquibancada Sol, liberaram a TJB para, a partir dali, migrar para o mesmo entorno de Arquibancada Sol.

Os torcedores da Jovem fizeram todo o arrastão sozinhos. Eu acompanhava a torcida pela frente, tirando fotos e observando as movimentações. Eles cantavam, formavam uma linha de frente própria, gritavam o nome da TJB, faziam performances torcedoras tão conhecidas por todos.

A chegada da Jovem ao estádio se deu pelo entorno da Arquibancada Sombra, para, logo em seguida, contornar a praça esportiva em direção ao Sol. Na parte inicial do setor, inclusive, houve um reagrupamento da TJB (Figura 30), cujos torcedores voltaram a cantar empolgadamente e de forma novamente coesa. Eles estavam próximos aos portões de entrada para torcedores visitantes, que de fato não compareceram. Faltava

percorrer todo aquele entorno até os portões destinados às torcidas da casa, que ficavam do outro lado.

Retomaram a caminhada, mirando talvez o já mencionado pé de castanhola que é território deles. No meio do caminho, contudo, era necessário passar ao lado da estrutura de bar desativado, território da Fúria. O encontro era inevitável e, na primeira visão que ambas as torcidas tiveram entre si, a briga foi retomada. Desta vez, com uma violência policial ainda mais acentuada.

Muitos excessos e abusos foram cometidos pela Polícia Militar naquele momento. Uma resposta desproporcional e inquietante que, apenas para respeitar as divisões temáticas apontadas por mim mesmo ainda na Introdução desta pesquisa, eu deixarei para abordar no Capítulo 4.



Figura 30 / TJB realiza arrastão solo no dia do jogo contra o Remo-PA, alguns minutos depois de briga com a Fúria / Phelipe Caldas / 24 de julho de 2022

Por ora, opto por seguir narrando as escaramuças entre as duas torcidas naquele dia. Porque, mesmo depois de mais uma vez debelada a segunda briga, com o protagonismo inclusive dos diretores de torcidas (mais do que da própria PM), um novo incidente acabaria sendo registrado, desta vez dentro do Estádio Almeidão.

Durante o jogo, que terminaria empatado sem gols, a todo momento era possível perceber, ao menos pela perspectiva da Jovem, uma intensa movimentação. Havia muita festa, é bem verdade. Muitos cânticos para empurrar o time do Belo que jogava ali diante deles. Ao mesmo tempo, ainda que de forma mais localizada, havia também olhares atravessados e reclamações dirigidas para o outro lado, desabafos indignados feitos internamente para os seus próprios pares, um certo desconforto com o que estava posto e com o que havia sido vivido do lado de fora do estádio.

Antes de prosseguir, é importante contextualizar melhor a composição da Arquibancada Sol do Almeidão com relação às duas torcidas. Para quem a enxerga de frente, a TJB fica mais à esquerda, a Fúria mais à direita. Ocupam o mesmo setor, mas elas não ficam necessariamente perto uma da outra. Existe uma boa quantidade de “torcedores comuns”, de povão, entre elas. De forma que uma só chega até a outra de forma deliberada, sem ser possível acreditar que isso aconteça “sem querer”, por acidente de percurso, após uma ter errado o caminho e chegado por acaso à outra.

No mais, em meio às disputas e rivalidades entre as duas torcidas, ficava perceptível, em jogos como aquele, que a Jovem de fato era uma torcida maior do que a Fúria, com maior capacidade de mobilizar torcedores em torno de si. Ocupava bem mais arquibancada do que a outra, e isso só reforçava aquele discurso de alguns de que a TJB, enquanto primeiro escalão, precisava se impor como tal. E não colar a todo o custo com uma Fúria de segundo escalão. Isso, claro, irritava, incomodava o outro lado.

Ao mesmo tempo, como eu já disse noutros momentos, as torcidas organizadas promovem uma territorialização da Arquibancada Sol, em práticas que produzem disputas de sentidos para cada um daqueles espaços e que mobilizam paixões e forças identitárias (Mascarenhas, 2022).

É de fácil percepção, é de conhecimento público até mesmo por quem não compõe tais agremiações, qual é o território da Jovem, qual é o território da Fúria. Territórios que, como costuma ser regra, são redimensionados e ressignificados. Valorizados e defendidos. Archetti (1998), por exemplo, alardeia que esses territórios torcedores não são pensados ou idealizados para serem compartilhados com outras coletividades, a não ser mediante convite prévio (o que obviamente não era o caso ali).

Estou falando de uma territorialização das arquibancadas, aliás, que também foi percebida por Pinto (2022) em sua própria etnografia com torcidas do Internacional-RS, numa demonstração de que esse fenômeno identificado em torno das torcidas organizadas botafoguenses, que impede que uma ocupe deliberadamente o território da outra sob risco

de conflitos entre elas, é replicado em outros cenários, em outras realidades futebolísticas Brasil afora.

Toda essa contextualização, pois, para registrar que, no intervalo da partida, parte dos torcedores da Fúria, de forma aparentemente proposital, foi até onde estava a Jovem. Nas palavras de interlocutores meus, “o objetivo era mesmo o de provocar”. E conseguiram. Indignados com a ação aparentemente deliberada da Fúria, os integrantes da Jovem se envolveram em uma terceira briga naquele dia, com mais uma intervenção violenta da Polícia Militar e que será descrita no próximo capítulo.

Nos dias seguintes ao jogo, para piorar ainda mais o clima entre ambas as torcidas, o Ministério Público da Paraíba “recomendou” a suspensão de TJB e Fúria por um ano de todos os estádios paraibanos, numa medida rapidamente acatada pela Polícia Militar e que só seria revogada em agosto de 2023. Foi justamente a terceira briga, aquela registrada dentro do estádio, que serviu de argumentos para a punição.

A Jovem, a saber, ainda conseguiria, aqui e ali, burlar essa suspensão, pintando a bateria toda de preto, fazendo camisetas alusivas à torcida, mas sem ter o nome da TJB, confeccionando bandeirões e faixas com símbolos do clube e *slogans* da torcida sem, no entanto, ter nada ligado diretamente a ela. Mas essas seriam medidas apenas paliativas e que seriam pensadas pouco a pouco no decorrer dos meses.

Ainda no calor do pós-jogo e do anúncio de suspensão das duas torcidas, entretanto, o clima era de puro pesar e letargia, com as pessoas da Jovem ainda tentando digerir a notícia. Lamentavam o fato de algo assim acontecer justo num momento de retomada e de ascensão da festa torcedora nas arquibancadas e se diziam revoltados com o que eles classificavam como “tentativa de invasão do território da TJB por parte da Fúria”.

Depois de tanto mediar, de tanto buscar uma saída pacífica que evitasse brigas desnecessárias, o clima parecia ter mudado. A sensação que dava era a de que, cansada de tentar em vão evitar toda aquela confusão, a diretoria da Jovem já estaria finalmente convencida de que, ao menos naquele primeiro momento, o jeito era mesmo dar uma resposta à altura a tudo o que se sucedera e ir para a pista contra a Fúria.

– Se é guerra que eles querem, é guerra que eles vão ter – disse-me um dos torcedores da TJB alguns dias depois de toda aquela confusão registrada no jogo contra o Remo-PA, cujas torcidas rivais de fato nem mesmo compareceram a João Pessoa.

Sem precisar marcar deliberadamente entre si, sem precisar deixar isso explicitado para o outro lado, o encontro entre as duas torcidas organizadas já tinha data, já tinha

local definido. Era só o tempo de o Belo voltar a jogar em casa para ambos os lados se baterem do lado de fora do Estádio Almeidão.

3.2 “Vem na mão, porra”: negociações para uma pista limpa entre paus, pedras e bombas

Volto a 3 de agosto de 2023, no momento em que a TJB atravessava a rua Antônio Teotônio e adentrava o perímetro do Estádio Almeidão. De onde eu estava, era possível sentir a atmosfera do jogo que se passava logo ali ao lado. Refletores acesos e gritos vindos das arquibancadas, com torcedores reagindo aos diferentes lances da partida. Mas essa era uma percepção que eu tinha apenas periféricamente, porque todos os meus sentidos estavam de fato voltados para a minha frente, para o caminhar inalterado que a Tropa do Netinho ainda realizava, mesmo diante dos primeiros sons de rojões e caseiras que vinham do lado oposto, em nossa direção.

Era muita fumaça, muitos estrondos que eram possíveis de serem vistos e sentidos. Sons que reverberavam cada vez mais próximos e que nos deixavam em alerta. Simplesmente não dava para permanecer indiferente a tudo aquilo. E, por mais que eu não fosse efetivamente participar da pista, a sensação ali era a de que eu estava dentro dela, ao lado dos “irmãos de tropa”, para usar expressão dos próprios torcedores. Exposto aos mesmos riscos que eles, por sinal.

Eu havia ficado especialmente impressionado com as caseiras. E eram para elas, ao menos naquele início, que eu concentrava toda a minha atenção. Horas antes, alguém havia dado o alerta na praça, para um grupo pequeno, e eu escutei de relance a recomendação. Mais uma dentre tantas que haviam sido dadas naquele dia sobre esse tema específico:

– Quando ela é arremessada, tudo pode acontecer. Então muito cuidado.

Com um pouco de atenção, e foco, era possível observar de forma incrivelmente cristalina todo o percurso da bomba caseira arremessada, a parábola que era realizada no ar antes de ela atingir o chão e ser detonada. O detalhe, no entanto, é que elas vinham de diferentes lugares ao mesmo tempo. E, se é fácil distinguir uma dentre tantas, é praticamente impossível dar conta de todas simultaneamente.

Em geral, elas são feitas com pólvora retirada de rojões e com bolas de gude, até por ser uma versão mais barata e menos agressiva. Coloca tudo dentro de um saco e fecha com adesivo de forma que fique tudo extremamente compacto (Figura 31). Na colisão

com alguma superfície dura, a pólvora provoca a reação e o consequente deslocamento de ar joga com força, para os diferentes lados, as bolas de gude.

De todo modo, existem variações mais raras que são produzidas a partir de bolas de sinuca, sensivelmente mais potentes, mas que possuem a mesma lógica. Nessa segunda versão, no entanto, a pólvora é colocada dentro de um buraco feito na bola de sinuca, ela própria pensada como invólucro que será partido e arremessado em caso de impacto.

No caso daquela noite, imagino que todas as caseiras utilizadas eram de bolas de gude. E a questão é que, uma vez que a bomba é detonada, as bolas são arremessadas para todos os lados. Todos os lados mesmo, sem exceção. Era muito por isso que o pessoal da Jovem costumava dizer que esse tipo de material deve ser estrategicamente utilizado, para não ter risco de machucar alguém do próprio lado arremessador.

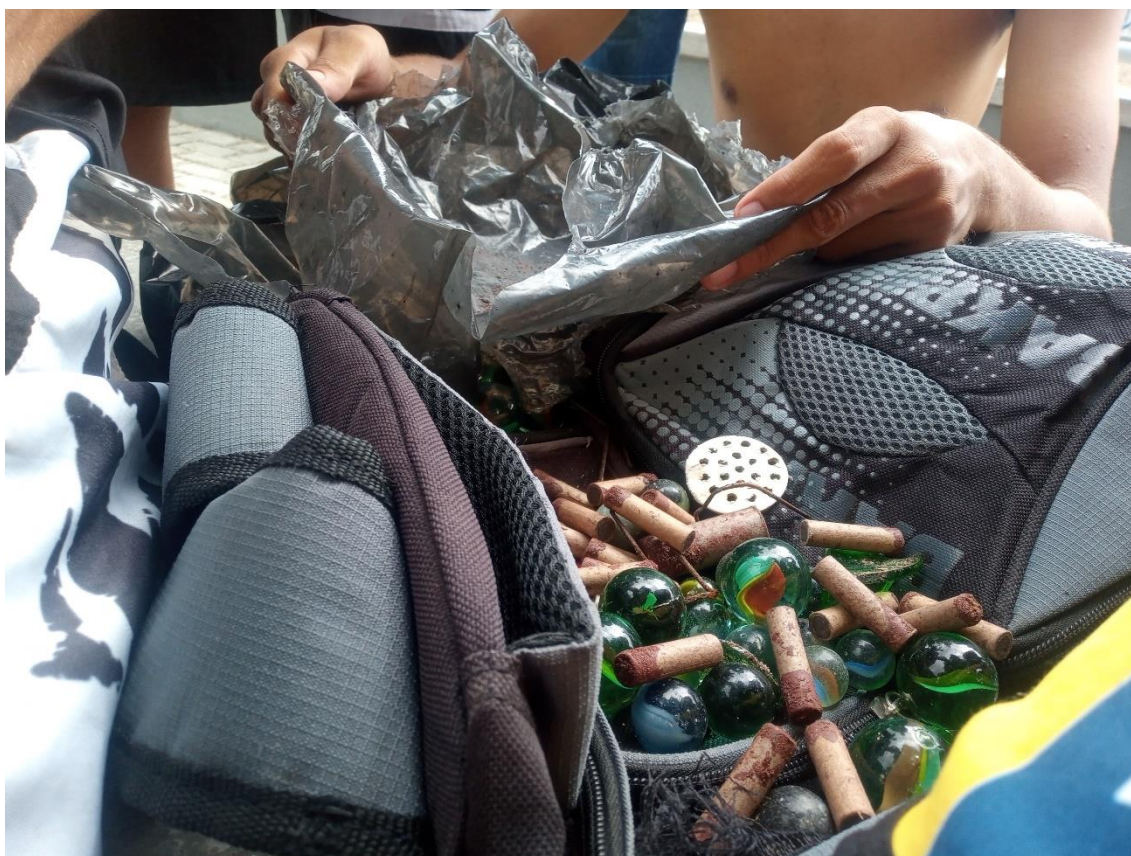


Figura 31 / Produção de bomba caseira com pólvora e bola de gude, a versão mais barata e menos agressiva / Felipe Caldas / 23 de abril de 2022

O que importa aqui, no entanto, é que de fato eram muitas as caseiras naquele dia de pista. E, embora a Jovem tivesse algumas em posse dela, a grande maioria era mesmo da Fúria, que as arremessava de forma totalmente ininterrupta. Ainda assim, eu pude perceber que a estratégia traçada por Alemão tempos atrás funcionara perfeitamente bem. E isso me fez perceber que parte do sucesso de uma pista está mesmo na calma que se

precisa ter, na capacidade de segurar o ímpeto quase instintivo que muitos dos torcedores têm de ir de vez para o embate.

Não é só força, mas principalmente movimentos pensados, meticulosos. Nada de afobação, apenas esperar o momento certo para agir, para permanecer recuado ou para avançar com ímpeto. É com inteligência e calma principalmente que se vence uma pista, afinal. Ainda que, no momento limítrofe do encontro mão a mão, a força seja igualmente fundamental. Mas o que a Jovem demonstrava ali era que uma linha de frente afobada e cansada não saberá impor a sua força de forma eficiente.

Apesar da quantidade impressionante de bombas, os torcedores da TJB permaneceram serenos, calmos, coesos, apenas provocando verbalmente e observando. Instigando, forçando o outro lado a se precipitar, mas sem se colocar em risco desnecessário. Era impressionante para mim, de onde eu estava, de dentro daquele bloco, observar a paciência que a tropa mantinha.

– Calma, calma. Ainda não é a hora – falavam alguns para os próprios pares, fazendo-se ouvir em meio aos estrondos sucessivos enquanto calculavam o momento certo de se movimentar para a frente.

No terreno irregular e de barro da pista, muitas das caseiras acabavam não detonando adequadamente. E as que detonavam, eu percebia, não acertavam a linha de frente da TJB. Os rojões, por sua vez, chegavam a assustar, por tudo o que provocavam no ambiente ao serem disparados em nossa direção, mas também demonstravam-se inócuos devido à distância que conseguíamos calculadamente manter. A tropa, portanto, permanecia atenta, descansada, inalterada, sem baixas ou abalos por causa daquela primeira investida.

Paralelo a isso, outros gritavam mais alto, tendo o outro lado como alvo. Gritos que eram proferidos em tom convidativo, mas ameaçador:

– Vem na mão, porra!

Era uma frase que instigava, que tinha o seu efeito naquele contexto, que invocava uma pista limpa que era cara entre muitos torcedores do outro lado. Aparentemente, a Fúria não avançaria de vez enquanto houvesse bombas caseiras e rojões em posse dela, mas isso estava para acabar. No limite da disputa, as definições sobre aquele encontro haveriam de acontecer na mão mesmo, na pista limpa.

Toda essa descrição detalhada, por sinal, ao menos me parece, faz provocar a ideia de que aquele momento foi mais demorado do que de fato foi. Que nada. Esse impasse durou pouco tempo. Não mais do que um ou dois minutos, o que não deixa de ser muito

para quem está observando bombas e rojões sendo disparados em sua direção. Até que, de repente, as detonações de fato cessaram. Era o momento que Alemão esperava. O momento em que os rojões e as bombas caseiras acabaram do lado da Fúria.

Eu preciso destacar, antes de prosseguir, que tento fugir das essencializações. Mas, em momentos como aquele, era difícil escapar de comparar a pista com um discurso e com uma postura que pretendem simular um arquétipo militar. Uma tropa, cujo nome já indica certa proximidade ao tema, adotando estratégias que, se não são de fato militares, assim foram consagradas por filmes e pela cultura pop em geral. Estratégias e hierarquias que lembram esse tipo de cenário.

Porque, cessadas as bombas da Fúria, o avanço da Tropa do Netinho só se deu após o comando, gritado de uma forma meio apoteótica de algum lugar de toda aquela aglomeração:

– É TJB, porra. Bora! Bora! Bora!

E, de forma célere, mas ainda coesa, a linha de frente foi avançando com cada vez mais ímpeto para, enfim, o grande momento da noite, da pista. O instante em que as duas linhas de frente enfim se encontraram, dando início ao embate, à pista transformada em esporte, em disputa, em confronto de dois lados opostos que, em meio a regras mais ou menos bem definidas, tentam demonstrar qual é o mais forte, o mais bem preparado, o mais digno de respeito.

Foi naquele dia, igualmente, que eu presenciei mulheres participando de uma pista pela primeira vez. E, como é possível de inferir, mulher na pista contra mulher, homem na pista contra homem.

Nai foi quem posteriormente me deu detalhes sobre aquele momento:

– Existe um acordo das mulheres não brigar. Mas, na hora da tensão, acaba rolando. E, se as “negas” entram, a gente entra também.

No mais, tal como eu anotaria depois, pelos relatos dos participantes da pista e também pelas minhas próprias percepções a meia distância, já que meu avanço foi apenas até certo ponto, a Jovem colocaria um torcedor da Fúria para dormir naquela noite e em seguida faria a linha de frente deles recuar. E, numa curiosa demonstração de que o discurso da pista ganha mesmo contornos desportivos, não foram poucos os torcedores que chegaram para mim, empolgados, para comemorar o “placar final”:

– 1 a 0 para a gente, professor. A gente mostrou quem manda – diziam, eufóricos.

E, a despeito de qualquer julgamento moral sobre violência que se possa ter em torno da cena, eu achava graça na informação, não nego. Principalmente porque eu

lembrava que, dentro de campo, o Belo seguia empatando em 1 a 1 e dando passos importantes para, pouco a pouco, cair na tabela de classificação, até o momento em que sairia do G8¹²² justamente na última rodada da primeira fase da competição nacional. Na “guerra” declarada entre as duas torcidas, contudo, a TJB ao menos tinha o que comemorar, reforçando aquele discurso de que “tem que respeitar a mais antiga e a mais temida”.

Para além disso, algum tempo depois de iniciada a pista, duas grandes viaturas da tropa de choque da PM paraibana começaram a se aproximar. Eu percebi a movimentação e instintivamente me dirigi para o outro lado da calçada, tentando alertar como podia quem estava mais perto de mim. Ainda assim, muitos foram surpreendidos com os tiros de bala de borracha e com as chamadas bombas de efeito moral arremessadas pelos policiais tão logo eles chegaram e desceram das viaturas.

O mais curioso, no entanto, é que, quando os dois lados já estavam separados, e quando toda a TJB foi concentrada numa rua perpendicular ao estádio, com todos parados e muitos com as mãos para cima, para mostrar que elas estavam vazias, os policiais deliberadamente começaram a atirar contra os torcedores. Tiros que, embora com munição não letal, machucam enormemente, deixam a pele ferida e sangrando, incomodam profundamente quem é atingido.

Esse tipo de excesso da Polícia Militar da Paraíba, tão recorrente ao longo de toda a pesquisa, seria mais um típico tema para ser deixado para o Capítulo 4. Mas, se o narro aqui, é porque há um motivo prático. Deixa, antes, eu explicar melhor a cena que se passou ali, logo depois de encerrada a pista.

Os torcedores da Jovem – eu entre eles – foram todos conduzidos meio na marra para uma ruela de apenas dois quarteirões que desembocava no estádio. Para tanto, saímos do entorno do Almeidão, atravessamos a rua que o contorna e adentramos a tal ruela, que era de calçamento, relativamente estreita e com sequências de casas dos dois lados. Os policiais, por sua vez, estavam bem na esquina, como quem impede o nosso acesso ao entorno do estádio.

A rigor, era para tudo ter terminado ali. E os policiais, se fossem agir tal como determina a lei, deveriam ou levar todos para a delegacia, ou conter os torcedores por mais algum tempo ali, ou, no máximo, ordenar que fôssemos embora pelo outro lado. Não importa se eram torcedores que estavam numa pista alguns minutos atrás. Naquele

¹²² Como passou a ser chamada a zona de classificação da Série C a partir de 2022, numa espécie de sigla a “grupo dos oito”, já que eram os oito primeiros colocados da tabela que passavam para a segunda fase.

instante específico, já estavam todos de certa forma rendidos, contidos. Simplesmente não havia qualquer tipo de ação ou de movimentação por parte dos torcedores que colocasse em risco os policiais ou que justificasse o uso da força.

A despeito de tudo isso, contudo, sem aviso prévio, sem qualquer tipo de diálogo, os policiais militares retornaram a carga contra nós. Foi um início de cena quase que em câmera lenta. Eu, no meio de todo aquele grupo, mas em cima de uma das calçadas e próximo de um muro, vi quando um torcedor mais à frente mostrou as mãos aos policiais, dizendo que estavam todos ali “de boa”, “limpos”. O policial nada falou. Apenas pegou um artefato que me pareceu uma bomba de efeito moral e a jogou em nossa direção.

Mas era um arremesso diferente. Não me pareceu que ele jogou a tal bomba para pegar em algum torcedor. Ao contrário, parecia calcular o arremesso de forma que o artefato detonasse bem perto, mas à frente de onde estávamos. Pelo que pude supor, portanto, o policial queria mesmo era provocar uma agitação que justificasse, aos olhos de quem estivesse observando a cena de longe, a retomada dos tiros de bala de borracha contra os torcedores.

Suposição ou não, a questão é que foi exatamente isso o que aconteceu. Quando a bomba de fato zumbiu alto em nossos ouvidos e a fumaça subiu, e diante do primeiro sinal de reação assustada dos torcedores, os cinco ou seis policiais que estavam ali começaram a deliberadamente atirar em nossas direções com balas de borracha.

Foi uma correria absurda em sentido contrário. Porque não havia muito o que fazer. Não era plausível ficar parado ou correr para a frente, em direção aos tiros. Os lados estavam ocupados por casas, encostadas umas nas outras, todas com seus portões devidamente fechados. A única possibilidade de escapar era correr uns cinquenta metros pela própria rua, ao longo de todo o quarteirão, e, só ao término dele, dobrar à esquerda, fugindo assim por outra via. Mas, enquanto corrêssemos pela rua em que estávamos inicialmente, estaríamos na linha dos tiros incessantes dos policiais contra nós. À mercê de, a qualquer momento, sermos atingidos pelos projéteis.

Pois o motivo prático do qual falei há pouco, e que me motiva a descrever essa cena aqui (e não no Capítulo 4), é o fato de que, em nenhum momento durante a pista, eu me senti tão em risco como naquele instante diante dos policiais. Isso, me parece, é uma sensação coletiva sentida pelos demais torcedores. Por mais intensa que possa ser uma pista, a sensação de risco será frequentemente maior no encontro com a polícia, na reação inesperada e fora dos parâmetros legais que os policiais podem seguidamente adotar.

Naquele instante de início dos tiros, por sinal, eu fiquei absolutamente apavorado. Lembro que me virei de costas e, ao lado de um monte de outros torcedores, comecei a correr. Mas eu sou uma pessoa alta e intuitivamente me senti um alvo mais fácil de se acertar. Então eu decidi correr meio desajeitadamente, mas me abaixando o quanto eu podia para diminuir as chances de ser atingido.

Não olhei para trás, não olhei de lado. Apenas corri, tentando encontrar a esquina que me permitiria dobrar à esquerda. Mas, enquanto corria, eu escutava os estampidos altos, a fumaça que subia e se misturava entre nós, os gritos aqui e ali de quem denunciava a dor de ter sido atingido. Mas que, a despeito dos machucados, seguia correndo.

Por puro acaso, eu não seria um dos atingidos. Mas isso eu só teria certeza quando a correria enfim fosse debelada, já na volta para a P1, no momento em que a Jovem começava a se recompor e a comemorar o sucesso e a vitória na pista. No momento também em que eu tomava consciência sobre dois fatos que, embora meio óbvios, tornavam-se irrefutáveis para mim naquele instante: eu acabara de vivenciar a primeira pista de minha vida e, ainda mais impactante, eu havia saído ileso dela.

O curioso é que essa percepção sobre o que eu acabara de experimentar me deixou imerso numa sensação estranha, que lentamente tomava conta de mim e que era difícil de explicar. Porque, afinal, não me restavam dúvidas de que havia sido uma noite da mais assustadora tensão, em que eu precisara lidar com as minhas emoções e dúvidas, com um certo limiar entre imergir na pesquisa de campo e colocar-me ou não em risco.

Ao mesmo tempo, e essa talvez seja a parte mais surpreendente, eu devo confessar uma indescritível satisfação, até mesmo uma sensação de prazer e alegria, ao me ver de volta à praça, estando bem e tendo a consciência de tudo o que eu havia vivido e de todos os dados de pesquisa que eu conseguira coletar. Em outras palavras, por mais receio que um pesquisador possa ter em admitir esse tipo de reação, eu havia gostado de participar da pista.

Talvez, para melhor explicar o que estou pretendendo pontuar aqui, eu precise fazer um paralelo da minha experiência etnográfica com a de Gonçalves (2018), que, ao tentar refletir sobre adversidades de campo vividas no curso de sua pesquisa etnográfica em Havana, acabe por confessar uma a florada emoção, uma alegria incontida e até mesmo uma envergonhada excitação por ter testemunhado a passagem de dois poderosos furacões pela ilha durante a sua estadia na capital cubana.

Isso porque, de acordo com o autor, furacões eram fenômenos meteorológicos recorrentes e devastadores em Cuba. E, justo por isso, parte integrante da própria memória

dos cubanos. Pois, diante de tal experiência, ele se sentia mais próximo da realidade dos havaneses nativos e se via tomado por um “sentimento de pertencimento a uma coletividade que [...] jamais experimentara em qualquer lugar” (Gonçalves, 2018, p. 363). Afinal, ele vivenciara de dentro, sem benefícios outros, ao lado de seus interlocutores, submetido aos mesmos riscos dos demais, um fenômeno que era de imensa importância social e cultural para a população do país.

O autor dizia mais. Furacões em Cuba faziam parte de uma experiência central da população local, de forma que vivenciá-lo sem arestas ou censuras servia como uma espécie de ritual de passagem para uma entrada mais plena na vida cotidiana da ilha. E que fez, por exemplo, os nativos passarem a considerá-lo um *aplatanado*¹²³.

Mantendo as necessárias especificidades conceituais de cada um dos dois casos, portanto, e mesmo consciente das aparentes distâncias entre ambos os contextos, o que quero propor aqui é que a pista em minha pesquisa se aproxima em muito do que representou o furacão na pesquisa de Gonçalves (2008). Permitiu, igualmente, que eu me conectasse a algo que faz parte da memória coletiva e individual do torcedor organizado, que eu me aproximasse de sua realidade cotidiana, testemunhasse e me colocasse dentro de um fenômeno de importância social e cultural para as torcidas organizadas de pista, e cumprisse um ritual de passagem que me fazia ser respeitado por eles.

Curiosamente, inclusive, da mesma forma que o autor explicava que foram necessários sete anos de idas e vindas a Havana para ele finalmente testemunhar a intensidade de um furacão passando por ele naquela cidade, esse foi exatamente o mesmo tempo de idas e vindas em minha pesquisa de campo até eu me ver dentro de uma pista entre torcidas organizadas, percebendo suas nuances e performances, podendo tomar notas a partir de minhas próprias observações e tensões e não apenas pelas lembranças tardias de quem já havia participado de uma.

E se Gonçalves (2018) passara a ser visto como um *aplatanado*, eu passava a ser classificado, ainda que num claro tom de surpresa por parte de meus pares, como aquele que “é treva”, o “professor doideira”, o que “se garante”. Eu passava, enfim, a ser valorizado pela TJB como alguém que demonstrava destemor para colar com os demais integrantes da Jovem até mesmo nos momentos mais limítrofes da experiência torcedora.

Essa valorização, aliás, depois daquele dia e a cada nova experiência do tipo que eu viveria ao lado deles, passaria, cada vez mais, a ser demonstrada pelos torcedores da

¹²³ Expressão que, de acordo com o autor, é usada pelos cubanos para se referir a pessoas de fora da ilha que já estão adaptadas ao local como se fossem naturais dali.

Jovem em suas conversas comigo. Sempre com os mesmos sorrisos incrédulos de quem não parecia acreditar que aquilo era possível.

A bem da verdade, era indiferente para eles o fato inescapável de que, em nenhum momento, eu de fato tenha participado da pista ou tenha ido para o embate físico com o rival da vez. E esses limites eu sempre deixava claro para os meus interlocutores. Não importava. A simples disposição em caminhar junto, compor o arrastão ou a caravana que migraria para a pista, fazer-me presente no cotidiano da torcida, colocar-me em risco, honrar o lema de que “ou você é, ou você nunca foi”, pareciam bastar.

Porque, ao que me parece, houve uma quebra de expectativa por parte dos torcedores. Não duvido que, no início de minha inserção de campo, eu fosse visto como um *playboy* que pesquisaria a torcida apenas de passagem, preferencialmente nas arquibancadas e nas caravanas mais tranquilas, nos jogos frios. E, à medida que eu era visto observando os torcedores nas situações mais tensas e sensíveis, essa perspectiva foi sendo modificada. E dois dos episódios mais emblemáticos nesse sentido foram registrados em janeiro de 2023, num intervalo de menos de um mês entre ambos: um ataque a um ônibus da TJG em 7 de janeiro, uma pista contra a Facção em 26 de janeiro.

De toda forma, não vou respeitar uma ordem cronológica. E, como estou discorrendo neste tópico sobre as negociações por uma pista limpa em meio a outros artefatos que eventualmente podem ser usados nesses encontros, vou-me ater agora ao episódio de 26 de janeiro, quando a TJB fechou um ônibus e partiu em caravana para Campina Grande.

3.2.1 TJB x Facção: vitória fora de casa por 2 a 0

Era uma quinta-feira, o Botafogo-PB jogaria contra a Queimadense-PB pelo Campeonato Paraibano de 2023, e a saída de João Pessoa aconteceria por volta das 17h30, três horas antes de a bola rolar. A saber, trata-se daquela mesma partida já citada neste capítulo em que, embora o rival nem mesmo tivesse uma torcida expressiva, o que poderia aparentar um jogo frio, todos ali sabiam que era praticamente certo um ataque ao ônibus por parte de alguma das torcidas organizadas dos clubes de Campina Grande.

Pois, se em agosto de 2022 eu vivenciara a minha primeira pista em casa, em janeiro de 2023 chegara o momento de eu vivenciar a minha primeira pista fora de casa. E foi justamente nessas vivências cotidianas que novas normas me foram apresentadas.

Uma espécie de regramento para a pista como visitante, por assim dizer, numa dinâmica que mais uma vez nos permitiria pensar a pista como um jogo, como algo que passara por um processo de esportificação e de controle da violência, em termos que inclusive muito se aproximavam do discurso futebolístico de uma partida mais fácil em casa e mais difícil fora de casa.

Pista, pois, que pode ser pensada como jogo, daí as regras, mas também como festa, daí as ambiguidades, os excessos, as transgressões de todo tipo. Naquele caso específico, inclusive, com recomendações tanto subjetivas e simbólicas (respeitar a padronização de viajar todo mundo de roupa preta) como objetivas (evitar o uso de bermudas ou sandálias, porque inviabilizariam um bom desempenho e aumentariam os riscos de perda de material).

Aliás, vale registrar que a conquista de materiais do adversário é um dos objetivos mais desejados em qualquer pista e em qualquer encontro entre torcidas rivais (Toledo, 1996; Souza, 2018), havendo uma escala de valoração para os diferentes itens a serem disputados e transformados em troféus, em espólios de pista.

Nessa escala, por sinal, a faixa é de longe o objeto mais valioso e mais desejado. Justo por isso, mais bem guardado, protegido e defendido pelas respectivas torcidas organizadas. Para além das faixas, as bandeiras também são bastante visadas de um lado e protegidas do outro.

Atente-se, portanto, que quanto mais raro e mais difícil de ser conquistado, mais cobiçado se transforma um material. Assim, de acordo com relatos de interlocutores meus, um agasalho de uma torcida organizada tem mais valor do que uma camisa, que, por sua vez, tem mais valor do que um boné. Ainda assim, na hora da disputa, qualquer conquista de material será comemorada. E o objeto em questão será impreterivelmente exibido como troféu, preferencialmente maculado, rasgado, pichado, posto de cabeça para baixo, jogado no chão, exposto como triunfo de si e de derrota do rival (Figura 33).

Pinto (2022), por exemplo, destaca justamente que a destruição do material adversário deve ser mostrada publicamente. Enquanto Aragón (2007) enfatiza que esses materiais ganham *status* de troféus principalmente quando conquistados durante um confronto físico entre as torcidas envolvidas na contenda. Hollanda (2008), ademais, registra uma cena da final do Campeonato Carioca de 1968, em que torcedores do Flamengo-RJ queimaram bandeiras do Botafogo-RJ nas arquibancadas do Maracanã, numa época ainda incipiente das torcidas organizadas tal como as conhecemos hoje, mas que ainda assim já emulava uma prática de sujeição dos símbolos torcedores do outro.

Eu complementar, ademais, que prefiro sempre usar o verbo “conquistar” a “roubar”, justamente por causa do regramento das torcidas que faz ambos os lados concordarem tacitamente com o fato de que o objetivo de um é tentar pegar os símbolos do outro. Para além disso, não é apenas numa pista que um material poderá ser conquistado. Por fim, quando a destruição ou a desonra de um material rival acontecer em ambiente privado, ainda assim isso se tornará público por meio de filmagens e de fotos cuidadosamente exibidas via redes sociais.

Todos esses três complementos, apresso-me em dizer, têm base nas minhas próprias vivências e observações em campo. Sobre o primeiro ponto, que trata da concordância tácita das torcidas organizadas de que troféus estão mesmo na pista para serem conquistados por ambos os lados, eu posso ressaltar diálogos que travei com vários de meus interlocutores. Isso porque, em mais de uma oportunidade, expressei a minha preocupação de, enquanto pesquisador, acabar por prejudicar a torcida em sua imagem acaso eu cedesse material para alguma torcida rival, visto que, no decurso do trabalho etnográfico, eu passei a andar becado ao lado deles.

Nessas ocasiões, os torcedores da Jovem procuravam sempre me tranquilizar, ainda que, sob alguns aspectos, só conseguissem me deixar ainda mais em alerta. Porque eles concordavam que era importante não moscar, mas, ao mesmo tempo, mandavam eu desenganar, demonstrando assim a total consciência de que, afinal, “essas coisas acontecem”. Que, na vivência torcedora, “é sempre possível ganhar ou perder”. Em palavras mais diretas, tal como tentou me tranquilizar Netinho, “todo mundo que anda becado corre o risco de perder a beca um dia”.

Já sobre o segundo ponto, que trata de material conquistado em dias que não são de pista, vale registrar como tal dinâmica funciona. Porque não foram poucas as vezes que eu presenciei o bote ser preparado em dias cotidianos e inesperados para, logo depois, o seu sucesso ser festejado. E muitas vezes isso acontecia a partir do uso do WhatsApp.

Funciona assim: um torcedor da Jovem que ocasionalmente passa por uma rua qualquer da Grande João Pessoa, e se depara com algum “alemão” becado, rapidamente tira foto da pessoa e envia no grupo da TJB, indicando o local onde o rival está. A partir daí, mobiliza-se um grupo que está próximo e que aceita ir ao encontro do adversário, mirando especificamente a beca e nada mais.

A regra é simples. Não precisa haver violência, desde que a pessoa entregue o material. Se o “alemão” não resistir, pega-se a camisa, por exemplo, e ele pode ir embora sem consequências outras. Se houver resistência, aí a retirada forçada é inevitável,

encerrando a violência eventual no exato momento em que o troféu é conquistado, deixando o outro seguir em seu caminho após perder o material.

Os torcedores do Belo, igualmente, estão sujeitos a problemas do tipo sempre que andam becados – principalmente, mas não só, fora da capital paraibana. E isso, de tempos em tempos, de fato acontece, claro, reforçando justo aquela necessidade de não moscar, principalmente em território rival, para não perder material à toa.

Finalmente sobre o terceiro ponto, que trata de vídeos e fotos que exibem símbolos rivais maculados, tudo o que eu posso dizer é que foram inúmeras as ocasiões em que eu testemunhei pessoalmente isso acontecer. Com bonés, camisas, agasalhos de diversas torcidas organizadas rivais. E até mesmo com uma faixa da TJG, conquistada por torcedores do BDF no dia da final do Campeonato Paraibano de 2023, disputada entre Treze-PB e Sousa-PB¹²⁴. A TJB aproveitou o apoio que deu à TFA, deu o bote contra um bonde da torcida trezeana e voltou para casa com uma faixa da Jovem do Galo. Para, só posteriormente, exibi-la de cabeça para baixo em fotos publicadas nas redes sociais.

Ademais, embora eu concorde que a conquista de troféus é o ápice da rivalidade torcedora e principalmente de uma pista, não é apenas isso que move os torcedores organizados. E é possível indicar isso justamente porque, naquele 26 de janeiro de 2023 e em várias outras oportunidades mais, a TJB viajava sabidamente à paisana, por impedimentos provocados pelo Ministério Público da Paraíba, e nem por isso a pista deixou de ser atrativa. Em último caso, portanto, o que vale mesmo é a demonstração de força que um lado pode impor ao outro ao subjugar-lo e ao vencê-lo na pista.

Pois era justo isso o que estaria em jogo naquele dia. O ônibus da TJB chegou ao Estádio Amigão por volta das 19h30, uma hora antes do início da partida. Eu estava na terceira fila de poltronas, do lado direito do corredor (oposto ao do motorista e próximo à porta de saída), quando percebi a aproximação do veículo pelo lado do estacionamento da Arquibancada Sol. No minuto seguinte, quando o motorista ainda contornava aquele lado de entorno do estádio, foi possível ouvir o som – e sentir a vibração – das várias pedras sendo arremessadas e atingindo a lataria do ônibus.

Rapidamente, veio a ordem da parte de trás do veículo, pouco depois obedecida:

– Para o ônibus, motor! Abre a porta! Abre a porta!

¹²⁴ O jogo derradeiro aconteceu em 8 de abril de 2023. O Sousa-PB venceu a partida em casa por 1 a 0, mas, como havia perdido o jogo de ida por 2 a 1, a decisão foi para os pênaltis. No desempate, o Treze-PB se sagrou campeão ao fazer 4 a 2.

Abriu-se. E rapidamente os torcedores homens do Belo saíram correndo pelo corredor para fora do veículo. E, como só havia uma saída, alguns mais ágeis e magros usaram as janelas para deixar o ônibus de forma mais célere. Fato é que, em menos de um minuto, estavam todos do lado de fora (permanecendo apenas as mulheres dentro), observando o terreno e organizando a linha de frente para avançar em direção àqueles que jogavam pedra.

Eu sabia depois que aquela pista seria contra torcedores da Facção Jovem do Campinense-PB, e que integrantes da Jovem do Galo estavam esperando a TJB no outro lado do estádio, no entorno da Arquibancada Sombra. A pista contra os raposeiros¹²⁵ e não contra os trezeanos, portanto, se daria por mero acaso, por uma questão de rele opção de caminho do motorista, que adentrou ao estádio pelo Sol e não pela Sombra.

Fato é que, no momento em que os torcedores da Jovem desciam do ônibus, eu ia atrás, enquanto acionava o meu celular para tirar fotos da pista. Nesse instante, um deles gritou, tom empolgado e excitado, ainda na agitação de preparação para a pista:

– Filma, professor. Filma essa porra! – e soltou um grito que era pura adrenalina.

Obedeci. E, sem diminuir o ritmo da passada para me posicionar estrategicamente como sempre, a meia distância dos acontecimentos, eu só fiz mudar a função da câmera de meu celular de foto para vídeo. E, enquanto a Tropa do Netinho finalmente avançava com velocidade e ímpeto, eu ia um pouco atrás, celular em punho, tentando registrar tudo o que se passava. Gravar, como me fora pedido, sem, no entanto, deixar de observar com meus próprios olhos o que se passava na pista (Figuras 32 e 33¹²⁶).

Foi nesse dia que eu vi, pela primeira vez, de forma ainda mais cristalina, as negociações por uma pista limpa. A cena era a seguinte. O estacionamento do entorno da Arquibancada Sol do Amigão é uma área grande, totalmente aberta, meio descampada. E, como o jogo era absolutamente frio, quase sem presença de torcedores dentro do estádio, aquela área estava completamente vazia, simplesmente não havia carros estacionados ali. Ademais, o ônibus da TJB demorou um pouco para conseguir encontrar um local para estacionar, o que colocou ambas as torcidas organizadas afastadas um pouco mais de cinquenta metros uma da outra.

¹²⁵ Em referência à Raposa, mascote do Campinense-PB. É uma forma de se referir aos torcedores do clube em questão.

¹²⁶ A qualidade de ambas as figuras não é das melhores porque são *frames* do vídeo que produzi durante a pista. Ainda assim, pelo valor que possuem para a pesquisa, resolvi incluí-las.



Figuras 32 e 33 / Pista entre TJB e Facção Jovem no entorno do Estádio Amigão, em Campina Grande / Phelipe Caldas / 26 de janeiro de 2023

A Facção, assim, que se preparara antecipadamente para a investida, havia reunido uma série de pedras e jogava-as em direção à Jovem. Essa, por sua vez, catava uma e outra pedra e também as arremessava em sentido contrário, mas, justo por causa dessa chegada tardia ao local da pista, fazia isso em menor número. Estampidos de foguetões em bem maior número e de bombas caseiras mais raramente também eram ouvidos naquele entorno de estádio.

A despeito disso, ambos os lados avançavam, um em direção ao outro, com muitos dos torcedores segurando pedaços de pau que encontravam no meio do caminho. Era uma cena caótica, intensa, rápida. Muitos detalhes aconteciam ao mesmo tempo. E é nesse ponto que eu chamo atenção para as tais negociações que tanto já mencionei. Porque, em meio aos estampidos, aos gritos, às tensões, aqui e acolá eram percebidos os microacordos:

– Vem na mão, caralho! – gritava um, mãos limpas, posição de luta com a guarda levantada.

O outro, que segurava um pedaço de pau, aceitava o convite, largava o artefato, igualmente levantava a guarda, avançava para o que os dois lados chamavam de “trocação aberta”. E, de fato, trocavam murros de forma franca, no orgulho de estarem demonstrando disposição, honrando cada qual a sua torcida organizada tal como manda a ideologia de pista, decidindo na mão mesmo e sem precisar de outro tipo de mecanismo quem ali era o mais forte.

Essa, aliás, seria uma cena frequente naquela noite, ainda que, no cenário geral, no macro do que poderia ser percebido naquele estacionamento, fosse mais do que perceptível os fogos de artifício sendo acionados na horizontal por alguns dos torcedores da Facção. Múltiplas formas de viver uma mesma pista, portanto.

Em meio a todo o caos, uma outra característica era claramente percebida. Os gritos de incentivo, os chamados para avançar, os alertas para os companheiros de tropa sobre a chegada dos “hômi”, a preocupação com a retaguarda, as comemorações, o grito de exaltação com o nome da própria torcida.

– É a Jovem, porra! – gritou, em certo momento, um torcedor, tom empolgado e orgulhoso, bem na minha frente, fazendo um gesto com os braços que tentava demonstrar a própria força, o destemor com que a sua torcida se apresentara para a pista.

Pista, afinal, que também é vivida com a voz, com os pulmões, com a tentativa de intimidação do outro lado, com a busca de demonstrar, na disposição pós-enfrentamento,

quem de fato venceu. E, nesse ponto, duas questões são consideradas, sendo uma análise mais objetiva e outra mais subjetiva.

Na parte mais objetiva, afinal, prevaleceu a mesma questão da pista contra a Fúria, quando se contabilizou quantos torcedores de cada lado foram colocados para dormir. E, nesse ponto, mais uma vez a Jovem comemorava a vitória, dessa vez, como já dito, jogando fora de casa:

– Vencemos por 2 a 0, professor. E fora de casa, o que é ainda pior para eles – dizia-me um exultante torcedor, comemorando a vitória da noite.

Na parte mais subjetiva, a admissão de que, no limite da disputa, foi a linha de frente da Facção e não a da Jovem que recuou primeiro, demonstrando o que, ao menos na visão dos botafoguenses, representava a supremacia da TJB no embate daquela noite em Campina Grande.

Todo esse diálogo sobre vencedores e vencidos, no entanto, só aconteceu dentro do ônibus, no retorno para casa. Isso porque, com a chegada da Polícia Militar, com os tradicionais tiros de bala de borracha, todos os torcedores botafoguenses foram postos dentro do ônibus e, depois disso, os policiais simplesmente proibiram o acesso ao estádio. Dezenas de outros torcedores e eu fomos escoltados para fora da cidade mesmo com ingressos em mãos, ficando para acompanhar pelo rádio o que se passava em campo.

Apesar das comemorações com relação à vitória na pista, contudo, lideranças como Netinho não se furtaram em reclamar duramente com os emocionados, os novatos que passaram tempo demais focados num dos torcedores da Facção que foi colocado para dormir. Porque, desrespeitando as regras da pista, eles continuaram a bater no torcedor caído por mais algum tempo.

Tal como já exposto em seção anterior, portanto, trata-se de uma cena que, apesar de escancarar os riscos eventuais de desrespeito das regras da pista, ao mesmo tempo comprova uma autorregulação que a todo o momento é proposta pelos próprios torcedores. E que é levada extremamente a sério pela grande maioria dos torcedores organizados.

Ainda no calor da pista, os próprios torcedores mais experientes determinaram que os afoitos parassem de bater no rival caído e mirassem nos próximos alvos, no que acabaram sendo obedecidos. E, mesmo depois, já no ônibus, a questão voltou a ser abordada com firmeza. Netinho reclamou da “quebra de ideologia” e, numa típica invocação de “honra masculina”, disse que todo torcedor numa pista tem o direito de se defender como homem, em pé.

– Não já bateu? Então deixa ele dormindo e pega outro. Tá, vocês querem o quê, heim? – reclamou, indignado, tom alto e firme.

No mais, um outro detalhe é que eu gravei exatamente 3min21s de pista. Que vai do início das escaramuças até a chegada violenta da Polícia Militar, que obrigou os torcedores a voltarem para dentro do ônibus. E o tempo de vídeo é interessante porque mostra que esses encontros, ainda que intensos e da mais pura adrenalina, são em regra rápidos.

O vídeo serviu também naquela valorização de que falei, com relação à forma como a torcida começava a me enxergar após momentos de risco como aquele. Porque, rapidamente, as imagens circularam entre os torcedores da Jovem, e esses sempre ressaltavam a forma sóbria, sem medo e sem tremidas de tela, com que a gravação fora realizada, indiferente às pedras que eram arremessadas e passavam por perto de mim.

– Tem que respeitar, viu? – diziam, aos risos, afastando ainda mais a percepção de *playboy* que muitos deveriam ter inicialmente de mim.

Voltando à caravana, uma última questão precisa ser registrada. Em que pese a Polícia Militar ter proibido que os torcedores da Jovem adentrassem o estádio para assistir ao jogo, como explicitado há pouco, o relógio já marcava perto de quatro da manhã quando finalmente eu cheguei de volta a minha casa, em João Pessoa, quase oito horas depois de ter deixado Campina Grande.

Enfim, estávamos sendo levados por um ônibus velho, com diversos problemas mecânicos. O veículo quebrou duas vezes no retorno para a capital paraibana, com os torcedores tendo que ficar várias horas esperando por uma solução do problema. A primeira parada no meio da estrada, para trocar o pneu que havia furado (Figura 34); a segunda no distrito de Cajá, município de Caldas Brandão, no meio do caminho entre Campina Grande e João Pessoa, a fim de resolver um problema ainda mais grave no veículo.

Ônibus extremamente velhos em caravanas são uma constante em praticamente todo o Brasil. E isso acontece com frequência porque, ao menos no contexto do Nordeste, são muitos os casos de ataques a ônibus envolvendo torcidas organizadas rivais, o que faz com que a maioria das empresas maiores e mais organizadas não aceitem fretar ônibus para essas associações. Ao longo da pesquisa, testemunhei muitos vetos, muitas empresas que fretaram ônibus para a TJB, mas que depois, por receio de eventuais ataques, não repetiram o contrato.

Sobram, assim, as mais precárias, as mais desesperadas para qualquer tipo de viagem. Logo, não raro, aquelas com veículos velhos, irregulares, com problemas mecânicos e documentações e vistorias vencidas. De certa forma, são os efeitos colaterais de uma dinâmica promovida pelas próprias torcidas organizadas que as afasta de ônibus em melhores condições.



Figura 34 / Ônibus da TJB quebra no retorno para João Pessoa após pista contra a Fação Jovem em Campina Grande / Phelipe Caldas / 26 de janeiro de 2023

Em 13 de agosto de 2023, por sinal, apenas uma semana antes de um grave acidente envolvendo torcedores corintianos em Minas Gerais¹²⁷, eu viajei junto da Jovem para Maceió, para jogo do Belo contra o CSA-AL. Eram dois ônibus viajando em conjunto, realizando a mesma rota simultaneamente e, de certa forma, se ajudando mutuamente. Um com torcedores da Jovem, um com torcedores da Fúria e da Império Alvinegro¹²⁸. Ambos guiados por motoristas com documentação irregular, que ficaram

¹²⁷ Na madrugada de 20 de agosto de 2023, um ônibus de uma subseleção da Fiel que voltava de Belo Horizonte para o interior de São Paulo perdeu o controle após ficar sem freios no Km 520 da rodovia Fernão Dias, em Minas Gerais. No acidente, sete pessoas morreram. Autoridades públicas informaram posteriormente que o veículo estava irregular e não tinha autorização para realizar aquele tipo de viagem. Disponível em: <<https://tinyurl.com/3u8yhu3p>>. Acesso em: 21 ago. 2023.

¹²⁸ Apesar da “guerra” entre Fúria e Jovem, é em momentos como esse que é possível vislumbrar uma negociação identitária, em que ambas as torcidas rivais firmam uma trégua frente à necessidade de se

retidos na entrada de Alagoas, pela Polícia Rodoviária Federal, por três horas até que novos motoristas fossem acionados na capital alagoana.

Esse, no entanto, é apenas um exemplo que serve de ilustração. Pretendo agora, ao contrário, tratar justo desse outro lado que, ao que me parece, surge como principal dificultador para os fretes de ônibus melhores (além da questão do preço, claro). Os ataques a caravanas entre torcidas organizadas. Que têm os torcedores rivais como alvo, mas que invariavelmente danificam os ônibus que os levam. Algumas vezes, em prejuízos financeiros realmente relevantes.

Uma realidade, aliás, que no curso da pesquisa eu testemunhei e analisei sob todas as perspectivas possíveis. Pelo lado de quem ataca, pelo lado de quem sofre o ataque, pelo lado de quem tenta contra-atacar, mas que acaba falhando após intervenção violenta da Polícia Militar. É o próximo ponto a ser analisado por esta tese.

3.3 Caravanas, ataques, emboscadas entre torcidas organizadas

Ataques, ou emboscadas, são ações de torcidas organizadas visando uma rival. Em geral, pensadas estrategicamente para manter o efeito surpresa contra o alvo da vez, que preferencialmente estará em desvantagem numérica (ainda que isso não seja uma regra ou uma condição determinante). O objetivo-fim é sempre a possibilidade de conquistar troféus da adversária, mas a subjugação do outro será igualmente celebrada como vitória, demonstração de força, imposição de respeito e temor.

Ademais, são práticas que podem acontecer a qualquer momento, em qualquer lugar, estando ou não o respectivo clube da torcida atacante envolvida com o evento futebolístico em questão. Aliás, não precisa nem mesmo ser dia de jogo para acontecer um. Ainda assim, um tipo de ataque dos mais celebrados é aquele praticado contra caravanas de torcidas organizadas rivais.

Dito isso, a primeira vez que eu ouvi falar sobre o tema foi ainda na época do mestrado, naquela caravana de agosto de 2018 em que eu viajei num mesmo ônibus com TJB e Fúria com destino a Ribeirão Preto, para o jogo do acesso que acabaria não se concretizando.

proteger de um rival comum. Essas questões, inclusive, são discutidas em minha pesquisa de mestrado e dialogam também com aquele debate proposto no início deste capítulo sobre dramas sociais (Turner, 2008), quando toda ruptura antecipa igualmente uma posterior tentativa de apaziguamento da crise.

Ao longo daquela viagem, houve dois momentos mais sensíveis durante o percurso, em que toda uma mobilização dentro do ônibus foi preventivamente acionada: na passagem por Recife (por causa da Inferno Coral e da Jovem do Sport-PE) e na passagem pelas proximidades de Arapiraca, no interior de Alagoas (por causa da Mancha Negra, do ASA-AL). Em ambos os casos, havia torcidas não envolvidas com o jogo em questão, que a propósito seria contra o Botafogo-SP, mas que, eventualmente, poderiam se mobilizar para atingir um rival que passaria por dentro ou mesmo apenas por perto de suas respectivas cidades.

Nesses momentos, tudo era modificado. As janelas e cortinas eram fechadas, o motorista era orientado a não parar desnecessariamente e a seguir da forma mais célere possível, as pessoas dentro do ônibus ficavam atentas a qualquer movimentação estranha que pudesse ser percebida.

Ainda assim, tudo não passou de aperitivo para o que eu viveria na pesquisa de doutorado, visto que, embora eu tivesse sido apresentado naquele momento aos riscos que as coletividades torcedoras passavam e aos consequentes cuidados a que elas se submetiam, tal caravana transcorreu sem qualquer tipo de incidente. E os torcedores botafoguenses (eu incluído) simplesmente foram e voltaram sem serem incomodados por qualquer rival.

Tal viagem, de toda forma, serviu-me para conhecer as regras básicas de sigilo que cercam qualquer caravana e que precisam ser rigidamente obedecidas pelos torcedores. Já falei rapidamente sobre isso no Capítulo 1 e, inclusive, comentei as graves consequências que a quebra dessas regras pode provocar. Ainda assim, vale reforçar a obrigatoriedade imposta aos torcedores de nunca revelar o horário de saída das caravanas, não publicar em redes sociais a localização dos ônibus, nem qualquer tipo de foto ao longo da viagem que indique a placa, as características físicas, os códigos de identificação dos veículos.

Todo esse cuidado não é por acaso ou por simples capricho, claro. Caravanas representam, sem muito espaço para dúvidas, instantes tensos da vida torcedora, arriscados, assustadores, até. E, justo por isso, insisto uma vez mais, valorizados pelos torcedores, já que é nas viagens para lá e para cá que as rivalidades são mais sentidas, mais fortemente vividas, mais presentes no cotidiano das torcidas organizadas.

Hollanda (2008), por exemplo, fala de uma metáfora espacial que existe no futebol a partir da ideia de jogos dentro e fora de casa. E, enquanto o primeiro remete ao lar, ao aconchego, a um habitat “natural” do torcedor, o segundo, ao contrário, dialoga com o

estrangeiro, com o estranho, o desconhecido. A uma sensação de perigo a ser experienciado e superado que é positivado pelos torcedores.

O autor indica, inclusive, que o “deslocamento territorial assinala um aspecto importante da vivência dessa alteridade” (Hollanda, 2008, p 442) entre torcidas organizadas. Ademais, ele destaca também que “o ato de acompanhar um clube em uma partida fora de seu território [...] se tornaria uma das mais importantes atividades em grupos de torcedores” (Hollanda, 2008, p. 446).

Tudo isso porque, ainda de acordo com o pesquisador, as caravanas para os torcedores remetem a uma ideia de aventura, proporcionam uma memória coletiva e um imaginário que acionam não só prazeres, mas principalmente riscos, perrengues vividos, provações, toda uma masculinidade agressiva que é posta à prova e que é fundamental para a caminhada do torcedor dentro da agremiação. Para o reconhecimento de seus pares de que se trata de alguém digno de respeito dentro da torcida organizada.

São, portanto, dois os lados – antagônicos e complementares ao mesmo tempo – que compõem uma mesma caravana: a constante sensação de risco iminente vivido por quem está dentro do ônibus, o possível ataque de quem pode ou não estar fora do ônibus à espera do comboio.

E eu trato a questão no âmbito das possibilidades porque, de fato, às vezes simplesmente não acontece nada (seja por falta de mobilização, seja por falhas de estratégia). Mas, às vezes, não tem jeito. O ataque acontece, é bem-sucedido. E, ao menos sob a perspectiva de um pesquisador até então pouco acostumado com toda a cena, esses momentos são simplesmente impactantes. Independentemente de que lado você observa a ação.

Ainda assim, de um ponto de vista cronológico, as primeiras vezes que eu observei, analisei, tentei interpretar tais fenômenos, foram sob a ótica atacante. A primeiríssima delas, aliás, aconteceu de uma forma quase desprezível, e apenas porque a princípio eu não tinha entendido bem o diálogo entre meus interlocutores.

Eu me refiro a 2 de março de 2022, ainda nos primeiros passos de minha pesquisa de campo, numa noite de quarta-feira em que o Belo venceu o Sergipe-SE por 3 a 0, pela rodada de estreia da Copa do Nordeste daquele ano. Era um jogo de pista em que a já citada Torcida Esquadrão Colorado (TEC) viajara de Aracaju para João Pessoa e, depois da partida, já do lado de fora do Estádio Almeidão, eu presenciei alguns torcedores da Jovem combinando de “ir até eles”.

Eu pincei esse pedaço de frase e, erroneamente, pensei que haveria uma pista. E, talvez de uma forma meio afoita, pedi para ir junto, destacando apenas que observaria tudo de longe e não participaria dos fatos que se sucedessem. Eles aceitaram de pronto, pedindo apenas que eu desse carona em meu carro para alguns dos torcedores que iriam juntos. Aceitei.

Ora, os interlocutores não usaram em nenhum momento a expressão “pista” e eu que inferi isso por conta própria. O fato é que cada parte falava e pensava em uma ação torcedora diferente, mas ainda assim se chegou a um acordo sobre caronas e observações etnográficas no pós-jogo.

Eram dois carros. O de um dos torcedores da Jovem ia na frente, o meu ia logo atrás. Contando comigo, somando os dois veículos, éramos dez pessoas. Só esse detalhe já deveria servir para eu imaginar que não haveria de ser uma pista. Mas a adrenalina naquele momento já estava alta demais. Eu apenas seguia o carro da frente por entre ruas estreitas e escuras enquanto nos afastávamos do entorno do estádio.

Em certo momento, numa rua escura e de calçamento, completamente deserta, nós paramos. Todos desceram do carro imediatamente. Eu os acompanhei um pouco depois, ainda sem entender o que se passava e me questionamento onde haveriam de estar os torcedores da torcida rival para a tal pista que haveria de acontecer a qualquer momento.

A rua em que estávamos, de toda forma, ficava numa espécie de elevado, bem rente à BR-230, que ficava à direita e abaixo de nós. As dicas estavam todas ali e eu não percebia apenas porque fora previamente convencido a acreditar que se tratava de uma pista e não de um ataque. Ainda que, repito, a confusão tenha sido exclusivamente minha e não provocada por terceiros.

Minutos depois, os demais torcedores começaram a catar algumas pedras. Eu apenas observava. E, quando eu finalmente começava a entender que a dinâmica que estava se desenhando diante de mim era diferente da que eu supunha de início, tudo aconteceu.

O primeiro grito quebrou o silêncio que imperava naquele pedaço de cidade:

– Olha ali o ônibus dos caras!

Ato contínuo, inúmeras pedras foram arremessadas lá do alto em direção à caravana, atingindo o veículo da TEC e quebrando algumas das janelas. Não saberia atestar com total certeza, mas arriscaria que pelo menos três foram quebradas naquele ataque. Sabe-se lá se alguém se machucou de alguma forma do lado de dentro.

Não deu para refletir sobre isso. No segundo seguinte, o grito foi dado em tom ainda mais vigoroso e imperativo:

– Corre, professor. Corre para o carro!

Todos iniciaram uma carreira desenfreada. Simplesmente não havia como ficar ali. Corri também. Entrei no carro, coração absurdamente acelerado. Aguardei todos que haviam ido comigo entrarem também, dei a partida, acelerei. Como antes, acompanhando o carro da frente, que só bem mais longe parou numa praça, uma a qual eu nunca havia ido antes. Estacionamos.

Os torcedores comemoravam o sucesso do ataque. Que, por sinal, nem era dos maiores. Ainda assim, considerando que esse havia acontecido de forma improvisada por apenas dez torcedores, era considerado um sucesso. E os comentários remetiam aos estragos feitos nas janelas do ônibus avariado, que a despeito disso seguiu viagem:

– Os “alemão” vão viajar no frio – diziam, aos risos, empolgados, numa clara troça contra os rivais.

A explicação era simples. Como já se aproximava das dez da noite, quando o ônibus passara pelo trecho do ataque, e como a viagem entre João Pessoa e Aracaju demoraria pelo menos doze horas, ao menos parte dos torcedores da TEC viajariam ao relento, no vento frio de toda a madrugada, já que algumas das janelas simplesmente não poderiam ser fechadas.

Ademais, duas outras questões poderiam ser analisadas ali. Para além da simples piada sobre viajar no frio, havia, entre os torcedores, um certo orgulho de defesa territorial, de demonstrar que, quando “alemão” adentra território da TJB, haverá consequências. E o ataque ao ônibus servia como indicação nesse sentido.

O outro ponto é de ordem mais pessoal, de ordem mais metodológica também. Aquela foi a primeira vez em minha pesquisa – não seria a última – que eu perceberia que nem todos os cuidados seriam suficientes para me manter exclusivamente como observador, totalmente apartado dos eventos perigosos que muitas vezes se sucederiam em meu entorno.

No início da pesquisa, em uma pretensão que a posteriori me pareceu mais inocente do que arrogante, eu achava ser possível manter sempre algum controle sobre os eventos arriscados que deveriam ser analisados por mim. Ocupar uma posição que me permitiria analisar sem participar, sentir as nuances sem me colocar em evidência.

Como se viu nesse e em outros episódios, rapidamente essa ilusão foi dissolvida. E, por mais que a imposição de limites éticos tenha sido uma constante até o fim da

pesquisa, em algumas situações eu ganharia um protagonismo que não era previsto inicialmente, que não era nem mesmo desejado e que sempre me deixava em absoluto estado de alerta, de esgotamento físico e mental.

Esses momentos fazem parte, talvez, daquilo o que Malinowski (2018, p. 76) chama de “os imponderáveis da vida real”. Fenômenos recorrentes no contexto pesquisado, que simplesmente não são controláveis, mas que precisam ser observados. Demandam, enfim, um esforço que, segundo o autor, tem o ousado objetivo de “atingir a atitude mental que neles se expressa” (Malinowski, 2018, p. 76).

Ademais, absorvi o desafio proposto por Caldeira (1988) de uma presença crítica no campo de pesquisa. Enquanto pesquisador, me propor a uma interpretação em termos que também fossem políticos e jamais me furtar das responsabilidades metodológicas e etnográficas decorrentes de minhas escolhas.

Em outras palavras, eu não busquei esses instantes em que, não mais do que de repente, eu me via dentro da ação, participando dela mais do que gostaria a princípio. Mas, sempre que isso aconteceu, eu tentei me manter atento, ainda pesquisando e coletando dados, respeitando os meus interlocutores, impondo-me limites, buscando estratégias de autocuidado.

Eu dava carona para os torcedores sempre que eles me pediam, aceitava levar visados materiais da TJB na mala de meu carro se fosse preciso, mas não permitia que bombas caseiras ou qualquer outro tipo de artefato fossem guardados nele. Acompanhava os torcedores nas emboscadas, observava-os em suas dinâmicas sem quaisquer tipos de julgamentos ou preconceitos, mas, em nenhum momento, joguei pedra ou bomba em qualquer que tenha sido o ônibus. Corria da polícia ao lado de meus interlocutores quando era necessário, mas aprendi a sempre andar com a documentação completa da universidade que comprovava a minha condição de pesquisador.

E, se aquele ataque contra a TEC já serviu para me deixar num estado de alerta que me fez reavaliar todas essas questões, os fatos de 7 de janeiro de 2023 foram ainda mais intensos. E servem bem para ilustrar o que falei há pouco sobre um protagonismo indesejado, mas que ainda assim se torna realidade por puro acaso, puro imponderável provocado pelo curso da pesquisa de campo.

Na noite daquele dia, a saber, Treze-PB e São Paulo Crystal-PB jogariam pela estreia de ambos no Campeonato Paraibano. O mando de campo era do Galo, mas a partida estava marcada para o Estádio Almeidão, em João Pessoa, porque a equipe de

Campina Grande havia sido punida pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva¹²⁹. E, com a partida sendo realizada na capital paraibana, a TJB vislumbrou uma excelente oportunidade para se mobilizar e se apresentar para uma pista contra a TJG.

É nesses instantes que antecedem uma caravana, aliás, que as torcidas organizadas dão início a um verdadeiro trabalho de espionagem e contraespionagem. Porque, se por um lado a torcida viajante tenta a todo custo manter em segredo os dados de sua caravana, por outro a pretensa torcida atacante faz de tudo para descobrir antecipadamente os dados que permitam identificar os ônibus dos rivais.

Às vezes as informações vazam e um ataque pode ser realizado antes mesmo de a caravana chegar ao estádio. Às vezes elas permanecem intactas e o ataque tem que ser adiado. Seja para o momento exato da chegada da torcida rival ao estádio (como foi no caso da pista entre TJB e Facção em Campina Grande, por exemplo), seja para depois de o jogo acabar.

Naquele dia, por sinal, a Jovem do Galo conseguiu chegar a João Pessoa sem que os dados de sua caravana houvessem sido vazados. E foi justo esse detalhe que impediu a pretensão inicial da TJB de atacar os torcedores rivais antes da chegada ao Almeidão. A partir dali, novas estratégias começavam a ser definidas em paralelo aos próprios acontecimentos.

Marcou-se, pois, de se chegar ao Almeidão cedo e assim ir para a pista com a TJG no momento em que o ônibus dos trezeanos pudesse ser visto e identificado no estádio. Novamente, dois detalhes frustraram os planos da Jovem. Em primeiro lugar, eram poucos os torcedores botafoguenses no Almeidão quando o ônibus da Jovem do Galo chegou e, em segundo lugar, eram muitos os policiais militares escalados para a partida. Tornava-se impossível a pista ser proposta ali.

– Polícia demais, parceiro. Se liga nos hõmi. Se liga nos drones – diziam os torcedores a todo o momento, em tom de preocupação e de recomendação coletiva ao mesmo tempo.

Seguiram, então, todos na surdina. Observando, analisando as possibilidades, definindo novas estratégias. Até que um terceiro plano precisou ser rapidamente definido.

¹²⁹ Por causa de problemas registrados em um jogo do Campeonato Paraibano de 2022, contra o Nacional de Patos-PB, o Treze-PB foi suspenso por dois jogos sem poder jogar dentro de casa. Como a punição só foi confirmada ao término da competição, ficou definido que ela seria cumprida na edição do Paraibano do ano seguinte. Naquela partida de 7 de janeiro de 2023, portanto, o clube de Campina Grande cumpriu o primeiro de dois jogos de suspensão. A propósito, o Galo venceu o jogo contra o São Paulo Crystal-PB por 2 a 0.

O derradeiro. A última oportunidade de dar um ataque nos rivais do Treze-PB naquela noite. Escolher um local longe do estádio, em que o ônibus da torcida trezeana obrigatoriamente precisasse passar no retorno para Campina Grande, e só aí dar o bote.

Em emboscadas maiores como aquela, eram muitos os torcedores mobilizados, todos dispostos para “o que der e vier”, já que havia sempre a possibilidade de o ônibus parar e os torcedores rivais descerem. Era preciso, pois, estar preparado não só para o ataque, mas principalmente para a pista que poderia decorrer dele.

Assim, a grande quantidade de integrantes da TJB que foi se reunindo à paisana no entorno do Almeidão, mesmo depois de a torcida organizada do Galo adentrar o estádio, começava a me impressionar. E isso também deve ter chamado a atenção dos líderes da Jovem, que sugeriram que todo o grupo deixasse o local e fosse pensar o que fazer fora do alcance de policiais, que poderiam suspeitar daquela aglomeração.

Os torcedores da Jovem, então, começaram a sair, em pequenos grupos, para não chamar a atenção. Combinaram inicialmente de ir todos para um bar que ficava relativamente perto do estádio, no bairro do Cristo Redentor. E, lá, foi possível ter uma dimensão maior de toda a adesão torcedora existente naquela noite. Eram ao menos quatro carros (o meu entre eles), dezenas de motos. Impossível precisar o número de torcedores reunidos para aquele ataque.

Ficamos cerca de uma hora ali, no tal boteco. Acompanhando o desenrolar do jogo, analisando quanto tempo ainda havia de bola rolando pela frente, tentando definir o melhor local para organizar o ataque. Eu apenas observava, sem opinar sobre nada, mas tentando prestar atenção em todos os detalhes, no que cada um falava naquele ambiente transformado em sala de reunião.

Foi ali também, aliás, que eu consegui captar pela primeira vez aquele trabalho de espionagem do qual falei um pouco antes. Porque, da forma frequente com que as pessoas começaram a falar pelo telefone e a trocar mensagens de áudio por WhatsApp, não tardou para eu captar que ao menos mais um carro e três motos haviam ficado no entorno do Almeidão, com a missão específica de gravar os detalhes do ônibus da TJG, repassar o máximo de informações possível, acompanhar a movimentação da torcida rival.

Em pouco tempo, sabíamos que se tratava de um ônibus amarelo, relativamente velho, com letreiro laranja aceso na parte de frente do veículo. Quando a torcida do Treze-PB deixasse a arquibancada do Almeidão, adentrasse o ônibus e retomasse o rumo para Campina Grande, os “espiões” repassariam imediatamente a informação para o que

chamei em meu caderno de campo de “emboscadores” (Caderno de Campo, 7 de janeiro de 2023).

Ainda assim, o Cristo Redentor não era um bairro estratégico para se permanecer, visto que ele não ficava próximo dos melhores locais para se realizar o ataque. E foi por isso que, quando o jogo marcava algo em torno de 15 minutos do 2º tempo, todo aquele pessoal foi para seus respectivos meios de transporte em direção ao Bairro dos Novais, bairro que era colado à BR-230 e já nos limites do município de Bayeux.

Foi uma cena impressionante de se ver. Aquele é um bairro repleto de vielas, que nem todo mundo é autorizado a entrar, principalmente à noite. Mas muitos ali naquele comboio eram moradores do bairro, gente da comunidade, componentes da Zona Oeste da TJB. O acesso para a gente era permitido, sem riscos, e eu simplesmente seguia para mais um local da cidade que eu nunca havia adentrado à noite.

No coração do bairro, fizemos uma última parada, dessa vez nas proximidades de um mercadinho popular onde se vendiam cerveja e outros tipos de lanches e bebidas. Dali, iríamos em direção à BR-230, ao local do ataque, mas era importante ganhar tempo e só chegar ao destino final na hora certa, para não chamar atenção demais a qualquer tipo de movimentação atípica. Esperamos, cada microgrupo conferindo suas próprias caseiras e rojões. Em geral, cada bonde preparava os seus artefatos.

Ali, inclusive, mais uma vez as performances torcedoras foram acionadas, em uma indicação adicional de que os cânticos, antes de serem pensados numa perspectiva exclusivamente futebolística, são principalmente acionados como potência definidora de identidades coletivas. Porque, numa espécie de interseção de várias vias do bairro, que transformavam o meio da rua de calçamento em ponto de encontro, iniciaram-se as músicas torcedoras, os gritos de guerra, a improvisação da festa.

– Uh, é a Jovem! – voltava-se de repente a entoar, em êxtase e em uníssono, o grito originalmente pensado e idealizado para a arquibancada.

Só quando o grupo foi avisado de que o jogo do Treze-PB já entrara nos acréscimos do 2º tempo, deixamos o Bairro dos Novais com destino a Santa Rita, já fora de João Pessoa, já depois de Bayeux.

3.3.1 “E o carro preto aloprado lá na frente?”

Eu dirigia com atenção. Mantinha-me pelo meio do comboio, por uma série de ladeiras íngremes e ruelas escuras, enquanto o som do carro tocava músicas (a maioria

funks) da TJB. Quem ia ao meu lado era Vandal, e aquele era um toque especial sugerido por ele. Pareou o celular dele no som de meu carro e colocou as músicas para tocar:

– É a instiga, professor – falou-me, sorridente, voz serena.

Vandal é uma figura magra, calma, quase franzina. Tem uma caminhada antiga na TJB, é extremamente respeitado pelos seus pares, não avança um milímetro para além da ideologia torcedora. Apesar da compleição física, não raro compõe a linha de frente da Jovem. E, para além de tudo isso, naquela época eu já me sentia absolutamente seguro ao lado dele. Principalmente por causa de sua postura imperturbável. Perfil de pessoa que, nas situações mais inquietantes e perigosas, sabia agir com inteligência e estratégia para minimizar os riscos.

Mas eu confesso que, ainda assim, no início de toda aquela pesquisa, cheguei a vislumbrar a possibilidade de acompanhar essas incursões torcedoras mais perigosas sozinho em meu carro. Porque, afinal, eu não estaria responsável pela condução de ninguém e, a qualquer momento, no primeiro sinal de risco além do aceitável, eu teria a opção e a possibilidade de simplesmente abortar a pesquisa de campo e ir embora.

Não era tão simples assim, claro. Muitos dos torcedores não tinham carros ou motos, dependiam de caronas. E, numa mobilização torcedora como aquela, em que grandes distâncias seriam percorridas, não era plausível eu simplesmente me negar a levar alguns deles comigo.

Foi assim, pois, que eu passei a priorizar torcedores do próprio BDF na hora dessas caronas, por serem pessoas que eu conhecia mais e com quem tinha um contato mais duradouro. E, com o passar do tempo, Vandal passou a ser o meu “copiloto” preferido. Naquela noite, inclusive, ele teria papel decisivo em duas ocasiões.

Uma delas aconteceu logo na nossa primeira parada em Santa Rita. Os torcedores chegaram a uma rua paralela à BR-230, deixaram os respectivos veículos meio distantes, em vias perpendiculares para não chamar tanta atenção, se aglomeraram numa posição-chave para o ataque, que haveria de acontecer ali mesmo.

Particularmente, eu não gostei do local escolhido. Achava iluminado demais, residencial demais, movimentado demais. Mas, na minha condição de observador, limitava-me a fazer essas anotações em meu celular, sem necessariamente interferir na condução do caso.

Rapidamente, contudo, meus temores se mostraram plausíveis. E, lá de longe, ainda muito distante de onde estávamos, mas na mesma rua em que nos posicionamos,

alguns torcedores avistaram uma viatura da Polícia Militar sendo guiada lentamente em nossa direção.

Ficaria para sempre a dúvida se aquela viatura passava por ali por reles coincidência ou se a PM já suspeitava de um possível ataque e estava fazendo uma diligência em busca de possíveis torcedores botafoguenses. Independentemente da resposta, no entanto, era impossível permanecer ali. Num primeiro grito, todos começaram a correr e a se dispersar rapidamente.

Eram situações como essa, por sinal, que escancaravam a minha inexperiência e a minha inaptidão para aquilo. Porque, enquanto todos pareciam saber exatamente o que fazer e para onde ir, eu simplesmente não sabia para onde rumar.

Como os torcedores corriam em direções distintas, cada qual para seus carros e suas motos, eu vivi uma momentânea confusão mental. Cheguei a fazer menção de correr para dois lados opostos sem, no entanto, praticamente sair do lugar. Pois foi nesse instante limítrofe que Vandal chegou bem perto de mim, segurou o meu ombro, me aprumou de uma forma ágil e eficiente, gritou baixinho:

– Calma, professor. Ninguém sabe que a gente é torcida. Respira. Caminha ao meu lado.

Obedeci. Acalmei-me. Passei a caminhar bem perto dele, de forma lenta e regular, fingindo despreocupação, ensaiando o que seria uma suposta conversa amena entre dois amigos. Percorremos todo o caminho até chegar ao carro, sem levantar suspeitas, sem nos colocar em risco. Entramos no veículo, esperamos um pouco. Os outros dois torcedores que estavam com a gente, e que haviam-se escondido ao perceberem o carro fechado, se aproximaram finalmente, entraram também.

Demos a partida e seguimos o comboio, que voltava a se reunir na BR-230. Dessa vez, para ainda mais longe de João Pessoa, até chegar a um canavial denso e totalmente escuro que, ainda por cima, tinha uma ruela de acesso de barro que permitia esconder os veículos e posicionar quase que de forma imperceptível todos os torcedores.

Era o lugar perfeito, eu concordei. E, ainda na ilusão do controle que eu mencionei algumas páginas atrás, comecei a me preparar para observar todo o ataque sem me colocar em risco. Estacionei o carro atrás de todos os demais, bem para dentro daquela via sem nenhum ponto de luz, posicionei-me num canto, quase escondido perto de uns arbustos, mas com a visão totalmente desobstruída em direção à pista.

As pessoas falavam baixo, pediam silêncio, mandavam todos ficarem em alerta. A comunicação com os torcedores que acompanhavam a movimentação no estádio

persistia e as informações de momento eram as de que o ônibus da TJG já deixara o Almeidão, mas estava sendo escoltado pela Polícia Militar da Paraíba. Esses torcedores seguiam o ônibus ao longe e, pouco depois, avisaram que a escolta havia voltado, deixando a caravana seguir viagem sozinha a partir do posto de Polícia Rodoviária Federal de Bayeux. O caminho estava livre para o ataque.

Eram muitos os torcedores naquele breu total, faróis de carros e luzes de celulares apagados, observando a BR-230 à frente, bem na margem da estrada, aguardando ansiosamente avistarem o ônibus que passaria a qualquer momento. Até que, de repente, o telefone celular de um deles tocou. Era mais uma vez o pessoal da “espionagem”, que ainda seguia a caravana rival e atualizava-nos sobre os últimos acontecimentos. O ônibus da TJG parara num posto de combustível, mais ou menos perto de onde estávamos. Parecia estar quebrado, muitos dos “alemães” tinham descido do veículo.

Os torcedores da Jovem não pensaram duas vezes. Era a deixa ideal para a pista que eles tanto ansiavam. Deram o comando. Saíram todos em disparada em direção a seus carros e motos e de lá partiram com a intenção de chegar ao tal posto de gasolina onde estava a torcida organizada trezeana. Era o fim de minha ilusão sobre controle. O início do imponderável que tanto buscava evitar.

Porque, como eu não tinha outra coisa a fazer, repeti o gesto dos demais. Corri para o meu carro, esperei todos que estavam comigo entrar, dei nova partida. Vandal, no banco de passageiro, me orientava como podia, tentava igualmente entender tudo o que se passava em nosso entorno.

O primeiro erro de estratégia que se deu naquela decisão, a meu ver, foi que só tínhamos como chegar ao tal posto de combustível pela BR-230. E, para isso, era preciso antes pegar a via oposta, que se afastava cada vez mais de João Pessoa, para, lá na frente, fazer o retorno que nos colocaria de volta em direção a Bayeux. E o retorno, pude constatar, não era perto de jeito nenhum.

Ainda assim, segui viagem, tentando localizar outros torcedores. Entretanto, como eu deixara o meu carro lá atrás, longe de todos os demais, eu fui o último a deixar a ruela de barro. Não avistávamos mais ninguém e assim continuamos pela BR-230 até finalmente eu fazer o retorno. Sem nada mais que pudesse ser feito, segui dirigindo, ainda procurando algo de diferente, mas agora na direção de quem volta para a capital paraibana.

O que aconteceu é que, conforme saberíamos depois, o ônibus da TJG havia sido consertado de forma mais rápida do que o esperado e ele já deixara o posto de gasolina.

Um último aviso fora dado com essa informação pouco depois de nossa saída e repassado ao grupo de WhatsApp da Tropa do Netinho, do qual fazíamos parte. Os torcedores da Jovem, então, pararam os seus veículos onde estavam, espalhados em diferentes pontos, e se esconderam na margem e no canteiro central da estrada, mais uma vez se preparando para o ataque cada vez mais iminente.

Na hora da tensão, contudo, não vimos essa informação ser enviada, e ela simplesmente não chegou até o nosso carro. Sendo assim, nós éramos o único veículo com torcedores da Jovem que ainda se movimentava pela BR-230, meio perdidos, meio sem saber o que iria encontrar pela frente, ainda seguindo no sentido de volta para João Pessoa.

Até que, em dado momento, eu reconheci o local onde estávamos. Comentei com Vandal, tom inquiridor:

– Vandal, esse é o último retorno antes de chegar de vez a João Pessoa. O que eu faço? Depois daqui, não tem como voltar com velocidade ao local onde estávamos.

Reduzi a velocidade, mas não tinha como parar. E, diante de um interlocutor ainda em dúvida sobre o que responder, retardei até o último instante a decisão de seguir direto ou fazer novamente o retorno em sentido contrário a João Pessoa. Pois, justo nessa fração de segundo, no momento derradeiro, quando eu já me preparava para seguir em frente, Vandal finalmente gritou, em êxtase, diante da mais pura e incrível coincidência:

– Olha o ônibus deles ali! Entra! Entra! Entra!

Só deu tempo de apurar o olhar. De fato, lá vinha o ônibus com letreiro laranja aceso que combinava com as características enviadas para nós horas atrás. Subia uma pequena ladeira com dificuldade, mas, pouco a pouco, tornava-se cada vez mais visível. Reacelerei com ímpeto, fiz o retorno, a tempo de meu carro ficar exatamente à frente do ônibus da TJG.

Àquela altura, contudo, Vandal já abandonara o seu estado de indecisão de pouco atrás e começava a me dar ordens em sequência:

– Acelera, professor. Tenta se distanciar o máximo possível do ônibus.

No segundo seguinte, arrematou, percebendo o óbvio:

– A galera está na moita. Vai! Dá corta-luz! Dá corta-luz!

Quase que no automático, obedeci ambas as ordens. Acelerei, afastando-me gradativamente do ônibus. Comecei a dar corta-luz enquanto dirigia em velocidade crescente. À medida que eu passava, os torcedores escondidos percebiam o sinal, iniciavam o ataque, acertavam o ônibus. Eu só escutava as bombas e rojões sendo

detonadas atrás de mim, a fumaça ficando densa na pista e sendo possível de ser vista de relance pelo retrovisor.

Muito lá na frente, ainda entrei e em seguida parei na mesma ruela de barro em que estivéramos antes. Os torcedores que estavam comigo desceram em velocidade e foram para o acostamento da BR-230 participar também eles do ataque. Como eu conseguira me afastar bem do ônibus, ainda tive tempo de manobrar o carro e deixá-lo apontado para a pista, para ter como sair dali em velocidade se isso fosse preciso.

Desliguei o carro, apaguei os faróis, permaneci dentro do carro, sozinho, totalmente no escuro. As pernas tremiam, um pingo de suor deslizava pela lateral de minha testa, o coração batia acelerado como poucas vezes batera. Eu permanecia imóvel, chaves ainda na ignição, mãos ao volante, olhar firme para a frente, exausto, atônito, reflexivo. Nem mesmo conseguia piscar.

Apesar da janela fechada, os barulhos de bombas caseiras e rojões continuavam a ser ouvidos de forma intermitente. Até que uma última detonação foi ouvida por mim, já mais perto de onde eu estava. Fez-se silêncio, uma densa fumaça invadiu a ruela, segundos depois o ônibus enfim cruzou a minha vista seguindo viagem pela BR-230. Foi o suficiente para concluir que o ataque acontecera, fora bem-sucedido, apesar dos percalços, mas que, ainda assim, a TJG não parara para encarar a pista. Eu finalmente respirava aliviado.

Mesmo assim, um ataque como aquele não se encerra em si mesmo. O papo perdura, as comemorações se prolongam, as lembranças e memórias são a todo momento reavivadas e permanecerão sendo acionadas ao longo de vários meses ou anos para a frente. No grupo de WhatsApp oficial da TJB, o assunto se prolongaria de forma quase exclusiva por todo o dia seguinte.

Havia de tudo. Parabéns a quem colou no ataque, reconhecimento de que a tropa estava instigada, revivendo os “velhos tempos”, lembranças de episódios curiosos da noite anterior, ironias e provocações aos montes contra os trezeanos. Rolou até um suposto áudio do motorista do ônibus, relatando o medo que teve quando o ataque começou, principalmente porque o seu veículo não desenvolvia uma velocidade muito expressiva, e isso o teria deixado ainda mais vulnerável.

Dado momento, o assunto chegou a mim. Alguém declarou, em áudio:

– Ei, parceiro. Agora eu vou dizer, viu? O professor se garantiu. Colocou o carro na pista.

Em que outro, às gargalhadas, aparentemente impressionado, parecia concordar com a afirmação anterior:

– E o carro preto aloprado lá na frente?

O carro preto, como já é possível inferir, era o meu. Dando corta-luz e avisando aos interlocutores da repentina chegada do ônibus que seria alvo do ataque. Como já dito, um protagonismo não esperado que me serviu para entender que a pesquisa de campo não é passível de ser controlada e domesticada, não pode ser pensada sem considerar os seus muitos instantes imponderáveis. Aquele foi, sem dúvida alguma, o momento mais nervoso de minha etnografia até ali. Mas esse título só perduraria por quatro meses, até que chegaria o dia em que eu me veria do outro lado de um ataque.

3.3.2 “Olha a atividade, parceiro”: etnografia de uma emboscada de dentro do ônibus atacado

Não foi por falta de aviso, eu preciso admitir. Quando a caravana foi anunciada para 13 de maio de 2023 e eu coloquei meu nome na lista daqueles que viajariam, rapidamente Allam me mandou uma mensagem por WhatsApp, no privado, alertando-me em tom direto e didático:

– Professor, você tem certeza? Natal não é Campina Grande não, viu?

A referência, ao tempo que servia para provocar os rivais locais, era um aviso mais do que claro para o que viria pela frente. Mas, não satisfeito com o que já dissera, ele completou em forma de alerta:

– A Máfia é gigante em Natal.

Em palavras mais diretas, a caravana que a TJB faria para a capital do Rio Grande do Norte, para acompanhar a partida em que o América-RN enfrentaria o Botafogo-PB pela Série C do Brasileirão de 2023¹³⁰, era considerada de alto risco, destinada aos torcedores mais destemidos e experientes, ou para aqueles mais novos que se garantiam e queriam ganhar rodagem na caminhada de torcida organizada.

Eu entendia tudo isso, deixei bastante claro para Allam que eu estava devidamente informado das tensões que cercavam aquele jogo e o possível encontro com a torcida Máfia Vermelha do América-RN, mas ainda assim mantive o meu nome na lista e a minha

¹³⁰ A partida terminaria empatada em 2 a 2, o que não deixaria de ser um bom resultado para o Belo, que jogava fora de casa.

disposição de acompanhar a caravana, considerando, afinal, que aquela haveria de ser uma viagem importante para as minhas pretensões de pesquisa.

Principalmente porque, apesar de todos os riscos alardeados e assumidos pela torcida organizada, a TJB havia conseguido fechar sozinha três ônibus inteiros para aquela caravana, de forma que era a maior que ela conseguia organizar em muitos anos. Apenas para efeito de comparação, Fúria e Império, juntas, somando forças, haviam fechado apenas um ônibus para aquele mesmo jogo.

Antes de prosseguir, contudo, vale refletir rapidamente sobre a preocupação que cercava a Jovem com relação a Natal, a ponto de Allam ter o cuidado de me advertir que não era comparável com tudo o que eu já vivera em Campina Grande. E eu sugiro uma reflexão mais ampla porque, afinal, essa relação de respeito e consciência do perigo encontra paralelos com outros exemplos Brasil afora.

Porque, em que pese um discurso sempre destemido que as torcidas organizadas alardeiam sobre si mesmas, a experiência e a memória torcedora, principalmente dos mais antigos, acabam por traçar mapas mentais que vão definir as características de cada destino. E que invariavelmente vão fazer alguns lugares serem lembrados como mais perigosos do que outros.

Canale (2020), por exemplo, enumera em seu trabalho uma série de ataques mútuos a caravanas envolvendo torcidas organizadas paulistas e cariocas, ao longo das décadas de 1970 e 1980, e que tensionaram muitas dessas relações. Hollanda (2008), ademais, resgata como Belo Horizonte se tornou um destino temido, a partir da década de 1970, para as torcidas organizadas cariocas. Para além disso, Barros (1978, p. 43) descreve o lema de uma caravana da Gaviões da Fiel realizada em 1976 entre São Paulo e Porto Alegre e que resume bem a sensação de risco, de destemor, de bater de frente quando necessário, que esse tipo de experiência exige simultaneamente: “Não corra, não mate, não morra”.

Uma recomendação corintiana, por sinal, que me permite mais uma vez insistir na tese de um regramento da pista, uma esportificação do conflito, um pretense controle da violência. Porque, se por um lado não se deve fugir e se deve enfrentar sem medo qualquer que seja a dificuldade ou o risco de uma caravana, por outro lado não se deve jamais matar, muito menos morrer.

A despeito disso, contudo, aquela caravana para Natal, e os diálogos que tomavam conta dos torcedores nas semanas que a antecederam, ajudavam-me a compreender de forma ainda mais cristalina como Elias e Dunning (1992) foram tão perspicazes ao propor

uma centralidade na busca pela excitação entre os espectadores de desportos, e como os confrontos e as tensões poderiam se tornar prazerosos a esse público.

Pois, conforme anotei em meu caderno de campo, era justo o fato de ser um jogo de pista, contra uma torcida organizada com longo histórico de rivalidades e de encontros violentos com a TJB, que tornava aquela caravana tão atrativa, tão esperada, tão desejada por todos.

Nas expressões torcedoras, era a “caravana do ano”. Um daqueles momentos definidores que costumavam separar quem era “torcedor de sofá”¹³¹ e quem era “torcida de verdade”. Que ajudavam a identificar quem estava disposto a dar as caras, a ir para o embate, a topar com o inesperado, a acionar uma vez mais a temida ideia de “tudo pode acontecer” e ainda assim se apresentar para a disposição.

O jogo estava marcado para 21h30 daquele dia. Os três ônibus da TJB em comboio saíam de João Pessoa por volta das 16h. Perto de meio-dia, já havia torcedor no local marcado para a concentração começando a se mobilizar e a se preparar para qualquer situação que pudesse vir a acontecer.

Ainda assim, foi só a partir das três da tarde que a maioria dos torcedores começou a chegar e a se aglomerar no local de onde saíam os ônibus. Perto da hora marcada para a saída, o presidente Netinho convocou uma preleção final, esteticamente parecida com aquelas que são realizadas por jogadores de futebol antes da entrada em campo para mais um jogo. Talvez, a principal diferença ali fosse apenas o fato de que o círculo feito pelos torcedores era inúmeras vezes maior do que aqueles que os atletas, comumente em menor número, poderiam fazer.

Netinho, de toda forma, dava o tom. Ajudando-me a entender, de quebra, um pouco mais sobre como as caravanas, principalmente aquelas para um jogo de pista, eram entendidas pelas torcidas organizadas:

– Pessoal, isso aqui é caravana, é coisa séria, não é brincadeira não – alertava, falando alto para ser ouvido por todos os demais que o observavam em silêncio.

O presidente, entre outras questões de ordem mais prática, como perguntar quem ainda estava sem ingresso e confirmar se todo mundo estava levando um documento oficial com foto, dava ênfase à necessidade de todos ficarem em alerta, atentos e coesos, prontos para proteger o patrimônio da torcida organizada.

¹³¹ No jargão êmico, aquele torcedor que prefere assistir ao jogo pelo rádio ou pela TV, em vez de ir para a arquibancada.

Ele falava também da necessidade de uma profunda unidade entre os bairros para tornar a TJB mais forte, algo que seria fundamental para que os torcedores fossem e voltassem bem. E justificava:

– Caravana tem riscos. Existe sempre o risco de um irmão nosso não voltar, ou nem mesmo chegar ao estádio.

Na sequência, no próximo passo de um roteiro improvisado que o presidente da Jovem parecia seguir, ele falou sobre a postura que era esperada da Torcida Jovem do Botafogo-PB enquanto estivesse em território hostil.

– É chegar na moral, sem brincadeiras. E cantar todos os minutos. Tem que aguentar a lombra. E seja o que deus quiser. Vai todo mundo junto. Volta todo mundo junto, parceiro.

Num último ato, o recado foi para os novatos, ressaltando uma vez mais um respeito, uma certa hierarquia torcedora que é conquistada com tempo, vivência, experiências e memórias, demonstrações de disposição torcedora:

– A gente não vai para brincar não. Então os novatos peguem a visão com os mais antigos. Em caso de necessidade, colem mesmo com quem já tem mais experiência na pista – orientava.

Era um discurso quase premonitório de que um ataque estava por vir, que todos os cuidados seriam necessários ao longo daquela caravana. A Jovem parecia tão certa de que algo grande poderia acontecer, aliás, que Alex viajara na véspera para Natal, na surdina, em um carro particular e no mais puro anonimato, levando em segurança a faixa da Torcida Jovem do Botafogo-PB.

E é justo em momentos como esse, tal como amplamente alardeado no capítulo anterior, que são tão importantes as alianças entre torcidas organizadas. Uma sociabilidade que, segundo Toledo (1996, p. 99, grifo do autor), “obedece a uma certa configuração que está longe do âmbito da mera casualidade” e que, ao contrário, revela a “existência de uma relação de *companheirismo*” para lá de importante. Porque, já na chegada do botafoguense ao Rio Grande do Norte, esse passou a ser protegido por integrantes da Gang Alvinegra, que lhe deram suporte em Natal, garantiram a proteção da faixa, conduziram ambos em segurança até a Arena das Dunas no dia e na hora do jogo para se encontrar com o resto da caravana.

Retornando ao ônibus e à viagem da Paraíba para o estado vizinho, contudo, as apostas dos líderes de caravana eram de que um ataque deveria acontecer, possivelmente, em Parnamirim, bem na entrada de Natal. Mesmo assim, o alerta era constante. Ficavam

sempre um ou dois torcedores posicionados no corredor mais à frente do ônibus, um ou dois torcedores observando a retaguarda. Todos esses davam conta de tudo o que se passava na estrada e em suas margens.

Na mais remota possibilidade de problema, o grito era imediatamente dado:

– Olha a atividade, parceiro!

“Atividade”, a saber, era um sinal de alerta, uma senha que comunicava imediatamente com todos os demais presentes no ônibus, e que ao menos sugeria a possibilidade de ação suspeita de “alemão”. Ao que me pareceu, a regra era jamais pecar por omissão. Na dúvida, emite-se o alerta, mantêm-se todos atentos ao que pode ou não acontecer. Porque, no que de fato me parece óbvio, é melhor manter todos de prontidão mesmo diante de um alarme falso, do que ser pego de surpresa quando o ataque para valer acontecer.

Muito por isso, nem de longe era a primeira vez que eu escutava aquele alerta. Na volta da caravana que a TJB fez para Sousa, por exemplo, menos de dois meses antes, o ônibus em que eu estava passou por dentro de Campina Grande, tarde da noite, num típico cenário em que, a qualquer momento, poderia haver um ataque por parte da Jovem do Galo ou da Facção.

Naquele dia, os gritos eram constantes, múltiplos, direcionados para o mais ínfimo dos detalhes. Absolutamente nada passava despercebido: carros que aparentemente estivessem seguindo o ônibus ou transitando com faróis apagados, motos muito próximas do veículo, movimentação de pessoas na beira da estrada, etc.

– Olha a atividade, parceiro!

A cada novo grito, as demais pessoas se exasperavam, olhavam atentamente para fora da estrada, preparavam-se para a reação que eventualmente precisasse ser executada. Da mesma forma, afastavam um pouco as respectivas cabeças das janelas e as abaixam mais para o meio do corredor, para assim se protegerem em caso de ataque, em caso de justo a janela ao lado estilhaçar após ser atingida por uma pedra, um rojão, uma bomba caseira.

No retorno de Sousa para João Pessoa, todavia, tudo correria bem. Todos os gritos seriam de alarmes falsos e os torcedores chegariam em casa sem serem molestados de alguma forma. Mas, era fato, os mais experientes sabiam que nem sempre uma caravana terminava bem, sem percalços ou atropelos. E era por isso que o mesmo estado de alerta se repetia na viagem para Natal.

– Olha a atividade, parceiro!

Não tem jeito. Uma hora, o alarme haveria de ser verdadeiro, apontar para um perigo real, para um instante que nos levaria, os meus companheiros de caravana e eu, para o meio do mais absoluto caos. A propósito, eu estava no segundo dos três ônibus. Esse é um detalhe fundamental para o que eu vou descrever a partir de agora.

Antes de a viagem ser iniciada, Netinho havia sido absolutamente claro em sua decisão de que os três ônibus deveriam viajar sempre muito próximos uns dos outros. E que, ao menor sinal de “muído”¹³², os veículos deveriam parar imediatamente, mantendo a coesão da caravana. Ele completava, desta vez se referindo a cada um dos torcedores em trânsito:

– É para descer todo mundo. Ficam só as mulheres nos ônibus!

O problema é que, em mais um desses imponderáveis torcedores, somado a uma estratégia assertiva da Máfia Vermelha, o ataque se deu ao fim de uma ladeira da BR-101, em algum lugar entre Goianinha e São José de Mipibu, municípios do Rio Grande do Norte que ficam a 60 km e a 30 km de Natal respectivamente.

Pois, justo no início da subida, o ônibus em que eu estava deu uma engasgada, o motorista precisou corrigir a marcha antes de reacelerar, o veículo da frente acabou-se afastando mais nesse instante.

– Olha a atividade, parceiro! “Alemão” pra “carai na beira da estrada – gritou um.

Nesse exato momento, começava o ataque ao primeiro ônibus, sendo possível de onde eu estava assistir a toda a cena. Pedras, bombas, estampidos, fumaça densa subindo e se alastrado intensamente. Um barulho ensurdecedor. Cena tão assustadora que o motorista do ônibus em que eu estava parou no meio da via. Ele nem se deu ao trabalho de ir para o acostamento. Apenas parou e demonstrou uma clara indecisão sobre onde estava. Um medo paralisante que nem fazia ele avançar, nem permitia que ele abrisse as portas do ônibus para os torcedores descerem.

Entre os integrantes da TJB, aliás, a mesma indecisão tomava conta. E uma gritaria insana, um debate extremamente duro, transcorria entre os torcedores. Basicamente, eles estavam divididos em dois lados. Uma metade queria descer e ir para a pista de todo jeito, uma outra metade reconhecia a absurda inferioridade numérica, agravada principalmente pelo afastamento do primeiro ônibus, que, a despeito do ataque violento, passara direto e seguira viagem.

¹³² Deriva-se de “moído”. Mas, no linguajar popular do Nordeste, transforma-se em “muído” mesmo, com um significado completamente diferente. Em um sentido figurado, portanto, refere-se a confusão, encrenca, problema provocado por alguém.

Eu seguia sentado em minha poltrona. Mais uma vez, era a terceira fileira da frente, do lado oposto ao do motorista. Eu ocupava, contudo, a poltrona do corredor, o que me permitia uma visão ampla do ônibus e, para além disso, de toda a estrada. Foi esse detalhe que me permitiu ver, de forma tão assustadoramente cristalina, o ataque dado ao primeiro ônibus.

Era esse detalhe igualmente que me permitia continuar vendo a movimentação lá fora. Uma cena que, exageros e clichês à parte, lembrava um filme antigo de suspense. Porque o ônibus seguia parado, a estrada à frente em um breu só quebrado pelo próprio farol do veículo, que mal iluminava algo por causa da densa neblina provocada pela fumaça que persistia em permanecer ali. E, entre a fumaça, uma imagem se destacava das demais e me chamava a atenção. Era a silhueta de um homem, no meio da BR-101, lá longe, mas vindo lentamente em nossa direção com um grande pedaço de pau na mão.

Mas, voltando à discussão acalorada que era travada bem ao meu lado, quase todos os torcedores estavam em pé no corredor. Gesticulavam, gritavam, xingavam-se, exigiam que as suas respectivas teses prevalecessem. A parte mais para trás do ônibus exigia que a TJB fosse para a pista. A parte mais para a frente do ônibus reagia:

– Dá não, parceiro, dá não. É gente demais. Um ônibus só não dá conta não, porra.

Os gritos, então, eram dirigidos para o motorista. Que passava a escutar ordens desencontradas de “abre a porta” e “acelera”. Seguia-se o impasse no meio da BR-101. Uma cena que, apesar de toda essa descrição pormenorizada, acontecera em menos de 30 angustiantes segundos. Parecia uma eternidade.

Fato é que, 50 m ou 100 m para a frente, ainda era possível perceber toda a movimentação da Máfia Vermelha em meio à fumaça, que ainda não se dissipara. E o ônibus da Jovem ali, parado no escuro, no meio da estrada enladeirada, tentando decidir o que fazer. Até que, por fim, prevaleceu a opinião de que não era possível descer. Alguém no comando gritou num tom que mostrava autoridade:

– Acelera, motorista, porra!

Ele acelerou com ímpeto. Eu olhei para a frente. Dezenas e mais dezenas de pessoas saíam do mato que margeava a estrada e se preparavam para o ataque. Lembrei imediatamente do que vira acontecer ao primeiro ônibus. Foi só ali que eu, enfim, tive a plena consciência de que iria passar pelo meio daquela loucura.

Pois, a partir de então, eu só tive tempo de abaixar a cabeça e aguardar, protegendo-a com as mãos. Imediatamente depois desse meu gesto instintivo, o ataque se iniciou. Intenso barulho de foguetões, bombas caseiras, pedras. Cheiro forte de pólvora e

fumaça invadindo o interior do ônibus. E o primeiro detalhe que eu percebi foi o parabrisa trincar com violência. Depois, duas das janelas mais próximas a mim explodiram. Dava para sentir centenas de micropedaços de vidro bater nas minhas costas e adentrar por entre a camisa.

No segundo seguinte, eu senti algo duro bater com bastante força em minha coxa, já bem perto da lateral de minha nádega direita. Chegou a ser inclusive uma situação inusitada, até certo ponto engraçada quando analisada posteriormente. Isso porque, ao sentir a pancada, imediatamente entendi que se tratava ou de uma pedra ou de uma bomba caseira. E, amedrontado, ainda incapaz de levantar a cabeça, só conseguia implorar para mim mesmo para que não fosse uma caseira. Não era, ainda bem.

Tão logo passamos pelo ataque e pudemos avaliar os estragos, pois, percebi que se tratava de uma pedra grande, justo aquela arremessada para quebrar uma das duas janelas estilhaçadas próximas a mim. O ônibus ficara bastante avariado, inúmeras janelas quebradas, muitas pessoas com pequenos machucados provocados pelos estilhaços. Nada grave. Eu passara incólume, apesar de tudo.

No mais, uma cena maravilhosamente inusitada foi percebida por mim. Enquanto quase todo mundo no ônibus ainda seguia naquele estado de agitação, num completo alvoroço para se autoavaliar e saber se estava tudo bem, um torcedor pertinho de mim, e na mais absoluta calma, tentava ensinar a ideologia torcedora aos iniciantes:

– Torcida é isso mesmo, torcida é isso mesmo. Vamos em frente, pessoal. Isso acontece. Torcida é isso mesmo.

Era quase um mantra, quase uma aceitação da derrota, não fosse o detalhe de que ele já conseguia enxergar além:

– Oxe, tá de boa. Um dia a gente dá o troco. Torcida é isso mesmo.

O mais impressionante é que não era de jeito nenhum um tom de voz indignado ou revoltado. Apenas uma simples constatação, serena, consciente e resignada, de que era assim mesmo que as coisas funcionavam. Estava tudo dentro das regras, afinal. Algumas vezes uma torcida ataca, algumas vezes essa mesma torcida é atacada.

Inclusive, a cena se tornava ainda mais curiosa porque, justo naquele momento em que o tal torcedor tentava tranquilizar a todos ao lembrar que, afinal, “torcida é isso mesmo”, eu já estava em pé, no meio do corredor, balançando a minha camisa e escutando o tilintar de pedaços de vidro que descolavam de minhas costas e reverberavam no chão do ônibus.

Indiferente a tudo isso, contudo, a viagem seguia. E, mais à frente, o comboio foi parado no posto da PRF de São José de Mipibu. Naquele local, por sinal, foi possível perceber os estragos de cada um dos três ônibus, todos avariados em diferentes intensidades (Figura 35). Netinho, que estava no terceiro, com vários pequenos cortes nas costas provocados por estilhaços de vidro, era o mais machucado, ainda que a sua situação também não fosse grave.

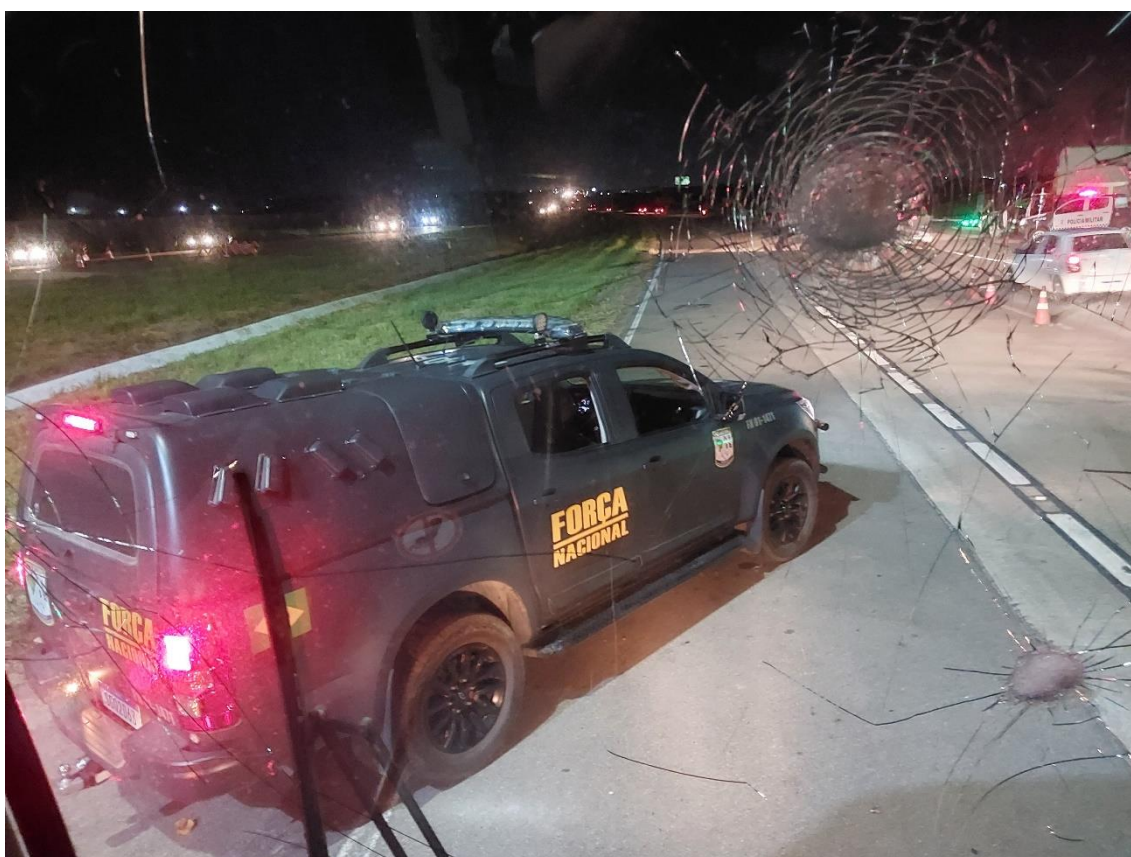


Figura 35 / No posto da PRF, foi possível avaliar melhor os estragos provocados nos ônibus pelo ataque da Máfia Vermelha / Phelipe Caldas / 13 de maio de 2023

Como de costume, deixarei para discutir a questão das revistas policiais no Capítulo 4. Por ora, vale pontuar que houve um novo incidente na própria PRF, quando um carro da Máfia Vermelha passou com um torcedor tentando filmar os estragos dos ônibus. A Jovem, percebendo a atividade, reagiu, contra-atacou, agrediu, respondeu, comemorou o que poderia ser chamado de um ínfimo prêmio de consolação.

Apesar da resposta, todavia, aquele ataque estaria longe de abandonar a memória dos integrantes da TJB. Ao contrário, renovava o sentimento identitário que os movia. E, mesmo feridos, os torcedores da Jovem fariam questão de entrar em arrastão na Arena das Dunas para o jogo em questão. Netinho à frente, sem camisa, indiferente aos machucados, puxando o grito, o cântico, o “ser torcida” que tanto os movia (Figura 36).

Nas semanas e meses seguintes, a Jovem iniciaria uma longa e bem-sucedida campanha para arrecadar R\$ 12 mil para custear os reparos nos três ônibus. Antes, porém, precisaria honrar a torcida, mostrar destemor, se apresentar para o cântico, para o apoio, para exibir a faixa da Maioral na casa dos rivais e gritar, sempre que possível, mais alto do que os donos da casa.



Figura 36 / Início da entrada da Jovem, em arrastão festivo, na arquibancada da Arena das Dunas, em Natal / Felipe Caldas / 13 de maio de 2023

Haveria troco, isso era fato. Na própria Arena das Dunas, inclusive, durante o decurso da partida, já se começava a articular o dia da resposta. Numa reação que, aliás, estava em consonância com o que diz Cardoso (2021) sobre o contexto carioca, que atesta que ataques violentos obrigam sempre uma retribuição do lado atacado contra aquele que atacou.

Por tudo isso, o debate não era nunca sobre se haveria troco, porque isso era óbvio. O debate, na verdade, girava em torno do quando. E, por mais que se almejasse urgência, não haveria jamais de se ter pressa. Se não fosse amanhã, seria depois. Se uma primeira tentativa falhasse, a TJB traçaria outro plano, até que a resposta fosse dada.

Depois de tanta discussão, pois, definiu-se um contra-ataque para dali a duas semanas, em 27 de maio de 2023, aproveitando o fato de que a Máfia Vermelha

acompanharia o América-RN até um jogo contra o Náutico-PE em Recife e que, invariavelmente, a caravana haveria de passar por João Pessoa.

Eu estaria naquele dia, uma vez mais, realizando pesquisa de campo. E aquele bem que poderia ser um tema para o presente capítulo. Mas tudo foi tão absurdamente imprevisível, tudo deu tão errado, permeado por tanta violência policial, que eu preferi incluir esse dia também no Capítulo 4.

É justo aquele, tão mencionado ao longo desta tese, que trata sobre violência policial, sobre uma categoria que gostaria de classificar aqui como racismo institucional. Uma violência estatal que, invariavelmente, tem o torcedor pobre, negro, periférico, como alvo. Seja criminalizando-o previamente, seja respondendo a eventuais contravenções de uma forma absurdamente desproporcional.

Capítulo 4. A violência institucional contra torcidas organizadas

Neste quarto capítulo, eu quero refletir mais detidamente sobre forças de segurança que atuam no contexto do futebol e que reproduzem violências diversas contra parcelas específicas da população. E, por mais que eu saiba que minha pesquisa tenha sido realizada majoritariamente na Paraíba, experiências pontuais vividas em caravanas para jogos em outros estados (como Rio Grande do Norte e Alagoas, por exemplo) me fazem crer que o problema a ser descrito é bem mais extenso e não se resume às divisas paraibanas.

De toda forma, o meu foco aqui é discutir como instituições como o Ministério Público e a Polícia Militar (dentre tantas outras) possuem um modo de agir específico para cada tipo de torcedor, e como a repressão e a truculência, em regra, são bem mais acentuadas quando a ação é exercida contra torcedores pobres, periféricos e negros.

Em termos mais diretos, o que eu pude perceber no curso de minha pesquisa e cujos resultados apresento agora é a existência de uma violência institucional, até mesmo um racismo institucional exercido pelo Estado, que o faz agir à revelia da lei e que tem como alvo preferencial esse perfil de torcedor. Policiais, portanto, que se sentem autorizados a agredir, a gritar, a ameaçar (inclusive de morte), a intimidar, a usar armamentos dos mais diversos tipos contra perfis específicos de torcedores sem que haja qualquer justificativa legal para isso.

Um processo recorrente patrocinado pelas forças de segurança, “naturalizado” pela mídia especializada e que tem como alvo preferencial torcidas organizadas periféricas como a TJB, o que leva a uma criminalização a priori do torcedor organizado, tratado de forma declarada e deliberada como criminoso antes mesmo de qualquer suposto delito.

4.1 A violência, os sinais diacríticos, a camisa da TJB

– Mãos na cabeça, seu filho da puta! Ou você quer levar bala na cara?

O grito finalmente venceu o som ambiente e os burburinhos que me cercavam no entorno da Arquibancada Sol do Estádio Almeidão e chegou aos meus ouvidos. Tom duro, irado, ameaçador, violento acima de tudo. Ainda surpreso, levantei o olhar para entender o que se passava.

Antes mesmo de conseguir perceber o que acontecia, veio um segundo grito, esse bem mais vívido, visto que eu já despertara de minha distração momentânea:

– Se mexer de novo é dois tiros, seu merda!

Esse episódio aconteceu em 2 de março de 2022 e, dali a pouco, o Botafogo-PB jogaria contra o Sergipe-SE pela Copa do Nordeste daquele ano. Já falei aqui sobre esse jogo no capítulo anterior e retorno àquele dia para abordá-lo sob outra perspectiva.

Porque, quando finalmente tomei par da situação, o que vi foi um policial militar absolutamente irritado, aparentando uma fúria impulsiva contra mim, enquanto apontava uma pistola, dedo no gatilho, em direção à minha cabeça. Não tinha nada ali que justificasse tamanha violência, eu pessoalmente nunca antes tinha passado por uma situação daquelas, mas era a exata cena em que eu me encontrava.

Quando ele falava em “mexer de novo”, a propósito, referia-se ao meu celular, que de fato eu manuseava, completamente alheio a tudo o que se passava, para anotar dados de minha pesquisa no grupo de WhatsApp que eu mantinha para esse fim.

Minutos antes, a TEC havia chegado ao Almeidão, e uma pista breve com a TJB foi registrada. Isso gerou certa tensão, uma movimentação mais exacerbada entre membros das duas torcidas, o que fez com que um pequeno grupo de botafoguenses, findada a pista, se afastasse mais do local onde o tumulto acontecera. Eu, que estava por perto, fui junto para observar aquela dinâmica específica.

Pouco mais à frente, no entanto, os torcedores do Belo pararam para avaliar melhor a situação e, nesse momento, saquei o meu celular e comecei a fazer anotações frenéticas sobre tudo o que se passara nos instantes anteriores. Desliguei-me por completo do que me cercava e foquei minha concentração exclusivamente na tela do celular.

Foi por causa disso que eu simplesmente não percebi a aproximação de uma viatura da Polícia Militar da Paraíba. Os policiais desceram do carro já com armas em punho, mandaram todos os torcedores ficarem em posição de baculejo (pernas abertas, mãos na cabeça, olhar para a frente, posicionados de costas para os policiais) e ficaram totalmente desconcertados, completamente irritados, quando um deles não obedeceu à ordem. No caso, eu.

Tanto é que, após os dois gritos e após eu me dar conta do que estava acontecendo, pude perceber que todos os demais torcedores já estavam na tal posição de baculejo, sendo eu o único que me encontrava com celular na mão, parado, olhando em volta enquanto havia um revólver apontado para a minha cabeça.

Eu me mantive calmo. Guardei o meu celular no bolso¹³³, indiferente aos gritos coléricos que se seguiam, e expliquei, pedindo calma, que eu não havia percebido a aproximação deles, nem escutado a ordem que me deram. Imediatamente, ali mesmo, sem entrar na formação onde os demais torcedores estavam, imitei a postura deles. Abri as pernas, coloquei as mãos na cabeça, olhei para a frente, aguardei ser revistado.

O policial seguia gritando. Questionou:

– O que você está fazendo aqui, seu porra?

Ora, a resposta óbvia seria responder que eu estava no Estádio Almeidão, afinal, para assistir a um jogo do Botafogo-PB. Mas a verdade é que, àquela altura, eu já percebia que a situação era tensa demais, delicada demais, perigosa demais para qualquer comentário que pudesse ser mal interpretado ou que pudesse soar irônico. Resolvi dizer a mais absoluta verdade, enfim:

– Eu sou pesquisador. E a minha pesquisa é com a TJB.

A tréplica do policial, contudo, que seguia segurando a pistola e apontando-a para mim, mesmo que já não mantivesse a mesma postura de ataque e de alerta de outrora, me surpreendeu sobremaneira. Porque escancarava o tipo de preconceito que aqueles policiais nutriam com relação às torcidas organizadas e com relação à Jovem de forma mais específica:

– Cala a boca aí, porra. Com essa camisa? Você quer que eu acredite que, com essa camisa, você é pesquisador?

Havia esse detalhe. Pela primeira vez no curso de minha pesquisa (contando mestrado e doutorado), eu usava uma camisa da TJB e isso, como pude perceber, fez toda a diferença. O fato é que, mais cedo, na casa de Vandal, na cervejada pré-jogo, o pessoal do BDF e o presidente Netinho resolveram me dar uma camisa da Jovem de presente, como forma de agradecimento pela pesquisa que era realizada.

Houve até um pequeno discurso, tom solene, com alguns dos torcedores me dizendo como era importante para eles, tão acostumados a serem criminalizados e a sofrerem todo tipo de preconceito, serem pesquisados enquanto torcida pela universidade, por um pesquisador que imergia no mundo deles sem os julgamentos prévios dos quais eram costumeiramente alvos.

¹³³ Depois, os torcedores me diriam que aquele foi o segundo erro grave que cometi naquele dia (o primeiro foi o de não obedecer à ordem de imediato). “Jamais coloque a mão no bolso quando estiver sendo abordado por um policial, professor”, alertaram-me tão logo o enquadro acabou.

Foi assim, portanto, que vesti e minha primeira camisa da TJB (no curso da pesquisa, eu compraria outras três) e migrei para o estádio. Apenas para sentir na pele o tipo de abordagem violenta que os integrantes da Jovem são tão acostumados a sofrer dia após dia, jogo após jogo.

Para refletir melhor sobre tal episódio, contudo, é preciso voltar um pouco no tempo. Isso porque, ainda durante a pesquisa de mestrado, eu passei por uma situação das mais inusitadas, oposta à que vivi naquele 2 de março de 2022. Quase quatro anos antes, em 25 de março de 2018, a Polícia Militar da Paraíba dava tiros de bala de borracha contra torcedores da Jovem naquele mesmo entorno de estádio, quando, no limite de ser atingido, eu fui poupado.

Eis como registrei aquela cena em minha dissertação:

Em dado momento, vi-me encurralado. Cheguei próximo de um dos portões de entrada da Arquibancada Sol, que, no entanto, estava fechado. À frente, corrimões, que impediam a minha passagem. À minha esquerda, estava a grande parede de concreto do estádio. E, atrás de mim, os policiais continuavam atirando, continuavam avançando firmemente para o lado onde eu estava.

A única saída seria correr desesperadamente para o meu lado direito e, assim, me esconder por entre os carros parados no estacionamento mais à frente. Para isso, contudo, eu deveria atravessar a linha de frente das balas de borracha, que seguiam sendo disparadas em direção aos torcedores em fuga. Fiquei vacilante. Sabia que precisava realizar aquela travessia, mas não me via com coragem para tanto. Os policiais continuavam se aproximando, atirando, gritando. Era questão de tempo chegarem até mim.

Quando dois policiais militares estavam bem próximos, e quando eu tive a certeza absoluta de que iria ser atingido, um deles percebeu a minha indecisão. Viu-me titubeante. Parou de atirar. Fez sinal para outros igualmente pararem. Gritou, irado:

– Pode passar, pode passar! Que aqui a gente só está atrás de atirar em vagabundo! (Carvalho, 2019, pp. 180 e 181).

Já naquela época, inclusive, eu propunha todo um debate sobre a ideia de “sinais diacríticos” defendidos por Almeida (2004, p. 17), que vai identificá-los como “sinais exteriores ancorados nos seus corpos”. Características corporais como a cor da pele, por exemplo, que, no fim das contas, vão ser fontes de preconceitos e de violências de toda ordem. Porque, ainda de acordo com o autor, são categorias que “não são neutras ou horizontais, ou sequer simétricas. ‘Preto’ não é apenas a outra face da moeda de ‘branco’; ‘preto’ é a face de baixo, com menos valor, da moeda” (Almeida, 2004, p. 18).

O policial que não atirou em mim em 2018, portanto, baseava-se nesses sinais diacríticos para, no calor do momento, diferenciar-me da categoria de “vagabundo” em que, na visão dele, estavam os torcedores organizados, o que demonstrava toda uma gama

de preconceitos e racismos que pautava as suas ações. Até que, em 2022, eu descobri que a camisa da TJB agregava em mim esses valores identificados por uma imprecisa, mas eficaz imagem de “vagabundo” que era imputada aos demais torcedores.

É óbvio que, com isso, eu não estou negando ou minimizando todo o racismo que envolve a atuação dos policiais militares paraibanos, mas apenas destacando que a camisa da Jovem é, talvez, o grande sinal comunicativo, aquele que, colado aos estereótipos fenotípicos do corpo negro, potencializa o preconceito que marca esses torcedores. Do ponto de vista torcedor, define uma identidade positiva; do ponto de vista da PM, marca alguém que, a priori, precisa ser tratado como criminoso.

Quando eu digo, aliás, que eu não pretendo negar o racismo que envolve as forças policiais, é porque, no curso de minha pesquisa, não foram poucas as vezes em que eu fui poupado de abordagens policiais enquanto todos os meus companheiros de pesquisa eram revistados.

Em 12 de março de 2022, por exemplo, num jogo do Botafogo-PB contra o Auto Esporte-PB, pelo Campeonato Paraibano¹³⁴, eu caminhava (sem a camisa da Jovem) ao lado de cinco ou seis torcedores da TJB, dialogando animadamente em direção ao pé de castanhola localizado no entorno da Arquibancada Sol, quando um grupo de policiais nos abordou. Não havia nada de errado, nenhum tumulto ou coisa que o valesse. Era apenas um grupo de torcedores conversando alto, brincando entre si, enquanto caminhava. Mas, quase que automaticamente, sem que nem percebessem o fato de que eu era parte daquele grupo, fui apartado dos demais e ignorado pelos policiais.

Na mesma ação, os demais torcedores, todos negros e vestidos com a camisa da TJB, precisaram passar pelo baculejo, sendo revistados de forma firme e acintosa, precisando esvaziar os bolsos, tendo que demonstrar que estavam “limpos” e que nada ali estava irregular. Uma realidade que se repetiria inúmeras vezes no curso de minha pesquisa, sendo até difícil quantificar quantas abordagens como essas eu testemunhei contra torcedores periféricos.

O próprio instrumento do baculejo, por sinal, carrega uma incrível carga de violência. Para tratar do assunto, eu pedi a consultoria de um policial paraibano que se identifica com a temática dos direitos humanos. Ele pediu para a sua identidade não ser revelada, mas destacou que esse tipo de revista, tal como eu a descrevi, só é legalmente permitida em casos de “fundada suspeita”.

¹³⁴ Naquele dia, o Belo venceu a partida por 1 a 0.

De acordo com ele, não cabe ao policial militar decidir de forma aleatória quem precisa ou não ser alvo de uma revista policial. Ao contrário, é necessário um registro, uma situação prévia que justifique a abordagem. Ele exemplifica:

– Se eu recebo uma informação de que um homem, aparentando 40 anos, com calça jeans, camisa vermelha e boné azul, acabou de cometer um assalto, e logo depois eu avisto uma pessoa com essas características em minha ronda, eu passo a ter uma fundada suspeita. De contrário, o policial passa a se pautar, com base em seus próprios preconceitos, por uma suposta “cara de criminoso”.

Ele destaca, inclusive, que essas regras estão previstas no currículo da disciplina “Técnicas de Abordagem”, presente em todo curso policial. De forma que, para o meu consultor, a prática recorrente da Polícia Militar da Paraíba de revistar torcedores organizados indica uma predisposição dos policiais de tratar essas pessoas como suspeitas, como criminosas, mesmo que não haja nada contra elas.

– No caso que você me descreveu, todos os torcedores organizados da Arquibancada Sol passam por uma revista que só é prevista em casos de fundada suspeita. Ou seja, na cabeça do policial, todo integrante de torcida organizada está passível de estar cometendo um crime. Faz-se uma revista no torcedor como se houvesse uma premissa de que ele é um criminoso – crítica.

A propósito, o próprio Código de Processo Penal, estabelecido pelo Decreto-Lei nº 3.689,9 de 3 de outubro de 1941, define, em seu artigo 244, que uma busca pessoal só poderá acontecer sem mandado judicial “quando houver fundada suspeita de que a pessoa esteja na posse de arma proibida ou de objetos ou papéis que constituam corpo de delito”¹³⁵.

A questão é tão recorrente, tão violenta, que nos últimos tempos começou a ser pautada pelas cortes judiciais superiores. A Sexta Turma do Superior Tribunal de Justiça, por exemplo, decidiu, em abril de 2023, por unanimidade, que a comprovação de “fundada suspeita” para justificar uma revista policial é imperativa para que as provas coletadas sejam consideradas válidas. E que essa comprovação deve ser auferida com base no que havia antes da diligência, de forma que eventuais descobertas casuais de flagrância não justificam a revista.

¹³⁵ Brasil. **Decreto-Lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941**. Código de Processo Penal. Disponível em: <<https://tinyurl.com/mt9tedz8>>. Acesso em: 13 out. 2023.

Ademais, o ministro-relator do caso, Rogério Schietti Cruz, destaca que essa medida se torna necessária para, entre outros pontos, “evitar a repetição [...] de práticas que reproduzem preconceitos estruturais arraigados na sociedade”. E arremata:

Em um país marcado por alta desigualdade social e racial, o policiamento ostensivo tende a se concentrar em grupos marginalizados e considerados potenciais criminosos ou usuais suspeitos, assim definidos por fatores subjetivos, como idade, cor da pele, gênero, classe social, local da residência, vestimentas etc¹³⁶.

Ora, a preocupação do ministro encontra eco em todas as características encontradas entre os torcedores da TJB seguidamente revistados pelas forças policiais. Afinal, esses são majoritariamente jovens, negros, homens (as mulheres, em média, sofrem bem menos baculejos), pobres, periféricos, que vestem camisas de torcidas organizadas.

Nessa mesma toada, a propósito, eu consegui com o tempo identificar um padrão que escancara essa visão preconceituosa das forças policiais. Sempre que eu caminhava sem a camisa da TJB, era ignorado pelos policiais e poupado da revista, por mais que estivesse muito próximo dos demais torcedores e por vezes no meio de uma roda de conversa, por exemplo. Quando eu estava com a camisa, ao contrário, eu era imediatamente incluído na revista.

Dito de outra forma, era a camisa que me fazia torcida, que me fazia próximo deles, tornava-me parte de um certo perfil de risco que precisava ser cuidadosamente vigiado e monitorado pelos policiais. Tornava-me integrante do grupo que era visto pelos policiais como sendo de “fundada suspeita”.

Quando sem camisa da Jovem, contudo, toda a lógica se invertia. Até o dia em que eu vivi o cúmulo de ser poupado de uma revista policial quando nada menos do que cem torcedores mais ou menos passaram por um baculejo coletivo. Eu me refiro a 30 de julho de 2023, na prévia do jogo do Belo contra o Manaus-AM pela 15ª rodada da Série C do Campeonato Brasileiro¹³⁷.

A partida estava programada para começar às sete da noite daquele domingo, e os integrantes da Jovem marcaram para todos se reunirem bem mais cedo na P1, a praça já citada nesta tese e que fica a menos de um quilômetro do Almeidão. Eu cheguei ao local

¹³⁶ CRUZ, Rogério Schietti. **Recurso em Habeas Corpus nº 158.580**. STJ, Brasília, 20 abr. 2023. Disponível em: <<https://tinyurl.com/2abja4zr>>. Acesso em: 13 out. 2023.

¹³⁷ Jogo esse que seria vencido pelo Botafogo-PB por 2 a 0.

por volta das três da tarde, vestido com uma calça de cor azul-escura e com uma camisa oficial do Botafogo-PB, e rapidamente me enturmei entre alguns grupos de torcedores, tomando cerveja com meus companheiros de torcida e interlocutores de pesquisa e dialogando sobre três pontos em especial: a expectativa sobre o jogo de mais à frente contra a equipe amazonense, a situação geral do Belo na Série C e a caravana que seria realizada para Maceió dali a exatamente duas semanas.

Como se pode perceber, eram apenas amenidades. Entre risadas, confraternizações e cumprimentos empolgados. O clima era leve e os torcedores ficavam especialmente ouriçados comigo quando descobriam que eu iria para a caravana, já que o jogo era de pista, contra o CSA-AL, e sempre havia essa exacerbação quando alguém percebia que, afinal, “o professor cola até mesmo nos dias de doideira”.

Enfim, registro esse detalhe adicional apenas para reforçar que era um momento da mais pura tranquilidade, em que os torcedores se resumiam a conversar serenamente, a rir entre si, a projetar placares positivos para o jogo da noite. Até que, de repente, três viaturas da Polícia Militar da Paraíba se aproximaram. Duas delas ficaram atravessadas na rua, fechando o trânsito nos dois quarteirões da parte da praça em que estávamos, e uma ficou no meio.

Algo em torno de 12 policiais militares desceram agilmente, a maioria já com armas em mãos, adotando tom ríspido e mandando todos irem até os muros das casas localizadas no lado oposto da via. A ordem era para ficarem em posição de revista, olhando sempre para a parede e de costas para a rua, que era de onde viriam os policiais no momento da abordagem. O tal baculejo coletivo ia finalmente começar. Sem nenhum incidente prévio que autorizasse tal medida ostensiva e sem nenhuma “fundada suspeita” que desse ares de legalidade àquela ação.

Eu estava ali no meio daquele grande grupo de torcedores. Como disse, entre papos, risadas, brindes, interações diversas. Absolutamente integrado àquela coletividade até que os policiais chegaram dando ordens de todo o tipo. Todos obedeceram. Eu, por pura curiosidade, por mero interesse acadêmico, num estalo de momento em que resolvi fazer um teste rápido e assumindo os riscos de minha decisão, permaneci onde estava, ignorando totalmente a ordem dada.

Não é que eu tenha me escondido ou me afastado da praça para não parecer parte do grupo, não é que eu tenha me camuflado como mero pedestre, por exemplo. Eu simplesmente segui estático, no meio da rua, indiferente aos policiais e às ordens que eles

davam. Inclusive, como forma talvez de dobrar a aposta do (não) movimento que eu fizera, a partir de certo momento comecei a fotografar a ação policial (Figura 37).

É bem verdade que eu não questionava ninguém, não tentava repelir a postura deles, não protestava. Apenas seguia ali, indiferente aos policiais, registrando silenciosamente tudo o que acontecia, mas sem, em nenhum momento, ser incomodado, ser interpelado, ser abordado para também eu ser revistado. Eu fazia aquilo, por sinal, como uma espécie de experimento social, mas admito que cheguei a ficar totalmente constrangido por não ter sido revistado.



Figura 37 / Policiais militares da Paraíba realizam baculejo coletivo em torcedores da TJB / Phelipe Caldas / 30 de julho de 2023

Até porque, no mesmíssimo momento em que eu era poupado pelos policiais, Vandal, tal como ele me relataria depois, era revistado de forma ríspida por um policial e ameaçado de ser levado detido por outro exclusivamente porque eles não acreditavam na resposta do torcedor, que, ao ser interpelado, afirmou nunca ter sido preso, ter emprego regular e estar ali não por ser bandido, mas por ser torcida. A dupla que fez as perguntas achou que ele estava mentindo e, como forma de intimidação, o ameaçou de prisão. O que, no fim das contas, não seria consumado e ele acabou liberado.

Ainda assim, aquelas diferenças de tratamento escancaravam um abismo quase intransponível entre eles e eu. Entre, por assim dizer, os torcedores de caminhada e o pesquisador. Abismo esse que naquela ocasião era produzido pela PM, é bem verdade, mas que não deixaria de ser percebido pelos torcedores, que posteriormente comentariam o fato de eu ter sido o único que me livrara de toda aquela abordagem¹³⁸.

Para enriquecer este debate, por sinal, eu proponho diálogo com Tsoukala (2014), autora que discute essa questão a partir do fenômeno do *hooliganismo*¹³⁹ na Europa e cujas reflexões jurídicas, com algum nível de cuidado e distanciamento, podem ser adaptadas para o contexto brasileiro e mais especificamente paraibano.

A autora, portanto, chama a atenção em tom crítico para o que ela classifica de “estratégias de controle” (Tsoukala, 2014, p. 21), por parte de agentes de segurança e de informação, que se mostram preconceituosas e ineficazes para solucionar a questão da violência entre torcedores de futebol. Mais do que isso, ela denuncia uma postura estatal que ataca princípios democráticos e legais e cria “uma zona de incerteza jurídica” (Tsoukala, 2014, p. 22) a partir de uma “lógica antecipatória” (Tsoukala, 2014, p. 24) que tende a punir torcedores antes mesmo do cometimento de qualquer delito. E que tende a classificar como sendo “atos depravados” – e, por consequência, factíveis de serem reprimidos – inúmeros comportamentos que por si só não são ilegais.

Ainda de acordo com Tsoukala (2014, p. 25), é a partir da “banalização de um vasto controle dos comportamentos desviantes” que as forças de segurança produzem em seus imaginários a frágil e problemática imagem de um dito “torcedor de risco”, numa construção que se demonstra “altamente subjetiva, reforçando assim o poder discriminatório dos agentes de informação”.

Ela enumera problemas identificados na Europa que já encontram paralelos na realidade local. Por exemplo, questiona decisões das polícias de diferentes países, tomadas à revelia da lei, que limitam as liberdades públicas dos indivíduos em meio ao ambiente esportivo e que produzem registros com dados pessoais dos tais “torcedores de risco” em arquivos públicos.

¹³⁸ Não há como descrever uma cena dessas e não refletir sobre privilégios. Afinal, mesmo que eu não quisesse tê-los, fico imaginando o que aconteceria se fosse um torcedor negro e de periferia que ignorasse a ordem. Na maioria dos casos, é possível inferir, seria agredido, na primeira oportunidade, pelos policiais.

¹³⁹ O termo “*hooliganismo*” faz referência a confrontos entre torcedores de futebol na Europa a partir da década de 1960. O movimento nasceu na Grã-Bretanha, mas se espalhou por outros países, como Alemanha, Holanda, Itália e França, por exemplo.

Ora, o instituto da “torcida única” nos estádios paraibanos, que era recorrentemente instituído pelo então procurador Valberto Lira, do Ministério Público da Paraíba¹⁴⁰, é uma das formas mais conhecidas no contexto do futebol de limitar as liberdades públicas¹⁴¹, visto que impede o trânsito de pessoas de uma cidade para outra mesmo que não exista uma proibição legal para tanto. Trata-se, afinal, de cidadãos que não respondem a processos, não estão impedidos de deixar suas cidades, e poderiam fazer isso em qualquer outro dia.

A despeito disso, contudo, em dias de certos jogos escolhidos pelo procurador sem uma lógica plausível, simplesmente eram montadas barreiras policiais no limite dos municípios, sem uma autorização judicial que justificasse tal operação, e os torcedores eram impedidos de seguir viagem¹⁴².

Sobre o tema da “torcida única”, a propósito, vale mencionar a pesquisa de Orlando (2019), que vai destacar o fato de que, desde 2016, está proibido em São Paulo a presença de torcidas visitantes em clássicos realizados no estado. Uma interdição que, desde então, só foi sendo ampliada mais e mais para outras unidades federativas do Brasil, que chegou à Paraíba de forma mais sistemática principalmente a partir de 2022 e que “muda profundamente alguns aspectos socioculturais que envolvem o futebol e os torcedores” (Orlando, 2019, p. 13).

Ademais, o cadastro atualizado de torcedores organizados paraibanos, que é exigido pelo Ministério Público da Paraíba como condição para a presença das torcidas organizadas e de seus integrantes nas arquibancadas de futebol, é exemplo de dados pessoais registrados em arquivos públicos, tal como descrito pela autora. Uma transgressão ao direito fundamental à proteção de dados, previsto na Lei Geral de Dados

¹⁴⁰ Valberto Lira se aposentou faltando poucos meses para o término de minha pesquisa, mas durante quase vinte anos ele foi o responsável pelas ações que tratavam do futebol paraibano no âmbito do MPPB. Em que pese o Ministério Público não ter poder de decisão, suas “recomendações” eram recorrentemente acatadas como tal e em geral tinham as torcidas organizadas como alvo preferencial. No início, ele interferia nas questões do futebol a partir da Promotoria dos Direitos do Cidadão de João Pessoa, mas, em 2017, ele fundou e passou a coordenar, até a sua aposentadoria em 2023, o Núcleo do Desporto e Defesa do Torcedor (Nudetor). Ele já deu inúmeras entrevistas chamando os torcedores organizados de “marginais” e, em conversas com meus interlocutores, é sempre lembrado como alguém que perseguia as torcidas organizadas paraibanas.

¹⁴¹ Um problema, por sinal, que se repete em diversos outros estados do Brasil.

¹⁴² Operação do tipo foi “autorizada” pelo MPPB e realizada pela Polícia Militar da Paraíba em 21 de maio de 2022, dia da final do Campeonato Paraibano entre Campinense-PB e Botafogo-PB, no Estádio Amigão, em Campina Grande. Já falei sobre esse dia no Capítulo 1. Foi por causa disso que os torcedores botafoguenses foram impedidos de viajar para Campina Grande e os integrantes da TJB e de outras torcidas organizadas botafoguenses assistiram ao jogo num bar de Cruz das Armas, em João Pessoa. Inclusive, pela simples presença de torcedores organizados num bar, uma viatura da Polícia Militar foi designada para ficar no local ao longo de todo o dia de aglomeração torcedora.

Pessoais¹⁴³, que é quebrado à revelia da justiça sob o frágil argumento da manutenção da segurança pública, o que acaba por reforçar a tese de que esses torcedores são previamente identificados pelas forças de segurança como criminosos potenciais.

Voltando a Tsoukala (2014, p. 26), a autora alerta para o fato inescapável de que “estas medidas invertem a lógica até então dominante do direito penal, já que descartam o princípio da presunção de inocência em favor de uma verdadeira presunção de culpa”. Ela, afinal, destaca que esses torcedores são “punidos previamente” (Tsoukala, 2014, p. 27), principalmente porque são vistos como “suspeitos” ou como “pessoas de risco” não pelo que de fato fizeram, mas por aquilo o que os agentes públicos acreditam que eles podem fazer.

Como eu sugeri há pouco, é preciso cuidado e distanciamento antes de insistir nas comparações entre os contextos europeus e brasileiros, principalmente porque a autora opta por uma perspectiva mais jurídica e normativa. Logo, sujeita a abstrações que se afastam do comportamento mais imediato, corpóreo e punitivista da PM contra os torcedores organizados e que, ao meu ver, sugere um comportamento institucional racista por parte da corporação.

Para essa nova perspectiva, pode-se recorrer a Lannes-Fernandes (2012, p. 160) e à ideia de “fronteiras físicas e simbólicas que marcam a experiência urbana”. Uma série de tensões, desigualdades e diferenças que vão reforçar “processos de segregação” a apenas uma parte da população, vista a partir daí como “indesejável e rejeitável” (Lannes-Fernandes, 2012, p. 161).

O autor trata da realidade carioca a partir das favelas, mas essas reflexões, penso, podem se encaixar também na situação de João Pessoa a partir de suas periferias. As mesmas de onde saem majoritariamente os torcedores organizados de pista com seus sinais diacríticos e com as suas becas que os ligam imediatamente a um estilo específico de torcer. Para Lannes-Fernandes (2012, p. 161), de toda forma, tudo isso vai ocasionar um “crescente processo de criminalização da pobreza”.

Mas, insistindo por enquanto num diálogo um tanto mais jurídico, eu gostaria de refletir agora sobre a tese de que os torcedores organizados paraibanos (majoritariamente pobres e periféricos) são cada vez mais vistos como “inimigos” pelas forças policiais. E aqui eu já me refiro a uma problemática ideia disseminada por Jakobs (2007) sobre a suposta funcionalidade de um “direito penal do inimigo”.

¹⁴³ Brasil. **Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018**. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais. Disponível em: <<https://tinyurl.com/2c6ew4km>>. Acesso em: 16 out. 2023.

Faço isso, afinal, porque o convite para a leitura crítica desse autor me foi feito por Alex, meu interlocutor de pesquisa e vice-presidente da TJB, ele próprio formado em direito e que também se propunha a refletir sobre a questão. Pois, tendo aceitado o convite, preciso antes apresentar o conceito para só depois criticar a existência e a aplicação de um “direito penal do inimigo” que, a meu ver, traz consequências danosas aos integrantes da Jovem e das demais torcidas organizadas paraibanas e brasileiras.

4.1.1 A problemática ideia de “direito penal do inimigo” aplicada às torcidas organizadas

Vamos por parte. Porque, para criticar um tal “direito penal do inimigo”, eu preciso antes registrar que Jakobs (2007) é um conceituado jurista alemão que, em 1985, propôs esta ideia de que os ordenamentos jurídicos nacionais e internacionais deveriam dividir as pessoas sob sua tutela entre “cidadãos” e “inimigos”, e que esse último tipo deve ser combatido pela periculosidade que representa.

Antes de mais nada, pois, é imperativo registrar que as ideias do autor são alvo de profundas controversas internacionais desde então. E, para ficar em apenas um exemplo, Almeida, Almeida e Silva (2020, p. 68) tratam Jakobs (2007) como responsável por uma “tese jurídica fundada em meras aparências” e que tem, como efeito final, a “neutralização de grupos sociais historicamente subalternos” (Almeida, Almeida e Silva, 2020, p. 69).

A saber, Jakobs (2007, p. 36) destaca em sua teoria que “um indivíduo que não admite ser obrigado a entrar em um estado de cidadania não pode participar dos benefícios do conceito de pessoa”. E, diante dessa premissa, invocando ainda a ideia de “guerra contida” (Jakobs 2007, p. 36), o autor admite a possibilidade de supressão de direitos constitucionais no tratamento com esses tais “inimigos”.

Ele defende, por exemplo, que, nesses casos, sob o argumento de evitar danos futuros, o Estado deve ser autorizado a agir – e prender – antes mesmo de qualquer ato praticado, a eliminar direitos de quem foi identificado como “inimigo” e, por conseguinte, a aplicar sanções desproporcionais contra o indivíduo.

Dessa forma, diante de uma suposta “proteção frente aos inimigos” (Jakobs, 2007, p. 42), o autor propõe a existência independente de um “direito penal do cidadão” e de um “direito penal do inimigo”. E, enquanto o primeiro teria como função manifesta a “*contradição*”, o segundo serviria para a “*eliminação de um perigo*” (Jakobs, 2007, p. 49, grifo do autor). Em palavras mais diretas do próprio autor, aquele que por princípio “se

conduz de modo desviado, [...] não pode ser tratado como cidadão, mas deve ser combatido como inimigo” (Jakobs, 2007, p. 49).

Ao longo de seu artigo, o autor ainda tenta pontuar que nem todo “delinquente” deve ser tratado como “inimigo”, diferenciando as pessoas que simplesmente cometem erros daquelas que pretendem destruir o ordenamento jurídico. De forma que seriam desse segundo grupo os “inimigos”, que, mediante coação, deveriam ser parados e excluídos de um legítimo direito dos cidadãos.

Ora, um dos grandes problemas dessa abordagem, ao meu ver, para além de toda a óbvia crise ética que representa a supressão dos direitos inalienáveis à cidadania e à dignidade da pessoa humana previstos no Artigo 1º, incisos II e III, da Constituição Federal de 1988¹⁴⁴, é a definição sobre a quem caberia regular cada tipo de “delinquente”. A quem caberia diferenciar, enfim, a pessoa que cometeu um mero erro daquela que pretende destruir o ordenamento jurídico.

A propósito, apenas a título de ilustração, a chamada Lei de Drogas de 2006¹⁴⁵ é um bom exemplo para demonstrar o total fracasso de uma legislação que deixa para as forças policiais a subjetividade de decidir quem é e quem não é criminoso, quem merece e quem não merece ser preso. Ou, fazendo um paralelo com o debate proposto um pouco antes, quem merece e quem não merece sofrer um baculejo violento, intimidador e desproporcional.

Isso porque, aprovada com o alarde positivo de ser a primeira legislação sobre drogas do país que diferenciava o traficante do usuário, descriminalizando esse segundo grupo, ela teve um efeito completamente reverso quando, em seu Artigo 28, inciso II, deixou a cargo do juiz do caso o poder de definir se a droga apreendida seria para consumo pessoal ou para fins de tráfico de drogas, e isso a partir de critérios pouco objetivos, como a natureza e a quantidade da substância apreendida, o local e as condições em que se desenvolveu a ação, as circunstâncias sociais e pessoais, a conduta e os antecedentes da pessoa que estava com a droga.

Como resultado disso, segundo Boiteux (2009, p. 19), as prisões por tráfico de drogas no Brasil atingem principalmente “moradores de comunidades carentes, pobres e que portam pequenas quantidades de drogas”. Para além disso, ela critica o que chama de

¹⁴⁴ Brasil. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <<https://tinyurl.com/ec54v3mw>>. Acesso em: 17 out. 2023.

¹⁴⁵ Brasil. **Lel nº 11.343, de 23 de agosto de 2006**. Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas. Disponível em: <<https://tinyurl.com/r4fjdxmy>>. Acesso em: 18 out. 2023.

“seletividade do sistema penal” brasileiro e classifica a atual política nacional de drogas, em termos parecidos ao de Lannes-Fernandes (2012), como “legitimadora do tradicional modelo criminalizador da pobreza no Brasil” (Boiteux, 2009, p. 23).

Ainda de acordo com Boiteux (2009, p. 23), isso acontece justamente porque a lei de 2006 “concede amplos poderes ao policial”, que na prática é quem vai tipificar, entre uso e tráfico¹⁴⁶, os casos que chegam até ele. Ademais, a autora denuncia uma “tradição brasileira de repressão e controle social punitivo dos pobres e excluídos” (Boiteux, 2009, p. 26).

Para além desse exemplo sobre as drogas, e para reforçar ainda mais os perigos de se tratar como “inimigo” uma parcela específica da população, pode-se recorrer a Meliá (2007, p. 72), que vai fazer duras críticas ao conceito de “direito penal do inimigo”¹⁴⁷ e vai alertar justamente para os riscos de a aplicação dessa norma provocar “o reconhecimento da função normativa do agente”.

Meliá (2007, p. 74) denuncia, por exemplo, “o alto potencial de recorte da punibilidade”. Enfatiza ainda que o “direito penal do inimigo” não vai jamais ser ideologicamente inocente e acaba por definir determinados grupos sociais como infratores em detrimento de outros, visto que o enfoque deixa de ser no fato praticado e passa a ser no perfil do autor. Em termos mais claros, é como se um certo tipo de indivíduo se tornasse, com o tempo, mais punível do que outros.

Na sequência de seus argumentos, ele destaca o que talvez seja o ponto mais importante para o debate que se trava aqui sobre os torcedores organizados e sobre como eles passaram a ser vistos nas últimas décadas como “inimigos” de uma suposta ordem pública. Meliá (2007, p. 76), afinal, lembra que “a percepção dos riscos [...] é uma construção social que não está relacionada com as dimensões reais de determinadas ameaças”.

Uma preocupação, como se pode perceber, muito próxima à de Tsoukala (2014) e que ajuda a entender o processo sempre subjetivo, preconceituoso e racista que faz com

¹⁴⁶ Pesquisa de 2015 do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), intitulada de “A Aplicação de Penas e Medidas Alternativas”, demonstra que, em 89,6% dos processos judiciais analisados pelo estudo, o juiz aceitou a denúncia do Ministério Público com base no que dizia o inquérito policial, o que reforça o poder de decisão do policial na tipificação dos crimes. Na maioria dos casos, as pessoas indiciadas eram negras. Que, para completar, tinham menos acesso do que pessoas brancas a penas alternativas, que evitam o encarceramento. Disponível em: <<https://tinyurl.com/4vkh3v7v>>. Acesso em: 18 out. 2023.

¹⁴⁷ O contraponto de Meliá está em um livro organizado pelos pesquisadores André Luís Callegari e Nereu José Giacomoli, eles próprios críticos do conceito de “direito penal do inimigo”. Na obra, apresenta-se primeiro a íntegra do conceito de Jakobs e depois a crítica de Meliá. É justo esse livro que eu uso aqui em ambos os casos.

que integrantes de torcidas organizadas passem a ser tratados como “torcedores de risco”. Como indivíduos perigosos que precisam ser contidos antes mesmo de qualquer crime. Permitindo inclusive que haja uma supressão de direitos e uma desproporcionalidade nas punições.

Afinal, apenas para resgatar um exemplo do capítulo anterior, uma simples briga entre TJB e Fúria, rapidamente contida e sem grandes proporções, resultou em um ano de suspensão das duas agremiações dos estádios paraibanos, sem que tenha havido qualquer tipo de processo legal e sem ser permitido qualquer direito à defesa por parte dos diretores das duas torcidas organizadas. A punição simplesmente foi “decidida” de forma arbitrária e autoritária pelo procurador Valberto Lira e acatada de imediato pelas demais forças de segurança. Sem espaços para contestações de qualquer ordem e sem ter a quem recorrer da “decisão”.

A propósito, quatro situações incrivelmente inquietantes foram observadas e registradas por mim naquele domingo, 24 de julho de 2022. A primeira delas foi a de que, quando torcedores da TJB e da Fúria se reencontraram no entorno do estádio e deram início à segunda briga entre eles¹⁴⁸, um policial militar, a menos de cinco metros de distância de mim, sacou um revólver, apontou para cima, deu dois tiros com munição letal para o alto. “O estampido é diferente, menos aberto, menos estrondoso” (Caderno de Campo, 24 de julho de 2022), eu anotaria no dia seguinte, ainda assustado com o que eu presenciara.

Poucos minutos depois, quando dirigentes das duas torcidas já começavam a acalmar os ânimos e a separar os mais afoitos, chegando bem perto de encerrar o conflito sem a necessidade de intervenção policial, o Regimento de Polícia Montada da Polícia Militar da Paraíba entrou em ação. Policiais da temida cavalaria da PM, pois, chegaram ao local em alta velocidade, usando os próprios cavalos para derrubar muitos dos torcedores e portando um tipo de cassetete mais longo para bater em quem estava no chão.

No instante seguinte, numa sequência assustadora de eventos encadeados, a Tropa de Choque começou a atirar, quase à queima-roupa, com munição não letal, o que deixou inúmeros torcedores de ambas as agremiações com hematomas e feridas espalhadas pelos corpos.

¹⁴⁸ Apenas para deixar registrado, e não parecer que estou traindo as próprias categorias nativas, nesse caso específico foi sim uma briga, e não uma pista, já que tratou-se de um embate não esperado e que só descambou para a contenda física após a exasperação repentina provocada por uma discussão verbal.

Naquele mesmo dia, mas já dentro do estádio, ao menor indício de desavença entre as duas torcidas, os policiais militares, mais uma vez, agiram com violência. Não raro, a intervenção provocava mais confusão do que a própria briga. E, mesmo quando não havia qualquer desavença sendo registrada, não foram poucas as vezes em que vi policiais militares apontando indiscriminadamente as suas armas contra os torcedores (Figura 38).



Figura 38 / Policial militar aponta espingarda para torcedores da Jovem localizados na Arquibancada Sol do Almeidão / Phelipe Caldas / 24 de julho de 2022

Outro episódio que demonstra essa diferença de tratamento da Polícia Militar da Paraíba contra os torcedores organizados botafoguenses pode ser retirado do Clássico Emoção¹⁴⁹ de 25 de maio de 2022. O Belo vinha de duas derrotas seguidas para o Campinense-PB e de perda de título do Campeonato Paraibano para o rival quando jogou novamente contra a Raposa, desta vez em jogo válido pela Série C do Campeonato Brasileiro.

Após mais um empate em casa, por 1 a 1, a TJB estava indignada, retirando antes do fim do jogo a sua faixa do alambrado como forma de protesto e puxando vaias e

¹⁴⁹ É o nome dado ao jogo entre Botafogo-PB e Campinense-PB.

cânticos de “time sem vergonha” para demonstrar a sua revolta. Ao término da partida, ensaiou um protesto improvisado contra os jogadores e contra a comissão técnica, que se resumiria a puxar cânticos de protesto na saída da delegação do estádio.

Haveria de ser um ato pacífico, mas esse foi contido e impedido de ser realizado antes mesmo de ser iniciado. Foi uma situação que eu classificaria como surreal, completamente desmedida, que, mais uma vez, escancara essa tipificação de “torcedor de risco” que os torcedores organizados recebem pelas forças de segurança. Porque, e eu fiz questão de contar um a um, eram apenas 35 os torcedores da Jovem que se dispuseram a sair da Arquibancada Sol, contornar o estádio e se posicionar no lado da Sombra, nas proximidades do estacionamento onde ficam os ônibus das delegações.

A despeito disso, e mais uma vez eu fiz questão de contar um a um, foram mobilizados para conter o protesto que nem mesmo chegou a acontecer 12 policiais militares e seus respectivos cavalos do Regimento de Polícia Montada (Figura 39); quatro viaturas com quatro policiais em cada uma, perfazendo mais 16 policiais militares; e outros oito policiais do Batalhão Especializado de Policiamento com Motocicletas, todos em suas respectivas motos. Ao todo, portanto, 36 policiais militares fortemente armados para conter meros 35 torcedores organizados.

Insisto, em ambos os casos foram reações altamente desproporcionais para os incidentes e acontecimentos que se desenrolavam diante de meus olhos. Mas o que é ainda mais grave para mim é a percepção de que essa construção dos torcedores organizados como “inimigos” que precisam a todo custo ser combatidos é muitas vezes disseminada, propagada e até mesmo patrocinada pela chamada mídia especializada.

A propósito, o que chamo aqui de mídia especializada são jornalistas e radialistas que, tal como alardeado por Guedes (2023, p. 113), têm um papel “crucial para o fenômeno futebol” justamente porque, frequentemente, “produzem os discursos matrizes que são reinterpretados ou assumidos por diferentes grupos e indivíduos”. Profissionais que, tal como sistematizado posteriormente por Toledo (2022), buscam ser reconhecidos por uma suposta equidistância e isenção para tratar das questões do futebol, o que os transformaria em autoridades quando diante dos profissionais da bola e dos torcedores, por exemplo, esses últimos mais ligados à paixão¹⁵⁰.

¹⁵⁰ A definição de “mídia especializada”, aqui, tenta fugir de termos totalizadores que criminalizariam indistintamente todos os profissionais de imprensa. Ainda assim, é preciso registrar que essa tentativa de saída metodológica não resolve totalmente o problema e continuará soando injusta com vozes dissonantes que existem nessa mesma mídia especializada. De toda forma, tais vozes dissonantes são uma minoria, o que me deixa mais tranquilo em usar a expressão.

Trata-se, portanto, de uma postura que gera ainda mais violência. Porque naturaliza e invisibiliza a repressão existente cotidianamente na Arquibancada Sol, a ponto de muitos torcedores dos outros setores do estádio e o próprio Botafogo-PB, enquanto instituição, nem mesmo perceberem que a violência policial é recorrente naquela parte da praça esportiva.

A mídia especializada, afinal, compra a ideia de que os torcedores são de fato “marginais” e que, conforme destacado por Pimenta (1997, p. 17), cabe mesmo à PM o papel de “órgão legalmente constituído para disciplinar, no calor do acontecimento, a violência dos agrupamentos de torcedores”. Claro, não todo torcedor. Acima de tudo, o torcedor pobre, periférico, negro. Enfim, basicamente, o torcedor organizado de pista. É isso o que pretendo abordar agora.



Figura 39 / Cavalaria é mobilizada para reprimir protesto da TJB antes mesmo de ele acontecer / Phelipe Caldas / 25 de maio de 2022

4.2 Fato isolado na Sombra, fato corriqueiro no Sol

Era mais um sábado de futebol, como tantos outros que os torcedores do Belo já haviam presenciado. O time de João Pessoa jogara pela 13ª rodada da Série C do Brasileirão e, naquele 15 de julho de 2023, vencera a Aparecidense-GO por 2 a 1. Noite

de festa no Almeidão e, como virara tradição nos últimos tempos entre torcedores da Setor 31, a música corria solta ao fim do jogo.

Antes de prosseguir, porém, vamos lá. A Setor 31 é uma autodenominada barra do Botafogo-PB que resgatou a tradição das charangas, algo que, na década de 1990, já havia sido muito popular nos jogos do Belo no Almeidão. Ela foi fundada em 2019 e fica localizada na Arquibancada Sombra. Seus integrantes são majoritariamente de classe média e, em geral, têm uma situação socioeconômica mais alta do que a dos torcedores organizados da Arquibancada Sol.

Pois bem, explicado melhor um pouco do perfil de quem eu pretendo falar agora, importa dizer que a tal festa que acontecia ao término da partida e da qual eu falei há pouco acontecia na parte interna da arquibancada, bem debaixo de onde os torcedores ficam quando estão assistindo aos jogos, no acesso para a saída do estádio. Trata-se de um vão em que a acústica reverbera mais os sons e torna o ambiente ainda mais intenso e impactante, e por isso é tão apreciado pelos torcedores para realizar a festa da vitória sempre que, afinal, o time da casa vence.

A comemoração, como eu pude ver depois em vídeos postados nas redes sociais, era bonita e empolgante. E reunia bem mais torcedores do que apenas os integrantes da Setor 31. Porque, como eu estou tentando descrever, era um arrebatamento que contagiava e que se ampliava entre os demais torcedores.

Um público que, tal como o perfil médio da barra em questão, era formado, em sua maioria, por pessoas brancas e de classe média, em geral estudantes, profissionais liberais, empresários, funcionários públicos. Havia, no entanto, uma maior diversidade de gênero e de geração. Homens e mulheres; muitas crianças, torcedores jovens e de meia idade, idosos também. Todos cantando, pulando, sentindo e sonhando pacificamente¹⁵¹.

Tudo transcorria bem e na mais pura harmonia até que a situação começou a desandar a partir da intervenção irregular e desmedida da Polícia Militar da Paraíba. Alguns policiais, sob o argumento de que os torcedores deveriam deixar a praça esportiva com mais celeridade, começaram a empurrar as pessoas que participavam dos cânticos,

¹⁵¹ Em ao menos uma oportunidade naquela Série C, eu vivenciei aquele momento só para poder descrevê-lo com base em minhas próprias experiências. Foi justamente na vitória do Belo em cima do Manaus-AM, naquele mesmo dia em que, antes do jogo, houve o baculejo coletivo. O que acontece é que, sempre que faltam 15 minutos para o fim da partida, os portões de emergência do estádio são abertos, por questão de segurança. Sabendo disso, e aproveitando que o Belo já vencia a partida por 1 a 0, eu saí da Arquibancada Sol faltando cinco minutos para o apito final, contornei o Almeidão pelo lado de fora e adentrei a Arquibancada Sombra. A tempo de assistir ao Belo fazer 2 a 0 no minuto final e de participar da festa que eu estava querendo conhecer mais de perto.

e, diante do mais ínfimo protesto, começaram a agredir, com violência extrema e de forma indistinta, quem estava pela frente. Cassetetes, balas de borracha, gás de pimenta, cavalaria. Enfim, o pacote completo da violência policial em praças esportivas, numa agressão que se iniciou ainda dentro do estádio e se espalhou para o lado de fora.

Era mais um dentre tantos excessos corriqueiramente cometidos pelas forças de segurança da Paraíba e mais precisamente pela Polícia Militar contra torcedores de futebol. Com a diferença de que, pela primeira vez – em muitos anos, ao menos –, aquela violência desmedida chegava à Arquibancada Sombra, onde em geral é a classe média (e não os pobres) quem assiste aos jogos do Botafogo-PB.

A reação foi imediata. A revolta implacável, como afinal tem que ser, como deveria ser sempre. Algumas das rádios que transmitiam o jogo começaram, ainda na jornada esportiva, a repercutir criticamente a ação da PM. Nos dias seguintes, todos os principais noticiários de rádio e de TV continuariam a tratar do caso, sempre com a abordagem de que a Polícia Militar da Paraíba errou e que os torcedores da Arquibancada Sombra eram vítimas de uma situação “atípica, violenta e irresponsável”.

O Botafogo-PB também reagiu, se indignou. E no domingo, um dia após o jogo e a confusão, emitiu uma dura nota oficial em que repudiava e cobrava explicações da PM paraibana, chamando a ação de “truculenta e desproporcional” e denunciando uma postura que teria provocado “grande revolta entre torcedores, jornalistas e autoridades presentes”. A nota classificava ainda a ação de “insana”, denunciava que as agressões ocorreram em meio à presença de “jovens, mulheres, crianças e idosos” e que o caso escancarava “abuso de poder, agressividade e falta de preparo dos policiais envolvidos”¹⁵².

O clube ia além. Denunciava um suposto “ato premeditado” por parte do comandante do policiamento e exigia um posicionamento do Comando-Geral da Polícia Militar da Paraíba e da própria Secretaria de Estado da Segurança e da Defesa Social do Governo da Paraíba. Dizia ainda que o departamento jurídico do clube iria acompanhar o caso, inclusive levando torcedores agredidos para prestar queixa junto à Corregedoria da Polícia Militar, e que dirigentes do clube iriam diretamente ao governador João Azevêdo apresentar as provas de que aquilo se caracterizava como grave atentado às liberdades individuais dos torcedores botafoguenses.

¹⁵² BOTAFOGO-PB. “O BOTAFOGO FUTEBOL CLUBE vem a público repudiar veementemente e cobrar explicações [...]”. João Pessoa, 16 jul. 2023. Instagram: @botafogopb. Disponível em: <<https://tinyurl.com/754t5duc>>. Acesso em: 20 out. 2023.

A nota e os vídeos das agressões, como é possível inferir, repercutiram enormemente na imprensa. E, na segunda-feira, primeiro dia útil após toda a polêmica, a violência policial contra torcedores era o assunto mais debatido nas emissoras de TV e de rádio, nos portais de notícia, nas rodas de conversa pela cidade também.

Uma reação e uma cobertura irrepreensíveis, portanto, que expunham um grave problema de segurança pública e que escancaravam o fato de que os torcedores botafoguenses – e paraibanos de uma forma em geral – estavam expostos a policiais violentos, despreparados, que agiam de forma coercitiva e sem respeitar os limites que a legislação impõe a eles.

Havia apenas um detalhe, justo aquele que me deixava profundamente incomodado. Que deixava muitos dos torcedores da Arquibancada Sol igualmente indignados. As manifestações assustadas e reativas da imprensa, do clube, de muitos dos torcedores de classe média da Arquibancada Sombra faziam parecer que estavam todos diante de algo surpreendente, raro, extraordinário. Poucos pareciam entender que esse tipo de abordagem é a regra do outro lado do Estádio Almeidão. “É inquietante demais perceber como as realidades são diferentes, como a maioria das pessoas da Arquibancada Sombra não consegue conceber a violência policial como uma realidade cotidiana na Arquibancada Sol” (Caderno de Campo, 15 de julho de 2023).

Por sinal, dirigentes do próprio Botafogo-PB, na segunda-feira, 17 de julho de 2023 (e, portanto, dois dias depois das agressões e um dia depois da nota oficial), participaram de uma reunião de emergência com a presença do Comando-Geral da Polícia Militar da Paraíba para tratar de toda a questão. E, após o encontro, clube e Secretaria de Estado da Segurança e da Defesa Social emitiram uma nota conjunta que já se iniciava ressaltando que tudo não passara de “um fato isolado”¹⁵³.

A mudança de postura do Belo, que mais parecia um recuo, não pegou bem, principalmente por parte dos torcedores da Arquibancada Sol, que se sentiram desrespeitados. No campo de comentários da publicação no Instagram, foram muitos os protestos. A TJB, por meio de seu perfil oficial, ironizou a nota fazendo referência ao ano de fundação da torcida, falando em “‘fato isolado’ 1997”. Alex, vice-presidente da TJB e meu interlocutor de pesquisa, lembrou o óbvio de que “uma reunião como essa deveria ter presença de representantes das organizadas”, o que não aconteceu. E a torcedora

¹⁵³ BOTAFOGO-PB; SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA E DA DEFESA SOCIAL. “Um fato isolado [...]”. João Pessoa, 17 jul. 2023. Instagram: @botafogopb e @sesdsgovpb. Disponível em: <<https://tinyurl.com/2yxpfp2>>. Acesso em: 20 out. 2023.

Mairana Medeiros apelou para uma fina provocação ao destacar que “não é o fato isolado nem do mês”.

São apenas alguns exemplos. Ao todo foram mais de 230 comentários, a grande maioria críticas ao posicionamento do clube. Inclusive, a Império Alvinegro e a Setor 31, as duas principais coletividades torcedoras da Arquibancada Sombra, juntaram-se ao coro para reconhecer que aquele não era jamais um “fato isolado” na Arquibancada Sol.

A propósito, a diretoria da TJB, ainda indignada com a nota do Botafogo-PB, me pediu ajuda para mapear os eventos de violência policial explícita registrados apenas no Estádio Almeidão ao longo dos últimos 12 meses a partir daquela data. A ideia era publicar naquele mesmo dia uma nota oficial no perfil da torcida no Instagram¹⁵⁴ e, por isso, era importante que fossem casos com fotos comprobatórias. Nos arquivos de minha pesquisa, localizei cinco episódios em que havia fotos que comprovavam a violência¹⁵⁵, tantos outros em que eu não conseguira tirar fotos. E isso, insisto, apenas dentro ou no entorno do Almeidão.

Não era de jeito nenhum um fato isolado. Talvez um fato isolado na Arquibancada Sombra, mas jamais no Estádio Almeidão de forma ampla. A despeito disso, contudo, a PM paraibana vinha defendendo essa versão desde o domingo, admitindo instaurar uma sindicância para apurar os fatos em toda a sua extensão, mas ressaltando que, entre janeiro e julho de 2023, já havia atuado “no policiamento de quase 100 jogos de futebol [...], não sendo registrado nenhum incidente provocado por ações de policiais”¹⁵⁶.

Aquela informação, já registrei, não era verdadeira. Aliás, apenas para evidenciar ainda mais a forma como a violência policial pode ser invisibilizada, naquele exato mesmo sábado de confusão na Sombra, eu e mais sete torcedores da Jovem fomos expulsos do Sol pela PM de uma forma altamente truculenta e sem explicações.

O caso se deu já no segundo tempo da partida. Dois torcedores da TJB, sendo um de Cruz das Armas e outro do Bairro dos Novais, se desentenderam em certo momento e rapidamente os próprios torcedores da Jovem encerraram o entrevero, visto serem dois integrantes de uma mesma torcida que prega “a paz entre os irmãos”. Todo o incidente se encerraria ali mesmo, na mais absoluta celeridade e a partir de uma mediação interna, não

¹⁵⁴ TJB. “‘FATO ISOLADO’ DE NÚMERO 1997... [...]”. João Pessoa, 17 jul. 2023. Instagram: @tjbmaioral. Disponível em: <<https://tinyurl.com/2s3t8w33>>. Acesso em: 21 out. 2023.

¹⁵⁵ Até como contrapartida pela pesquisa que vinha realizando com os torcedores, cedi algumas dessas fotos para os diretores da TJB, que as usaram na publicação. Ajudei na produção do texto também, mais uma vez a pedido deles.

¹⁵⁶ GE. Botafogo-PB critica ação da PM em confusão no Almeidão; caso será investigado. ge, João Pessoa, 17 jul. 2023. Disponível em: <<https://tinyurl.com/2s37jcyk>>. Acesso em: 20 out. 2023.

fosse o fato de que policiais militares rapidamente chegaram ao local com violência. Inclusive, realizando novos baculejos na arquibancada, mesmo depois de todos os torcedores já terem sido revistados na entrada do estádio¹⁵⁷.

Um dos torcedores que estavam na mobilização para encerrar o início de desentendimento era justo Allam, do BDF, e imediatamente ele foi erroneamente identificado como sendo um dos “brigões”. Os policiais, sem dar chances para explicações, deram uma chave de braço nele e começaram a levá-lo para fora da arquibancada. Alex, Almir e Yara (irmão, pai e cunhada de Allam respectivamente) ficaram preocupados e começaram a acompanhá-lo; Vandal, Boladão e Leo também se juntaram ao grupo; eu fui atrás.

Os policiais, então, expulsaram Allam do estádio e, de quebra, nos expulsaram também, aos empurrões. Vandal argumentou que não fizera nada, que estava ali apenas para conferir se estava tudo bem com Allam e que, como nada a mais acontecera, ele queria retornar à arquibancada para ver o fim da partida. Os policiais o xingaram, disseram que ninguém mais ali ia assistir a “porra nenhuma”, e fecharam o portão em nossas caras.

Houve revolta, claro. Os torcedores expulsos, indignados, bateram forte no portão, exigindo o direito de assistir ao jogo, e, quando esse foi reaberto, já foi com tentativas impetuosas dos policiais de nos agredir fisicamente. Todos correram, sendo perseguidos pelos policiais, e Boladão chegou a ser agredido. De minha parte, resumi-me a me afastar para perto do paredão de concreto que delimita o estádio e fiquei parado. Por estarem tão preocupados com quem correria, nenhum policial veio para cima de mim.

Enfim, esse é um exemplo interessante principalmente porque aconteceu no mesmo dia da confusão na Arquibancada Sombra. De meu ponto de vista, porém, o episódio mais emblemático para escancarar as diferenças existentes entre as arquibancadas Sol e Sombra, não só do ponto de vista da atuação policial, mas principalmente do ponto de vista da comoção que isso causa na sociedade, na mídia especializada, no próprio clube, aconteceu em 26 de abril de 2022, num jogo já citado aqui em que o Botafogo-PB venceu o Nacional-PB por 3 a 0, pelas semifinais do Campeonato Paraibano de 2022. E o caso é emblemático porque é muito semelhante ao

¹⁵⁷ Por sinal, na dissertação eu já descrevia e analisava como as revistas policiais para entrar na Arquibancada Sol são sempre mais opressoras do que aquelas realizadas para entrar na Arquibancada Sombra do Estádio Almeidão.

que ocorreria mais de um ano depois na Arquibancada Sombra, mas com repercussões completamente diferentes.

Como já registrado no Capítulo 2, o Belo havia perdido a partida de ida, no município de Patos, por 3 a 1, e precisava de uma vitória por dois gols de diferença no jogo em casa para se classificar às semifinais da competição estadual. A TJB estava em grande número presente no Estádio Almeidão, cantando e mantendo as performances torcedoras em um ritmo intenso, e se empolgou enormemente quando o primeiro tempo acabou com 1 a 0 no placar. Havia ainda todo um tempo pela frente, apenas mais um gol a ser marcado para a festa da classificação se concretizar.

Nesse momento de intervalo, pois, como eu já testemunhara tantas outras vezes no decurso de minha pesquisa, a TJB, acompanhada de sua Bateria Maioral, deixou a arquibancada e foi para a parte de baixo, naquele mesmo tipo de caixa acústica na qual, do outro lado do estádio, a Setor 31 gostava de tocar suas músicas ao término dos jogos e que serviu de justificativa para o início das agressões em julho de 2023.

A TJB, ao contrário, não usava tanto aquele espaço ao término dos jogos, mas gostava de usá-lo como esquentar no pré-jogo, antes de subir para a arquibancada, e no intervalo de jogos mais importantes, como forma de manter a energia em alta e não esfriar os seus componentes. Empurrados pela reverberação da bateria naquele espaço acústico, os torcedores sentiam as peles se arrepiarem, as músicas persistirem, o arrebatamento se prolongar durante os quinze minutos de intervalo em que não havia bola rolando.

Como disse há pouco, não era nem de perto a primeira vez que aquele movimento se repetia na parte de baixo da Arquibancada Sol, num vão com menos circulação de pessoas e no pé de uma das escadas que dão acesso de volta à arquibancada, que só eram reocupadas quando os dois times já estavam em campo e quando o jogo já estava bem perto de ser reiniciado.

Acontece em todo jogo importante, quase sem exceção. Não tem confusão, não tem embate com outras torcidas, não tem nada a mais do que o mais puro extravasamento. Toca-se alto, canta-se mais alto ainda, pula-se empolgadamente. Às vezes, surge o que, nos festivais de música, chama-se de “roda de pogo”, em que os envolvidos deixam-se esbarrar um no outro, simulando um embate. Mas que, na verdade, é uma celebração do grupo enquanto coletividade, numa performance não violenta e de concordância tácita de todos os participantes (Caderno de Campo, 26 de abril de 2022).

O mais curioso é que, em todas as outras vezes que eu vi aquela mobilização festiva e sonora acontecer na Arquibancada Sol, a Polícia Militar nunca antes havia

interferido. E, em todas as outras oportunidades, a aglomeração de torcedores naquela parte de baixo do estádio acabava espontaneamente, justo no instante programado para o retorno ao jogo e à arquibancada.

Naquele dia, contudo, sem nenhuma explicação plausível, sem nada de diferente que justificasse uma mudança de protocolo, a não ser a própria aleatoriedade da violência policial, os policiais militares resolveram agir. Numa decisão, diga-se, que se mostra ainda mais inconsequente se for levado em consideração que era um jogo praticamente sem torcedores rivais presentes e que, naquele ponto do estádio, não havia a presença de nenhum integrante de outra torcida organizada do Belo.

Era uma festa, portanto, endógena da TJB, feita pelos e para os próprios torcedores, que apenas celebravam a vitória parcial e ansiavam pela necessária ampliação do placar, pré-requisito para a classificação. Até que os policiais simplesmente chegaram ao local e mandaram os torcedores deixarem aquela parte do estádio, sob o argumento de que era “espaço de passagem e não de permanência”.

Eu estava encostado na base da escada, bem próximo de toda a cena. Observei em detalhes a sequência de acontecimentos que desbancou para o espancamento de torcedores organizados por parte dos policiais. Na primeira abordagem da Polícia Militar, houve protestos dos torcedores, que lembravam que eles sempre faziam aquela mobilização nos intervalos dos jogos.

– A gente não está fazendo nada de mais, parceiro – argumentou um dos torcedores.

Os policiais seguiam intransigentes. Mandaram todos voltarem para a arquibancada imediatamente. E, como os torcedores organizados seguiam sem entender o motivo daquela ordem, e discordavam dela, resolveram realizar uma espécie de desobediência civil, ignorando as recomendações e voltando pacificamente a cantar, pular, batucar. Foi a senha. No segundo seguinte, os policiais começaram a espancar os torcedores com o uso de cassetetes e, na base das pauladas e dos murros, começaram a obrigar todos os torcedores a, na marra, subirem de volta à arquibancada.

Aqui, claro, acho importante registrar, já não me apego tanto à questão jurídica que abordei no tópico anterior. Ao contrário, numa perspectiva mais próxima à antropológica, tento capturar um certo sentimento policial de enfrentamento e truculência, de necessidade de fazer um tal “poder” ser respeitado. Uma expectativa de que, se quisermos extrapolar os limites das categorias analisadas, passa a enxergar também o

policial militar, ao menos a seu modo, afeito a participar da pista, da festa, do embate físico entre torcidas organizadas.

Retomando a descrição, contudo, havia uma questão adicional a ser pontuada sobre aquele momento. Um dos integrantes da Jovem presente era o vereador de João Pessoa Junio Leandro (PDT)¹⁵⁸, que participava da festa e acabou sendo atingido por golpes de cassetete nas costas, o que deixou essa parte de seu corpo repleta de hematomas. Eu não vi o exato momento em que ele foi atingido, é bem verdade, porque a situação era de puro caos e eu mesmo tentava evitar as agressões. Mas vi, depois que toda a ação foi finalizada, ele mostrando as marcas da violência.

A questão aqui, entretanto, é que a violência na Arquibancada Sol foi igualmente filmada, registrada por vários torcedores presentes, publicadas nas redes sociais, repassada por grupos de WhatsApp, denunciada formalmente pelo parlamentar. Nenhuma das emissoras noticiou o caso da forma adequada, o clube não emitiu nota, dirigentes não se revoltaram nem ofereceram apoio jurídico ou cobrou explicações do Comando-Geral da Polícia Militar.

A Torcida Jovem do Botafogo-PB emitiu nota em suas redes sociais na quinta-feira, 28 de abril, denunciando o caso, incluindo imagens do espancamento da PM contra os torcedores e questionando o porquê de fatos como aquele só ocorrerem na Arquibancada Sol, frequentada pela camada popular das torcidas botafoguenses¹⁵⁹. A publicação, contudo, ficou restrita aos próprios torcedores mais assíduos. Para usar uma expressão típica das redes sociais, “não furou a bolha”.

Na mesma quinta-feira, por sinal, o vereador Junio Leandro foi à tribuna da Câmara Municipal de João Pessoa denunciar o caso, enfatizar o fato de ele ter sido vítima das agressões, cobrar explicações da Polícia Militar e posicionamento do Ministério Público. Classificou o caso como sendo de racismo e disse que esse era o mesmo tipo de tratamento que a população jovem e negra das periferias sofria no cotidiano da cidade¹⁶⁰.

¹⁵⁸ Agente comunitário de saúde e integrante da TJB, Junio Leandro foi eleito vereador da capital paraibana nas eleições de 2020, para a legislativa 2021/2024, com o apoio massivo da categoria profissional que ele representa e da torcida da qual ele faz parte. Conquistou 2.233 votos, foi o 26º mais votado dentre os 27 parlamentares eleitos, e é considerado o primeiro integrante de torcida organizada a ser eleito para um cargo eletivo na Paraíba. Autodenomina-se um parlamentar de esquerda e defensor das pautas sociais.

¹⁵⁹ TJB. “Passados os momentos de comemoração após a classificação [...]”. João Pessoa, 28 abr. 2022. Instagram: @tjbmaioral. Disponível em: <<https://tinyurl.com/2s3t8w33>>. Acesso em: 21 out. 2023.

¹⁶⁰ CÂMARA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA. Vereador denuncia agressão da Polícia Militar em jogo do Botafogo da Paraíba. Câmara Municipal de João Pessoa, João Pessoa, 28 abr. 2022. Disponível em: <<https://tinyurl.com/ycxvjve5>>. Acesso em: 21 out. 2023.

Mesmo com toda a repercussão na Câmara Municipal de João Pessoa, entretanto, a cobertura da mídia especializada paraibana continuou longe de ser expressiva. E um caso em particular eu gostaria de citar aqui. Pouco tempo depois das declarações do vereador na tribuna da Câmara Municipal, uma jornalista que sabia que eu pesquisava torcidas organizadas entrou em contato comigo para me questionar se o vereador falara mesmo a verdade, porque a equipe de repórteres que ela comandava temia que o parlamentar estivesse apenas “querendo aparecer”.

A jornalista explicava-me que a versão oficial da Polícia Militar da Paraíba era de negar os espancamentos e dizer que os policiais militares apenas contiveram uma briga entre torcedores que poderia sair do controle, e justificava que era por isso que havia o temor de se publicar a versão do vereador.

Eu confirmei que eu estava presente no jogo e próximo aos acontecimentos e informei a ela, de forma taxativa e convicta, que a informação da PM era falsa. Ademais, a título de reflexão, fiz duas indagações que para mim eram fundamentais para aquele momento: 1. Quantas vezes a equipe de jornalistas que ela comandava chegou a questionar a veracidade de uma informação repassada pela Polícia Militar da Paraíba sobre torcedores organizados? 2. Quantas vezes essa mesma equipe de jornalistas procurou a Torcida Jovem do Botafogo-PB para também pegar a versão da agremiação depois de uma denúncia feita pela PM, tal como ela fazia agora quando essa partia da TJB?

A resposta, como era possível inferir, foi “nenhuma” para ambas as perguntas. E, aqui, torna-se importante o diálogo com Silva (2016), que vai confirmar em sua pesquisa sobre a cobertura policial em jornais da Paraíba que a imprensa, em geral, não costuma questionar a “versão oficial” da Polícia Militar, tratando-a como verdade incontestável e contribuindo assim com o processo de marginalização de parcelas mais pobres da população de uma cidade – justamente aquelas que são mais suscetíveis aos excessos da polícia.

A autora, inclusive, atesta que crimes cometidos na periferia ou contra a população periférica costumam gerar menos interesse por parte dessa mesma imprensa, que tem a tendência de naturalizá-los e transformá-los em simples estatísticas. “Vítimas costumam ser marginalizadas, muitas vezes pelo simples fato de morar na área periférica da cidade” (Silva, 2016, p. 27). Uma realidade que, ainda segundo ela, provoca uma “diferenciação social dos sujeitos” (Silva, 2016, p. 35) e uma espécie de “seletividade penal” (Silva, 2016, p. 42).

Chega-se, pois, mais uma vez àquele mesmo debate, já travado neste capítulo, sobre certos perfis que são mais puníveis do que outros. E que, como consequência disso, terão menos possibilidades de fazerem suas vozes serem ouvidas pela sociedade em geral. E, se essa é uma realidade nas periferias de João Pessoa, haverá de ser também no setor do Estádio Almeidão em que essa mesma periferia se faz presente cotidianamente. É justo por isso que um mesmo incidente causa tanta comoção quando acontece na Sombra e quase nenhuma quando acontece no Sol.

Como aponta Guedes (2023, p. 100), portanto, “o estádio concretiza [...] a hierarquização vigente na sociedade, ao oferecer lugares de acordo com as possibilidades de compra do indivíduo”. Não só do ponto de vista de conforto e de visão privilegiada do jogo, como a autora indica em sua pesquisa e como também é perceptível no caso do Almeidão, mas em tantos outros tipos de privilégios que a questão econômica prevê num país como o Brasil, com tamanha desigualdade social e com um racismo estrutural tão em evidência até os dias de hoje. Um cenário que, em alguns casos, tenta colocar em xeque a própria condição de “torcedor” de alguns desses indivíduos.

4.2.1 Uma tentativa de padronizar as formas de torcer

Ainda neste debate sobre o papel da mídia especializada na criminalização das torcidas organizadas de futebol, eu gostaria de chamar atenção para um recorrente discurso registrado em emissoras de TV e de rádio paraibanas (reproduzido igualmente em outras partes do Brasil), que tendem a questionar a condição de torcedor de qualquer pessoa que fuja a um certo padrão do torcer, sendo esse definido por atores externos de forma aleatória, higienista e preconceituosa.

A frase é sempre a mesma, com apenas pequenas variações:

– Isso aí não é torcedor de verdade, isso aí é marginal.

Atente-se que, retomando muito brevemente o tal debate sobre a problemática ideia de um “direito penal do inimigo”, esse tipo de máxima determinista atende à mesma lógica proposta por Jakobs (2007) de distinguir o cidadão do “inimigo”. Ou, no caso aqui apresentado, o “torcedor de verdade” do “marginal”. Numa mesma perspectiva, aliás, que autoriza a supressão de direitos, as forças policiais de agirem antes de qualquer ato praticado, a desproporcionalidade da pena a ser aplicada a quem, afinal, perde a sua condição de torcedor.

É necessário perceber, inclusive, que uma pessoa pode de fato se envolver num embate qualquer contra adeptos de uma torcida ou de um clube rival, cometer eventuais delitos, e ainda assim não perderá (ou não deveria perder) a sua condição de torcedor. Até porque, ainda no paralelo com o “direito penal do inimigo”, deixar para a mídia especializada e para os demais setores da sociedade as definições sobre o que é ser torcedor é, ao mesmo tempo, autorizar que também aí seja feito um recorte de punibilidade que não é jamais ideologicamente inocente (Meliá, 2007).

Para além disso, vale aqui a perspectiva de pensar as identidades como descentradas e fragmentadas (Hall, 2006), contextuais (Barth, 2000), fenômenos socioculturais (Cardoso de Oliveira, 2000). Ainda que certo indivíduo seja mesmo “marginal”, pois, continuará torcedor. E tentar negar essa condição é a base para uma série de violências, para uma série de abusos do poder público e das forças de segurança.

Ora, ao tentar alijar uma pessoa ou mesmo uma coletividade de sua condição de torcedora, tenta-se, ao mesmo tempo, de forma quase que automática, definir um dito padrão ideal de torcer que, não raro, será resumido como sendo os das classes média e alta, o da domesticação dos corpos, justo aquele que vem sendo proposto nos últimos tempos pela Fifa com o processo de arenização dos estádios de futebol. Chega-se, enfim, à tão alardeada figura do “torcedor comum” ou “torcedor normal”, que transforma em “incomum” e em “anormal” todos os demais.

É um processo, enfim, de repressão do corpo, de torná-lo discreto, transferindo para o estádio de futebol uma etiqueta corporal do mundo ocidental que propõe o “apagamento ritualizado das manifestações corporais” (Le Breton, 2016b, p. 157). De repente, não é mais aconselhável pular, cantar, dançar, extravasar emoções, performatizar conflitos. Todo excesso é reprovável. “Toda conduta que escape à sua definição social é ameaçada pela inconveniência” (Le Breton, 2016b, p. 156). E, em meio a isso, “uma sociabilidade mais visível”, típica das torcidas organizadas, passa a ser “socialmente reprovável no domínio público” (Toledo, 2022, p. 416).

Em muitos dos estados brasileiros, como registrei há pouco, as arenas multiusos já cumprem parte dessa função, visto que elas foram concebidas a partir de “um projeto excludente, alijador das classes populares, cuja relação com os esportes de alto rendimento no país deixa de ser mediada pelas arquibancadas festivas e por seu tradicional caráter interclassista e multirracial” (Hollanda; Medeiros, 2019, p. 5).

Onde esse processo ainda não chegou, como é o caso da Paraíba, recorre-se mesmo a uma crescente repressão policial. Um processo que encontra paralelos naquilo

que Foucault (2014) vai chamar de “teoria geral do adestramento”. Algo que o autor caracteriza como “uma política das coerções”, ou seja, “um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos”, que vai buscar o “domínio sobre o corpo dos outros” (Foucault, 2014, p. 135).

O que Foucault (2014) parece não alcançar, mas que é ressaltado por Mbembe (2018) e que encontra eco nos dados exaustivamente apresentados aqui, é que essa “política das coerções” não mira de forma indistinta toda a sociedade, todos os tipos de pessoas. Ao contrário, uma política de estado pautada no “necropoder”¹⁶¹ vai promover a “instituição de direitos diferentes, para diferentes categorias de pessoas” (Mbembe, 2018, p. 39) e, assim, vai adquirir “a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é ‘descartável’ e quem não é” (Mbembe, 2018, p. 41).

Ainda de acordo com o autor camaronês, “isso conduz a uma proliferação dos espaços de violência” (Mbembe, 2018, p. 46), onde a rígida repressão estatal ganha ares de legalidade e passa a ser mais aceita do que em outros espaços. Isso, por sinal, acaba por produzir uma “generalidade indiferenciada” (Mbembe, 2018, p. 60), em que as pessoas vítimas desse processo viram meros números, estatísticas disformes.

Ao tentar aproximar os conceitos apresentados ao que é analisado na pesquisa, pois, a tal “política das coerções” não atinge toda a cidade, toda a gama de torcedores que frequentam o estádio de futebol. Atinge, principalmente e preponderantemente, os torcedores organizados. Que perdem espaços, materiais, relações. Alguns até mesmo chegam a perder, com o tempo, o ímpeto ou a vontade de seguir na caminhada. Passam, enfim, a ser resumidos – pela mídia especializada e por parte expressiva da sociedade – a “um bando de marginais” (“generalidade indiferenciada”); que habitam as periferias da cidade, frequentam semanalmente a Arquibancada Sol do Estado Almeidão (“espaços de violência” estatal)¹⁶².

É um processo contínuo, gradual, violento. E que tende a naturalizar a repressão policial por um lado e a culpabilizar os torcedores organizados de qualquer incidente registrado nas arquibancadas de futebol por outro.

¹⁶¹ Conceito cunhado por Mbembe (2018, p. 5) para descrever um certo poder e uma certa capacidade vigentes em estados soberanos em ditar as regras sobre “quem pode viver e quem deve morrer”.

¹⁶² É sabido que Mbembe (2018), em seu livro, usa casos extremos para tratar do conceito, como a realidade em colônias invadidas por estados soberanos, como o ataque sistemático de Israel contra a Palestina, como o genocídio e os massacres registrados em Ruanda, por exemplo. Estou convencido, contudo, que o mesmo tipo de abordagem, com apenas algumas adaptações sobre alcance e letalidade dessa necropolítica, pode ser pensado para as cidades ocidentais, para os espaços urbanos ocupados por uma incrível diversidade de perfis de habitantes. Como, afinal, é o caso de João Pessoa.

Em conversas que travei ao longo da pesquisa com jornalistas que costumavam fazer uso da máxima estigmatizadora do “não é torcedor de verdade, é marginal”, eles argumentavam que só os tachavam assim diante da comprovação e do registro de casos de brigas entre torcedores. Mas há algo de impostura nos usos que fazem desses estereótipos.

Primeiro porque brigas entre torcedores registradas na Arquibancada Sombra nem mesmo costumam repercutir nas coberturas esportivas. E, quando isso acontece, são normalmente classificadas como fruto do “nervosismo torcedor” pelo momento do jogo ou da competição em questão. Uma tolerância que se esvai quando se aborda uma briga registrada na Arquibancada Sol, em que o envolvido perde sua condição de torcedor e é transformado em “marginal”.

Para se ter uma ideia do nível desse preconceito que pauta parte da mídia especializada, aliás, vale registrar um caso ocorrido em 16 de fevereiro de 2022, ainda no início da pesquisa de campo do doutorado. Naquele dia, eu fui abordado por um jornalista esportivo com quem, inclusive, nutro relações de amizade. Com expressão grave e tom sério, ele se dizia preocupado comigo e se sentiu impelido a conversar comigo, a, por assim dizer, aconselhar-me.

Basicamente, o jornalista esportivo reafirmou para mim que todos os torcedores organizados da TJB eram indistintamente “marginais” e “criminosos” e que a Polícia Militar estava certa mesmo em “agir preventivamente” com toda a violência possível para conter essas pessoas. Ele foi além. Disse que, por causa da pesquisa, eu estava mudado, que eu não era mais o mesmo que ele havia conhecido lá atrás, no passado. Que lamentava a mudança e temia por ela. Porque, andando com “criminosos”, era muito provável para ele que eu mesmo virasse um.

Bem, eu não incluo esse diálogo na tese como mero desabafo sobre uma conversa inquietante, ou como forma de lamentar uma agressão a toda uma coletividade torcedora e que acabou resvalando em mim. Se cito isso aqui, é para demonstrar o tipo de pensamento, o tipo de linha editorial e de discurso que recorrentemente vai ao ar, que chega à sociedade, que legitima os excessos, as violências e os abusos cometidos sistematicamente pelas forças de segurança contra torcedores pobres e periféricos.

Esse comportamento da mídia especializada, por sinal, de tão problemática, acaba por entrar na pauta das torcidas organizadas, que tendem a se preocupar com os julgamentos externos e a tentar se antecipar a eles. Para explicar melhor o que eu quero dizer, cito o jogo de 6 de março de 2022, entre Botafogo-PB e Campinense-PB, pela

sétima rodada da Copa do Nordeste daquela temporada. O jogo, no fim, terminaria empatado em 1 a 1, mas, logo aos dois minutos de primeiro tempo, o Belo abriu o placar, saindo na frente e provocando uma festa generalizada nas arquibancadas.

Antes de prosseguir, uma breve explicação sobre o Estádio Almeidão. É na Arquibancada Sol que as torcidas visitantes são alocadas desde 2018, por imposição arbitrária do Ministério Público, que exigiu à época que fossem instaladas duas grandes grades, separadas por algo em torno de 30 metros uma da outra, que isolam totalmente os torcedores do time da casa e os torcedores do time visitante. Os comentaristas esportivos, ademais, ficam do outro lado do estádio, nas cabines de transmissão, a mais de cem metros de distância.

Pois, feita essa descrição, fato é que torcedores da TJB, na hora do gol botafoguense, foram até os limites de sua parte da arquibancada e começaram a cantar músicas e a proferir gritos de guerra que eram pura provocação, ironia, jocosidade contra os torcedores rivais, do Campinense-PB. Mas, afinal, havia as cercas, que simplesmente impediam qualquer aproximação, qualquer contato direto entre os dois lados. Logo, se havia mesmo algum tipo de embate entre as duas alteridades postas naquele momento, esse era meramente simbólico, acústico, performático (Figura 40).

Ainda assim, a Polícia Militar da Paraíba se sentiu autorizada a encerrar aquela dinâmica. E fez isso na base da violência e da truculência. Os policiais, que estavam postos numa linha a partir da grade, foram avançando com impetuosidade contra os torcedores botafoguenses. Eu estava pertíssimo de toda a cena e tirei algumas fotos da ação (Figura 41).

Depois, registrei algumas das minhas percepções: “Fiquei impressionado com a expressão dos policiais. Consegui vê-los bem de perto, aos gritos, com expressões ameaçadoras enquanto afastavam os torcedores na base do cassetete e dos empurrões” (Caderno de Campo, 6 de março de 2022).

Bem, fato é que foram muitos os torcedores agredidos, afastados de onde estavam. Muitos corriam, outros reclamavam, gritavam, gesticulavam, tentavam o diálogo com os policiais para argumentar que não deveriam ser proibidos de cantar, não deveriam ser proibidos de simplesmente provocar os rivais a distância.



Figura 40 / Torcedores da Jovem cantam e provocam a distância rivais do Campinense-PB após gol do Belo no Estádio Almeidão / Felipe Caldas / 6 de março de 2022



Figura 41 / Provação torcedora dos botafoguenses é reprimida por policiais militares paraibanos / Felipe Caldas / 6 de março de 2022

Eu consegui prestar atenção, inclusive, nessas negociações precárias e afoitas que acabavam por acontecer mesmo no calor no momento. Mas, de tempos em tempos, eu percebia também o momento em que chegava algum torcedor mais atento da TJB, mais estratégico, que avaliava o cenário e acabava por tentar puxar os demais para longe da cerca, para longe dos policiais. E fazia tudo isso enquanto demonstrava um considerável grau de preocupação com as possíveis consequências daquilo tudo:

– Vamos, porra. Sai daí. Cuidado com punição, caralho.

Essa foi apenas uma das frases que consegui pinçar naquele dia, mas, a partir dela, é possível perceber muitas das nuances sobre o processo de repressão a que são submetidos os torcedores organizados, principalmente quando dentro das arquibancadas e sob a mira das câmeras e dos olhares da tal mídia especializada.

Afinal, a partir de uma análise amiadada da cena descrita, o resumo a ser feito é o de que os torcedores da Jovem estavam apenas a cantar e a provocar os rivais, nas proximidades de uma cerca que os impedia de minimamente chegar perto de qualquer pessoa do outro lado, e toda a agressão foi iniciada e cometida pelos policiais militares.

Ainda assim, e apesar de tudo o mais, a preocupação principal do torcedor que proferiu a frase estava na possibilidade crescente de punição contra a torcida organizada. Ele parecia entender, com base em sua própria experiência de Arquibancada Sol, que ninguém mais, a não ser eles próprios, está interessado em fazer uma análise crítica, uma investigação detalhada sobre casos como aquele. Numa contenda qualquer entre Polícia Militar e TJB, observada e julgada de longe, a culpa (verbalizada de fora) sempre parece recair nos torcedores.

Por sinal, apenas como rápida ilustração do que pretendo destacar sobre uma legitimação da mídia especializada às ações policiais violentas, não é raro encontrar, em reportagens que abordem algum tipo de violência no contexto do futebol brasileiro, as expressões “precisou agir”, “precisou intervir” e suas variáveis para se referir à Polícia Militar. Isso quando não acrescenta um algo mais, como “precisou agir com tiros de bala de borracha”, por exemplo, indicando que aquela era a única possibilidade de intervenção policial.

São detalhes, talvez. Nuances de um cotidiano. Mas que, para mim, têm papel fundamental para uma espécie de autorização que é dada para a violência policial, desde que não seja contra a Arquibancada Sombra, como as reações de julho de 2023 demonstraram, mas contra as torcidas organizadas e contra o setor mais popular do estádio pessoense.

Aliás, naquele mesmo dia de jogo contra o Campinense-PB, só que mais cedo, um outro caso foi marcante para mim. Ainda do lado de fora, na chegada dos torcedores ao estádio, registrou-se uma breve pista entre torcidas organizadas dos dois clubes em disputa. A TJB de um lado, a Facção Jovem do outro. Os policiais militares que estavam no local conseguiram (sempre com algum grau exagerado de violência, é bem verdade) afastar as duas coletividades, e o problema parecia celeremente resolvido.

Quando já não havia mais incidentes, portanto, numa ação mais intimidatória e repressiva do que efetiva para conter qualquer embate físico (pois esse já se findara), o Regimento de Polícia Montada da Polícia Militar da Paraíba foi acionado. É uma cena de fato impactante. Dez, vinte policiais montados em cavalos, numa cavalgada extremamente veloz, em direção aos torcedores, dispostos a colocar os animais para cima de quem estiver na frente e a bater de cassetete em quem ainda permanecer em pé¹⁶³.

A correria foi generalizada. E tem esse efeito extremamente danoso de transformar um tumulto localizado num evento que coloca em risco tantas pessoas quantas estiverem chegando ao estádio (sejam ou não de torcidas organizadas, sejam ou não do grupo que participara da pista minutos atrás). Eu, mais uma vez, que tentava sempre me manter a meia distância dos acontecimentos, de repente me vi no caminho por onde invariavelmente passariam os policiais montados.

Pois, por puro instinto, comecei a correr na direção oposta, ainda que eu soubesse não haver velocidade possível que vencesse a agilidade dos cavalos, o que me fazia buscar alguma solução enquanto seguia correndo.

Não tardou, percebi dois carros estacionados na área externa do Almeidão, bem próximos um do outro, e rapidamente me desloquei até aquele local. Entre os dois veículos, em um vão que não era possível um cavalo passar, eu simplesmente me sentei no chão de barro, relaxando o corpo e respirando aliviado.

Foi uma tática tão curiosa, uma estratégia tão bem calculada, que, no instante seguinte, um outro torcedor da Jovem imitou o meu gesto e se sentou ao meu lado.

¹⁶³ Em agosto de 2022, por exemplo, o torcedor Mauro Machado Urbim, que era presidente da Fúria Independente do Paraná-PR, morreu ao ser pisoteado por um cavalo da Polícia Militar paranaense, antes de um jogo contra o Cascavel-PR pela Série D do Brasileirão. De início, a PM tentou negar responsabilidade, mas laudo publicado em setembro confirmou que o torcedor foi mesmo pisoteado por um cavalo e que essa foi a causa de sua morte. Por sinal, na reportagem que trata da morte do torcedor, publicada pelo g1, é destacado que foi “necessária a imediata intervenção do Regimento de Polícia Montada”. Disponível em: <<https://tinyurl.com/284mcnr9>>. Acesso em: 25 out. 2023. Quem lê esse tipo de afirmação, pressupõe que todas as demais possibilidades de contenção foram tentadas antes de se apelar para aquela que é a mais violenta. Mas, normalmente, não é assim que acontece. A propósito, todos os policiais do Regimento de Polícia Montada do Paraná que trabalharam naquele dia seguiram em suas funções e não há registros de qualquer processo contra eles.

Segundos depois, pudemos perceber a cavalaria passando ao lado, levantando poeira e ameaçando agredir quem estivesse pela frente. Nós nos entreolhamos. Permanecemos sentados, escondidos, e só levantamos quando percebemos os policiais voltando do lugar para onde haviam ido, num trote já mais lento e menos agressivo.

Essa criminalização das torcidas gera consequências, não tem jeito. Em 15 de outubro de 2022, por exemplo, num sábado à noite, a TJB organizou uma festa interna para lançar a camisa comemorativa dos 25 anos da agremiação. Tudo estava confirmado com o clube para que o evento acontecesse no Centro de Treinamento da Maravilha do Contorno, mas, de última hora, a diretoria botafoguense recuou e negou abrir suas portas para o evento.

Um dos torcedores resumiu bem o episódio:

– Era na Maravilha. Mas o Belo embaçou.

A mudança de última hora, assim, fez com que a TJB, já sem muitas opções, realizasse a festa no próprio entorno do Almeidão, numa já citada área de bar desativado localizada no lado da Arquibancada Sol. Era uma noite sem jogo em que o estádio ganhava ares lúgubres. Toda aquela grande área vazia, silenciosa, escura, sem movimentação, não fosse um detalhe de euforia e de algazarra que quebrava a monotonia do local.

Som e iluminação precariamente organizados com a ajuda de uma extensão, feijoada servida para todos, bebida e muita interação torcedora para apresentar a camisa nova, que inclusive serviria como ingresso para o Baile da TJB a ser realizado em 26 de novembro daquele mesmo ano. Houve inclusive projeção da camisa, apontando os detalhes e a inspiração do *design* no próprio Almeidão; e sorteio de uma camisa para um torcedor que assim ganharia acesso gratuito ao baile.

Foi, enfim, uma festa bonita, potente, simbólica, que dialoga muito com aquela ideia do tempo do torcer que abordei no Capítulo 1, visto que era o retorno daqueles torcedores ao Estádio Almeidão dois meses depois do último jogo realizado pelo Belo naquela temporada. Ainda assim, rondava no ar a suspeita de que o clube vetara a festa, já confirmada para o Centro de Treinamento, por causa de pressões internas de alguns dirigentes e conselheiros, uma ala que criminalizava os torcedores organizados.

Particularmente, eu não consegui confirmar oficialmente essa informação com alguém de dentro do Belo, mas consegui atestar a veracidade de uma outra. Isso porque o Baile da TJB de 25 anos aconteceria inicialmente no estacionamento do Ginásio Ronaldão, que fica ao lado do Almeidão e é igualmente pertencente ao Governo da

Paraíba. Os ingressos já vinham sendo vendidos havia várias semanas, a estrutura estava sendo organizada, o anúncio sobre o local fora feito com a empolgante mensagem de “é na nossa casa”¹⁶⁴, até que, na semana do baile, no dia 23, a apenas três dias da festa, a Secretaria de Estado de Juventude, Esporte e Lazer da Paraíba (Sejel-PB) recuou da liberação e interdito o local. Atendendo a pressões internas e, inclusive, do Ministério Público da Paraíba.

Em tempo recorde, os dirigentes da Jovem precisaram definir um novo local, transferindo o evento para a casa de recepções Nova Querência, em Cruz das Armas. A mudança, contudo, exigiu mudanças no horário da festa, já que o novo local só tinha autorização de funcionar mais para o fim do dia (inicialmente, o baile começaria ainda à tarde).

Uma mudança dessas, por sinal, incluía renegociar os horários de todas as apresentações já contratadas e confirmadas para o baile, o que exigiu um trabalho dos mais complicados a apenas três dias da data marcada para a festa. E, nesse segundo caso, sim, eu consegui confirmar com pessoas de dentro da Sejel-PB que pesou para a decisão uma certa visão preconceituosa de que se tratava de um público “problemático” e formado por “marginais”.

Como é possível perceber, o acossamento das torcidas organizadas é uma realidade que afeta os seus interesses em diversos contextos, em múltiplas ocorrências cotidianas. Mas poucas situações se comparam à forma com que esses torcedores são tratados e abordados pelas polícias de diferentes estados durante as caravanas para jogos fora de casa. É esse o próximo tópico a ser discutido nesta tese.

4.3 Caravanas, revistas policiais, supressão de direitos

Existe uma frase recorrente entre os torcedores organizados da TJB quando esses embarcam em caravanas para jogos fora de casa. Uma sentença que mostra a consciência do risco que está para ser enfrentado e que, ao mesmo tempo, indica uma certa disposição torcedora para aquilo o que é cercado por incertezas.

É uma mensagem recorrente e, acima de tudo, curta. Simples e direta. Mas que ainda assim tem seu grau de impacto quando escutada pela primeira vez:

– Quando a gente sai em caravana, a gente não sabe nem se volta para casa.

¹⁶⁴ TJB. “LOCAL CONFIRMADO [...]”. João Pessoa, 11 nov. 2022. Instagram: @tjbmaioral. Disponível em: <<https://tinyurl.com/mrk6rp97>>. Acesso em: 25 out. 2023.

Apesar dessa imprecisão acerca do futuro, há uma “quase certeza” que acompanha os torcedores quando eles se apresentam para mais uma caravana do Belo para assistir a algum jogo do Campeonato Paraibano, da Copa do Nordeste, da Série C do Brasileirão, etc.

Enfim, quando um torcedor organizado inicia uma caravana, ele só sabe que são imensas as chances de ele ser revistado ao menos uma vez no curso da viagem, e antes mesmo de chegar ao seu local de destino. Isso independentemente da cidade para onde vai, do percurso que será feito, de qual polícia vai realizar a abordagem.

Eu mesmo, a saber, realizei cinco caravanas ao longo desta pesquisa. Em todas, o ônibus em que eu estava foi parado, todos os passageiros mandados descer, veículo inspecionado com rigor absoluto, torcedores revistados demoradamente. Não raro, debaixo do sol quente, sendo obrigados a permanecer um tempo expressivo numa mesma posição.

Não é uma revista qualquer. É uma que já se inicia na base da intimidação e da repressão ostensiva, dos gritos e xingamentos, em meio a questionamentos diversos que muitas vezes passam por ameaças de violência física por parte dos policiais contra os torcedores. O terror é usado como técnica de contenção e de silenciamento do outro.

A propósito, como já registrado nesta tese, a minha primeira inserção ao campo de pesquisa se deu justamente num dia de caravana para Ceará-Mirim, no interior do Rio Grande do Norte, num jogo já amplamente mencionado aqui, entre Botafogo-PB e Globo FC-RN, que terminou empatado em 1 a 1 e que ocorreu em 6 de fevereiro de 2022.

É curioso pensar sobre aquele jogo, resgatar na memória tudo o que se viveu naquele dia num momento em que a mesma pesquisa de campo que ali se iniciava já foi finalizada. Quase duas horas de espera, gritos, questionamentos, provocações. Uma espécie de prova de fogo para, desde o início, eu entender a complexidade do trabalho que eu tinha pela frente.

Tem outro detalhe. Eu já falei aqui sobre a revista policial, sobre como essa ação ganha novos contornos quando os revistados usam a camisa da TJB. Bem, essa regra não vale para as caravanas. Em caravanas, as polícias partem mesmo do pressuposto alegadamente lógico e inescapável de que são todos, como já mencionado, potencialmente “criminosos”, “inimigos”, “marginais”.

Enfim, foi uma experiência tão dura aquela que eu quero me demorar mais nela, refletir em detalhes sobre toda aquela abordagem realizada pela Polícia Militar do Rio Grande do Norte, ainda que mesmo ali eu tenha percebido, em certos momentos, algum

grau de diferenciação entre “eles”, os torcedores, e “eu”, o pesquisador, na forma como os policiais nos tratavam.

4.3.1 “É a pior PM do Brasil”

Aquele crime ainda estava muito presente na memória de vários torcedores botafoguenses. O episódio aconteceu na noite de 10 de agosto de 2019 e todos que estavam no Estádio Barretão naquele dia lembram do caso com muita revolta. Não era o meu caso. Eu havia defendido a dissertação em maio daquele ano e estava no processo de seleção para o doutorado, de forma que eu não estava realizando pesquisa de campo naquele período e não viajara para Ceará-Mirim naquele dia.

Ainda assim, acompanhei o desenrolar das investigações, a cobertura da mídia (nesse caso, não só a especializada), as informações que chegavam do Rio Grande do Norte. Principalmente, escutei muitos relatos dos próprios torcedores botafoguenses, de diferentes organizadas, que sempre destacaram o “ato de covardia” que foi presenciado naquele pré-jogo.

Eu me refiro ao assassinato de Eduardo Feliciano Justino da Silva, de 27 anos, torcedor organizado da Fúria Independente que foi espancado até a morte por policiais militares norte-rio-grandenses. A bem da verdade, nenhuma das muitas reportagens da época que eu encontrei usa a expressão “assassinato”, mas é difícil descrever o ocorrido de outra forma.

Já na segunda-feira, 12 de agosto de 2019, por exemplo, o então diretor do Instituto Técnico-Científico de Perícia da Polícia Civil do Rio Grande do Norte, Marcos Brandão, destacava que a morte do torcedor fora “provocada pela ruptura do músculo cardíaco” e que isso fora causado por “instrumentos contundentes”¹⁶⁵. Ele também descrevia o cassetete usado comumente pela PM como um tipo de instrumento contundente e, para completar, foram várias as testemunhas que confirmaram que policiais militares haviam espancado Eduardo Feliciano por um período prolongado.

De acordo com essas pessoas que viram de perto a cena, alguns torcedores, que estavam sem ingresso, tentaram pular o muro do estádio e assim ter acesso às

¹⁶⁵ ALVES, Pedro. Morte de torcedor do Botafogo-PB foi por conta de lesões corporais, diz diretor do Itep-RN. *ge*, João Pessoa, 12 ago. 2019. Disponível em: <<https://tinyurl.com/mr2bbwkp>>. Acesso em: 26 out. 2023.

arquibancadas para assistir ao jogo do Belo contra o Globo FC-RN, válido pela Série C do Brasileirão de 2019 e que seria vencido pelo clube de João Pessoa por 3 a 0.

Nesse momento, os policiais militares foram até o local e, entre tantos outros, encontraram Eduardo. Tiraram-no de cima do muro e começaram a espancá-lo ininterruptamente. Só pararam quando o torcedor do Belo já estava violentamente ferido, inerte, inconsciente.

O caso, segundo testemunhas, aconteceu pouco depois das seis da noite, mas Eduardo só deu entrada no Hospital Municipal Dr. Percílio Alves às 20h02¹⁶⁶, levantando a suspeita de que o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência de Ceará-Mirim demorou mais de uma hora para atender à ocorrência. Pouco tempo depois de chegar ao hospital, ele morreu.

Ademais, outro ponto que chama a atenção é que o Botafogo-PB publicou uma nota oficial apenas protocolar, em que “lamenta profundamente” a morte do torcedor¹⁶⁷. O Globo FC-RN, por sua vez, que também emitiu nota de “esclarecimento e pesar”¹⁶⁸, parecia mais preocupado em deixar claro que o incidente acontecera na área externa do estádio, tentando assim evitar eventuais punições por parte da CBF. Mas a própria entidade que rege o futebol nacional não parecia muito preocupada com o caso, e o relatório do jogo se resumiu a destacar que “torcedores da equipe visitante teriam invadido o Estádio Barrettão, sendo contidos pelo policiamento”, completando em seguida que se tratou de um fato “que não interferiu na realização da partida”¹⁶⁹.

Apesar da frieza das instituições na época dos acontecimentos, que pareciam tratar o crime como um mero detalhe, um contratempo que o futebol às vezes provoca, mais de dois anos depois a morte de Eduardo Feliciano seguia assombrando os torcedores botafoguenses, causando revolta principalmente porque nunca ninguém foi responsabilizado pelo assassinato.

Na verdade, a única homenagem oficial ao torcedor partiu do vereador Junio Leandro, aquele mesmo que integra a TJB e que já foi citado nesta tese. Foi ele o autor

¹⁶⁶ ALVES, Pedro; VIEIRA, Cadu. Torcedor do Botafogo-PB morre após confusão em estádio, e família acusa a polícia. *ge*, 11 ago. 2019. Disponível em: <<https://tinyurl.com/36m7ncfu>>. Acesso em: 26 out. 2023.

¹⁶⁷ BOTAFOGO-PB. “O Botafogo Futebol Clube vem a público lamentar profundamente a morte do torcedor Eduardo Feliciano Justino da Silva [...]”. João Pessoa, 11 ago. 2019. Instagram: @botafogopb. Disponível em: <<https://tinyurl.com/yum592ew>>. Acesso em: 26 out. 2023.

¹⁶⁸ GLOBO FC-RN. “NOTA DE ESCLARECIMENTO E PESAR [...]”. Ceará-Mirim, 11 ago. 2019. Instagram: @oficialglobofc. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y4dt4ze9>>. Acesso em: 26 out. 2023.

¹⁶⁹ CBF. Relatório do Delegado do Jogo – Globo FC x Botafogo (PB). CBF, Ceará-Mirim, 10 ago. 2019. Disponível em: <<https://tinyurl.com/33j4e5yy>>. Acesso em: 26 out. 2023.

do projeto de lei, aprovado pela Câmara Municipal de João Pessoa e sancionado pelo Poder Executivo, que instituiu a data de 10 de agosto, em alusão ao dia da morte do torcedor botafoguense, como o “Dia das Torcidas Organizadas”¹⁷⁰.

Ainda no calor de todos aqueles acontecimentos, pois, em 6 de fevereiro de 2022, dentro do ônibus que nos levaria de volta para a mesma Ceará-Mirim do crime de 2019, vários interlocutores meus me diziam preocupados que aquela era “a pior PM do Brasil”.

– É melhor se preparar, professor – disse-me um deles, tom sério, quando nos aproximávamos de Natal.

Por sinal, eu tomaria nota depois sobre essa indisfarçável sensação de insegurança dos torcedores diante de uma instituição que, ao menos oficialmente, tem como previsão legal dar segurança à população. A despeito disso, contudo, na entrada de Ceará-Mirim, havia três ou quatro viaturas policiais esperando o ônibus da TJB. Ele foi parado, todos tiveram que descer, começaria ali todo o tipo de violência simbólica, física, institucional.

Uma das primeiras frases, contendo toda a carga de ambiguidades que o discurso policial adota em momentos como esse, numa mistura de ironia e agressividade, já dava o tom do que nos esperava:

– Vocês vêm lá da casa do caralho dar trabalho para a gente, porra!

E, em meio a gritos, os torcedores, eu entre eles, fomos colocados debaixo de um sol fortíssimo, numa calçada, olhando em direção à parede e de costas para a rua, enquanto cada um esperava a vez de ser revistado.

O quarteirão da rua em que estávamos foi interditado para trânsito, e isso tornava ainda mais visível a abordagem. O grupo, assim, ficava completamente exposto aos olhares de quem passava pelo local, aumentando ainda mais a sensação de criminalização coletiva de todos que sofriam aquele processo de revista.

Para além disso, era simplesmente proibido mudar de posição. E, num momento em que eu já estava com os braços cansados de mantê-los levantados na altura da nuca, e decidi descansá-los colocando-os na cintura, levei um grito de um dos policiais. Teve mais. Pouco depois desse grito, alguns torcedores ousaram olhar para os lados. A reação foi imediata, sempre entre gritos:

– Vocês querem recomendação ou pau?

A recomendação, como fora dito, era manter sempre a posição de baculejo, com olhar fixo para a parede. E o que o policial indicava como opção para a “recomendação”,

¹⁷⁰ João Pessoa. **Lei Ordinária nº 14.303, de 19 de novembro de 2021**. Disponível em: <<https://tinyurl.com/bddbmvjc>>. Acesso em: 26 out. 2023.

para a obediência à ordem dada, era a agressão, o castigo físico, a punição que ultrapassava qualquer limite legal previsto para a atuação das polícias militares.

Noutro momento, diante de uma pergunta que foi feita a um dos torcedores, e após uma resposta que, para o policial, deve ter soado displicente ou afrontosa, um novo grito foi dado:

– Aqui é só “sim senhor” ou “não senhor”, porra.

Eram muitos os abusos, as intimidações. Algumas mais acintosas. Ainda mais violentas. Uma simples resposta que o policial militar eventualmente não gostasse de como foi dada gerava novos gritos, ameaças, gritos com dedo na cara.

Não consegui registrar tudo. Eu estava com as mãos na cabeça, dando pequenas olhadelas de lado, tentando observar sem chamar atenção dos policiais, fazendo o que eu chamei de “anotações mentais” sobre tudo o que se passava para só depois, quando já dentro do ônibus, fazer as anotações necessárias no aparelho celular.

Por causa dessa precariedade, é bem provável que alguns excessos me tenham passado despercebidos. Por exemplo, eu não testemunhei ninguém levar tapas ou murros, mas consegui bisbilhotar o momento em que alguns torcedores eram empurrados com agressividade. Ou então quando os policiais pegavam o próximo torcedor a ser revistado pelos braços que estavam postos na nuca, puxando de forma brusca e provocando uma espécie de chave de braço que haveria de provocar dor (não fizeram isso comigo, logo não tenho como ter certeza).

Eu também não ouvi de próprio ouvido nenhum comentário por parte dos policiais fazendo menção direta a Eduardo Feliciano, mas os gêmeos Alex e Allam me garantiriam depois que houve, sim, observações nesse sentido, numa referência ainda mais grave e violenta de que alguém ali poderia ter o mesmo destino do torcedor morto em 2019. De toda forma, não é impossível que isso tenha acontecido mesmo. Como eram muitos os torcedores a serem revistados, ocupávamos uma área relativamente grande, e nem toda fala de policial era passível de ser ouvida por todos os torcedores simultaneamente.

Algumas, contudo, de tão estridentes, invadiam os ouvidos de todos, por mais longe que a pessoa estivesse de onde o grito partira. Para ilustrar, descrevo um grito colérico que de repente se sobressaiu aos demais, direcionado a um torcedor específico que eu não conseguiria identificar:

– Você não vai assistir a esse jogo nem que dê o caralho, seu merda.

Não sei nem mesmo precisar o que gerou aquele comentário. Mas só essa dificuldade de definir com facilidade o que motivava os inúmeros gritos e palavrões já

escancarava ainda mais os excessos, os exageros cometidos pelos policiais militares do Rio Grande do Norte contra os torcedores organizados da Paraíba.

Havia, eu podia perceber, uma aparente certeza de impunidade por parte dos policiais. E cheguei a registrar que “impressiona a aceitação tácita do torcedor pobre, de periferia, com essa situação absurda” (Caderno de Campo, 6 de fevereiro de 2022).

Bem, é complicado mesmo reagir, protestar, mudar a violência e o racismo estrutural vigentes na sociedade brasileira. E, se é difícil combater a estrutura, é quase impossível intervir na ação policial no instante preciso em que os excessos estão sendo cometidos.

Quando eu pontuo que esse é um processo que me impressiona, portanto, não é em tom crítico contra o torcedor organizado, obviamente, mas é em meio a uma incompreensão e a uma revolta que atuam contra uma polícia militar que se sente autorizada pela sociedade a agir de forma repressora e para além dos limites legais sempre que o alvo é a população negra e periférica. Ou, no caso aqui analisado, formado por torcedores organizados.

A propósito, é do professor e pesquisador Silvio Almeida (2018) o conceito sobre “racismo institucional”, que se configura quando um grupo que tem o controle direto ou indireto do aparato institucional exerce poder sobre outro que se encontra numa posição de desigualdade. Ele pontua que essa ideia foi um avanço nos estudos sobre relações raciais porque demonstra, primeiro, que “o racismo transcende o âmbito da ação individual”, e depois porque vai justamente “frisar a dimensão do poder como elemento constitutivo das relações raciais” (Almeida, 2018, p. 36).

O autor ressalva, entretanto, que “as instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos. Dito de modo mais direto: *as instituições são racistas porque a sociedade é racista*” (Almeida, 2018, p. 36, grifo do autor).

De todo modo, esse diálogo com Almeida (2018) é importante porque ajuda a entender a complexidade e a relação inevitavelmente desigual que existe entre policiais militares com cada vez mais poderes para tipificar eventuais crimes cometidos por terceiros e entre torcedores organizados cada vez mais vistos como “inimigos” da sociedade.

O pesquisador, inclusive, chama a atenção para a recorrência de “microagressões” numa sociedade em que “o racismo é regra e não exceção” (Almeida, 2018, p. 38, grifo do autor), produzidas e reproduzidas por meio de piadas, silenciamentos, isolamentos,

entre outros. Uma prática que encontra forte eco naquela abordagem policial na entrada de Ceará-Mirim, visto que todas essas microagressões citadas puderam ser percebidas.

Por sinal, o racismo institucional contra os torcedores organizados pode ser atestado também a partir de sua antítese. Quando a expectativa gerada pelos policiais é quebrada de repente e ele passa a não saber de fato como agir. Sim, eu estou falando aqui do momento em que chegou a minha vez de ser revistado e eu, na primeira oportunidade que tive, me identifiquei como pesquisador.

Não é que eu tenha me livrado da revista. A diferença de tratamento não foi assim tão acintosa naquele dia. Ela só pôde ser percebida nos pequenos detalhes, em um certo temor de avançar por parte do policial, nas reconfigurações de limites que ele passou a calcular e pesar de forma inesperada. Pôde ser sentida também em certas atitudes que tomei e que, ainda assim, não me fizeram apanhar. Qualquer outro teria apanhado, eu tenho convicção, mas, a despeito disso, eu fui poupado.

Refleti exatamente sobre isso ao revisitar a cena: “Continuei sendo maltratado, olhado com violência e indiferença, abordado com truculência. Mas eu tive reações que, outro, teria apanhado. E eu, ao menos, não apanhei. Acho que deixei a dúvida no ar e isso foi suficiente para evitar a porrada” (Caderno de Campo, 6 de fevereiro de 2022).

Bem, como eu disse, a revista foi igualmente problemática. O policial militar me posicionou mais afastado dos demais torcedores, como fora praxe naquele dia, determinou que eu mantivesse as mãos na nuca e que eu abrisse bem as pernas. No instante seguinte, ele passou a mão com violência pela região da cueca e depois na cintura. Mexeu também com impaciência nos meus bolsos, pedindo em seguida para que eu os esvaziasse.

Obedeci. Retirei o meu celular, a minha carteira, a minha caixa de óculos e um saco em que armazenava duas máscaras descartáveis para o caso de precisar substituir a que eu estava usando no momento (como já registrei, no primeiro ano de pesquisa eu ainda me mantive usando máscaras de proteção contra a Covid-19). Pois o policial, já de frente para mim, abriu a minha caixa de óculos, rasgou o saco de máscaras, inutilizando-as, vasculhou em detalhes a minha carteira.

– É melhor você poupar o nosso trabalho – ele gostava de repetir, enfatizando que estava ali procurando principalmente por drogas.

E ameaçava:

– Se eu encontrar, vai ser pior para você. Então é melhor desembuchar logo.

Em todas as vezes, eu repeti que não portava drogas e que estava ali enquanto pesquisador, observando as dinâmicas daquela torcida organizada. Da parte do policial, no entanto, ele parecia não acreditar. Ficava a todo instante me perguntando o que eu estava fazendo ali se era mesmo pesquisador (deixando claro que, na cabeça dele, as figuras de pesquisador e torcedor organizado eram incompatíveis), mas nos detalhes eu já conseguia perceber uma certa mudança de postura, um comportamento um pouco mais cuidadoso na abordagem.

Foi essa ínfima percepção de minha parte, aliás, que me fez levantar a hipótese, já frisada pouco antes, sobre a certeza da impunidade dos policiais. Sobre a consciência coletiva por parte deles de que aqueles torcedores organizados não têm acesso facilitado, por exemplo, a uma corregedoria de Polícia Militar para denunciar os abusos, o que os deixam mais à vontade para gritar, agredir, ameaçar, ironizar, provocar jocosamente.

Algo que, de repente, ameaça-se ser quebrado quando chega alguém no meio daqueles mesmos torcedores se declarando pesquisador de uma universidade. Mais uma vez citando Almeida (2018, p. 39), pois, “o racismo se expressa concretamente como desigualdade política, econômica e jurídica da sociedade”.

Em certo momento, inclusive, em meio às insistentes dúvidas do policial sobre minha condição de pesquisador, e já consciente de que aquele detalhe seria fundamental para determinar os limites do tratamento que eu receberia, perguntei calmamente, de forma convicta e séria, se ele queria que eu apresentasse os meus documentos da universidade, mas ele respondeu, surpreso, que aquilo não se fazia necessário.

Era um blefe, mas apenas parcial. Isso porque, pego de surpresa, eu estava sem qualquer tipo de identificação da UFSCar, mas achei que, em nome de minha própria segurança, era necessário manter posição, demonstrar confiança. Em último caso, todavia, restava a possibilidade de tentar entrar no sistema da universidade pelo celular e acessar de forma *online* a tal documentação.

Aquele erro, por sinal, não seria mais repetido. A partir dali, toda vez que eu fui a campo levei junto uma declaração de matrícula atualizada da universidade e, em várias oportunidades, eu de fato precisei recorrer a ela. Se não necessariamente mostrando-a ao policial da vez, ao menos fazendo menção de que ela estava ali pronta para ser apresentada se fosse necessário. E, na maioria das vezes, isso foi determinante para uma certa mudança de postura, um abrandamento de comportamento.

Essa espécie de “carteirada”, aliás, é preciso admitir, colocava-me numa certa postura cambaleante, fluida entre dois mundos. Negociando, ao mesmo tempo, com

torcedores organizados e policiais militares. Buscando ser aceito pelos torcedores e viver o sentido de “ser torcida” por um lado, diferenciando-me desses mesmos torcedores e me colocando enquanto pesquisador sempre que me via em situação de risco por outro. Uma possibilidade de negociação, inclusive, à qual os demais torcedores organizados simplesmente não tinham acesso, já que eram previamente interditados.

Por sinal, um exemplo interessante para ilustrar o que estou querendo expressar sobre essa fluidez pode ser retirado daquela mesma abordagem em Ceará-Mirim. Porque, como último ato do baculejo a que eu era submetido, o policial militar mandou eu tirar o meu tênis apenas para observar se eu escondera algum tipo de droga dentro do calçado. Obedeci, fiquei apenas de meia, ele conferiu que de fato eu estava “limpo”.

Liberou-me. Disse-me que eu poderia me juntar aos demais torcedores já revistados. A partir daí, naquele mesmo local onde eu estava, comecei, de forma ágil, a recolocar o meu tênis. Ele protestou:

– Vá para lá, coloque o seu tênis ali – disse-me, apontando uma calçada mais à frente, onde os torcedores já revistados se aglomeravam, sentados no chão quente, ainda debaixo do Sol e de frente para uma parede.

Eu protestei. E, enquanto seguia colocando o tênis no local em que eu queria e não no local definido pelo policial, retruquei:

– É coisa rápida. O chão está quente demais para caminhar descalço.

O policial ficou indignado. Ao mesmo tempo, totalmente desconcertado. E, diante de um torcedor-pesquisador já calçado, que finalmente seguia para o local indicado, ele desabafou, fitando-me, mas sem fazer nada a mais:

– Mas tu és queixudo que nem um caralho, não é?

Não respondi. Nem ri. Na verdade, não esbocei nenhuma reação. Apenas caminhei, sentei-me no pedaço de calçada reservado para mim, esperei. E só ali refleti que, embora minha resposta e minha postura possam ter soado desdenhosa, e por mais que tenham sido arriscadas, eu não sofrera as mesmas retaliações que outros já haviam sofrido.

Por muito menos, os policiais haviam apresentado reações muito mais intensas contra os demais torcedores, o que por sinal continuava acontecendo, mas ainda assim eu havia sido poupado. E foi justamente um grito exasperado de outro policial, proferido contra um torcedor mais distante, que me despertou dos meus devaneios e das minhas reflexões.

De repente, deu-me vontade de registrar de alguma forma aquela abordagem extremamente demorada, exaustiva, desgastante. Comecei a estudar as movimentações dos policiais, a partir de olhadelas para os lados, com o objetivo de tentar encontrar um padrão que me permitisse tirar uma foto sem ser visto.

Fiquei assim alguns minutos, dando sequência ao meu projeto, até que saquei o celular do bolso, acionei a máquina fotográfica e o deixei em posição, disfarçando-o perto da perna. Pensei agilmente, pesei o momento certo, tomei coragem, arrisquei algumas fotos (Figura 42). Não mostra muito, mas o suficiente para configurar a cena de abordagem policial em um dia calorento e causticante.



Figura 42 / Policiais militares do Rio Grande do Norte revistam torcedores da TJB que chegavam em caravana para Ceará-Mirim / Phelipe Caldas / 6 de fevereiro de 2022

Fiz tudo isso, inclusive, para desespero de um dos meus interlocutores, que estava ao meu lado e levou um baita de um susto ao me ver tentando tirar foto. Na base do balbucio, ele implorava para que eu guardasse o celular, receoso da possível reação policial acaso eu fosse descoberto. Obedeci-o, claro, mas só depois de conseguir a foto que eu tanto buscara.

Depois disso, restou-me esperar. Em meio a mais gritos, mais ameaças de prisão e de “pau”, mais reclamações. Tudo aparentemente performático, é bem verdade, já que,

no fim das contas, todos seriam liberados para seguir viagem e para assistir ao jogo. Até mesmo aquele que, pouco antes, havia sido avisado que não iria assistir ao jogo nem que desse o “caralho”.

Antes, contudo, os policiais militares ainda passaram pelos torcedores e pediram um documento oficial com foto de cada um. Todos aqueles documentos foram fotografados pela PM do Rio Grande do Norte, incluindo aí a minha Carteira Nacional de Habilitação (CNH). Não ficou claro nem me foi informado o que seria feito com a foto daquela documentação, mas não deixava de ser mais um aparente exemplo de coleta de dados pessoais de indivíduos que eram considerados pelas forças de segurança como sendo “torcedores de risco”.

De toda forma, estava findado o primeiro de tantos baculejos que eu viveria em caravanas e ao lado de meus interlocutores. No mais, não tem lá muito sentido descrever de forma amiúde, como fiz agora, todas as demais caravanas, todos os demais baculejos. Basta dizer que experiências mais ou menos parecidas foram vivenciadas em Sousa, no dia 26 de março de 2023; em Natal, no dia 13 de maio de 2023; em Maceió, no dia 13 de agosto de 2023.

Claro, em todas elas houve experiências que se tornariam únicas, mas nada muito diferente da dinâmica já descrita. Em Sousa, por exemplo, o detalhe é que a caravana da TJB passou por duas grandes revistas numa única viagem. Sendo que, na segunda, já no causticante calor do Sertão paraibano, essa peculiaridade virou motivo de troça por parte dos policiais enquanto mantinham todo mundo em pé, encostado na lataria do ônibus, esperando o momento de ser revistado (Figura 43):

– Sousa é quente, não é? Imagina esse calor durante 15 dias numa cela? – questionavam, para em seguida mandar todos se comportarem e fazer exatamente o que fosse determinado.

Já em Natal, naquele mesmo dia em que houve o ataque da Máfia Vermelha contra a TJB, a questão é que, pouco depois de todo aquele incidente, a caravana da Jovem foi parada no posto da Polícia Rodoviária Federal do Rio Grande do Norte. E, por mais que os três ônibus da caravana estivessem parcialmente avariados, com janelas e para-brisas quebrados, com alguns torcedores machucados, não tardou para que os atacados – e não os atacantes – fossem classificados como responsáveis por todo aquele problema.

Pouco depois, começaram-se seguidas ameaças de que os botafoguenses seriam imediatamente mandados embora de volta para João Pessoa, o que só provocava revolta nos torcedores da TJB. Mais do que sofrer uma emboscada, mais do que ser criminalizado

pela PM por causa disso, o que provocava furor mesmo era a possibilidade de não assistir ao jogo¹⁷¹. No que um dos meus interlocutores me confidenciou em certo momento:

– Voltar para casa antes do jogo é falhar na missão de acompanhar o clube e de defender a nossa camisa – ensinou-me.



Figura 43 / Alex, vice-presidente da TJB, ao meu lado, à espera de mais uma revista policial no curso da caravana para Sousa / Phelipe Caldas / 26 de março de 2023

Por fim, Maceió. O mais violento dos baculejos que eu pessoalmente sofri no curso de minha pesquisa. E me refiro mesmo à dor física, a um desconforto corporal, a uma tentativa deliberada do policial de me subjugar na base da força. Revista policial feita de tal forma que o policial que chegou por trás de mim me obrigou a abrir as pernas até um ponto que eu não julgava mais ser possível.

O que, a propósito, e de forma muito curiosa, não passou despercebido pelos meus companheiros de torcida e de caravana, que nessas horas sempre subvertiam as minhas expectativas e transformavam adversidades em ironia, risada, provocação, lembrança dos aperreios, memória.

¹⁷¹ Ameaça essa que acabou não se concretizando, já que, no fim das contas, a caravana seguiria seu curso até a Arena das Dunas.

Naquele dia, afinal, entrei no radar da turma da Jovem. E, no retorno para o ônibus, na mais absoluta algazarra após a viagem ser retomada, muitos brincavam com tudo o que havia acontecido:

– Finalmente chegou o dia do professor aprender a abrir escala – gargalhavam.

Eu ria também, entrava na brincadeira, ia no embalo. Mas, confesso, muitas daquelas dinâmicas pareciam me impactar bem mais do que aos demais torcedores, obviamente bem mais acostumados com o cotidiano das torcidas organizadas de pista.

Naquele dia em Maceió, por sinal, eu ainda mantinha muito vivo na minha memória os acontecimentos de 27 e 28 de maio de 2023. Ali, foi tudo meio limítrofe. E, por mais que a movimentação inicial tenha partido das torcidas organizadas, as respostas do estado não poderiam jamais ignorar os limites legais. Foi uma noite, enfim, cujos acontecimentos pareciam sempre ser decididos no detalhe. É sobre isso o que falarei agora.

4.4 “Os ‘hômi’ chegaram arregaçando”: uma noite por um triz

Eu já falei rapidamente sobre este dia no fim do Capítulo 3. Ainda feridos com o ataque que a Máfia Vermelha realizara nas proximidades de Natal, em 13 de maio de 2023, a Jovem tinha pressa em dar uma resposta. Em realizar o que ela denominou de “o dia do troco”. E escolheu um sábado, 27 de maio, apenas duas semanas depois daquele revés, para devolver a ofensa.

Naquela data, o América-RN jogaria contra o Náutico-PE em Recife. E, não tinha como ser diferente, os torcedores americanos que fossem para o jogo na capital pernambucana teriam que necessariamente passar por João Pessoa na ida e na volta. Pois, com a partida marcada para sete da noite, mais ou menos naquele mesmo horário os integrantes da TJB começavam a se reunir em seus respectivos bairros.

Era fato que, considerando que o jogo em Recife não terminaria antes das nove da noite e que a caravana da Máfia Vermelha, nas melhores das previsões, não passaria por João Pessoa antes das onze, era uma antecipação incrível. Os trabalhos haviam começado bem cedo, era fato, mas haveria uma longa espera dos diferentes torcedores em seus respectivos bairros até o encontro dos bondes acontecer.

Naquela primeira parada, portanto, soube, por alguns dos torcedores do BDF, que houvera uma interlocução com a Gang Alvinegra, que foi espionar a saída da Máfia Vermelha para Recife e, logo de cara, identificou as características dos ônibus em que

eles estavam. Essa, claro, era uma informação fundamental para qualquer ataque ser bem-sucedido.

Inicialmente, eram três os ônibus da Máfia que iriam para Recife, mas depois chegou a informação de que os veículos foram parados num posto da PRF, ainda no Rio Grande do Norte, e dois deles foram obrigados a voltar porque alguns torcedores não estavam de posse de documentos oficiais com foto, o que é obrigatório para viagens interestaduais.

Um dos ônibus, no entanto, seguiu viagem. E, junto dele, estava uma van que levava outros 15 torcedores da Máfia. O ônibus, por sinal, foi descrito pelos aliados da Gang como sendo branco com detalhes azuis, e essa informação foi rapidamente repassada entre os botafoguenses. Ademais, um carro com alguns torcedores do Belo viajara para Recife para identificar os rivais e acompanhar o momento exato em que eles pegariam a estrada no retorno para casa.

Eu descrevo esses detalhes preliminares apenas para registrar o quão complexo pode ser a organização de um ataque desses e o quanto os dois lados levam a sério esse tipo de mobilização torcedora. De toda forma, o meu foco está invariavelmente na sequência dos acontecimentos.

Bem, dando sequência ao relato, acho importante registrar que eu estava de carro. Como virara tradição, Vandal estava ao meu lado e outros três integrantes do BDF seguiam comigo igualmente no veículo. O primeiro ponto de encontro dos bondes, ademais, tal como previamente acordado, foi no Jardim Veneza, de onde só mais tarde se deslocariam todos para as margens da BR-101, no Bairro das Indústrias, por onde o ônibus do América-RN teria que passar.

Foi nesse momento, portanto, que, na minha percepção, o ataque começou a dar errado. Porque, na medida em que os torcedores começavam a se aglomerar numa área esma do Jardim Veneza, começava a haver um incômodo por parte dos moradores da comunidade, dos líderes da favela localizada próxima, não sei bem de mais quem.

Claro, isso é mera inferência de minha parte. Não há como eu ter certeza se foi isso mesmo e, quando eu perguntei sobre o assunto depois, cada um que desse uma versão desencontrada sobre o que acontecera. O que pode ser registrado com certeza é que, em dado momento, chegou o que parece ter sido uma ordem.

Do “crime”? Das lideranças da comunidade? Dos próprios moradores do bairro que também compunham a torcida? Não sei responder ao certo, repito. Para além de qualquer dúvida, sobressaiu-se a frase que repentinamente chegou aos meus ouvidos:

– Vaza, galera. Temos que sair daqui.

E, numa agilidade impressionante, os torcedores entraram em seus respectivos carros, montaram em suas respectivas motos, o comboio deixou o bairro em apenas poucos minutos. A questão é que, na base do improvisado, pegos de surpresa com aquela situação não prevista, os torcedores rumaram direto para o local onde haveria de acontecer o ataque, chegando bem mais cedo do que o previsto ao local.

A rua se chamava Perimetral, ladeava a BR-101 e permitia um ataque de cima para baixo, já que ela ficava num terreno mais elevado do que a estrada federal. No mais, o cenário era de uma escuridão impressionante e sem nenhum tipo de movimento, já que pelo local existem apenas algumas fábricas que naquele momento já estavam todas fechadas.

Era perto das dez da noite, de forma que se permaneceu naquele local à espera do ônibus da torcida rival por mais de uma hora. Não é difícil inferir que a movimentação atípica foi percebida por algum passante, ou mesmo por algum segurança de fábrica, e que, diante disso, a Polícia Militar foi acionada, que os “hômi” resolveram agir, percebendo afinal que se tratava de torcedores organizados. Mas, novamente, eu entro aqui no campo das inferências.

O que eu observei, e pude registrar, é que os carros e motos foram estacionados numa pequena entrada de uma das fábricas da região, perto de umas árvores que ajudavam a torná-los menos expostos. Já os torcedores, munidos de pedras e bombas caseiras, começaram a se acomodar sentados no chão, escondidos em pequenos arbustos ou mesmo no meio do mato.

Como eu costumava me portar nesses momentos de pesquisa, eu estava nas proximidades de todos os demais, não só acompanhando a cena, mas dentro dela, embora não estivesse com nenhuma pedra, nenhum tipo de artefato e não pretendesse jogar nada em ninguém. Ainda assim, eu tinha consciência, se algo acontecesse ali, eu seria facilmente incluído como parte daquele ataque.

A propósito, vale o registro de que, embora a TJB fosse maioria, membros de outras torcidas organizadas também se faziam presentes, e eu consegui identificar ao menos um carro ocupado apenas por integrantes da Fúria.

Mas, seguindo no meu relato, eu rapidamente comecei a fazer algumas observações mentais, algumas análises mais críticas, e rapidamente percebi alguns erros de estratégia em toda aquela mobilização. Uma dessas percepções de erros, por sinal, seria quase premonitória do que viria a acontecer.

A questão é que a Perimetral é uma rua de quarteirões enormes. Uma via que tem, de um lado, a BR-101 de forma ininterrupta; e, de outro, grandes fábricas, uma ao lado da outra, que só de vez em quando dão espaço para ruas que levam para uma área quase rural de João Pessoa. Pois, nós torcedores, estávamos no meio de um desses quarteirões, sem áreas de escape laterais em caso de emergência¹⁷².

Acaso a Polícia Militar tivesse se separado, acaso os policiais tivessem chegado ao local pelos dois lados da via, todos ali poderiam ter sido detidos sem grandes dificuldades, quase sem resistência. Mas é nesse ponto que eu quero chegar e é justo por isso que este relato entrou aqui no Capítulo 4.

Porque, sim, os policiais de fato chegaram ao local antes de o ataque ser consumado. Mas, ao que me pareceu numa reflexão posterior, eles não queriam apenas conter os torcedores. Como bem resumiu uma das pessoas que testemunharam toda a cena, a grande verdade é que “os ‘hômi’ chegaram arregaçando”.

4.4.1 “Corre, carai! É tiro de verdade”

Durante toda a espera que se deu naquela beira de rua larga, grande e de calçamento, no escuro total e no meio do mato, havia uma recorrente movimentação de torcedores que, mesmo sem carro ou moto, chegavam caminhando ao local onde estávamos. E, em meio ao breu já descrito, era difícil reconhecer quem vinha ao longe até o momento em que todos já estavam bem próximos.

Pois, em dado momento da noite, cuja hora não sei precisar, mas que me parecia ser entre 23h e 0h, começou-se a perceber a aproximação lenta e gradual de algumas pessoas, caminhando pela margem mais distante da BR-101, oposta àquela onde os torcedores estavam. Não era possível perceber quem vinha por ali, mas parecia ser um grupo maior do que o usual, e era justo isso o que começava a chamar a atenção das pessoas que estavam em suas posições.

Em mais de uma oportunidade, eu ouvi o questionamento ser feito sabe-se lá por quem:

– Aquilo ali são os “hômi” ou somos nós, heim?

Não havia uma resposta conclusiva. Todos que opinavam faziam isso sempre na base do “eu acho” e, diante da falta de uma certeza sobre como proceder, todo mundo

¹⁷² Na minha percepção, era para os torcedores terem se posicionado nas proximidades de uma dessas ruas que levam para dentro do bairro, para essa tal zona rural.

permanecia onde estava, à espera do ônibus que haveria de passar a qualquer momento, com os olhos de esguelha naquele grupo que se aproximava lentamente.

A partir daí, o que se viu foi uma sincronia quase perfeita. No exato momento em que uma van passava lá embaixo pela BR-101 com a porta aberta e com um torcedor da Máfia Vermelha observando a atividade, e a primeira pedra era arremessada em direção à caravana adversária, os policiais militares finalmente se revelavam, saíam da moita em que caminhavam, iniciavam eles mesmos o próprio ataque. Adaptando à linguagem torcedora, a própria pista (suja).

O primeiro barulho que se ouviu, contudo, não se assemelhava em nada com as tradicionais balas de borracha tão comuns no Estádio Almeidão. O grito que se seguiu revelou as suspeitas da maioria:

– Corre, carai! É tiro de verdade!

Foi, de fato, uma correria generalizada. E, como eu previra, precisaram todos correr pela via até que só lá na frente conseguissem dobrar à esquerda e adentrar na já citada área que se assemelhava a uma zona rural.

Eu seguia o fluxo. Ou tentava. Porque, ao que me pareceu, existia uma evidente dificuldade de se concentrar, quando, logo de cara, os policiais faziam uso de armamento com munição letal, quando possuíam todo um histórico de repressão.

Repito a minha impressão, pois. Os policiais não demonstravam estar ali para prender ninguém¹⁷³. O objetivo era agredir. Ao mesmo tempo, ficou óbvio depois que não atiravam em direção aos torcedores. Muito provavelmente, tudo não passava de uma mera estratégia de dispersão. O fato, contudo, é que, enquanto a gente corria, escutava sons diversos contra quem acabava ficando para trás.

Rapidamente, ademais, os torcedores se espalharam em diferentes microgrupos, e cada um buscava uma forma de tentar se livrar das ameaças e das agressões eventuais que seriam registradas em caso de ser pego pelos policiais. Era um verdadeiro caos. De minha parte, eu tentava manter o foco e acompanhar um grupo que seguia à minha frente.

Em dado momento, já no meio de umas plantações, nas proximidades de uns casebres pobres e de tijolos aparentes, os torcedores precisavam descer um pequeno barranco, por uma trilha estreita em que apenas uma pessoa de cada vez conseguia descer.

¹⁷³ A imprensa local chegou a noticiar, no dia seguinte, que, de todas as pessoas que estavam presentes na tentativa de ataque, cinco foram detidas e posteriormente liberadas. Mas eu não sei precisar quem eram esses torcedores e de qual das torcidas faziam parte. Disponível em: <<https://tinyurl.com/2s3d2dc2>>. Acesso em: 31 out. 2023.

Por infelicidade minha, contudo, eu era o último daquela fila. E, sem ter coragem de olhar para trás, eu conseguia escutar os gritos e os tiros dos policiais que seguiam em nosso encalço.

Foi um ato meio impensado. Até porque eu não tinha muito mais o que fazer. Observei aquele barranco, analisei a altura e a distância, vi a trilha ainda ocupada e simplesmente dei um pulo pelo lado da trilha, deixando-me cair e transformando o barranco numa espécie de escorregador. Eu simplesmente deslizei barranco abaixo, tendo ultrapassado vários torcedores nessa manobra. Eu já não era mais o último, não era mais o primeiro ao alcance do policial que aparentemente nos seguia.

Eu sentia que estava imundo, tênis ensopado após pisar numa poça de lama, braços e pernas levemente arranhados por galhos nos quais eu batera enquanto corria pelo meio do mato. A escuridão persistia, mas lá embaixo nos deparamos com uma rua de barro parcialmente iluminada. Olhamos para trás. Os policiais de repente já não eram visíveis atrás de nós. Por certo, avaleiei, seguiram o rastro de outros torcedores.

Naquele instante, o meu grupo se resumia a umas dez pessoas. Caminhamos pela rua de barro. Ela era paralela à Perimetral e, diante dessa percepção, caminhávamos no sentido oposto ao que havíamos corrido, imaginando talvez que os policiais teriam seguido em frente.

Ao término da rua, dobramos à esquerda, onde, mais à frente, havia um posto de gasolina. Foi nesse instante, entretanto, que descobrimos que ainda mais policiais estavam nas proximidades desse posto, agredindo quem via pela frente e deixando a cena ainda mais caótica.

No momento seguinte, uma viatura em altíssima velocidade cortou a rua em nossa direção. Aquele pequeno grupo se dispersou ainda mais e de repente me vi sozinho. Eu estava no limite do desespero, mas tentava manter o bom senso. Evitava correr, evitava demonstrar reações exageradas que pudessem chamar a atenção para mim.

Contornei o posto de gasolina pelo extremo esquerdo dele, andando bem próximo de uns caminhões estacionados, e tentei me esconder por detrás de um deles. Ao longe, a movimentação de policiais seguia grande. Puxava ar, tentando recuperar o fôlego, avaliava minha situação, quando uma voz que parecia vir do chão me despertou:

– Porra, professor. Assim vai entregar todo mundo.

Não demorei para entender. Em completo assombro diante das agressões policiais, havia pelo menos quatro torcedores escondidos embaixo do caminhão. E o medo óbvio

era o de que, se um policial me visse e se conduzisse em minha direção, outros iam igualmente ser descobertos.

Saí da parte de trás do caminhão. Caminhei meio a esmo. Não sabia mais para onde ir. De repente, eu escutei quando alguém me disse:

– Estão rebocando os carros.

A informação não era verdadeira, mas eu não sabia disso ainda. No local onde os torcedores haviam fincado pé à espera do ônibus da Máfia Vermelha, haviam ficado estacionados alguns carros, várias motos. Um dos carros, como já dito, era o meu. E, na mínima possibilidade de ele ser rebocado, de eu precisar explicar a Pollyana, minha esposa, que eu simplesmente perdera o carro durante uma incursão de pesquisa, eu fiquei ainda mais preocupado.

Ali, eu declarei o campo finalizado. Estava pronto para caminhar até onde estaria o carro e enfrentar as consequências de minha decisão. Parei qualquer estratégia de momento para escapar da violência policial e comecei a caminhar de forma lenta e cadenciada em direção ao carro.

Enquanto andava, eu sentia o coração pulsar ainda mais forte. E, quando já estava de volta à Perimetral, eu conseguia enxergar lá longe uma viatura policial parada exatamente onde deveriam estar os carros e as motos. Não havia o que fazer. Era chegar lá, apresentar-me mais uma vez como pesquisador, dizer que um daqueles carros era meu, esperar para ver o que aconteceria a partir daí.

Foi naquela caminhada, inclusive, que eu percebi o quanto havíamos se distanciado do local de origem, de forma que não era um percurso a ser vencido tão rapidamente. Um último esforço, pois, que acabou virando a meu favor. Porque eu ainda estava a meio caminho do local onde deveriam estar os veículos quando eu percebi a viatura deixar o local onde estava e começar a ser dirigida em altíssima velocidade em minha direção.

Aquela rua era bastante irregular. Havia muito mato e árvores em suas margens. Por causa disso, eu andava pela rua. Mas, ao avistar a viatura vindo em minha direção, por puro instinto, eu deixei a via, fui para o que deveria ser uma calçada, mas que na verdade era apenas mato. Esperei, parado. Eu não estava me escondendo, apenas saindo do meio do caminho.

De toda forma, os policiais na viatura não me viram. Ou, tendo visto, não me identificaram com o perfil torcedor que eles buscavam. Independentemente de qual tenha

sido o caso, a viatura passou direto, sem parar, sem diminuir a velocidade, sem parecer se importar com a minha presença solitária naquela parte inóspita da cidade.

Retomei o passo, ainda na expectativa sobre se eu iria ou não encontrar o carro. Alguns minutos depois, cheguei enfim ao local. O carro estava lá. Ninguém mais. Nem torcedores, nem policiais. Lembro, inclusive, que ainda fiquei meio receoso. Cheguei a temer a possibilidade – aparentemente absurda, hoje eu admito – de haver algum policial de tocaia, esperando justamente os donos daqueles veículos chegarem.

Indiferente aos meus temores, todavia, entrei no carro. Liguei-o. Saí dali o mais rápido possível. Meu primeiro instinto era simplesmente ir embora, deixar qualquer local que pudesse me complicar. Eu ainda estava completamente assustado com tudo o que eu vivera, com os riscos que eu correria, com o nível de violência que eu presenciara por parte dos policiais.

Nessas horas, contudo, você percebe que se afeta, sente-se parte, cria laços com interlocutores. Porque, no segundo seguinte, eu me lembrei de Vandal e cheguei à conclusão óbvia de que não poderia deixá-lo onde quer que ele estivesse. Telefonei para ele. Uma voz baixa e assustada atendeu. Era comedido com as palavras:

- Professor? Estou com medo de rodar, professor.
- Onde você está? Já estou de volta ao carro. Vou-lhe buscar.
- Vou compartilhar a minha localização.

Desligou. Na mesma hora, compartilhou a localização dele em meu WhatsApp. Fiz o mesmo para o dele, de forma que, na tela do celular de ambos, dava para ver as nossas posições exatas, a distância que havia entre um e outro.

Comecei a dirigir em sua direção. Quando cheguei bem perto de onde ele estava e quando já fazia menção de parar o carro, mesmo sem tê-lo visto ainda, percebi que, em sentido contrário, vinha uma viatura da PM.

Fingi tranquilidade, abortei a parada, segui em frente até o fim da rua. Dei a volta no carro, preparei-me para fazer o caminho inverso. Telefonei de volta a Vandal, mas desta vez só eu falei:

– Está cheio de polícia na área. Vou dar a volta. Quando eu parar, você corre. Temos que ser rápidos.

Desliguei, voltei a dirigir, olhos ainda atentos na localização de Vandal. Quando eu cheguei onde ele deveria estar, parei o carro. No meio da rua mesmo, assumindo mais uma vez riscos, mas convicto de que era o certo a fazer.

Ato contínuo, saiu um vulto do meio do matagal, completamente escondido no canteiro central daquela rua em que estávamos. Reconheci Vandal e, de dentro do carro, para agilizar o processo, abri a porta do passageiro. Naquele mesmo instante, contudo, outras quatro pessoas também saíram do mesmo matagal, de diferentes pontos, e começaram a correr em direção ao carro.

Vandal foi o primeiro a entrar. O resto dos torcedores, alguns que eu nem mesmo conhecia, começaram igualmente a entrar no banco de trás do carro. Três entraram celeremente. O quarto teve dificuldades de fechar a porta. Ao longe, vi mais uma vez uma viatura vindo em minha direção. Ela ainda estava longe. Independentemente disso, eu gritei, desesperado:

– Fecha a porta, porra!

O quarto torcedor, então, num ato de completo improviso, jogou-se por cima dos demais. E, no que ele se afastou mais da ponta do banco, conseguiu fechar a porta. Eu respirei fundo. Voltei a falar, desta vez já tentando controlar mais a emoção:

– Finge naturalidade. Ninguém olha de lado. Ninguém olha para trás.

Retomei o curso, controlando a velocidade, sem demonstrar ansiedade, sem parecer que algo de errado acontecia. Meu cálculo era preciso. Uma vez dentro do carro, éramos um grupo de pessoas qualquer se locomovendo pela cidade.

Cruzei pela última vez com a viatura da PM, deixei a área em que estávamos, tomei o caminho da Praça Nova, já tão conhecida por mim, já tão segura e acolhedora para a turma do BDF. Dois dos que entraram no carro, contudo, eram de outro bonde, entraram no carro no desespero, tentavam negociar um desvio de rota para outro local.

Eu pedi desculpas e admiti minha total incapacidade de dar carona para outro ponto da cidade. Segui para a praça e, de lá, os dois torcedores de outro bonde foram imediatamente embora, visto que, já do carro, haviam chamado um motoqueiro por aplicativo. Eu desliguei o carro, desci, respirei aliviado.

Vandal desceu junto. A gente se sentou num banco da Praça Nova, um de frente para o outro e, pela primeira vez desde que eu o resgatara alguns minutos atrás, ele arriscou um sorriso, ainda tímido. Em seguida, desabafou, já rindo de forma mais despreocupada, mais leve, mais relaxado:

– Professor, essa foi por um triz. Quase que a gente roda.

Considerações finais

Arquibancada Sol, Estádio Almeidão. Era início de noite de 23 de setembro de 2023 e os torcedores botafoguenses começavam a deixar a praça esportiva completamente abalados, incrédulos. O time de João Pessoa acabara de perder para o Paysandu-PA por 3 a 2, jogando em casa, e chegava à terceira derrota consecutiva no quadrangular de acesso para a Série B do Brasileirão.

Desde que o clube passara a jogar a Série C de forma ininterrupta, em 2014, essa já era a quarta vez que chegava à fase que permitia brigar pelo acesso, mas foi a de pior desempenho, de nível técnico mais baixo. Ao término daquela partida, portanto, faltavam ainda mais dois jogos para o Botafogo-PB na temporada (Volta Redonda-RJ em casa e Amazonas-AM fora), mas a verdade é que já havia um clima de despedida no ar. De impossibilidade latente de acesso.

Foram vários os torcedores da Jovem, de diferentes bondes, que naquele dia vieram me cumprimentar, falar que ficava o “máximo respeito” por tudo o que vivemos juntos em duas longas temporadas, convidar para seguir na torcida organizada ao término do processo de pesquisa.

Em meio a tantos depoimentos impactantes, aliás, um dos mais marcantes para mim, mais compensadores diante do esforço de entender as dinâmicas torcedoras, partiu de um torcedor chamado Yury, que sentenciou:

– Professor, você consegue descrever o que passamos na mão da PM. Isso é dar voz a um lado que nunca teve.

Ainda assim, emoções e afagos à parte, era um dia triste, diferente de tudo o que se projetara. Porque, apenas 20 dias antes, quando o Belo venceu a partida de estreia daquela fase em cima do Amazonas-AM, por 2 a 1, todos tinham a certeza de que daquela vez o acesso viria. Mas, a despeito disso, o time desandou a partir dali e emendou trágicas e inexplicáveis cinco derrotas seguidas¹⁷⁴.

Atenho-me especificamente àquele sábado de jogo contra o Papão¹⁷⁵, no entanto, porque, afinal, poucos dias depois, as diferentes torcidas organizadas botafoguenses

¹⁷⁴ Na sequência, derrotas fora de casa para Volta Redonda-RJ (2 a 1) e Paysandu-PA (1 a 0), derrotas dentro de casa para Paysandu-PA (2 a 3) e Volta Redonda-RJ (1 a 2), derrota fora de casa para o Amazonas-AM (2 a 0). No grupo do Belo, subiram Amazonas-AM e Paysandu-PA para a Série B. No outro grupo, subiram Brusque-SC e Operário-PR.

¹⁷⁵ Apelido do Paysandu-PA.

decidiriam em conjunto lançar a campanha “público zero”¹⁷⁶ para o jogo derradeiro do Belo em casa na Série C daquele ano¹⁷⁷. Aquela decisão, pois, antecipava em uma semana o fim de minha pesquisa de campo e declarava precocemente encerrado o trabalho etnográfico.

A nota que foi assinada em conjunto pelas torcidas, a bem da verdade, não proibia a presença de torcedores organizados no estádio, mas vetava sumariamente, sob pena de punição ou mesmo banimento, que esses fossem becados, que realizassem qualquer performance torcedora que fizesse menção às torcidas, que cantassem músicas referentes às organizadas envolvidas no protesto.

Era uma decisão corajosa, a meu ver, que marcava uma posição política de crítica ao que estava posto, e, embora passível de ser discordada por quem quisesse, deveria ser respeitada, principalmente por quem não fazia parte do movimento das torcidas organizadas. E, mais do que isso, por quem costumava adotar tom crítico às existências dessas agremiações torcedoras.

Apesar disso, contudo, não foram poucas as críticas veementes que eu escutei nos dias que antecederam o jogo contra o Volta Redonda-RJ. Pelas redes sociais, presencialmente também. Torcedores, jornalistas, dirigentes que sabiam de minha condição de pesquisador das torcidas organizadas e que chegavam até mim para tentar colher a minha opinião, para criticar duramente a TJB e as demais coletividades pela ausência num momento em que “o Belo ainda precisa de todos”.

“Torcedores comuns”, afinal, tal qual definidos por eles mesmos, que se sentiam no direito de desqualificar, deslegitimar, ironizar a postura dos torcedores organizados. Que se sentiam na autoridade também de se dizerem mais autênticos, mais fiéis, mais verdadeiros, mais apaixonados. Mais torcedores, enfim.

Era um fenômeno interessante de se observar. Pessoas que em regra eram contrárias às presenças das torcidas organizadas nos estádios de futebol, que de repente se sentiam incomodadas com as ausências dessas mesmas torcidas organizadas em um jogo de Série C.

¹⁷⁶ TJB. “Você sabe qual é a verdadeira importância de uma torcida organizada para o Botafogo? [...]”. João Pessoa, 29 set. 2023. Instagram: @tjbmaioral. Disponível em: <<https://tinyurl.com/4rvx26k2>>. Acesso em: 31 out. 2023.

¹⁷⁷ A Setor 31, que inclusive não se considera uma torcida organizada, mas uma barra, foi a única que não aderiu. TJB, Fúria, Império Alvinegro, Barril Botafoguense, Bonde Mesa de Bar do Belo, Família Belorasta e Torcida Roots 1931 aderiram ao movimento.

Uma postura que, no fim das contas, visava mais uma vez questionar criticamente as torcidas e os torcedores. Estigmatizar as suas vivências e objetivos. Problematizar o seu torcer. Não que aquilo fosse novidade. Era apenas a recorrência de uma postura sempre crítica e intolerante que costuma existir contra as organizadas.

Não importava que, tal como destaquei no Capítulo 1, o tempo do torcer dessas associações fosse completamente diferente e que elas estivessem há bem mais tempo vivenciando aquela temporada. Não parecia ser levado em consideração igualmente que, tal como enfatizado no Capítulo 2 e no Capítulo 3, esses torcedores fossem donos de dinâmicas muito mais intensas, que demandavam muito mais energia, que possuíam uma sociabilidade específica (Toledo, 2022) e uma dinâmica social (Elias; Dunning, 1992) absolutamente particulares, pautadas principalmente na festa e no conflito. Não parecia nem mesmo ser relevante, por fim, conforme estabelecido no Capítulo 4, que aqueles torcedores travassem, com as forças de segurança, relações bem mais conflituosas do que todos os demais.

Nada daquilo parecia ser pesado. Como não parecia ser relevante, inclusive, a própria vontade do torcedor organizado, o direito inalienável se de declarar exausto, decepcionado, ofendido, disposto a se retirar momentaneamente daquele ambiente que, apesar de muitas vezes empolgante, mostrava-se extremamente desgastante e sofrido também.

Se pensar bem, é difícil entender como podem-se encaixar as torcidas organizadas aos olhos da sociedade. Ao término do Campeonato Paraibano de 2022, por exemplo, quando torcedores tentaram realizar um protesto pacífico contra a comissão técnica do Belo que fracassara no estadual, esses foram simplesmente enxotados pela Polícia Militar da Paraíba. Nos estertores da temporada de 2023, quando mudaram de estratégia e transformaram ausência em grito de insatisfação, foram desqualificados por muitos dos demais perfis de torcedores que compõem o Almeidão.

De meu ponto de vista, de toda forma, as torcidas organizadas de futebol, a TJB obviamente incluída aqui, são as identidades torcedoras que, de uma forma mais complexa, impactante e interessante de se observar, validam a importante reflexão de Guedes (2023, p. 91) de que parece impossível estudar o futebol apenas sob o ângulo do lazer.

Pois, definitivamente, não é só lazer, não é só jogo, não é só esporte ou diversão, não é só pista. Tomando emprestada uma frase que ficou célebre para descrever tudo isso que cerca o futebol, pois, “não é só futebol”. Mais do que isso, insistindo uma vez mais

no diálogo com a autora e questionando assim qualquer suposta contradição que possa existir na sentença anterior, “o futebol na sociedade brasileira está constantemente colocando em foco aspectos cruciais dessa sociedade” (Guedes, 2023, p. 97).

Esta tese, portanto, como é possível perceber ao término de tudo, não é apenas sobre o torcer, sobre torcidas organizadas, sobre a Torcida Jovem do Botafogo-PB, sobre suas alianças e rivalidades. É, mais do que isso, sobre uma complexa rede de amizades e inimizades, de negociações estratégicas e alteridades, de cidadania e contracidadania. E tudo isso posto no horizonte das relações em uma sociedade como João Pessoa, em que o futebol profissional de espetáculo se coloca como dimensão lúdica popular. Não apenas entre torcidas organizadas, mas entre inúmeras identidades postas numa sociedade.

É uma tese, portanto, que trata de vivências, de circulações e experiências pelas cidades, de conflitos, embates e pacificações, preconceitos, racismos, violências institucionais, paixões, dores, emoções. O futebol e o torcer, pois, são apenas uma das linhas possíveis para se contar toda essa história que trata, acima de tudo, sobre diferenças, sobre múltiplas visões que se tem do outro.

Nada é tão simples, nada é tão facilmente entendível. E essa percepção, me parece, é o que torna tão problemáticas as leituras e as conclusões sempre tão apressadas que se costumam fazer sobre as torcidas organizadas. Tentei fugir dessa pressa e dessas essencializações neste trabalho.

Principalmente porque esta é uma história ainda em curso. Afinal, quando resolvi mandar uma mensagem de áudio em tom meio solene para agradecer ao presidente Netinho por toda a parceria, pela forma sempre tão solícita com que ele abriu as portas da TJB para a realização de minha pesquisa, ele se limitou a soltar uma risada alta e a desdenhar de minha formalidade:

– Oxe, professor, deixa de onda. Ano que vem tem mais.

Referências

- AGIER, Michel. **Antropologia da Cidade:** lugares, situações, movimentos. Trad. Graça Índias Cordeiro. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.
- AGIER, Michel. **Encontros Etnográficos:** interação, contexto, comparação. Trad. Bruno César Cavalcanti e Maria Stela Lameiras. São Paulo: Unesp; Maceió: Edufal, 2015.
- ALMEIDA, Judson Pereira de; ALMEIDA, Aliúd José de; SILVA, Cássio Roberto Borges da. Lei e Ordem: a guerra contra os pobres. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, v. 21, n. 2, pp. 58-76, 2020.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. Corpos Marginais: notas etnográficas sobre páginas de “polícia” e páginas de “sociedade”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 14, pp. 129-147, 2000.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. O Manifesto do Corpo. **Manifesto**, n. 5, pp. 17-35, 2004.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à Brasileira:** significados do festejar, no país que “não é sério”. 1998. 380f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 1998.
- ANDRADE, Marianna Castellano Barcelos de. **Para Além da Arquibancada:** uma etnografia sobre as “gaviãs” da Fiel. 2022. 132f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Guarulhos, 2022.
- ARAGÓN, Silvio. **“Los trapos se ganan en combate”:** una mirada etnográfica sobre las representaciones y prácticas violentas de la “barra brava” de San Lorenzo de Almagro. Lanús: Antropofagia, 2007.
- ARCHETTI, Eduardo P. El potrero y el pibe: territorio y pertenencia en el imaginario del fútbol argentino. **Nueva Sociedad**, n. 154, pp. 101-119, 1998.
- ASSIS, Túlia Cristina Ferraz de. **A Representação Social da Violência em Torcidas Organizadas.** 2008. 131f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Católica de Goiás (UCG), Goiânia, 2008.
- AUGÉ, Marc. **Não-Lugares:** introdução a uma antropologia da supermodernidade. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papius, 1994.
- BALE, Jhon. **Sports Geography:** second edition. London and New York: Routledge, 2003.

- BANDEIRA, Gustavo Andrada. Um Currículo de Masculinidades nos Estádios de Futebol. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 44, 2010.
- BARROS, Sérgio Miceli Pessoa de. Os Gaviões da Fiel: torcida organizada do Corinthians. **Revista de Administração de Empresas**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, pp. 43-46, 1978.
- BARTH, Fredrik. **O Guru, o Iniciador:** e outras variações antropológicas. Trad. John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.
- BATESON, Gregory. **Naven:** um exame dos problemas sugeridos por um retrato compósito da cultura de uma tribo da Nova Guiné, desenhado a partir de três perspectivas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Edusp, 2006.
- BIONDI, Karina. **Proibido Roubar na Quebrada:** território, hierarquia e lei no PCC. São Paulo: Terceiro Nome, 2018.
- BOCCHI, Gabriel Moreira Monteiro. **Do Estádio do Pacaembu para a Arena Corinthians:** etnografia de um processo de “atualização”. 2016. 237f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2016.
- BOITEUX, Luciana. Tráfico e Constituição: um estudo sobre a atuação da justiça criminal do Rio de Janeiro e de Brasília no crime de tráfico de drogas. **Revista Jurídica Brasileira**, Brasília, v. 11, n. 94, pp. 1-29, jun./set., 2009.
- BONEZ, Mateus Cordenonsi; ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Memórias e Identidades entre torcedores organizados do Riograndense Futebol Clube (Santa Maria-RS). In: Reunião Brasileira de Antropologia, 33, 2022, Curitiba. **Anais Eletrônicos...** Curitiba: RBA, 2022. Disponível em: <<https://tinyurl.com/u3tf3jm4>>. Acesso em: 7 fev. 2022.
- BONFIM, Aira Fernandes. **Football Feminino entre Festas Esportivas, Circos e Campos Suburbanos:** uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). 2019. 217 f. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas (FGV), Rio de Janeiro, 2019.
- CALDAS, Phelipe. “Mais uma gelada, por favor”: um debate sobre a tentativa de criminalização do consumo de bebidas alcoólicas em estádios de futebol. **Ponto Urbe**, São Paulo, n. 27, 2020.
- CALDAS, Phelipe. **O Belo e suas Torcidas:** as formas de torcer que cercam o Botafogo da Paraíba. São Paulo: Editora Ludopédio, 2023.

CALDAS, Phelipe; PAZ TELLA, Marco Aurélio. Os jovens da Jovem: a questão geracional em uma torcida organizada de futebol. **Crítica e Sociedade: Revista de Cultura Política**, Uberlândia, v. 9, n. 2, 2019.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. A Presença do Autor e a Pós-Modernidade em Antropologia. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, n. 21, pp. 133-157, jul., 1988.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Enclaves Fortificados: a nova segregação urbana. Trad. Heloísa Buarque de Almeida. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, n. 47, pp. 155-176, mar., 1997.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **História da Alimentação no Brasil**. São Paulo: Global, 2011.

CANALE, Vitor. **Um movimento em muitas cores: o circuito de relações das torcidas organizadas paulistas entre 1968 e 1988 – Uma história da Atoesp (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo)**. 2020. 340 f. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais e Projetos) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas (FGV), Rio de Janeiro, 2020.

CANESQUI, Ana Maria. Antropologia e Alimentação. **Saúde Pública**, São Paulo, n. 22, 207-216, 1988.

CARDOSO, Elisa Silveira. **“Acima de Tudo, Abaixo de Nada”**: práticas e sociabilidades da Torcida Organizada Força Jovem Vasco (FJV). 2021. 160 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2021.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís Roberto. A Antropologia e seus Compromissos ou Responsabilidades Éticas. In: FLEISCHER, Soraya; SCHUCH, Patrice (Orgs.). **Ética e Regulamentação na Pesquisa Antropológica**. Brasília: Letras Livres; Editora UNB, 2010.

CARDOSO DE OLIVERA, Roberto. Os (Des)caminhos da identidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 15, n. 42, pp. 7-21, fev. 2000.

CARVALHO, Phelipe Caldas Pontes. **O belo e suas torcidas: um estudo comparativo sobre as formas de pertencimento que cercam o Botafogo da Paraíba**. 2019. 202 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2019.

CLASTRES, Pierre. **Arqueologia da Violência: pesquisas de antropologia política**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora Cosac & Naify, 2004.

- COELHO, Maria Claudia. Narrativas da Violência: a dimensão micropolítica das emoções. **Maná**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, pp. 265-285, 2010.
- COELHO, Maria Claudia. As Emoções e o Trabalho Intelectual. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 25, n. 54, pp. 273-297, 2019.
- CONNEL, Raewyn. **Gênero em Termos Reais**. Trad. Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2016.
- COSTA, Leda Maria da. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. **Esporte e Sociedade**, v. 2, n. 4, nov., 2006/fev., 2007.
- CYMROT, Danilo. Ascensão e declínio dos bailes de corredor: o aspecto lúdico da violência e a seletividade da repressão policial. **Sistema Penal & Violência**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, pp. 169-179, 2012.
- DAMO, Arlei Sander. **Para o que Der e Vier**: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores. 1998. 241 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 1998.
- DAMO, Arlei Sander. Futebóis: da horizontalidade epistemológica à diversidade política. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, pp. 37-66, set./dez., 2018.
- DEBERT, Guita Grin. Ética e as Novas Perspectivas de Pesquisa Antropológica. In: VÍCTORA, Ceres; OLIVEN, Ruben George; MACIEL, Maria Eunice; ORO, Ari Pedro (Orgs.). **Antropologia e Ética**: o debate atual no Brasil. Niterói: EdUFF, 2004.
- DE LEÓN, Adriano. Tem viado no gramado dos campos de futebol? Uma proposta metodológica para analisar diferentes performances masculinas. In: MACHADO, Charliton; NUNES, Maria; SANTIAGO, Idalina. **Olhares**: gênero, sexualidade e cultura. João Pessoa: Editora Universitária UFPB. pp. 47-72, 2011.
- DUMONT, Louis. **Homo Hierarchicus**: o sistema das castas e suas implicações. Trad. Carlos Alberto da Fonseca. 2ªed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- ELIAS, Nobert. Ensaio sobre o Desporto e a Violência. In: ELIAS, Nobert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Trad. Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992.
- ELIAS, Nobert. Introdução. In: ELIAS, Nobert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Trad. Maria Manuela Almeida Silva. Lisboa: Difel, 1992.
- ELIAS, Nobert. **Sobre o Tempo**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.

- ELIAS, Nobert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Trad. Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. **Os Nuer**: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. Trad. Ana M. Goldberger Coelho. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- FARIAS, Amanda. **Torcidas Organizadas e Sociabilidade Juvenil no Nordeste**. Brasília: Ministério do Esporte, 2013.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. Trad. Paula Siqueira. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 13, pp. 155-161, 2005.
- FELTRAN, Gabriel de Santis. **Fronteiras de Tensão**: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo. 2008. 363 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2008.
- FIRTH, Raymond. **Nós, os Tikopias**: um estudo sociológico do parentesco na Polinésia primitiva. Trad. Mary Amazonas Leite de Barros e Geraldo Gerson de Souza São Paulo: Edusp, 1998.
- FLEISCHER, Soraya; BONETTI, Alinne (Orgs.). Etnografia Arriscada: dos limites entre vicissitudes e “riscos” no fazer etnográfico contemporâneo (Dossiê). **Teoria e Pesquisa**, v. 19, n. 1, 2010.
- FONSECA, Claudia. Que ética? Que ciência? Que sociedade? In: FLEISCHER, Soraya; SCHUCH, Patrice (Orgs.). **Ética e Regulamentação na Pesquisa Antropológica**. Brasília: Letras Livres; Editora UNB, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2014.
- GARCIA, Ângela Maria. **Maneiras de Beber**: sociabilidades e alteridades. 2008. 232f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2008.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Trad. Mathias Lambert. 4ª Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- GOLDMAN, Marcio. **Como Funciona a Democracia**: uma teoria etnográfica da política. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.
- GONÇALVES, Antonio Giovanni Boaes; RIBEIRO, Kiune Bezerra; GONÇALVES, Lucas de Lima Cavalcanti; TRINDADE, Rogério Galdino. Encontros Desiguais: convivendo nas fronteiras. **Ponto Urbe**, São Paulo, n. 17, p. 1-17, 2015.

- GONÇALVES, João Felipe. Mojitos com Limões do Campo: a produtividade das adversidades etnográficas. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 27, n. 1, pp. 350-375, 2018.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, Trabalho e Cotidiano. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris (Orgs.). **Festa, Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa** – Volume II. São Paulo: Edusp, 2001.
- GUBER, Rosana. **El Salvaje Metropolitano**: reconstrucción del conocimiento social em el trabajo de campo. 1ª edição, 1ª reimpressão. Buenos Aires: Editorial Paidós, 2005.
- GUEDES, Simoni Lahud. **Jogo de Corpo**: um estudo de construção social de trabalhadores. Niterói: Eduff, 1997.
- GUEDES, Simoni Lahud. **O Futebol Brasileiro**: instituição zero. São Paulo: Editora Ludopédio, 2023.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Edições Vértice, 1990.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11ª ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HARVEY, David. **Cidades Rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. Trad. Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- HENNION, Antoine. Pragmática do Gosto. **Desigualdade & Diversidade – Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio**, Rio de Janeiro, n. 8, pp. 253-277, 2011.
- HERZFELD, Michael. **Antropologia**: prática teórica na cultura e na sociedade. Trad. Noeli Correia de Melo Sobrinho. Petrópolis: Vozes, 2014.
- HINTJENS, Helen; UBALDO, Rafiki. Music, Violence, and Peace-Building. **Peace Review: A Journal of Social Justice**, n. 31, p. 279-288, 2019.
- HOLLANDA, Bernardo Buarque de. **O Clube como Vontade e Representação**: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro. 2008. 771 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), Rio de Janeiro, 2008.
- HOLLANDA, Bernardo Buarque de. Torcer, Torcedores, Torcedoras, Torcida (Bras.): 1910-1950. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de; MALAIA, João M. C.; TOLEDO, Luiz Henrique de; MELO, Victor Andrade de. **A Torcida Brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de; MEDEIROS, Jimmy. Escolas de Samba e Torcidas Organizadas de Futebol: análise de um sincretismo no carnaval paulistano. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, pp. 23-47, 2018.

HOLLANDA, Borges Buarque de; MEDEIROS, Jimmy. De “país do futebol” a “país dos megaeventos”: um balanço da modernização dos estádios brasileiros sob a ótica das torcidas organizadas da cidade de São Paulo. **Record**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 1-27, 2019.

JAKOBS, Günther. Direito Penal do Cidadão e Direito Penal do Inimigo. In: JAKOBS, Günther; MELIÁ, Manuel Cancio. **Direito Penal do Inimigo: noções e críticas**. Trad. André Luís Callegari e Nereu José Giacomolli. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2007.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Medo, medos corriqueiros, risco e sociabilidade. In: Reunião Brasileira de Antropologia, 30, 2016, João Pessoa. **Anais Eletrônicos...** João Pessoa: RBA, 2016.

KUSCHNIR, Karina. **O Cotidiano da Política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

LAFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro Editora, 2001.

LAING, Dave; LINEHAN, Andy. Soccer Sounds: popular music and football in Britain. **Popular Music History**, Hastings, v. 8, n. 3, pp. 307-325, 2013.

LANNES-FERNANDES, Fernando. Os Jovens da Favela: reflexões sobre controle e contenção sócio-espacial dos párias urbanos no Rio de Janeiro. **Convergência – Revista de Ciências Sociais**, Toluca, n. 59, pp. 159-186, 2012.

LEAL, João. O Trabalho que a Festa Dá: etnografias do trabalho festivo. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 3, pp. 1-27, 2023.

LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo**. Trad. Sônia M. S. Fuhrmann. 4ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

LE BRETON, David. **Antropologia dos Sentidos**. Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2016a.

LE BRETON, David. **Antropologia do Corpo**. Trad. Fábio Creder. Petrópolis, Vozes, 2016b.

LEINER, Piero de Camargo. **O Sistema da Guerra: uma leitura antropológica dos exércitos modernos**. 2001. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2001.

LEITE, Ana Daniella Fechine. **Futebol de Mulheres: um estudo feminista nos campos e nas arquibancadas de João Pessoa/PB.** 2020. 108f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2020.

LUTZ, Catherine; WHITE, Geoffrey. The Anthropology of Emotions. **Annual Review of Anthropology**, n. 15, pp. 405-436, 1986.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa.** Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAGNANI, José Guilherme. De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, pp. 11-29, 2002.

MAGNANI, José Guilherme. Os Circuitos dos Jovens Urbanos. **Tempo Social**, v. 17, n. 2, pp. 173-205, 2005.

MALAIA, João M. C.. Torcer, Torcedores, Torcedoras, Torcida (Bras.): 1910-1950. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de; MALAIA, João M. C.; TOLEDO, Luiz Henrique de; MELO, Victor Andrade de. **A Torcida Brasileira.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia.** Trad. Eunice R. Durham. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MANDELLI, Mariana Carolina. **Allianz Parque e Palestra Itália: práticas torcedoras em uma arena multiuso.** 2018. 225f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2018.

MARRA, Pedro Silva; TROTTA, Felipe. Sound, music and magic in football stadiums. **Popular Music**, Cambridge, v. 38, n. 1, pp. 73-89, 2019.

MARRA, Pedro Silva. Por que torcidas organizadas de um mesmo time nem sempre cantam em uníssono no Brasil? – violência, políticas sônicas e práticas torcedoras. **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, pp. 1-24, 2023.

MASCARENHAS, Gilmar. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. **Cidades**, Chapecó, v. 10, n. 17, pp. 142-170, 2022.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. (Org.). **Mauss: antropologia.** São Paulo: Ática, 1979.

- MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**: Marcel Mauss. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ubu Editora, 2017.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Trad. Renata Santini. São Paulo: N-1 Edições, 2018.
- MELATTI, Julio Cezar. Nominadores e Genitores: um aspecto do dualismo craô. In: SCHADEN, Egon (Org.). **Leituras de Etnologia Brasileira**, São Paulo: Companhia Editora Nacional, pp. 139-148, 1976.
- MELIÁ, Manuel Cancio. “Direito Penal” do Inimigo? In: JAKOBS, Günther; MELIÁ, Manuel Cancio. **Direito Penal do Inimigo**: noções e críticas. Trad. André Luís Callegari e Nereu José Giacomolli. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2007.
- MELO, Patrícia Bandeira de. **Histórias que a Mídia Conta**: o discurso sobre o crime violento e o trauma cultural do medo. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010.
- MISSE, Michel. Crime, Sujeito e Sujeição Criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria “bandido”. **Lua Nova**, São Paulo, n. 79, pp. 15-38, 2010.
- MORAES, Carolina Farias. **As Torcedores Querem (Poder) Torcer**. 2018. 157f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2018.
- NASCIMENTO, Hércules Vicente do; GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. A “Maioral”: uma etnografia da Torcida Jovem do Botafogo Futebol Clube da Paraíba. **Ponto Urbe**, São Paulo, n. 8, pp. 1-17, 2011.
- ORLANDO, Matheus Ramalho. **Torcida Única no Futebol Paulista**: uma análise da cobertura da “Folha de S. Paulo” e do “Estado de São Paulo”. 2019. 165 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Bauru, 2019.
- PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a Teoria Vivida. **Ponto Urbe**, São Paulo, n. 2, pp. 1-11, 2008.
- PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Torcidas Organizadas de Futebol**: violência e auto-afirmação – aspectos da construção das novas relações sociais. Taubaté: Vogal Editora, 1997.
- PINTO, Vinícius Teixeira. **Sociedades do Torcer**: uma etnografia da política e dos faccionalismos a partir de clubes de futebol no Brasil. 2022. 408 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2022.

PISANI, Mariane da Silva; KESSLER, Claudia Samuel. As mulheres no Universo do Futebol brasileiro: resgatando o gênero. **Conexões**, Campinas, v. 20, pp. 1-16, 2022.

PISANI, Mariane da Silva; PINTO, Maurício Rodrigues. Expressões e corporalidades de mulheres cis e homens trans no ambiente futebolístico. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 2, pp. 1-12, 2021.

REZENDE, Claudia Barcellos. **Friendship Among some Young English Men and Women Residents in London, 1991-1992**. 1993. 283 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Escola de Economia de Londres, Universidade de Londres, Londres, 1993.

REZENDE, Claudia Barcellos. Mágoas de Amizade: um ensaio em antropologia das emoções. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, pp. 69-89, 2002.

REZENDE, Claudia Barcellos. **Os Significados da Amizade**: duas visões de pessoa e sociedade. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2010.

ROSALDO, Michele Zimbalist. Em Direção a uma Antropologia do Self e do Sentimento. Trad. Mauro Guilherme Pinheiro Koury. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, v. 18, n. 54, pp. 31-49, 2019.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Trad. Barbara Sette. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

SCHECHNER, Richard. O que é performance? Trad. Dandara. **O Percevejo Revista de in: Teatro, Crítica e Estética**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 12, pp. 25-50, 2003.

SILVA, Juliana Nascimento da. Alianças e Rivalidades nas Torcidas Organizadas Cariocas como Prática e Representação (1980-2000). In: Encontro Estadual de História, 16, 2022, Porto Alegre. **Anais Eletrônicos...** Porto Alegre: Anpuh-RS, 2022. Disponível em: <<https://tinyurl.com/3nv2zr95>>. Acesso em: 16 jul. 2023.

SILVA, Valéria Sinésio da. **O Lugar do Crime no Jornal**: uma análise da cobertura policial do Jornal da Paraíba. 2016. 100f. Dissertação (Mestrado Profissional em Jornalismo) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2016.

SIMAS, Luiz Antonio. **Maracanã**: quando a cidade era terreiro. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SIMMEL, Georg. A Metrópole e a Vida Mental. Trad. Sérgio Marques dos Reis. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, pp. 11-25, 1973.

SIMMEL, Georg. O Conflito como Sociação. Trad. Mauro Guilherme Pinheiro Koury. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, v. 10, n. 30, pp. 568-573, dez. 2011.

SIMÕES, Irlan. **Clientes versus Rebeldes: novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017.

SOBREIRA FILHO, Joaquim. **O Jogo da Homofobia?** Táticas e xingamentos nas torcidas organizadas do Ceará Sporting Club. 2018. 160 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 2018.

SOUZA, Bruno Jeuken; ANTÔNIO, Victor Sá Ramalho. Brasil na Arquibancada: tradições, identidades e sociabilidades. **Ponto Urbe**, São Paulo, n. 14, pp. 1-18, 2014.

SOUZA, Adriano Lopes de. **Alianças entre Torcidas Organizadas: análise a partir da união estabelecida entre a Torcida Organizada Galoucura, a Mancha Alviverde e a Força Jovem**. 2018. 75 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2018.

SOUZA, Rommel Jorge Barbosa de. **Nervos e Emoção: formas de interação entre torcedores organizados da Facção Jovem (Campinense – Campina Grande-PB)**. 2014. 93 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campina Grande, 2014.

SOUZA JUNIOR, Roberto de Alencar Pereira de. **Torcidas Organizadas entre Futebol e Carnaval: uma etnografia sobre a materialização do torcer e do sambar nos Gaviões da Fiel**. 2022. 133 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, 2022.

STRATHERN, Ann Marilyn. **O Efeito Etnográfico e Outros Ensaios: Marilyn Strathern**. Trad. Iracema Dulley, Jamille Pinheiro e Luísa Valentini. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

TARDE, Gabirel. **Manadologia e Sociologia: e outros ensaios**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os Perigos da Paixão: filosofia e prática das Torcidas Jovens Cariocas**. 1998. 189 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) –

Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 1998.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Torcidas Jovens Cariocas: símbolos e ritualização. **Esporte e Sociedade**, n. 2, pp. 1-26, 2006.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Políticas da Corporalidade: socialidade torcedora entre 1990-2010. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de; MALAIA, João M. C.; TOLEDO, Luiz Henrique de; MELO, Victor Andrade de. **A Torcida Brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no Futebol: releituras**. São Paulo: Editora Ludopédio, 2022.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcer: perspectivas analíticas em Antropologia das práticas esportivas**. 2019. 315 f. Tese (Titulação em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, 2019.

TOLEDO, Luiz Henrique de; COSTA, Carlos Eduardo. A persistência do método ou cem anos de mal-entendidos? **RePOCS**, São Luís, v. 19, n. 2, pp. 265-284, mai./ago. 2022.

TOLEDO, Luiz Henrique de; COSTA, Carlos Eduardo. Transformações do Torcer: esportividades do olhar e olhares sobre a esportificação. **Ilha**, Florianópolis, v. 24, n. 3, pp. 92-113, 2022.

TOLEDO, Luiz Henrique de; SOUZA JUNIOR, Roberto de Alencar Pereira. Redes Populares de Proteção: torcidas organizadas de futebol no contexto da pandemia da Covid-19. **Ponto Urbe**, São Paulo, n. 26, pp. 1-20, 2020.

TSOUKALA, Anastassia. “Administrar a Violência nos Estádios da Europa: quais racionalidades?”. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de; REIS, Heloísa Helena Baldy dos (orgs.). **Hooliganismo e Copa de 2014**. Rio de Janeiro: 7Letras, pp. 21-35, 2014.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

TURNER, Victor. **Dramas, Campos e Metáforas: ação simbólica na sociedade humana**. Trad. Fabiano Moraes. Niterói: EdUFF, 2008.

VELHO, Gilberto. Biografia, Trajetória e Mediação. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Orgs.). **Mediação, Cultura e Política**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

VELHO, Gilberto. O desafio da Proximidade. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Orgs.). **Pesquisas Urbanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VIANNA JÚNIOR, Hermano Paes. **O Baile Funk Carioca: festas e estilos de vida metropolitanos**. 1987. 150 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 1987.

VÍCTORA, Ceres; COELHO, Maria Claudia. A Antropologia das Emoções: conceitos e perspectivas teóricas em revisão. **Horizontes Antropológicos**, ano 25, n. 54, p 7-21, mai./ago. 2019.

VOGEL, Arno; MELLO, Marco Antonio da Silva; MOLLICA, Orlando. **Quando a Rua Vira Casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**. Niterói: Eduff, 1980.

WEBER, Florence. A Entrevista, a Pesquisa e o Íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo? Trad. Cornélia Eckert. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, pp. 157-170, jul./dez., 2009.

ZALUAR, Alba. **A Máquina e a Revolta: as organizações populares e o significado da pobreza**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.